



A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO I

O DUQUE
DE

gelo

CARLA DE SA



CARLA DE SÁ

A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO I

O DUQUE
DE
gelo

2ª Edição
2018

Copyright ©2018 por Carla de Sá

Revisão: Carol Cappia

Capa: Ellen Scofield

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

A reprodução das publicações sem a devida autorização da Autora constitui crime de violação de direito autoral previsto no Código Penal brasileiro.

Plágio é crime (artigo 184 do Código Penal) (Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente... Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa).

Carla de Sá

E-mail: carla.de.sa.autora@gmail.com

Site: <https://cspribeiro777.wixsite.com/carladesa-escritora>



Agradecimentos

Aos reais membros da *Irmandade da Rosa* que mesmo carecendo do charme vitoriano ou sofrendo com a nova roupagem, foi muito bom saber que os velhos vínculos continuam - a *Irmandade* ainda vive. Obrigada pela inspiração. Obrigado pela lealdade.

A Zéfira Maia, mais que excelente revisora, uma amiga; minha eterna gratidão e reconhecimento.

A Thais Oliveira e Ester Mello, minhas amigas da terra mágica, meus anjos literários.

Ao meu marido pela eterna paciência.

A uma amiga incrível, uma escritora maravilhosa, Valéria Gravino pelo apoio incondicional.

A Bastian, o ponderado, Andree, o romântico e Cam, o pateta.

A Sacha por me fazer ver que há ainda muito a aprender... E a pagar.

A

Nathalia,

Amanda,

&

Carol P.



Prólogo

Paris, 1875.

Alexander Dmitriy Pyoitir Georgiy Sotchi, grão-duque de 34 anos, de sangue imperial russo, suspirou impaciente e acabou de dar o laço em sua gravata dando as costas para a beldade nua deitada languidamente na cama atrás de si. Ignorando os choramingos femininos, pegou sua casaca e a deixou na companhia do único indício de uma noite desenfreada: uma rosa negra. Seguiu então na direção do Le Berguet, um dos mais exclusivos clubes parisienses, não muito longe dali.

Na entrada, entregou as luvas, a sobrecasaca, a bengala e o chapéu ao criado de libre, aceitando a taça de champanhe que fora prontamente entregue.

— Onde estão os rapazes? — perguntou em voz grave, carregada do sotaque que tanto despertava devaneios nas altas rodas.

— Na Sala Azul, Alteza. — O homem se curvou.

Alexander avançou, tomando o que restara da bebida e pousando a taça em uma mesinha ao lado; abriu a porta onde três homens pararam automaticamente de conversar e o encararam.

— Sacha! — O mais alto deles levantou-se com um sorriso irônico nos

lábios. — Pensamos que talvez tivesse esquecido o caminho do clube.

Alexander encostou-se ao batente, cruzando os braços e os observou.

Era um grupo heterogêneo, levando-se em consideração as nacionalidades. O visconde de Riverdall, Sebastian Cade Niel Bowell, 31 anos, inglês de Essex, um dos solteiros mais cobiçados do Reino Unido, fora o autor do comentário jocoso.

Ao lado da lareira, sacudindo lentamente uma taça de conhaque, no auge dos seus 30 anos, o conde de Trevand, Jean Claude Andree Du Marilac, o único nativo, sorriu discretamente. E, por último, sentado confortavelmente em uma das poltronas, as botas jogadas sobre a mesinha de centro, lorde Cameron Matthew Lian O'Shea, um irlandês de 32 anos, nascido em Dublin continuou em franca verificação do recheio de um pequeno sanduíche que retirara do prato ao lado dos pés. Em comum, além das origens aristocratas, um fator que os mantinha unidos e os marcava perante a sociedade: eram libertinos de primeira linha.

— Quem era ela? — Jean Claude inquiriu.

— Ninguém — Alexander respondeu, seguindo para o aparador onde se serviu de uma dose generosa de conhaque.

— Ele sempre diz a mesma coisa. — Sebastian riu.

— Algum dia, meu caro... Algum dia esse seu *ninguém* tornar-se-á *alguém* e aí eu quero ver o que irá fazer — Cameron comentou, mordendo o sanduíche.

— Junte um: “*nunca acontecerá*” ao *alguém* que mencionou — Alex resmungou.

— Sabe o que acho? — Cameron levantou-se. — Já nos conhecemos há anos, deveríamos formar algo que nos unisse.

— Mais ainda do que já somos? O que propõe? Casamento?! — Jean ironizou e levou um soco de Sebastian no braço.

— Como o quê, Cam? — Alex largou a taça vazia.

— Uma irmandade... — balbuciou pensativo.

— A Irmandade dos Libertinos? — Jean Claude caiu sentado, gargalhando.

— A Irmandade da Rosa — Alex rebateu.

— O quê?! — Os outros três perguntaram em uníssono.

— Sempre tivemos como praxe deixar uma rosa para cada mulher conquistada: Andree uma rosa azul, Bastian uma rosa lilás, Cam uma rosa branca...

— Branca de borda azul — Cameron corrigiu.

— E eu uma rosa negra — emendou Alex.

— Rosas incomuns para conquistas incomuns — Bastian ponderou, pegando a taça de conhaque esticada por Alex.

— Não deixamos indícios além das flores, nada mais que uma noite, sem vínculos, sem levantar suspeitas de maridos incompetentes. — Andree sorriu por trás da taça de conhaque que recebera de Alex.

— Ou maridos ciumentos. — Cam riu, agradecendo a taça de conhaque recebida.

Um silêncio quase religioso seguiu-se até Alexander erguer sua taça.

— A Irmandade da Rosa! *Za zdorovje!*^[1]

— A Irmandade da Rosa! *Sláite!*^[2] — Cam juntou sua taça a do amigo.

— A Irmandade da Rosa! *À votre santé!*^[3] — Andree repetiu o gesto.

— A Irmandade da Rosa! *Cheers!*^[4] — Bastian também.

Beberam e jogaram as taças na lareira.

— Éramos um bando de *Gal-sneakers*, agora somos uma Irmandade. Gostei! — Bastian riu.

— Bando de quê?! — Andree franziu o cenho.

— *Gal-sneakers*... Homens devotados à arte da sedução — O visconde explicou. — Preciso retornar à Inglaterra e gostaria muito que me acompanhassem. Sacha?

Alexander ergueu os braços e concordou.

— Andree? — continuou.

Jean Claude pousou a mão sobre o ombro do russo, em concordância.

— Cam?

— Estamos na Temporada? — perguntou interessado.

— No início dela — Bastian replicou e recebeu um sorriso sacana como resposta.



Paris de 1875 emergiu como uma Fênix das cinzas. Sacudiu a poeira dos vestígios da Guerra Franco-Prussiana e da Comuna de Paris, começou por recuperar os seus edifícios públicos, esfregando, polindo, derrubando aqueles condenados, abrindo espaço para algo mais fantástico. O parisiense sentia-se responsável por cada centímetro de rua diante de sua moradia, não se via lixo, fachadas eram mantidas e transformadas harmonicamente, embelezadas com orgulho, assim como as avenidas que portavam sicômoros, lindas árvores que ao florescerem, emprestavam um charme a mais a uma cidade que começava a transbordar em charme e elegância. O governo gastou uma soma considerável em manutenção, recuperação, construção e melhorias. Se já era difícil deixar-se seduzir por Paris, agora isso era totalmente impossível.

Alexander sorriu ao encontrar Jean Béraud, seu pintor amigo, que o esperava em uma mesa de um bistrô, acompanhado por alguns pacotes, que Alex sabia serem as telas que pedira para separar. Desde 1872, Béraud contava com o apoio fraterno e financeiro do grão-duque, que acreditava piamente em seu talento; além do amor pelas artes, possuíam outros pontos em comum: ambos nasceram em São Petersburgo, Rússia.

— As telas que me pediu, meu amigo. — Apontou para o lado.

— Ninguém retrata a vida parisiense como você, Jean. Tenho certeza que estas pinturas farão sucesso em Londres.

— Londres? Está de partida?

— Sim. — Sorriu. — Iremos todos: Jean Claude, Cameron e eu, a pedido de Sebastian.

— Alguma notícia do seu primo? Soube que tem implantado melhorias na Rússia.

— Não sei nada de Alexandre desde a deportação e execução dos polacos em 1864 — rosnou contrariado.

— Mas você carrega sangue Romanov, Sacha. Seu primo é o atual regente, você ocultou o seu título de grão-príncipe, trocando-o para Grão-

duque. O país precisa de pessoas com a sua visão e experiência.

— Muitos destes polacos executados eram meus amigos. Eu interpelei Alexandre, intercedi por eles e o que recebi em troca? Seus cadáveres. Não. Eles não fizeram nada demais além de ousar sonhar com a liberdade do seu povo. Isso eu não perdoo. Não retornarei mais à Rússia. Ninguém além de você conhece estes fatos, espero que se mantenha fiel ao segredo.

— Sabe que pode contar com a minha fidelidade, Alteza.

— Sou Alexander, meu amigo. Para você, simplesmente Sacha.



A travessia do Canal da Mancha foi miserável. Mais miserável ainda foi Andree que resolveu enjoar, coisa que nunca acontecera anteriormente e agora, além das crises intermitentes de vômitos, aturava a gozação dos amigos. Resultado: chegou prostrado em Londres, tão ruim que resolveram instalar-se na propriedade de Sebastian em Mayfair, ao invés de cada um seguir para a própria residência. Cameron correu para a cozinha avisando que de lá só sairia quando a beberagem da família para casos parecidos fosse preparada. Alex, conhecedor da receita e ciente de que o antídoto seria pior que o veneno, convenceu o visconde a chamar o médico da família.

O médico chegou cinco minutos depois que Cameron subiu.

Cam entrou no quarto, puxou as cortinas, escancarou as janelas. A cama desfeita encontrava-se vazia. Ele largou a caneca cheia de um líquido verde mesclado a um tom amarelo soturno sobre a mesinha e procurou pelo amigo.

— Jean?! — Seguiu na direção do biombo, depois foi até o pequeno banheiro em anexo, por fim pendurou-se na janela. — JEAN!

— *Oh, mon Dieu!*

O gemido não foi suficientemente baixo para ser ignorado. Cameron ajoelhou-se, ergueu a manta e mirou por debaixo da cama.

— O que precisamente você está fazendo aí? — Esticou a mão e viu o francês recuar.

— *Noooooonnnnnnn!* — Ele choramingou.

— Eu preparei aquela mistura da família, lembra-se?

— *Non!*

— A que curou a ressaca de Sacha. A que cura qualquer coisa, afasta até Banshees e Leprechauns^[5]! — Esticou-se um pouco mais e quase agarrou a perna do amigo em plena fuga.

— *Non* preciso! Já me sinto *beeeemmmm* melhor.

— Mas tem que tomar! Temos um baile hoje, vai querer ficar para trás?
— Cam alcançou o tornozelo e começou a puxar Jean Claude para fora. Levou um chute no peito, largou a sua caça por alguns segundos e mergulhou embaixo do abrigo improvisado.

Alex entrou com Sebastian, acompanhado do Doutor Smithson. Os três pararam sem entender muita coisa, até que a caneca fosse notada.

— Cam? — Bastian riu, aproximando-se das pernas para fora da cama.
— CAM! Doutor Smithson fez a gentileza de cancelar um atendimento para ver Andree. — Chutou o sapato abaixo.

— Merda, Jean! Volta já aqui! — O sotaque de Dublin ficou ainda mais evidente.

— *Noooooonn!*

Cameron começou a serpentear para fora e não veio só; trazia um parisiense desesperado, preso por uma perna.

— Pare de chutar, seu idiota! Está parecendo uma minhoca se

contorcendo num anzol! — Riu.

— Minhocas *non* precisam beber essa coisa que você chama de remédio!
— Agarrou-se ao pé da cama.

— Cameron... — Alex puxou o amigo para cima, que suspendeu Jean Claude momentaneamente até ser largado bruscamente no chão, quando o irlandês foi sacudido por Sacha e arrastado para fora do cômodo.

Sebastian rapidamente apropriou-se da caneca, olhou a janela aberta e despejou o conteúdo sobre a cabeça de um dos seus criados que deu o azar de estar passando no local errado, na hora errada.



Londres, últimos bailes da Temporada de 1876.

Algumas ruas depois, outra propriedade passava por um reboliço de proporções menor, não menos tragicômico.

Charlotte Marie Lenora Neddlethorn bateu o pé no auge de uma típica crise dos seus dezessete anos, tudo porque queria usar o vestido azul celeste, enquanto a convenção ainda ditava que debutantes vestiam branco.

Sentada displicentemente no batente da janela, devorando tranquilamente uma maçã, Joanne Miranda Lilly Neddlethorn deixou escapar uma risadinha de sarcasmo. Ela não podia negar que estava se divertindo com o embate oral entre a irmã e a mãe, até que Elizabeth, marquesa de Neddlethorn, assinou o veredito: ou branco ou cama.

— Eu usei branco — Joanne comentou, jogando uma semente de maçã na direção do jardim.

— Isso foi nos idos da invasão normanda! — Charlotte gesticulou irritada. — Você já era velha e agora está mais velha ainda.

— Velhice é um estado de espírito — rebateu.

— Você tem 29 anos! — A irmã crocitou. — E está encalhada! — completou maldosa.

— Charlotte! — Elizabeth ergueu os olhos do vestido que segurava. — Eu não sei onde John estava com a cabeça quando concordou em dar o nome de sua prima, a falecida duquesa de Winkleigh, para você! A sensação que tenho é que o fantasma de Charlotte toma o controle de vez em quando.

— Credo, mamãe! — A garota se benzeu.

— Eu não estou encalhada, meu bem... — Joanne circulou a irmã. — Quero me casar por amor, não me encontro em estado total de desespero, como certas pessoas se encontram. — Mostrou-lhe a língua.

— Amor vem com o tempo! — Charlotte chiou.

Joanne ergueu as sobrancelhas e mirou a mãe, que retribuiu com um sorriso condescendente.

— Jo ainda não se casou por não ter encontrado o homem correto — tomou a defesa da mais velha.

— O que adianta esperar tanto, se todas as vezes que alguém se aproxima, ela rosna?

— Dai-me paciência, Senhor!

Joanne deixou o quarto da irmã e parou em frente ao espelho de corpo inteiro do seu quarto. Ela não parecia velha. Pelo menos não se sentia como uma. Seus cabelos louros puxaram o tom de sua avó, mas os olhos azuis eram iguais aos de sua mãe. Não era baixa, nem alta; não era gorda ou magra. Sua pele branca emprestava um ar etéreo ao conjunto, como se tivesse escapado, sem querer, de algum conto de fadas e não soubesse mais como retornar.

Sentou-se na *chaise longue*^[6] com um livro na mão, mas seus olhos dançaram por entre as linhas e parágrafos. Charlotte estava certa: os anos se

passaram e a possibilidade de um bom casamento escorrera por entre seus dedos. Não que se importasse muito; a perspectiva de uma união sem amor a horrorizava, o que a levou a tomar como lema: “Antes só do que mal acompanhada.” Livre do peso do título apesar da primogenia, tinha consciência de quase ser uma decepção para os pais, mesmo que os mesmos nunca houvessem imposto qualquer pretendente. O seu irmão Leonard, quatro anos mais novo, herdara o título de duque de Winkleigh recebido por seu pai quando da morte do nono duque e seu melhor amigo, James e Matthew, que nascera logo depois, herdaria o título de Marquês de Neddlethorn — ambos noivos com garotas da alta aristocracia inglesa. Tudo muito bem arranjado, tudo muito certo, menos o fato dela não encontrar a pessoa correta. O homem que chegaria, a beijaria e ela sentiria algo diferente. O homem da sua vida.



O Baile do conde de Mandenmore era uma instituição nacional. O salão encontrava-se lotado de debutantes ansiosas e mães sequiosas por um bom partido e bons partidos eram praticamente disputados a tapa se necessário se fizesse. Porém, toda regra tem sua exceção, neste caso, quatro para ser mais exato.

Leonard juntou-se momentaneamente as irmãs.

— Não quero as duas sequer respirando perto deles. — Girou a cabeça na direção do grupo que no momento era alvo das atenções.

— Oh, meu Deus! — Charlotte arfou. — Quem são?!

— Ninguém que possa interessar. — Joanne franziu o cenho.

— Libertinos. Eu não fazia ideia que haviam retornado — Leonard rosnou.

— Mas são tão lindos! — Charlotte suspirou.

— Não continuarão a ser se você se aproximar — o irmão ameaçou. — Vou procurar Matthew. — Saiu batendo os pés.



Do outro lado do salão, Sebastian riu.

— Bom, somos oficialmente o assunto do dia.

— Madames, protejam as suas filhas! — Cameron cantarolou.

— Alguém deveria avisar que não seduzimos menores — Sebastian murmurou.

— Alguém deveria avisar que não seduzimos ninguém que não queira ser seduzido. — Andree riu baixinho. — Ei, para onde Sacha vai?

Alex parou diante de duas das mais lindas mulheres presentes. Inclinou-se em uma saudação elegante, depois se apossou da mão da morena, depositando um beijo nada casto nela.

— Baronesa de Lochlann, que surpresa encontrá-la aqui.

— Não tão grande quanto a surpresa ao vê-lo em Londres. — Inclinou-se para o lado. — E os seus inseparáveis amigos. — Riu quando a amiga se afastou. — Caçando debutantes?

— Prefiro uma presa à altura de um desafio que valha a pena. — Sorriu lânguido.

— Como por exemplo?

— Milady. — Inclinou-se estendendo a mão. — Valsa? — Ergueu os

olhos com um brilho travesso estampado.

Juntaram-se aos outros casais.

— Como vai o barão? — Puxou-a um pouco mais, até quase colar os seus corpos.

— Viajando... — comentou, fingindo uma indiferença inexistente.

— Sêrio? — Alex sorriu. O olhar travesso mudou para predatório.

— Eu ando tão solitária! Joseph se foi há um mês... — Choramingou armando um biquinho.

— Ah, pobrezinha! — Aumentou a pressão de sua mão nas costas adiante. — Poderia este humilde servo ser de alguma serventia para minimizar tanta tristeza e solidão? — Inclinou a cabeça.



Sebastian engasgou-se com o champanhe.

— O desgraçado conseguiu! Mais um ponto a seu favor.

— Como anda a contagem? — Andree perguntou.

— Cam 10, você 12, eu 15 e o maldito russo... 25, isso porque as rosas demoraram a brotar. — Ganhou um tapinha de consolo nas costas.

— Vou para o salão de jogos, pelo menos ficarei sentado. Ainda não me sinto muito bem.

— Vamos acompanhá-lo. — Bastian o empurrou. — Noite perdida. Teremos mais chances depenando alguns idiotas. — Bufou. — O que ele tem que não temos?

— Sotaque russo?! — Cam gargalhou.

Retiraram-se.



Joanne dançou algumas vezes, sua última dança com um distinto Oficial da Marinha de Sua Majestade, uma quadrilha, quase a matou. Acabou aceitando o convite dele para refrescar-se nos jardins, mesmo sabendo ser extremamente irregular que uma jovem solteira sequer pensasse na possibilidade de uma fuga naquela direção, mas ele era tão engraçadinho... Tinha um ar de cachorrinho perdido e olhos de um gato desolado. Além do mais, tecia elogios graciosamente originais a seu respeito, então pensou: *“Por que não?”*

Deixou-se levar até um banco de pedra afastado ladeado por uma pérgula coberta por rosas de diversas tonalidades e foi ali que percebeu o tamanho do seu erro. Ao dar por si, fora abraçada e beijada a força.

— Melhor largar a dama, milorde.

A voz rouca com sotaque áspero fez o rapaz afastar-se momentaneamente e Joanne aproveitou para escapar para a proteção oferecida. Quando viu quem era, deixou escapar um pequeno gemido.

— Ótimo! Da frigideira para a panela! — resmungou, escondendo-se atrás de seu defensor.

O oficial se desculpou, a dama foi devidamente arrastada para longe até ser detida antes da escadaria de acesso ao salão.

— Procurando por alguma emoção?

Ela mirou a mão em seu pulso, depois ergueu a cabeça para cima até encará-lo. Ele era alto, muito mais alto, seu porte elegante, trajes impecáveis

combinavam perfeitamente com um ar austero, quase misterioso, em um par de olhos tão azuis quanto o céu em um dia de inverno. Um rosto simetricamente perfeito era ladeado por uma barba e bigode esmeradamente cuidados em cor avelã com leves tons dourados, assim como os cabelos curtos e sobranceiras naturalmente torneadas. O seu olhar lembrou-a de uma águia pronta a lançar-se sobre uma lebre indefesa, neste caso, a lebre em questão continuava a encará-lo como se não pudesse concatenar qualquer pensamento lógico. A única coisa que passou em sua mente foi uma tremenda vontade de esticar o braço e correr os dedos sobre os cabelos que pareciam tão macios à luz dos lampiões e tochas.

— Onde está o seu marido?

A pergunta a derrubou por terra e ela piscou confusa.

— O quê?! — gaguejou. — Sou solteira...

Alex abriu um pequeno sorriso de escárnio.

— Não se acha um pouquinho velha para uma debutante? — Inclinou a cabeça.

— Creio que o que milorde acha não venha ao caso. — Estreitou os olhos.

Alexander quase gargalhou.

— Acha mesmo?

— Acho que sou extremamente agradecida pela ajuda, mas eu mesma poderia muito bem ter me safado sozinha.

— Sério? — Ele riu e a puxou para baixo da escadaria. — Eu realmente louvo sua fé em achar que conseguiria escapar de algo mais grave que um simples beijo.

— Quero voltar ao salão. — Rosnou.

— E como exatamente tomaria as rédeas da situação? — Largou-lhe o

pulso e segurou-a pelos ombros. — Mostre-me.

— Como ousa?! — Debateu-se.

— Só a largarei se empregar sua técnica mágica contra avanços não autorizados. — Colou-a contra o seu corpo.

— Se não me largar, milorde, eu gritarei.

Ele a observou. Ela era pequena, esguia, porém, preenchia perfeitamente os seus braços. O seu rosto possuía um agradável conjunto de traços delicados, grandes olhos azuis de uma tonalidade mais clara que os seus, ar etéreo, irreal, quase como se não a segurasse corretamente, ela simplesmente sumiria.

— Milady se parece muito com uma *Niavka*, uma ninfa das florestas de meu país natal.

— Pouco me importa! Largue-me agora ou gritarei!

— Huhum... Creio que não. Estará ocupada demais para fazê-lo. — A viu abrir a boca para gritar, timing perfeito: beijou-a.

Joanne congelou a princípio, depois algo explodiu nela, como fogos de artifício confinados em uma caixa muito, muito apertada.

No início, ele correu a língua vagarosamente por seus lábios, até invadir sua boca sem cerimônia nenhuma, a língua explorando cada canto em volteios lânguidos e preguiçosos. Seu queixo foi erguido delicadamente pela mão, cujos dedos agora deslizavam suavemente por seu pescoço, até pararem em sua nuca. Ele mudou o ângulo, o beijo mudou o ritmo. A mão livre puxou-a para ainda mais perto, e ela sentiu recuar até encostar-se à parede.

— Estou esperando que se liberte, *moy malen'kiy Niavka*. *Minha pequena Niavka* — murmurou entre seus lábios.

Joanne despertou do devaneio que a sugara para descobrir-se presa, tal qual uma pobre borboleta em uma teia cuja aranha demonstrava-se muito mais perigosa que o pobre oficial.

— Então? — Alexander afastou-se alguns centímetros e rindo, esticou os braços, as mãos contra a parede, dificultando uma fuga.

Um par de olhos azul lotou de lágrimas. O delicado queixo tremeu, ela mordeu o lábio inferior vermelho e ainda úmido pelos beijos. Alex franziu o cenho e piscou confuso.

— Eu... odeio... você! — Acertou-lhe o rosto acima entre soluços, depois ergueu a perna com toda a frustração acumulada e expressou a sua humilhação em um único alvo, para sair correndo escada acima.

Alexander escorou-se à parede. O seu rosto ardia como o inferno e safou-se por milímetros de conseguir uma dor bem maior. Riu, satisfeito com a lição dada, deu um intervalo de alguns minutos e seguiu à procura de sua pobre e desamparada baronesa.



Joanne passou pelos irmãos como uma flecha, passou pela irmã, só parou ao esbarrar em seu pai. John que conversava com lorde Masterson, ergueu as sobrancelhas.

— O que houve, princesa?

— Ah, papai... Estou estourando de dor de cabeça!

— Pedirei a Leonard que a acompanhe até em casa. Não conte nada para sua avó, a não ser que queira encarar um prato de Sofra^[7]. — Acarinhou o rosto da filha.

A lembrança do gosto da sopa que sua avó preparava como remédio, a fez estremecer.

— Papai? Toda essa movimentação tem me cansado tanto! O tempo é de Charlotte, eu poderia me retirar para nossa propriedade em Essex?

— Qual delas, princesa?

Joanne pensou rapidamente. Quanto mais rápido saísse de Londres e ficasse longe daquele maldito libertino, melhor seria.

— A de Epping Forest.

John franziu o cenho.

— Marcus Hill estará lá, ele tomará conta de mim, fomos praticamente criados juntos. O senhor confia nele, não é?

— Claro que confio. Além de Marcus, Miss Poddler permanece como governanta, então, não vejo porque não possa ir. Sua mãe já sabe?

— Preferi falar com o senhor primeiro. — Esticou-se e beijou o pai. — Falarei com ela agora.

— Princesa?

Ela se virou.

— Está fugindo de algo ou de alguém?

— Não, papai! — Sorriu forçada. — Claro que não!

— Quando irá?

— Amanhã.

— Ótimo! Pedirei a Matthew para levá-la. Isso me dará tempo de enviar algumas cartas e recomendações a Marcus.

Segurou Leonard pelo braço, na hora que passou por ele.



Os rapazes ergueram os olhos do jogo quando Alexander entrou no salão encaminhando-se direto à mesa.

— Isso vermelho em seu rosto são dedos?! — O visconde arregalou os olhos.

Alex ignorou a pergunta.

— Melhorou, Andree?

— Muito! — Andree sacudiu as cartas em sua mão com um sorriso satisfeito. — Isso foi um tapa?

— Estou de saída. Vejo vocês amanhã.

Neste instante a baronesa apareceu na porta. Os rapazes pediram licença, interromperam o jogo e se ergueram.

— Sacha, ela é encrenca — Cam sussurrou, empurrando o rosto do amigo para observar melhor a marca.

— Quando não são?! — ironizou.

— *Non, non, mon ami.* Cam tem razão. O marido da baronesa é sinônimo de desastre certo.

— O marido da baronesa está viajando. — Empurrou as mãos de Cameron para longe.

— Quem fez essa marca possui mão pequena... — Cam riu. — Quem foi?

Alexander rosnou ao lembrar-se das suaves curvas moldadas em seus braços e o gosto ainda presente em sua boca.

— Alguém. — Mastigou. — Encontrarei com vocês no White's^[8]. — Sorriu, empurrando Sebastian, e deixou o grupo.

Os rapazes sentaram-se mais uma vez e retomaram o jogo. De repente, Sebastian deixou as suas cartas caírem sobre a mesa com uma expressão

pensativa.

— Bastian? — Cam perguntou.

Um sorriso despontou no rosto do visconde e se converteu em uma gargalhada nada sutil.

— Não perceberam? — inquiriu.

— A marca do tapa? — Andree estudou suas cartas com um ar desolado.

— Além disso, seu tolo. — Tomou fôlego. — Quando Cam perguntou quem havia feito a marca, qual foi a resposta de Sacha?

Todos sabiam a resposta: o tradicional *ninguém*. Porém...

— *Oh, mon Dieu!* — Andree gargalhou, socando a mesa.

— *Alguém...* — Cam sorriu irônico e juntou-se as gargalhadas.



Apesar do olhar maternal do qual Joanne teve a certeza que, de alguma forma, Elizabeth sabia do real motivo de sua intempestiva fuga, ela chegou à Rainbow Hall, que se localizava entre Epping e Loughton, à tardinha depois de uma viagem de quase duas horas e meia.

A imensa propriedade cercada quase toda pela floresta de Epping, era a queridinha de Joanne, não por ser imponente, mas pelo aconchego e principalmente: cavalos. Um dos vários haras da família encontrava-se em suas terras e ela sempre fora apaixonada por cavalos desde que conseguiu dar seus primeiros passos, assim como o pai. Logo, o local abrigava orgulhosamente dois estábulos distintos: um com os cavalos criados e treinados para corridas, o outro específico para a criação e desenvolvimento de raças nobres.

A mansão em Estilo Tudor, com seus lindos telhados triangulares sobrepostos, molduras recordadas, fazia um conjunto harmônico com o piso térreo em tijolos aparentes e os andares superiores na tradicional parede em meias ripas de madeira aparentes, entremeadas por painéis em estuque, acompanhados por uma miríade de janelas compartimentadas com batentes em chumbo tão comumente presentes nesse tipo de construção, além de nove quartos, sendo que três com seus próprios banheiros, cinco salas, uma biblioteca, uma sala de música, um *solarium* e outras dependências comuns em qualquer residência. Fora, ao lado esquerdo, o cottage do jardineiro, o cottage da criadagem, uma horta, um pouco mais afastado, os estábulos para criação. À frente, a aleia principal ladeada por fofas tuias aparadas triangularmente, desaguava em um jardim tipicamente inglês, com sua profusão caótica de plantas e flores, enquanto do lado direito, contrastando por sua ordem, um pequeno jardim francês era como uma ilha ordeira em meio à tempestade verdejante. Também do lado direito, uma quadra de tênis e um espaço para o Cricket.

Joanne desceu da carruagem junto com sua criada. Marcus Hill abriu os braços para recebê-la.

— Joanelha. Nossa! Impressão minha ou está mais velha? — Gargalhou.

Ele era três anos mais novo, mais alto, cabelos louros como o trigo maduro, grandes olhos cinzas e ar debochado. Era o seu irmão de coração, tornara-se homem de confiança do seu pai, administrador competente e um amigo inseparável apesar das distâncias.

— Já casou? — Entrelaçou os braços sobre o pescoço acima e o beijou de leve nos lábios.

— Depende... — Retirou os braços macios e estreitou os olhos. — E você? Ainda esperando pelo Príncipe em seu cavalo branco?

— Seu bobo! — Riu, aceitando o braço esticado. — Esta é Claudine, minha criada de quarto. — Puxou a garota para frente. — Claudine, este é Marcus Hill, meu amigo e irmão de coração.

— *Prrazerrr monsieur*. — Inclinou-se em saudação.

— Marcus? — Joanne riu e o cutucou.

— O prazer é todo meu, senhorita. — Pegou a pequena mão e beijou.

Claudine ficou da cor do xale de Joanne.

— Senhorita Neddlethorn, que saudades!

Os três viraram na direção de uma matrona baixinha e rechonchuda.

— Miss Poddler! — Joanne correu e a abraçou. — Continua bela como sempre! — gracejou.

— E a senhorita uma adúladora adorável! — Riu, puxando-a para dentro.

— Seu pai escreveu dizendo que o jovem Matthew a acompanharia.

— Matt teve um pequeno contratempo com a noiva. — Piscou-lhe. — E eu não queria esperar.



Sebastian puxou mais uma vez o relógio do bolso do colete e olhou a hora. Cameron pousou as mãos sobre o mármore da lareira, baixando a cabeça até encostar-se à superfície fria, enquanto Andree entregava a taça de conhaque que servira para o visconde.

— Sacha nunca demorou assim — Sebastian murmurou.

— Meu coração está apertado. — Cameron pegou a taça que o conde entregara. — Algo de errado aconteceu, eu sei, eu sinto. — Tomou um gole grande, como se o álcool pudesse espantar o mal-estar sentido.

— Vou dar uma voltinha por aí, quem sabe ouço algo. — Andree deixou

a sala para retornar quinze minutos depois, mais pálido e visivelmente nervoso. — Vamos para casa. — Arfou encostando-se à porta atrás. — O Barão está duas salas ao lado gabando-se que pegou a mulher com o amante que conseguiu escapar por muito pouco, mas como alardeia ele, não por muito tempo.

— Pode ser outra pessoa — Cameron ponderou.

— Não quando mostrou a todos, a rosa negra que trouxe consigo.

O trajeto do White's à mansão fez-se às pressas. Marius, o velho mordomo do visconde, os recebeu com um olhar apavorado.

— Vossa Excelência, temo que o grão-duque esteja em perigo.

— Onde ele está?

— Alguns homens do Barão de Lochlann estiveram aqui e eu achei por bem acomodar o grão-duque na adega. — Abriu caminho antes de ser empurrado pela turba desgovernada a caminho da cozinha.

Sebastian desceu na frente, de posse de um castiçal. O lugar era escuro e frio, nada mais que um longo corredor no subsolo, em cujas paredes repousavam séculos de preciosas garrafas de vinho e barris de Porto.

— SACHA! — gritou, erguendo as velas.

— Aqui...

O chamado vindo do fim do túnel os apressou. Alex encolhera-se ao lado de um dos barris, roupa rasgada e suja, rosto machucado.

— Por Deus, homem!

Sebastian entregou o candelabro para Cameron, segurou Alex por um braço e Andree pelo outro, mas ao erguê-lo, ele se encolheu com uma careta.

— Pelo seu estado, as coisas não saíram do jeito que queria. — Andree ajudou-o a andar.

—Uma pequena briga com dois homens do barão. — Sorriu com uma careta.

— Não pode ficar em Londres, Alex. O barão está espalhando para todo mundo que flagrou a mulher com o amante e com sua rosa na mão — Andree contou.

— Precisa retornar a Paris — Cameron pensou em voz alta.

— Não. Sair assim seria assinar sua culpabilidade. — Sebastian o pôs sentado em um barril. — Pode cavalgar?

— Cavalgaria mesmo que tivesse com uma horda de cossacos em meu flanco. — Limpou o sangue em sua boca.

— Não leve muita coisa, troque de roupa, coma algo leve, você irá para minha propriedade no campo. Despacharemos sua bagagem aos poucos por diversos endereços para não levantar suspeitas.

Alexander riu abafado.

— Para onde?!

— Para Essex; para *Bowell's Manor* perto de Epping.



Naquela mesma manhã, uma criada escapou pela saída da cozinha e sem que Marius suspeitasse, entregou um papel a um garoto de rua com instruções de entregar o mesmo somente para o destinatário.

O barão de *Lochlann* jogou o papel na lareira acesa depois sorriu quando os seus *asseclas*^[9] entraram.

— Lewis, Thompson, estejam prontos, sairemos em meia hora. Eu sei onde encontrar o libertino que seduziu a baronesa e, dessa vez, ele não vai escapar.



02

Foi impossível para Marcus negar que Joanne possa ter amadurecido, tornando-se uma mulher encantadora, porém permanecia a sua Joaninha de sempre: implicante, mandona e teimosa. Por mais que tentasse convencê-la a deixar uma visita ao povoado de Loughton para o dia seguinte, mesmo porque em sua opinião e ele a deixara bem claro, iria chover e muito, sua querida amiga o convenceu. Partiram logo após comerem apressadamente e agora retornavam apressados por conta das pesadas nuvens que se avizinhavam.

Joanne desviou sua égua para fora da estrada principal parando embaixo de um enorme carvalho, Marcus virou sua montaria naquela direção, apeando curioso.

— Ela está mancando — Joanne explicou ao ser retirada da sela.

— Deixe-me olhar. Qual a pata? — Ressabiado, olhou para cima. — Fui tolo aceitando que me convencesse a ir tão longe, ainda mais com um tempo desses. Está começando a chover, senhorita Encrenca. — Puxou a pata que ela indicou. — Pelo menos teve o bom senso de sair da estrada.

Marcus ergueu a cabeça ao ouvir a aproximação de um cavalo.

O cavaleiro em questão montava um garboso garanhão negro, sua capa, também negra, agitava-se conforme o conjunto passava por eles. De repente, dois estampidos secos ecoaram por entre as árvores. O cavaleiro inclinou-se

bruscamente para trás, seguido pela montaria que empinou com um relincho alto para tombar mais adiante, jogando o seu condutor ao chão.

Marcus empurrou Joanne para a segurança do velho tronco, observando dois homens aproximarem-se do acidentado. Uma pistola foi apontada para a vítima indefesa e ele resolveu reagir.

— Ei, vocês! — Marcus montou e disparou na direção da dupla que bateu em retirada. Mirou a vítima, girou para o carvalho onde parou por alguns minutos. — Não saia daqui, Joaninha. Entendeu?! Eu voltarei — ordenou e tomou o rumo dos agressores.

Joanne amarrou a égua em um galho baixo depois correu na direção do cavaleiro caído. A capa o cobriu por completo, mesmo assim uma mancha avermelhada se fazia visível entre as folhas. Temerosa, desvirou-o cuidadosamente. O rosto coberto por uma mistura tétrica de terra, sangue proveniente de um ferimento na testa e folhas, ocultava a sua identidade.

Ele gemeu.

Joanne sorriu aliviada. Rasgou uma boa parte de uma das anáguas, abriu a capa e tampou o ferimento na altura do ombro. Mais um pedaço serviu para tentar estancar o sangramento na cabeça. Abriu o odre^[10] que trouxera, molhou outro pedaço e pacientemente começou a limpar-lhe a face. Um pouco aqui, um pouco ali, até que o pano caiu por terra e os seus olhos arregalaram-se.

— VOCÊ?! — Joanne ergueu-se bruscamente, deixando a cabeça, que apoiara com tanto cuidado, bater no chão com um som oco. — Eu não acredito! — Abriu os braços e continuou estática. — Não pode ser... — Inclinou-se com uma careta. — Mas é! — Bateu com o pé no chão, ainda boquiaberta, sem acreditar na ironia do destino. — A Inglaterra é imensa, seu devasso desgraçado! — Trincou o maxilar. — Precisava se acidentar debaixo do meu nariz?!

Um gemido fraco foi a sua resposta.

— O que o leva a acreditar que o ajudarei?! — apontou acusativa.

Outro gemido mais fraco ainda a alertou da gravidade da situação.

— Não! Não, não, não, não, não! — Ajoelhou-se, apoiando a cabeça ferida em seu colo. — Nunca deixaria um cão sarnento sem socorro... — Rasgou mais um pedaço e molhou o pano. — Fique tranquilo, eu o ajudarei.

As nuvens aumentaram, os pingos se fizeram mais presentes. Alguns aflitos minutos se passaram até a volta de Marcus, acompanhado por um rapaz em uma carroça de feno.

— Eu disse para você não sair do carvalho! — bufou, descendo do cavalo. — Como se fosse me ouvir, não senhorita Encrenca?

— Ele está vivo.

— Eu sei que está. — Arfou ao segurar o homem. — Nelson ajudará no transporte. Pode pegar os alforjes no cavalo morto? — Pediu ao garoto e ajudou Joanne a sentar-se na cobertura de feno, onde posicionou a cabeça do ferido em seu colo mais uma vez. — Tome... — Esticou uma coberta para ela e ajeitou outra sobre o homem. — Não serve muito como proteção contra a chuva, mas... — Recebeu os alforjes, jogou-os ao lado da amiga e pegou a égua. — Chegaremos ensopados de qualquer maneira. — Suspirou. — Só nos resta orar para que o seu amiguinho sobreviva ao tiro e não pereça de pneumonia.

Marcus amarrou a égua à carroça e montou.



O prognóstico de Marcus se materializou em forma de grossas e geladas gotas de chuva. Ao chegar a Rainbow Hall, não havia sequer uma superfície seca neles. Enquanto os serviçais transportavam o ferido para um dos cômodos, o administrador seguiu a fim de providenciar um médico.

— Filha! O que houve?! — Miss Poddler arregalou os olhos perante o quadro.

— Um acidente sério, este... este *senhor* foi assaltado e baleado.

— Oh! Carreguem-no para o quarto azul.

— Nos encarregaremos dele, milady. E o médico? — o mordomo perguntou.

— Marcus foi pegá-lo — Joanne informou.

Sem nada mais para fazer além de recompensar o rapaz da carroça e empurrar sua garotinha para o quarto onde foi devidamente banhada, obrigada a tomar um cálice de conhaque e proibida de se aproximar do quarto azul, Miss Poddler desceu apressada, a fim de providenciar alimentação especial para o hóspede acamado, bem como para o médico e quem mais chegasse de surpresa.

Claudine prendera o cabelo de sua dama em um coque solto, ajudou-a a vestir algo mais confortável e depois, horrorizada, assistiu Joanne deixar os aposentos sorrateiramente, seguindo direto para onde não deveria.

Joanne abriu a porta cuidadosamente e o seu queixo caiu. Nunca vira um homem nu, bebês sim, seus irmãos quando crianças, mas não um exemplar tão incrível como aquele sobre o leito. Chutou a prudência para baixo da cama, aproximou-se curiosa a fim de dar uma boa olhada no conjunto. Ele fora banhado, uma toalha branca cobria a área do tiro, o cobertor cobria suas pernas e um pouco abaixo da cintura. Não o suficiente para que Joanne fosse impedida de correr os olhos pelo peito torneado repleto de pelos da mesma tonalidade dos cabelos, descesse na direção de um abdome definido, um umbigo perfeito e além dele, uma suave trilha de pelos que culminavam no início de algo muito parecido com sua anatomia, uma profusão em tonalidade um pouco mais escura que os cabelos, sedosos, curvilíneos pelos... Ela continuou inclinando-se até ter a visão impedida pelo cobertor. Ergueu os olhos, as vozes masculinas continuavam por trás do biombo, então, ajoelhou-se ao lado da cama e cuidadosamente agarrou a ponta de sua obstrução levantando-a lentamente.

— MILADY! — O cobertor foi arrancado de sua mão e posicionado

devidamente abaixo do queixo. — O que precisamente está fazendo aqui?! — O mordomo, num tom indignado, perguntou tão vermelho quanto ela.

— *Am...* Eu queria saber como ele está... — gaguejou.

— Joanne?! — Todos se viraram quando Marcus entrou acompanhado pelo médico. — Para fora todo mundo — bradou.

Os homens se retiraram, porém alguém continuou ajoelhada ao lado da cama.

— Preciso examinar o paciente, milady. Poderia rezar em outro lugar? — O médico sorriu.

— Ah... Certo!

Joanne foi ajudada a levantar e saiu.

Quase uma hora mais tarde, o doutor Gordon foi levado à sala onde o chá fora servido.

— Então? — Marcus aproximou-se.

— Bom... — Gordon suspirou pesado, sentando-se. — Eu retirei a bala do ombro direito, recoloquei o joelho esquerdo em seu devido lugar, suturei o corte na testa, mas preciso informar sobre ferimentos anteriores não provocados pelo assalto.

— Anteriores? — Miss Poddler entregou-lhe uma xícara de chá.

— Ferimentos muito característicos a uma briga. Costelas e maxilar luxados, manchas arroxeadas espalhadas pelo corpo...

— Céus! — Marcus sussurrou.

— Pobre homem! — Miss Poddler condoeu-se.

— *Humpf!* — Joanne deixou escapar.

— Disse algo, filha?

— Nada, Miss Poddler. Foi um inseto, só isso. — Sorriu irritada, gesticulando teatralmente.

— Ficaré conosco, doutor? — Marcus perguntou.

— Se milady assim o permitir, gostaria de acompanhar o desenrolar da noite e as próximas horas. Pancadas na cabeça são traiçoeiras e quero evitar qualquer foco de infecção.

— Joanne? — Miss Poddler estranhou o jeito aéreo. — Joanne!

— Hã?! Sim?

— Doutor Gordon gostaria de ficar por alguns dias. — Marcus franziu o cenho.

— Claro, claro!

— Um quarto ao lado do quarto azul foi arrumado. Qualquer coisa que necessite é só chamar. — Miss Poddler levantou-se, assim como os homens presentes. — Mando o seu jantar para o quarto do paciente?

— Por favor, madame. — Sorriu inclinando-se em saudação quando ela se foi.



Joanne acordou com batidas insistentes à sua porta. Vestiu o penhoar, pegou a vela que deixara sobre a mesinha ao lado da cama, bocejou ruidosamente e seguiu em direção à mesma. Era Marcus.

— O que houve?

— Preciso buscar o Doutor Gordon novamente já que saiu para atender uma emergência... o seu hóspede misterioso está delirando.

— Oh! — Ela voltou, pegou o seu xale e acompanhou o amigo pelo corredor. — Ficarei com ele até vocês voltarem.

— Isso é totalmente irregular, Joanninha — sussurrou.

— Acha que serei atacada por um ferido que mal consegue manter-se acordado?! — O empurrou. — Vá logo!

Marcus beijou-lhe a testa desaparecendo na penumbra.

Joanne entrou no quarto azul onde o motivo de sua insônia se debatia entre lençóis e cobertores.

— Se está fazendo isso para que eu me apiede de milorde, pode empurrar o seu burro para a sombra — bufou, derramando água em uma bacia. Joanne torceu a toalha molhada, passando gentilmente sobre o rosto abaixo.

— *Nyeth...* — o moribundo murmurou com um balançar negativo de cabeça. — *Nyeth...* — gemeu.

— Isso é russo? — Ela voltou a molhar a toalha.

— Irenka... — Arfou, franzindo o cenho. — Irenkaaa... — Debateu-se. — *Nyeth... NYETH!*

E nada acontecido até agora poderia preparar Joanne para o que presenciou. Ele parou ofegante pela dor e febre, suas feições se contorceram até que um primeiro soluço ecoou pelo cômodo. Depois mais um e mais um e outro acompanhado por uma enxurrada de lágrimas. Ele chorou pela perda da mulher amada, chorou por oito anos de dor e ódio acumulados, chorou por tentar buscar alívio nos braços alheios e nunca encontrar, chorou pelo homem frio que se tornou; foram as suas primeiras lágrimas desde que deixara sua amada Rússia e partira para Paris com apenas 24 anos, sem perspectivas e um coração despedaçado. Chorou por não ser homem o suficiente para retornar e vingar a morte de Irenka, assassinando o responsável por sua desgraça e desterro: o seu primo, o Czar.

Para Joanne, que não entendia completamente o motivo da cena, o

homem física e emocionalmente alquebrado não condizia em nada com a imagem do sedutor barato que a beijara. Preparou uma dose fraca de láudano e o fez tomar. Aos poucos a agitação e o choro amainaram até ele cair no torpor da substância. Um pouco antes do dia clarear e para alívio geral, a febre cedeu; elle abriu os olhos pela primeira vez.

O que Alexander sentiu foi indescritível. Ele era um misto de dores generalizadas mascaradas por uma letargia latente com pitadas de alucinação.

Joanne estava inclinada sobre ele com um olhar ansioso.

— Eu morri? — sussurrou.

— Ainda não.

A voz suave, quase musical o fez duvidar.

— Você é um anjo? — Tentou erguer o braço ferido e gemeu.

— Serei seu algoz se não ficar quieto — resmungou passando a toalha pelo rosto dele.

— É uma *Niavka*? Você me faz lembrar muito de uma *malen'kiy Niavka* que conheci.

— Isso é russo? — Ajudou-o a beber um pouco de água.

— Perdão... — Bufou. — Sou Alexander Dmitriy Pyoitir Georgiy Sotchi, grão-duque de São Petersburgo a disposição da nobre dama assim que conseguir levantar desta cama. — Gemeu ao se mexer.

— Eu sei bem quem milorde é. — Ela estreitou os olhos. — Fui devidamente alertada sobre o seu grau de periculosidade; seu e de seus amigos, o visconde de Riverdall, o conde de Trevand e lorde O'Shea.

— Nem tudo que reluz é ouro — balbuciou. — Muito dessa fama é imerecida.

— Sêrio?! — Ergueu-se e abriu a janela deixando os primeiros raios de

sol entrarem no quarto. — Então, permita-me apresentar-me: sou Joanne Miranda Lilly Neddlethorn, filha do Marquês de Neddlethorn, irmã do duque de Winkleigh, a ninfa das florestas de sua terra natal que foi inadvertidamente e abusivamente beijada sem autorização por Vossa Graça. — Baixou-se em uma saudação irônica. — Com tantas terras neste maldito país, milorde tinha que ser baleado exatamente na minha frente!

Ele conseguiu sentar-se entre gemidos e caretas.

— Não sou Vossa Graça... Sou Sua Alteza, milady, e gostaria de ser tratado como tal.

Ela arregalou os olhos.

— Por qual razão?!

— Grão-duque é mera formalidade. Na verdade, sou membro da Família Real Russa, grão-príncipe Alexander para ser mais exato.

Joanne inclinou-se em sua direção.

— Se não tem um pinga de consideração e gratidão pelas pessoas que salvaram a sua miserável vida real eu não posso fazer nada, mas não pense que será tratado com deferência... O que eu fiz por milorde faria para um cão sarnento abandonado se necessitasse de ajuda! — Fechou a cara. — Não está na Rússia, milorde. Portanto, quero que pegue o seu título e ambos vão para o inferno! — rosnou e saiu batendo a porta.

Alex sorriu, depois ensaiou algumas risadas, mas desistiu porque doía demais rir.

Ao deixar o quarto Joanne esbarrou com Marcus chegando com doutor Gordon e logo atrás Miss Poddler.

— O paciente acordou! — rosnou.

Os três a encararam surpresos.

— A febre aparentemente passou! — Mirou a velha governanta por

trás do médico. — Ah, poderia preparar um prato da Sofra da Vovó Emma para o nosso doentinho? — Sorriu. — É uma velha receita de família, santo remédio! — falou para o doutor.

— Que boa ideia, minha jovem! — Ele bateu amigavelmente em sua mão. — Se me derem licença, verei como está nosso rapaz.

Marcus revirou os olhos com ar penalizado. Miss Poddler saiu cantarolando satisfeita pela incumbência.

— O que ele fez? — Deteve a amiga.

— Quem?

Marcus ergueu as sobrancelhas.

— Nada...

— Vocês já se conheciam?

— Quem?

Ele voltou a erguer as sobrancelhas agora com um ar divertido.

— Ah! Está falando de Sua Alteza Real?!

— *Hã?!*

— O conheci no último baile que fui antes de vir para cá. — Puxou o amigo para perto. — Ele é um Grão-duque russo... — sussurrou. — Mas acha que é um Príncipe. — Balançou a cabeça condoída. — Deve ter sido devido à queda do cavalo. Vou dormir, não me perturbe, a não ser que seja para vestir preto para um enterro real.

Beijou o rosto do amigo e saiu batendo os pés.



Se o inferno pudesse ser condensado, ele teria o formato e o gosto da sopa cuja segunda colher Alex tentou engolir sem fazer caretas ou vomitar.

— Precisa tomar tudo, meu querido.

Ele mirou a senhora sentada à beira da cama enfiando a danação líquida em sua boca com um ar tão maternal, tão carinhoso, que mesmo assim não teve como não sucumbir ao desespero. Retirou a colher de sua mão, pousou-a no prato e em um gesto de gratidão beijou-lhe os nós dos dedos.

Miss Poddler sorriu retirando o prato de perto, passando os dedos pelos cabelos desarrumados.

— Doutor Gordon avisou que poderia enjoar.

— Eu não sei como pagar por tanta gentileza, carinho e ajuda.

— Curando-se, meu filho.

— Por favor, me chame de Sacha.

Ela inclinou a cabeça curiosa.

— É o diminutivo de meu nome Alexander.

— De que local da Rússia você é?

— São Petersburgo, milady.

— Não! Para você, sou sua tia Flora. — Pegou o guardanapo, limpou o canto de sua boca sorrindo quando ele apoiou o rosto em sua mão.

— A senhora lembra muito minha *mamochka*... — Sorriu. — Minha... *am*... mãezinha.

— Deixou a Rússia há muito tempo?

— Quando tinha 24 anos.

— Pretende voltar?

— Nunca colocarei os meus pés lá enquanto o meu primo estiver vivo.

— Desavenças familiares existem em qualquer lugar, meu filho. É tão grave assim a ponto de não querer retornar à sua terra natal?

— Em 1863, meu primo mandou deportar para a Sibéria e executar centenas de polacos que ousaram sonhar com uma separação. Minha esposa Irenka e meus amigos foram executados apesar dos meus desesperados pedidos por anistia. A resposta de meu primo foi clara quando eu recebi os corpos em casa... Eu seria o próximo apesar de fazer parte da família — mastigou a última parte.

— Seu primo?

— Alexandre Nikolaevich Romanov ou Alexandre II. — Suspirou amargurado. — Eu sou o gão-príncipe Alexander Dmitriy Pyoit Georgiy Sotchi e ninguém além da senhora e de um conterrâneo sabem disso, nem mesmo meus amigos. Bom, e milady Neddlethorn também. — Fez uma careta de dor ao ver o choque estampado no rosto da inglesa. — Não! tia Flora, eu sou simplesmente Sacha, por favor. — Sorriu triste.

— Eu sinto muito, querido! — Sentou-se novamente e o abraçou com cuidado. — Sua tia Flora vai cuidar de você para sempre, mesmo que esteja distante.

Beijou-lhe a testa, ajudou a deitar-se e o cobriu cuidadosamente.

Miss Poddler encontrou Joanne à tarde no gazebo na companhia de um livro com ar de poucos amigos. Apontou para a criada que pousou uma bandeja com chá e sanduíches.

— Almoçou no quarto, minha flor. Sente-se indisposta?

— Cansada de bancar a babá — retrucou com o rosto coberto pelo livro.

— Chá?

— Sim, por favor.

— Joanne, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro.

— Por que da hostilidade para como o grão-duque? Garanto que não escolheu ser baleado aqui na porta de casa.

Ela bufou pousando o livro rudemente sobre o colo.

— Ele é o ser humano mais prepotente, déspota, arrogante, pedante, convencido, esnobe, emproado, autoritário e dominador que eu já conheci!

— Tantos sinônimos para uma só pessoa?!

Joanne a encarou como se não entendesse.

— Filha, já o conhecia?

— *Amm...* Sim.

— E por acaso ele foi inconveniente antes para que o trate tão rudemente assim agora? — Entregou-lhe a xícara.

— Ele me beijou... — sussurrou à contragosto.

— O quê? Eu não sei se ouvi muito bem.

— Eu disse que ele me beijou. — Encheu a boca com o líquido e queimou a língua.

— Só um minutinho...

A velha governanta deixou o gazebo seguindo direto para o quarto azul, pedindo que uma bandeja de chá fosse enviada. Encontrou Sacha de banho tomado, barba aparada, roupas limpas, se bem que um pouco apertadas já que Marcus era mais baixo.

— Tia Flora, que bom revê-la!

— Os livros que trouxe não o agradaram?

— Ah, sim! Eu agradeço, mas carecia de contato humano. — Pendurou um olhar carente de cortar o coração. — Lady Neddlethorn não apareceu mais...

— Já a conhecia?

— Eu...

— Joanne afirmou que se conheceram no último baile antes de vir para cá.

— É verdade. — Torceu o canto da boca.

— Afirmou também que você a beijou.

Alex abriu a boca e nada saiu por um breve momento.

— É verdade.

Flora o encarou por alguns minutos depois sorriu.

— Eu já volto. — Deixou o quarto e seguiu para o gazebo onde Joanne devorava o resto dos sanduíches.

— Onde foi?

— Falar com Sacha.

— Quem?!

— Alexander.

Joanne armou uma careta.

— Desde quando o trata assim?!

— Desde que conversamos e ele pediu.

Um cenho franziu, a boca formou uma linha reta aborrecida.

— Ele é um dissoluto.

— Não foi isso que eu vi.

— Tia Flora, ele é um libertino! Londres inteira sabe disso, a aristocracia inteira sabe disso, eu soube disso mais do que ninguém quando fui beijada por ele! — Ergueu-se e começou a circular gesticulando nervosamente. — Ele e os três amigos formam um bando de pervertidos; mães são avisadas, debutantes são afastadas...

— Suas irmãs foram atacadas ou seduzidas?

— NÃO! — Ergueu os braços. — Não! — Baixou a voz. — Na verdade nenhum deles sequer se aproximou de alguma de nós...

— Então só você foi beijada.

— Acho que sim...

— E o que precisamente aconteceu? — Serviu outra xícara e a estendeu.

— Eu fui aos jardins com um Oficial da Marinha Real...

— Só os dois?!

— Eu sei que errei, mas o rapaz era tão engraçadinho, tinha um jeito de cachorrinho perdido e quando notei ele me abraçou e começou a beijar...

— E?!

— E o grão-duque chegou, não sei vindo de onde, salvando-me de consequências piores.

— Certo. E depois?

— Depois antes de voltarmos ao salão eu agradei a ajuda e expliquei que foi desnecessária já que eu poderia muito bem ter solucionado o problema.

Flora ergueu as sobrancelhas com um sorriso irônico.

— Está certo! — Joanne resmungou. — Talvez não conseguisse, mas logo este ser libidinoso me perguntou como achava que escaparia e disse que só me liberaria se eu demonstrasse como o faria.

— E?

— E eu disse que se não me largasse iria gritar e quando abri a boca para fazê-lo, fui beijada.

— *Oh, my!* — Segurou o riso. — Só um minuto. — Saiu do gazebo, retornando ao quarto azul.

— Sacha?

— Sim, *mamouska?*

— Por que beijou Joanne? — Aproximou-se da cama sentando-se na poltrona ao lado da lareira.

— Senti-me atraído. Salvei-a de ser seduzida por um idiota oficial da marinha.

— Joanne o acusou de ser um libertino assim como os seus três amigos. Isso é verdade?

Ele suspirou profundamente.

— Não seduzimos debutantes. Não seduzimos ninguém que não queira ser seduzido. Não mantemos relacionamentos. Um encontro e só.

— Filho...— Inclinou a cabeça com aquele olhar de mãe que pegou a cria no flagrante. Saiu da poltrona sentando-se na beira da cama. — Isso preenche seu coração?

— Não.

— Queria seduzir a minha menina?

— Não, mas queria muito beijá-la. — Sorriu sem graça.

— Então devo supor que seu ferimento não foi decorrente de um assalto.

Alex jogou a cabeça para trás, mirando o teto.

— Foi vingança. Saí de Londres para evitar um duelo, estava cavalgando para a propriedade de meu amigo, *Bowell's Manor*, quando me emboscaram. Graças a lady *Neddlethorn* e *Marcus Hill*, eu ainda estou vivo.

— O visconde é nosso vizinho. Ele é um dos três amigos que *Joanne* mencionou?

— É sim.

— Entendo. — Levantou-se.

— Tia *Flora*, eu realmente não sou o que aparento ser apesar de ser conhecido como O duque de Gelo, ainda existe um coração aqui. — Levou a mão ao peito. — Mesmo que ele não tenha mais conserto.

— Filho... — Beijou-lhe a testa. — Tudo nessa vida tem conserto salvo a morte. O seu coração também. — Sorriu e saiu.



Uma semana passou rápido: *Joanne* evitou, a todo custo, encontrar-se com o *elemento indesejado*, uma das muitas denominações utilizadas para o hóspede inesperado. *Alexander* permaneceu no quarto até que foi alforriado por *Doutor Gordon* para curtas caminhadas, braço direito na tipoia e auxílio de uma bengala na mão esquerda. *Marcus*, que despachara a carta do grão-duque para o visconde de *Riverdall*, enviara alguns criados para buscar os baús com as roupas que chegaram de Londres. A Irmandade fora alertada

quanto aos últimos, quase trágicos, acontecimentos e Miss Poddler, também conhecida como tia Flora, convenceu Joanne e Marcus que o melhor a fazer, pela segurança de todos, seria manter Alexander em Rainbow Hall, além de descobrir que por baixo de toda a hostilidade que se interpunha entre o russo e sua menina, havia uma pequena e interessante semente lutando para germinar.

Depois de dois dias chuvosos, o sol retornou para alívio geral. Flora aproveitou e arrastou seu filho adotivo para o banco do lado de fora do gazebo, cercando-o de almofadas fofas, um cobertor quentinho, chá, sanduíches e alguns livros. Não demorou muito para que ele entendesse o motivo.

O motivo em questão portava um lindo vestido azul claro com um singelo ramo de delicadas margaridas em seu ombro direito, chapéu de palha amarrado por um lenço tão etéreo quanto sua pessoa e livro na mão. Joanne seguiu distraída por algumas borboletas apressadas para descontar a fome do retiro forçado, até dar de cara com ele.

— Milady, que surpresa! Perdoe-me se não levanto, o joelho está doendo hoje.

O sorriso de Joanne murchou na hora conforme passava os olhos por ele.

— O que está fazendo aqui?! Segurança na porta do gazebo?!

— O médico achou melhor se eu *podessa* tomar um pouco de sol, então estou aproveitando.

— O médico achou melhor se eu *pudesse* tomar um pouco de sol — corrigiu.

—O que eu falei?

— O médico achou melhor se eu *podessa* tomar um pouco de sol.

— E se fala? — perguntou sério.

— O médico achou melhor se eu *pudesse* tomar um pouco de sol.

— Não gosto de sua língua, complicada demais.

— Ah, sim... — ironizou. — Cirílico é tão fácil!

Ganhou uma careta divertida como replica.

— Vai sentar-se ao meu lado?

— Não.

— Mas estou tão sozinho aqui com esse chá e todos esses sanduíches gostosos que *mamouska* mandou preparar... — choramingou.

— Azar o seu.

— Fique só um pouquinho, *kukla*... Eu prometo que ficarei calado e quieto.

— Que inferno! O que é *momouska* e *kul*...

Ele riu.

— *Mamouska* é mãezinha. Tia Flora é minha mãezinha temporária. E a palavra é *kukla* que significa bonequinha.

— Chamou-me de bonequinha? — Rosnou.

— É um termo carinhoso, *moy malen'kiy Niavka*.

— Em Roma faça como os romanos. Na Inglaterra faça como os ingleses! FALE EM INGLÊS! Duvido que mais alguém fale russo!

— Meu amigo Sebastian fala. Foi assim que nos conhecemos, ele estava em Moscou quando minha Iren... — Alexander baixou as sobrancelhas e fechou a boca.

— Irenka? O nome pelo qual chamou quando teve febre?

— Não vem ao caso — retrucou.

— E o que vem ao caso?

— O fato de quando acabarmos nos conhecendo melhor, você estará falando frases inteiras em minha língua com um vocabulário invejável. — Sorriu safado.

— Eu não pretendo conhecê-lo melhor, Vossa Alteza — resmungou, passando por ele, mas foi detida. Joanne olhou para a mão que segurava o seu punho. — Se me der licença, gostaria muito de ler meu livro.

— Leia ao meu lado. — Sorriu a trazendo para mais perto.

— Lerei no gazebo ou onde *eu* quiser, menos ao seu lado.

— Você me afeta, *Niavka*. Sinta... — Pousou a mão dela sobre o seu coração. — Ele dispara todas as vezes que está por perto. É magia?

— É sem-vergonhice — respondeu tentando puxar a mão sem que ele percebesse o seu braço arrepiado com o contato. — Você é um libertino descarado. Acha que eu cairei em sua lábia?

— Joanne... Eu gostaria muito que usasse o meu primeiro nome: Alexander, Alex ou Sacha se preferir.

— Não me lembro de ter dado a liberdade para Vossa Alteza usar o *meu* primeiro nome! — Sacudiu o braço.

— Eu já beijei você, por que não usaria?

— Beijou-me sem minha anuência! — rosnou.

— Joanne... — Virou sua mão, beijou a palma, depois lentamente subiu até o pulso. Alexander sorriu ao sentir um considerável aumento nos batimentos cardíacos dela, girou-a pousando suavemente sobre seu rosto.

— Seus dedos são pequenos, sua mão delicada, mas o seu tapa arde como o fogo do inferno. — Riu.

— Por mim, Vossa Alteza... — Inclinou-se em sua direção. — Poderia permanecer por lá.

— Erro tático, minha cara. — Ele sorriu lânguido. — Agora vai pagar por ele. — Um único puxão a fez cair sentada em seu colo. Agora ela estava à mercê em seus braços.

— Jo... an... ne... — sussurrou rouco. — Você é linda! — Beijou-lhe o canto da boca, correu os lábios sobre os dela passando a ponta da língua entre eles. — Não é como as outras... — Beijou-a de leve. — Muito, muito melhor... — Invadiu sua boca com fome. Um segundo depois a largou quando o seu ombro foi dolorosamente pressionado.

— Mas que inferno, mulher! — esbravejou sem ajudá-la a levantar-se já que caíra sentada no chão.

— Eu não sou como as mulheres que já seduziu, milorde, e nunca serei! Se tentar me beijar novamente, enfiarei prazerosamente o dedo neste buraco de bala em seu ombro! Joanne ergueu-se desengonçada e saiu batendo os pés.



03

O lenço que deveria ser primorosamente atado em um nó elegante no pescoço encontrava-se jogado sobre os seus ombros. O conde de Trevand inclinou-se sobre a mulher que dormia com um sorriso satisfeito no rosto, pegou o casaco, puxou de dentro uma rosa azul, pousou-a sobre o travesseiro ao lado e virou-se deixando o quarto. Sua carruagem continuava parada onde a deixara: fora da visão de uma vizinhança curiosa. Ele entrou e com um bocejo bateu no teto, sinal para rumar em direção à sua mansão.

Acordou com Saint Clair, seu valete, o sacudindo levemente.

— *Monsieur?*

— Henri? — Bocejou novamente e saiu levando a mão aos olhos por causa da luminosidade.

— Vai sair hoje? Devo aprontar sua roupa?

— Não. Preciso dormir um pouco. Caso os rapazes apareçam, acorde-me, por favor.

— *Oui, monsieur.*

Seguiu-o, ajudou-o a despir-se.

Andree deslizou para baixo dos lençóis e fechou os olhos sem conseguir conciliar o sono.

— *Merde!* — Levantou-se irritado e chamou o valete.

— *Oui?*

— Apronte meu traje de montaria, Henri. Eu não consigo dormir, talvez uma cavalgada no Hyde Park seja o que eu preciso.

— *Oui.*

Andree desceu, engoliu algo e seguiu em direção à Rotten Road com Kallion, seu garanhão. A via ainda deserta proporcionou um alívio para a montaria impaciente por uma boa corrida. Jean deixou o cavalo passar do trote para o galope e dele para uma desenfreada disparada. Gargalhou gostoso, o dia resplandecia em seu céu azul, o sol demarcava o caminho com aconchegantes faixas de luz, borboletas preguiçosas revoavam flores orvalhadas, ele passou uma noite incrível; possuía amigos incríveis, sua vida era incrível e era feliz. Era feliz? O que seria a felicidade, se não a companhia fiel da Irmandade, um bom vinho, uma boa champanhe e o morno e macio corpo de uma mulher? Era livre, sem compromissos, sem cobranças, sem satisfações a prestar. Era o que era, era Jean Claude Andree du Marilac, 30 anos bem vividos, dono da segunda maior fortuna da França e de 2/4 de Paris, representante de uma das mais tradicionais famílias de seu país. Ele se orgulhava do que possuía, se orgulhava de quem era. Era o conde de Trevand.

— Miserável filho duma porca parideira! Desgraçado almofadinha dos infernos!

Foi tudo o que conseguiu ouvir retirado bruscamente de seu devaneio, quando Kallion chocou-se contra um pedestre desavisado. O pedestre em questão jazia de quatro engatinhando trás dos buques de violetas espalhados pelo choque.

Andree apeou preocupado aproximando-se com um indócil garanhão sacudindo as rédeas.

— Machucou-se? — Inclinou-se na direção da mulher.

Por fim ela parou de andar e sentou-se. O seu rosto sujo pela poeira mostrava as trilhas por onde lágrimas corriam sentidas. O pequeno chapeuzinho arruinado fazia par com a cesta parcialmente destruída.

— Tudo perdido... — soluçou acabando por amassar as flores contra o peito. — Vou para a rua... Minha cesta, minhas flor... — Apontou desolada.

Andree recolheu os buques desmazelados depositando-os na cesta partida. Pegou o que restara do pequeno chapeuzinho se comparado ao imenso girassol despetalado à guisa de decoração, o conjunto quase o fez rir.

— Machucou-se, *milady*?

Ela fungou alto limpando as lágrimas com as costas da mão, depois ergueu os olhos na direção de seu agressor.

— Um idiota bonito! — murmurou.

— O quê? — Inclinou-se em sua direção estendendo a mão.

A garota mirou a mão enluvada depois o encarou incerta; esticou a sua, mas deteve-se no meio do caminho.

Jean perdeu a paciência, capturou a pequena mão puxando-a para cima, amparando-a quando desequilibrou.

— Meu pé! — a mulher gritou de dor segurando-se instintivamente no que estava mais perto e foi suspensa por um sólido par de braços. — Me põe no chão, seu filho duma rameira! — Socou o seu peito.

— Está machucada, mocinha, e a culpa é minha. — Virou-se. — Kallion! — Assobiou, esperou que a montaria parasse e sem cerimônia alguma, colocou-a sobre a sela montando logo atrás. — Não tenho o hábito de atropelar damas distraídas e deixá-las sem socorro. — Riu baixinho. — Mesmo quando não são damas...

— Idiota!

— Fui um ao atropelá-la.

— Para onde vai *mi* levar?!

— Até a minha residência onde terá um médico para examinar o seu pé ou qualquer outra coisa que tenha machucado. — Puxou a rédea para a esquerda e recebeu um relincho em protesto. — Ela não é tão gorda assim, Kallion!

Gargalhou ao ser socado.

Marceau, o velho mordomo da família, abriu a porta assim que Andree pisou no primeiro degrau da escada. Mirou o seu mestre carregando uma criatura mal-ajambrada e suja nos braços e arregalou os olhos.

— Vossa Senhoria?!

— Chame o médico, Marceau, e o encaminhe para o quarto verde.

— O quarto verde?!

Andree parou no primeiro degrau da escada, girou a cabeça e estreitou os olhos.

— Quero duas criadas, a banheira cheia, uma muda de roupa limpa e algo para comer.

— Banheira?! — Ela arregalou os olhos. — Eu já tomei banho!

— Em que século? — ele perguntou segurando o riso.

— Nada de banheira!

— Sem banho, sem comida, sem comida, sem roupas limpas, sem roupas limpas, sem médico, sem médico, sem dinheiro para comprar quantas cestas quiser e quantas flores puder colocar dentro delas.

— Filho *duma* égua!

— Estou lisonjeado. — Riu chutando a porta do quarto e em seguida

colocando-a sobre a poltrona. — Sujinha demais para colocá-la na cama.

— Eu não vou *pra* lá com você! Eu não sou esse tipo de garota! — apontou.

— Se quisesse me deitar com alguém não seria com você, garota estúpida! — Rosnou. — Prezo muito minha saúde.

— Eu sou pobre, mas não sou doente não, seu...

— Conde. — Inclinou-se em saudação.

— O quê?! — Sua atenção desviou dele para o quarto luxuosamente adornado.

— Conde de Trevand e deve me tratar por Vossa Senhoria.

— Não preciso de nenhum conde mandando *nimim*. — Levantou-se e começou a pular na direção da porta.

Andree encostou-se à lareira e cruzou os braços com um ar de puro divertimento. Ela era baixinha, magrinha, pálida, quase translúcida, pontuada por pequenas sardas que pareciam um cardume de peixinhos abóbora em uma caneca de leite, os seus cabelos possuíam uma estranha e indeterminada coloração pardacenta, os seus olhos eram como duas imensas esmeraldas. Se não fosse de uma classe social inferior, se bem alimentada e vestida, com certeza causaria furor nos salões durante a Temporada. Esperou para ver até onde iria e teve que admitir, ela era osso duro de roer: pulou até a escadaria, desceu alguns degraus, sua perna boa falhou e desceu o resto de traseira.

— Aí, isso deve ter doído... — comentou consigo descendo logo depois.

Andree sentou-se no degrau que ela parara entregando-lhe o seu lenço.

— Tome...

— Eu na-ão quero na-ada de vo-ocêee... — soluçou mais alto empurrando a mão dele para longe.

— Prefere que eu a deixe onde a encontrei? Do jeito que está? Sentindo dor, com fome, suja e sem sua mercadoria?

Ela o encarou com o queixo tremendo.

Ele sorriu.

— Não... — sussurrou agarrando o lenço da mão dele.

— Qual o seu nome?

— Jane Boreen.

— Muito bem, Miss Boring^[11]... — A ergueu no colo gargalhando pela cara feia. — Leve como uma pluma... — Subiu as escadas. — Ficarà hospedada aqui até que esteja bem o suficiente para voltar ao seu mundinho. Precisa avisar alguém?

— Não tenho alguém. — Suspirou encostando a cabeça em seu peito. — Qual o seu nome?

Ele franziu o cenho com um ar maroto no rosto.

— Jean Claude Andree du Marilac ao seu dispor, pequena Jane Boring.

— Frances?! — O semblante triste se transformou em uma carranca engraçada. — Desgraçado, filho *duma* mula manca e cegueta! *Ispião* do inimigo! — Debateu-se.

— A guerra já acabou há muito tempo e nós perdemos, satisfeita?

— Bem-feito! — Cruzou os braços, irritada.

Andree gargalhou novamente.



Joanne chegou para o desjejum com um alto nível de irritação que aumentava exponencialmente conforme entrava na sala esperando dar de cara com o seu hóspede indesejado. Encontrou tia Flora e Marcus, contudo nada de libertinos.

— Por que está olhando embaixo da mesa? — Marcus inquiriu. — Ele já tomou o desjejum e seguiu direto para o estábulo.

— Estábulo? — Seguiu direto para o aparador e começou a se servir.

— Pediu permissão para cavalgar um pouco — o administrador comentou.

— Mas ele não pode! — O prato quase quebrou quando bateu na mesa, levando uma porção de ovos mexidos rolar alegremente para perto de Flora.

— Disse que se sente bom o suficiente para tentar. — Ele passou um pouco mais de geleia na torrada que segurava.

— Não com os *meus* cavalos! — Jogou o guardanapo sobre o prato e saiu correndo.

Joanne mudou rapidamente para o traje de montaria, seguiu bufando na direção de um dos estábulos e foi encontrar Alexander conversando com um dos cavaleiros enquanto escovava um de seus melhores garanhões muito satisfeito pela atenção.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou com voz desafinada.

— Ah, bom dia, *moy malen'kiy Niavka*. Estou escovando Pegasus.

Ela sacudiu a cabeça em negativa confusa.

— Isso eu sei. O que quero saber é o que pensa que vai fazer com Pegasus, milorde.

— Cavalgar? — Ergueu as sobrancelhas com um sorriso aberto.

— Nele?! Não! — Gesticulou enfática. — Quer cavalgar? Acha que se

sente bem para tal?

— Sim. — Outro sorriso mais arrasador do que o primeiro.

— Certo. Irei junto.

— Que surpresa deliciosa! — Largou a escova.

— Nielsen? Prepare Jojo e Little Anne, por favor.

— Jojo, milady? — O cavalariaço mirou o hóspede depois sua patroa.

— Jojo! — Joanne o dispensou com um afanar de mão.

— O que tem Jojo? — Alex perguntou desconfiado.

— Nadinha. É um belo cavalo. Vocês dois se parecem muito. — Sorriu torto.

— É um garanhão? — Entusiasmou-se.

— Vossa Graça verá...

Alex inclinou a cabeça quando uma égua Árabe foi trazida. Branca, esguia, elegante, linda.

— Little Anne? É Árabe. — Aproximou-se correndo a mão pelo flanco do animal. — Linda como a dona...

— E esse é Jojo. — Ela ignorou o elogio e apontou para o cavalo logo atrás.

Alex aproximou-se examinando o cavalo castanho-avermelhado, alto, tão esguio e elegante quanto a égua.

— É um Thoroughbred ou Puro-sangue inglês, cruzamento de nossas éguas com os Árabes, exímios cavalos de corrida. — Sorriu inocente.

— Cavalo de corrida? — Ele devolveu o sorriso.

— Sim — concordou e aceitou a ajuda para montar ajeitando-se na sela.

— Não costuma usar sela para mulheres?

— Não, eu as odeio — observou interessada a desenvoltura dele ao montar mesmo com um braço ainda na tipoia.

Jojo mexeu-se inquieto estranhando o cavaleiro, mas foi dominado primorosamente em poucos segundos.

— Sairemos da propriedade e seguiremos em direção à floresta, vai gostar. — Segurou o riso. — Que tal uma corrida até a linha das árvores?

Alexander estudou o percurso depois gargalhou gostoso.

— Não teria chance alguma, minha doce *Niavka*... Posso estar ferido, mas sou muito bom cavaleiro.

Joanne armou um sorriso irônico.

— Adoro o seu sorriso, mesmo os mais estranhos — comentou. — Vou adorar vê-lo comer poeira — cantarolou coquete e disparou na frente.

Alex demorou uma fração de segundo para descobrir o embuste. Deixou-a tomar distância, bateu de leve no pescoço do cavalo, inclinou-se e sussurrou:

— Agora somos nós dois. Dois machos contra duas fêmeas, vamos deixá-las ganhar? — Alex esporeou de leve a montaria. Jojo inclinou-se irritado com o tratamento e disparou.



— Isso são gritos?! — Sebastian franziu o cenho assim que o mordomo abriu a porta.

— Não vai botar essa mão *nimim*, seu filho *duma* vaca!

Algo voou espatifando-se no corrimão da escada, depois o médico apareceu correndo seguido por Andree protegendo a cabeça onde se notava claramente um fio de sangue escorrendo.

— O médico precisa ver o seu pé, sua... selvagem! — Apalpou o local ferido.

— *Num vai vê nada! Num vai levantá minha saia, num vai colocá os dedo nimim!*

Os dois se abaixaram quando um vaso atingiu a parede logo atrás deles.

— Dando uma festa e não nos convidou? — Sebastian ironizou.

O médico parou de tentar estancar o sangue que ainda manchava a camisa antes impecavelmente branca.

— Qual o problema? — Cam perguntou divertindo-se.

— Eu atrolei uma vendedora de flores, ela se machucou e a trouxe para receber atendimento médico.

— Vendedora de flores ou mulher selvagem? — Bastian entregou o seu lenço para o médico que o pressionou contra o corte arrancando uma careta de Andree.

— Ela está com medo — ele explicou segurando o lenço.

— Não confia em mim... — o conde gemeu.

— Por que será?! — Cameron ironizou. — Verei o que posso fazer — Retirou o sobretudo, a casaca, desatou o nó do lenço, retirando-o, bateu amigavelmente no ombro do médico. — O chamarei.

— Cam, você tem certeza de que realmente quer fazer isso? Ainda existe muito que quebrar naquele quarto.

Ele sorriu e subiu. Desviou de outro vaso e arriscou-se a colocar a cabeça para dentro do cômodo.

— Olá.

Jane virou-se tão bruscamente que acabou caindo sentada e gemendo de dor.

— Posso *ajudá* você? — perguntou usando o mesmo linguajar que Jane.

— *Num* quero ajuda — choramingou.

— Vai se *arrastá* até a cama feito uma minhoquinha? — A viu limpar o nariz na manga da camisola que vestia e o encarar desconfiada. — Olha, posso *entrá*? — Ergueu as mãos entrou vagarosamente e sentou-se no chão. — Eu sou Cameron O'Shea.

— Jane Boreen.

— Olá, Jane Boreen. Seu pé *tá duendo* muito?

A garota relaxou um pouco e esfregou o pé com uma careta de dor.

— Sabe, meu amigo Andree, bom... ele é francês... — Torceu o nariz. — Mas é muito boa pessoa e *tá* mesmo preocupado com você; até chamou um médico! Só que o *doutô* vai ter que *botá* a mão no seu pé *pra fazê* a dor *passá*.

— Mesmo?

— Mesmo.

Ela continuou encarando o homem bagunçado sentado tão à vontade no chão. Era diferente dos nobres, era mais igual a ela.

— Você fica *cumigo*? Fica aqui *du* meu lado?

— Fico. Posso *chamá* o *douto*?

— Pode. — Esticou as mãos para ele que a pegou e a depositou delicadamente na cama.

— Peraí.

Cam saiu e retornou instantes depois com o médico.

Jane aflita esticou a mão e Cameron sentou-se à cabeceira, enquanto os exames eram feitos. O pé foi imobilizado, alguns outros ferimentos sem muita importância, tratados.

— Viu? — Cameron sorriu empurrando a colher com uma pequena dose de láudano em sua boca. — Andree é um bom homem.

— Acho que é — ela murmurou.

— Então vai aceitar a ajuda dele?

— Vou.

— Ele não vai *mordê* você.

— Eu mordu primeiro se ele tentar. — Riu. — Cameron O'Shea, você fala engraçado.

— Sou da Irlanda.

— Eu conheço um monte de gente que nem você. — Bocejou.

— Irlandeses?

— É tudo boa gente... engraçados, fortes, teimosos feito mula.

— Esse sou eu...

— Podemos entrar? — Andree perguntou da porta.

— Entre, Andree. — Cam sorriu ainda segurando a mão de Jane. — Esse atrás é meu amigo Sebastian. — Inclinou-se para a garota e sussurrou: — Ele é visconde, sabe? Mas é um bom homem também. Essa é Jane Boreen.

— Muito prazer, senhorita. — Sebastian inclinou-se em saudação, mas

foi ignorado.

— Doutor Andrews disse que imobilizou o seu pé. — Andree sentou-se aos pés da cama. — E que não poderá colocar o pé no chão por um ou dois meses.

— Isso tudo?! — Jane encostou sem perceber, a cabeça no braço de Cameron.

— Logo, será minha hóspede até estar apta para retornar a sua vida. — Andree sorriu maldosamente. — *Ammm...* Cam?

— Sim, Jean?

— Ela dormiu.

Cameron ajeitou-a sobre o travesseiro, puxou a coberta e deixaram o quarto seguindo para o escritório.

— Como conseguiu dobrar a fera com tanta facilidade?

Andree entregou o copo de conhaque para Cameron depois para Sebastian.

— Irlandeses possuem a incrível capacidade de se misturar com qualquer um em qualquer lugar. — Sorriu. — Uma questão de saber falar a mesma língua.

— Alguém notou o quanto a garota é bonita? — Sebastian cruzou as pernas.

— Maltratada — Cam ponderou.

— Com certeza faria furor nos salões aristocratas — Andree murmurou observando o conteúdo de seu copo.

Cameron olhou Sebastian, os dois olharam Andree.

— Mil libras como você consegue enganar qualquer nobre. — Cameron

sorriu.

— S rio? — Andree riu.

— Duas mil libras. — Sebastian riu também.

— Vai dar trabalho — Jean Claude cantarolou.

— Até o final da Temporada — Cam estipulou.

— Extensível   próxima Temporada se algum imprevisto acontecer.
— Bastian ergueu seu copo.

— Vamos lá, Jean! Desde quando você foge de um desafio? — Cam ergueu o seu.

— Tudo bem, seus tolos! — Gargalhou erguendo o seu copo. — Mas o dinheiro será entregue a Jane no final.

— Justo — Cameron e Sebastian concordaram em uníssono.

Andree suspirou fechando os olhos.

— Estou com a sensação de estar me enfiando em um caminho sem volta
— murmurou.

— Como dizem os  rabes: *Maktub*, meu caro amigo. Estava escrito. — Sebastian sorriu.



O cavalo disparou por precisamente dez  seros metros para logo após fincar as quatro patas na terra quase catapultando Alexander para frente.

— EIA! O que houve?! — Inclinou-se para a esquerda e direita   procura

de algum obstáculo. Como nada achou, incitou a montaria.

Jojo deu dois passos adiante, parou novamente baixando a cabeça.

— Mas que diabos está acontecendo com você?!

Desmontou desengonçado, examinou as patas, a sela, os arreios, as rédeas, nada de errado. Voltou a montar.

— Escute aqui, mocinho, a dama está quase chegando às árvores. Vai me fazer perder? Vai perder para uma égua?

Jojo virou a cabeça com um relincho de desdém e retornou a marcha. Três passos e parou novamente.

— *Der'mo*^[12]! — Xingou a plenos pulmões. — Você é um Puro Sangue, por que não se comporta como um?! — Enfiou o calcanhar da bota com um pouco mais de força e quase levou uma mordida. — Ah, *Kukla!*^[13] — exclamou entredentes. — Você vai me pagar... — rosnou.

Precisamente meia hora depois Jojo chegou à clareira onde Joanne se instalara confortavelmente sob uma árvore com um livro em mãos.

— Pensei que tivesse se perdido. — Riu baixinho.

Alexander estreitou os olhos com um pequeno sorriso no canto da boca. Enfiou os calcanhares com vontade no cavalo puxando as rédeas para si. Jojo empinou assustado, ele se deixou desequilibrar e caiu sobre as folhas secas no chão. O impacto fora amortecido, mesmo assim doeu.

Alexander se manteve imóvel, olhos fechados, ouvidos atentos.

— Aí, meu Deus!

Joanne ergueu-se num pulo e correu na direção do homem desacordado, passando dedos aflitos pelo rosto abaixo.

— Alteza?! — Piscou apavorada. — Aí, meu Pai... Por favor, Alexander! Alex! Sacha! — Bateu de leve em seu rosto.

Um segundo mais tarde estava deitada presa sobre o corpo dele sem entender muito bem como tudo aconteceu.

— Você trapaceou, Joanne. Deu-me um cavalo problemático, incitou uma corrida sabendo que ganharia. — Segurou-lhe os pulsos acima da cabeça mesmo sabendo que o seu ombro doeria como o inferno depois.

— Sai de cima de mim — grunhiu irritada mais consigo mesma por saber que o corpo acima despertara sensações nela nunca sentidas antes.

— Está assustada... — Alex baixou um pouco mais o corpo.

— Eu não... Eu não... Eu não... — Arfou ao sentir o peso e a respiração dele pressionando o espalho.

— Tão linda... — Beijou a ponta do pequeno nariz. — Joanne...

Algo na expressão dele a assustava, algo que nunca vira antes, nunca experimentara antes, algo que a confundia, que eclipsava os seus pensamentos, que roubava o seu fôlego: desejo.

— Por favor... Me deixe em paz... — O encarou. — Alex, por fa...

O beijo sutil, suave, era mais uma carícia. Sua língua incitava a dela em uma lenta dança sensual até que Joanne rendeu-se ao inevitável, era uma borboleta fazendo par com uma aranha na última valsa de sua existência.

Alex a queria. Queria se enterrar no corpo macio abaixo, sentir a sua textura, provar o seu sabor; era presa fácil, de fácil sedução, nunca em sua vida desejou tanto alguém desde Irenka e de repente a realidade o atingiu tão abruptamente quanto à bala em seu ombro. Não era só desejo, havia mais por trás da atração, havia... Amor.

Amor.

Não.

Amor.

Nunca.

Amor.

Não mais.

— *Nyeth!*

Alex ergueu-se em um pulo desajeitado sentindo no corpo todo o esforço que sobrecarregara os membros machucados; sentindo no corpo toda a dor pela fome desperta que não seria saciada. Não dessa vez. Não haveria busca, não haveria entrega, não haveria prazer, não haveria rosa negra, só haveria dor.

Repentinamente Joanne se viu liberta e titubeou tal qual a borboleta conseguindo desvencilhar-se da teia desfeita pelo próprio algoz. O viu mancar até sua égua e sem olhar para trás montá-la disparando em direção a casa. Ela ficou ali até o sol chegar ao ápice, depois pegou Jojo, sabendo que teria um longo caminho pela frente.

Finalmente quando apeou no estábulo, encontrou com Marcus chegando com o coche.

— Alguém chegou? — perguntou.

— Alguém partiu — ele respondeu.

Ela franziu o nariz.

— Quem?

— O Grão-Duque.

Ela recuou um passo, levando a mão ao peito.

— Foi embora? — perguntou baixinho.

— Deixei-o na propriedade vizinha. — Marcus a observou com cuidado.
— Aconteceu algo entre vocês? Vocês brigaram?

— Não... — gaguejou, depois correu em direção a casa.

Joanne bateu a porta de seu quarto jogando-se na cama em seguida e chorando pela confusão que se enfiara, pela confusão em seu peito e em sua cabeça.



Bowell's Manor contrastava tremendamente com Rainbow Hall, que se comparado não passava de um humilde cottage. Bowell's Manor era cópia da mansão de Sebastian em Mayfair e ostentava tanto glamour quanto a mesma.

Alexander fora recebido com a mesma eficiência inerente a qualquer boa propriedade aristocrata que se prezasse; seu quarto já se encontrava pronto, roupas fora das malas, um valete à disposição. Tchoal, o mordomo, avisou-o dos horários das refeições e se pôs à disposição caso ele quisesse mudá-los.

Depois de um banho relaxante, Alexander desceu para o almoço para internar-se na imensa biblioteca da mansão. Algumas horas depois, foi interrompido.

— Vossa Alteza tem visitas.

Ele franziu o cenho, inclinando a cabeça em autorização.

— Tia Flora?! — Levantou-se, beijou-lhe as mãos e a fez sentar-se. — Aconteceu alguma coisa com Joanne? — Ocupou o lugar ao lado.

— Aconteceu? — Ela sorriu.

Um criado entrou carregando um carrinho com um samovar ^[14]em prata, xícaras e pequenos pedaços de bolos junto com uma variação enorme de sanduíches.

— Tchoal nos instruiu quanto aos vossos hábitos, Vossa Alteza. — O

criado inclinou-se e saiu.

Flora ia servir, mas foi detida por Alex, que fez as honras da casa.

— Eu não entendi, *mamouska*.

— Você retornou com a égua que Joanne montava e ela com Jojo, que por sinal, foi muita maldade... — Abafou o riso. — Depois você entrou em casa transtornado avisando que precisava seguir para a propriedade de seu amigo com urgência. Nós pensamos que talvez algo de ruim houvesse acontecido. Joanne chegou muito depois, largou a montaria, correu escada acima chorando, bateu a porta do quarto e não atende ninguém. Logo, foi uma mera questão de matemática.

Aceitou a xícara oferecida.

— Matemática? — Alexander recostou-se com sua xícara na mão.

— Sim, Sacha. Veja: $1 + 1 = 2$. Você transtornado + Joanne chorando = algo aconteceu. — Riu.

Ele suspirou, pousou a xícara ao lado e levantou-se indo em direção à janela.

— Estou contente com o meu estilo de vida, *mamouska*.

— Não, não está — rebateu num murmúrio.

— Sem compromissos, sem me prender a ninguém, sem complicações decorrentes a sentimentos desnecessários que nada mais fazem a não ser trazer dores de cabeça.

— Filho, não acha ser um pouquinho tarde para me dizer isso? A quem quer convencer?

— Tia... — chiou gesticulando. — Eu não quero outro relacionamento.

Ela sorriu condescendente.

— Ah, Sacha... Você não vê? Pode escapar de estar perto de Joanne, mas poderá escapar do que descobriu sentir por ela?

Alexander não soube responder. Um gesto de total desorientação, um pedido mudo de socorro foram as únicas coisas que tia Flora recebeu como resposta.

Ela correu carinhosamente os dedos pelas clássicas linhas de seu rosto agora marcado por rugas antes inexistentes e voltou a sorrir.

— Estou errada?

Um par de olhos azuis se voltou para ela.

— Estou?

Um suspiro.

Um menear de cabeça.

— Está certa.

— Logo, o que pretende fazer?

— Sou um libertino, *mamouska*. Vincular-me a Joanne seria levar vergonha para ela e sua família.

— Libertinos são ótimos maridos quando decidem mudar — ponderou.

Ele voltou a suspirar retirando a xícara de suas mãos e servindo mais chá.

— Além do mais, você não conhece a família de Joanne e quando conhecer se surpreenderá. Eles são tudo, filho, menos aristocratas tradicionais, apesar dos Neddlethorn serem um dos nomes mais tradicionais do Reino.

— A senhora não compreende... Sempre haverá suspeitas.

— Trairia Joanne?

— Não, nunca! Mas os fantasmas de meu passado sempre estariam presentes. Joanne poderia ser confrontada por algum desafeto antigo, isso só traria sofrimento e não quero vê-la sofrer.

— Ela já está sofrendo, criança. Está sofrendo por sentir algo que nunca sentiu antes, está assustada com a intensidade das sensações que você despertou. Pela primeira vez, a minha menina encontrou quem tanto esperava encontrar. Está sofrendo porque se apaixonou por um russo que aparenta ter gelo nas veias e na verdade possui um fogo interior à espera da centelha certa que o reviva e esta centelha é Joanne. O duque de Gelo nada mais é que uma armadura na qual ela conseguiu penetrar mesmo sem se dar conta. Venha tomar chá comigo na semana que vem.

— *Mamouska...* — A encarou com ar zombeteiro.

— Recusará o pedido desta velha que tanto o ama?

Ele riu gostoso.

— Nunca deixaria de aceitar a um convite feito por uma dama tão encantadora. — Beijou sua mão.

— Não me seduza. — Puxou-lhe a orelha. — Tenho idade para ser sua avó.

— A verdadeira juventude vem do coração. — Sorriu esfregando a orelha.

— *Oh, my!* Você é um perigo, menino! — Gargalhou.



04

O que faz um libertino bem-sucedido? Beleza? Poder? Riqueza? Isso ajuda claro, porém passa longe de ser o ponto primordial daquilo que o diferencia dos outros homens: uma sensibilidade aguçada e principalmente um profundo conhecimento da alma feminina.

Autênticos libertinos são exímios observadores da postura corporal, ainda mais quando o sexo oposto articula uma coisa e o corpo expressa outra totalmente diferente. Farejam uma partícula ínfima de frustração no meio de um oceano de sorrisos dissimulados e como um bom predador, sabe a hora e o local exatos para atacar. Muitos poucos reconhecem o momento certo de recuar, neste caso, uma boa percentagem já não faz parte do plano terreno. Pecar por soberba, excesso de confiança ou se achar indestrutível é receita certa para o desastre; erros não são admitidos quando a possibilidade de estar na mira de um revólver nas primeiras horas da manhã é verídica. Duelos com maridos traídos sempre terminam de três maneiras: ou o oponente morre, ou o libertino morre, ou morrem os dois. A regra da tentativa de apaziguamento certamente não será aplicada nesse caso, o ofendido continuará ofendido por mais que o ofensor se diga inocente e a honra só será lavada quando sangue for derramado.

Alexander sorriu. Desde que chegara a Paris com Sebastian, nunca fora pego em flagrante, bom, pelo menos até cometer o erro de postergar sua saída dos braços da baronesa. Erro primário e agora pagava por ele.

A tarde chegara com o céu cinza, nuvens baixas, uma inevitável

expectativa de chuva. Sentia a mudança em seu joelho e em seu ombro como se seus ferimentos fossem barômetros internos, o que foi confirmado por César, garanhão que montava que escavava o chão impaciente e logo após ergueu o focinho, narinas dilatadas, possivelmente sentindo o cheiro da chuva que se avizinhava.

Alex ajeitou-se sobre a sela, acarinhou o pescoço do animal dizendo algumas palavras em russo, sua atenção presa à pista de treinamento mais abaixo da colina que delimitava *Bowell's Manor* de *Rainbow Hall* onde Joanne treinava um cavalo negro. Por um momento a viu parar e virar a cabeça em sua direção para retornar a rotina realizada.

— *Sim...* — Pensou. — Manter distância é a coisa certa a fazer — comentou em voz alta levando as orelhas de César a se moverem na direção do som. — Ela merece um homem melhor, não um dissoluto como eu.

César relinchou em protesto.

— Como assim não concorda?! Gostaria que a fêmea que escolhesse fosse encurralada pelas outras fêmeas que você cruzou anteriormente?

César virou a cabeça em sua direção e espirrou.

— Não ia querer que isso acontecesse, certo?

Outro relincho acompanhado de um menear afirmativo de cabeça.

— Que bom que concorda. — Distribuiu tapinhas carinhosos até ser alertado por outro relincho. — O quê?! — Ergueu os olhos do cavalo.

Joanne subia a colina montada no cavalo preto, sem sela ou rédeas; seus cabelos soltos pelo vento que aumentara depois de arrancar-lhe o chapeuzinho fizeram Alexander abrir a boca diante do quadro. Ela acercou-se dominando com perfeição sua montaria com somente uma mão agarrada à crina, enquanto a outra tentava retirar algumas mechas que grudaram em seu rosto já que agora a chuva se fizera presente.

— Vossa Alteza! — exclamou arfante pela corrida sem disfarçar o tom sarcástico pelo tratamento.

— Lady Neddlethorn, que surpresa agradável encontrá-la em condições tão favoráveis para se cavalgar.

Um raio caiu perto assustando os cavalos que foram dominados.

— O que faz parado por tanto tempo aqui?

— Passeando. — Sorriu.

— Está em minha propriedade, Alteza.

— Oh, isso caracteriza invasão?! — Inclinou a cabeça, divertido.

Ela trincou o maxilar, estreitou os olhos lutando contra o cabelo solto que teimava em grudar onde não devia.

— Mais parecia que me espionava.

— Isso seria perigoso se fosse Jean Claude, aí sim você poderia suspeitar de espionagem, mas pelo que me consta, nossos países estão em paz, não?

— O que quer, Alex?

Ele deixou escapar um sorriso escancarado.

— Usou meu primeiro nome... Joanne.

Ela se ajeitou sobre a montaria, adorava a maneira como ele pronunciava algumas palavras, ainda mais seu nome.

— O que quer afinal das contas?

— Sacha.

— O quê?!

— Use Sacha. Só meus amigos mais íntimos e minha família me chamam assim.

— Não sou sua amiga íntima.

— Ainda.

Alexander correu os olhos pelo vestido azul, ensopado que mostrava cada curva, vale e montes antes escondidos. Seu coração disparou novamente, segurou-se na sela para não arrancar Joanne de cima de sua montaria e carregá-la para qualquer lugar onde pudesse dar o que queria e que sabia ela ansiava por ter.

— Também não sou de sua família...

— Ainda não.

Alex deixou César aproximar-se do que descobriu ser uma égua, e emparelhou as montarias. Agora ela estava a distância de um braço somente.

—Não quero vê-lo me espiando — resmungou retirando mais mechas do rosto.

— Você é linda, Joanne, e monta como um homem.

— Isso é um elogio?! — Lutou um pouco mais com o cabelo.

Alexander aproveitou a distração; livrou o braço da tipoia, inclinou-se para o lado e a puxou para cima de César que relinchou em justo protesto.

— Isso é um elogio, *Niavka*. — Segurou-lhe o rosto entre as mãos, empurrou as mechas para longe e a beijou. — Quero você... — sussurrou em seu ouvido. — Meu Deus, como eu a quero!

Ele correu os lábios do lóbulo da orelha até a boca e quase enlouqueceu quando ela mergulhou os dedos em seus cabelos.

— Vem comigo... Estamos encharcados, correndo o risco de uma pneumonia ou de sermos atingidos por um raio. — Beijou-a de leve e afastou

a cabeça o suficiente para olhá-la. — Me deixa dar o que você quer, Joanne.

Encostou sua testa na dela.

— Acha que sou tão fraca assim para cair em sua cama? Acha que só por que não me casei até agora, estou tão desesperada assim para me entregar ao primeiro que aparecer ainda mais sendo ele o que é?

O cenho dele franziu, o sorriso morreu.

— Eu sou somente Sacha para você, Joanne. Sem mentiras, sem subterfúgios.

— Crê realmente que eu vá acreditar em você?! — Joanne conseguiu se desvencilhar e passar de volta para o seu cavalo. — Com a fama de seus amigos e a sua, depois de quase ter morrido nas mãos de um marido enganado, ainda acha que devo dar-lhe alguma credibilidade?!

— Nunca menti para você.

Ela ironizou abertamente.

— Por que resolveu grudar no meu pé? Você tem o mundo inteirinho para seduzir!

— Nenhuma delas se iguala a você, Joanne.

— Sei — resmungou novamente. — Entendo... Sou um desafio a ser vencido e descartado assim que conseguir o que quer.

— Eu...

Alex passou a mão pelos cabelos e a língua pelos lábios, olhou ao redor como se pudesse encontrar uma saída melhor do que aquela que estava prestes a pegar.

— Você?

— Eu... — Suspirou cansado de lutar contra si mesmo. — Eu me

apaixonei por você, *moy malen'kiy Niavka*.

Joanne arregalou os olhos.

— *Ya lyublyu tebya*. — Fez César emparelhar novamente e a viu abrir uma distância segura.

— Não entendi... — balbuciou confusa.

— Eu amo você. — Alexander parou e esperou.

Joanne lembrou-se de respirar quando achou que iria morrer pelo que ouviu. O que veio a seguir o pegou totalmente desprevenido.

— Sacha.

Alexander sorriu esperançoso.

— Nem que fosse o último solteiro de todo o mundo eu me casaria com você!

O sorriso morreu.

— Você não presta! — Gesticulou fora de controle. — Achou realmente que acreditaria no que disse?!

— Abri meu coração, Joanne.

— Você não tem coração.

— É mentira...

— Você é tão frio quanto a sua terra, Vossa Alteza. Agora, se puder fazer o imenso favor de me esquecer...

— O que falei é verdade — murmurou. — Eu não havia falado isso para mais ninguém desde que minha esposa Irenka foi assassinada. Você foi a única mulher com que eu me importei depois dela, Joanne. Eu sinto muito se a ofendi.

Alex puxou as rédeas de César para o lado e disparou de volta à Bowell's Manor.



Uma semana mais tarde...

Tchoal meneou a cabeça surpreso com a mudança radical de comportamento do grão-duque. Aproximou-se cuidadosamente, pigarreando para alertá-lo de sua presença.

- Correspondência, Vossa Alteza. Devo mandar preparar César?
- Mirou o traje impecável que ele vestira.
- Por favor.

Alexander pegou o envelope da bandeja de prata esticada em sua direção e abriu-o. Estava em cirílico como Sebastian e ele costumavam usar para corresponder-se.

Sacha,

Espero que esta o encontre melhor dos ferimentos.

Por aqui a mesma rotina da Irmandade, você sabe sobre o que me refiro.

Os rapazes andam saudosos das reuniões no White's, você faz falta, irmão.

As piadas de Cameron andam sem graça devido à falta das suas observações ácidas, Andree atropelou uma vendedora de flores e a adotou. A

garota é selvagem, Sacha, apesar de uma beleza rústica que deixaria muito de nossas conquistas com queixo caído. Isso acabou gerando uma aposta: Jean tem até duas Temporadas para transformar a fera na mais nova sensação da aristocracia; em suma: ela terá que enganar a todos, logo, tomei a liberdade de incluí-lo na aposta com um valor de três mil libras.

Ah, nosso conde altruísta nos fez jurar que caso nosso embuste for bem-sucedido, a soma total será entregue para a referida pupila. Vai gostar dela, Sacha. Parece-me que a garota nutre um desejo homicida pelo que chamou de Ispião francês filho duma mula caolha, gosta muito de Cameron, o qual costuma chamar de Irlandês dos inferno e este que vos escreve é totalmente ignorado, golpe pesado em meu orgulho masculino e minha reputação dissoluta.

Soubemos por fontes fidedignas que o barão de Lochlann e sua encrenca retornaram de vez para a Escócia. Dizem línguas maledicentes que ele a pegou na cama com outro amante, um duelo foi realizado, o ofensor morto, mas as autoridades foram alertadas, então o barão resolveu trocar as suaves rosas inglesas pelos espinhosos cardos antes de sofrer as sanções previstas em lei. Está livre, irmão. Se quiser voltar, o campo de caça encontra-se à sua disposição e nossos braços saudosos, abertos.

Avise-nos quando chegará. Até lá, a Irmandade manda-lhe os mais sinceros votos de carinho. Deus tenha piedade de nossas almas, já que o inferno nos espera.

Seu irmão,

Bastian.

Alex fechou a carta com um sorriso. Nada mais o prendia ao campo, havia muito a fazer em Londres, novos desafios, novos braços suaves e pernas macias para fazê-lo esquecer de Joanne. Sim, não valia a pena sofrer como sofreu por Irenka. Ele a esqueceria, seguiria com sua vida como ela sempre foi: perfeita. Guardou a missiva no bolso do colete, pegou suas luvas e seguiu para seu compromisso em Rainbow Hall.



Tia Flora passou apressada pelo corredor quase esbarrando em Marcus.

— Alguma razão especial para tanta pressa?

— Temos convidado para o chá. — Sorriu.

— Deixe-me adivinhar... Russo?

Ela riu.

— Joanninha sabe?

— Espero que descubra quando descer. Vai se juntar a nós?

— Tenho que resolver alguns entraves com um provável comprador de quatro éguas. — Fez uma careta. — Além do mais, a última coisa que quero é ser um estorvo.

Marcus ganhou um beijo na testa e se foi.

Alguns minutos mais tarde, o mordomo anunciava a chegada do visitante. Alex entrou na sala carregando um lindo buque de rosas brancas.

— *Mamouska!* — Entregou as flores e beijou sua testa.

— Filho meu, quantas saudades. Para mim ou para Joanne?

Ele fechou o semblante.

— Para minha mãe inglesa.

— São adoráveis, obrigada. — Apontou para o sofá e sentou-se ao lado.
— Então? O que anda fazendo?

— Estou de partida para Londres, *mamouska*. Precisava despedir-me apropriadamente.... — Ia contando ao ser interrompido.

Joanne entrou na sala com o entusiasmo de uma carga de cavalaria para empacar logo depois, como um bando de jegues transloucados ao ver quem fazia companhia a governanta.

— Queria me ver, tia?

— Temos um convidado para o chá, não vai cumprimentá-lo?

Ela evitou encarar Alexander, mas abaixou em saudação.

— Alex — murmurou.

— Lady Neddlethorn — Alexander rebateu secamente inclinando a cabeça.

Joanne ergueu os olhos, vermelha e sem graça pelo tratamento recebido. Sentou-se na poltrona oposta ao sofá com um suspiro.

— Eu sirvo, tia Flora.

Pegou a primeira xícara.

— Quando pretende viajar, filho?

— Amanhã, *mamouska*.

Joanne deixou cair uma colher no chão.

— Vai viajar? — perguntou surpresa.

— Sim.

— Quando volta?

— Não volto — retrucou girando em direção a senhora. — Posso tomar a liberdade de escrever-lhe?

— Com certeza — Joanne respondeu.

— Perdoe-me, Lady Neddlethorn, a pergunta foi dirigida à tia Flora.

— Claro que sim, meu anjo. — Quase riu com a reação de sua menina.

Joanne tentou manter-se impassível, porém conforme os minutos corriam mais sua aflição aumentava. Quando pôr fim Alex levantou-se para despedir-se, beijou tia Flora, enquanto ela ganhou um mero meneio de cabeça, ao contrário das regras de boa conduta. Não aguentando mais, deixou escapar.

— Podemos conversar?

Ele a encarou.

— Sinto estar atrasado para outro compromisso, o que me deixa com muito pouco tempo para qualquer tipo de prosa, porém poderia ter a gentileza de ser portadora de meus mais sinceros agradecimentos pela ajuda que Marcus me proporcionou? Extensíveis a milady, obviamente.

— Qual o motivo do tratamento tão frio? — Armou um bico.

— Minhas origens, milady. — Gesticulou, agradecendo o sobretudo que o mordomo o ajudou a vestir. — Não recebi o apelido de duque de Gelo à toa, compreende? — Aproximou-se, inclinou-se em saudação, sem, contudo beijar-lhe a mão. — Com licença.

Alexander seguiu em direção ao cavaliário que segurava sua montaria.

— Alex, espera. — Ela o seguiu.

Ele montou.

— Alex...

Ele agradeceu ao serviçal.

— Sacha!

Ela esperou que ele virasse, mas Alexander saiu a galope deixando Joanne com uma enorme sensação de perda e vazio.



Alexander chegou a Londres no fim do dia, seguiu direto para o White's onde para sua surpresa, carecia dos três mais dissolutos membros tão bem conhecidos. Passou na residência de Sebastian e foi informado que o visconde estaria com o conde.

Marceau recepcionou o grão-duque com uma carranca emburrada. Gritos ao fundo foram seguidos de ecoar de louça quebrada; um prato atravessou o corredor adiante para se espatifar na parede do cômodo oposto. Na sequência, Cameron apareceu gargalhando, Sebastian esfregava a testa onde um calombo um pouco menor que uma bola de tênis dava o ar da graça e por último Andree que usava uma bandeja à guisa de escudo.

— Resolveram atacar em bando?

Os rapazes se viraram ao mesmo tempo.

— SACHA! — Ecoou em uníssono e o abraçaram.

— Se vocês acha que eu vou *fica* comendo do jeito esquisito de vocês, *tão* muito enganado! Eu *tô cum* fome, quero *cumida*! Isso é maldade!

Os cavalheiros recuaram automaticamente quando um prato foi arremessado em sua direção.

— Tenho medo de perguntar o que está acontecendo — Sacha comentou com uma leve careta divertida.

— Todos temos medo da raiz desta resposta. — Sebastian pulou quando a molheira se espatifou bem do seu lado.

— O irlandês dos *inferno*!

— Quem?! — Alex gargalhou.

O francês e o inglês apontaram para um irlandês com um ar muito satisfeito com o quadro geral.

— Cameron O'Shea! *Mi ajuda?*!

— Calma, *mulhé*, já *tô indu*! — Cam respondeu.

— *Já tô indu?*! — Alex ergueu as sobrancelhas. — E eu que pensei que meu inglês era ruim... — ironizou.

— Ah, Cameron é poliglota com especialização em línguas exóticas — Andree retrucou puxando Bastian e Alex para um local mais seguro enquanto Cam seguiu para tentar acalmar os ânimos.

— Na verdade Andree atropelou uma pobre vendedora de flores em Rotten Road. A garota se machucou...

— E eu resolvi ajudar.

— Que bom samaritano! — Alex bateu de leve no ombro do amigo depois de receber uma taça de Porto.

— Pensei que tivesse recebido minha carta.

— Recebi, mas precisava ouvir a história contada ao vivo. Como poderia dar meu toque de ironia se não presencialmente? — Riu. — Ela realmente é tudo isso que você escreveu? — perguntou a Bastian.

— Venha e verifique por si próprio. — Andree retirou a taça de sua mão.

Entraram na sala de jantar que em algum período já fora arrumada. Cameron em pé tentava convencer uma garota a aceitar as aulas de etiqueta do francês. Andree tomou à dianteira.

— Jane Boreen, gostaria que conhecesse um grande amigo nosso, o grão-duque Alexander Dmitriy Pyoit Georgiy Sotchi.

Ela arregalou os olhos, o encarou boquiaberta para depois recuar mancando para trás de Cameron.

— Milady, encantado.

Alex tentou aproximar-se e a viu se encolher por trás do irlandês.

— Alex *num morde*, Jane.

— Mas assusta! — murmurou arrancando risadinhas discretas.

Sacha deixou escapar um comentário em russo levando Sebastian a gargalhar.

— *Qui droga di língua é essa?! Qui que ele é?*

— Sou russo, milady.

— Num *cunheço* isso não!

— Alexander veio de um país muito distante — Andree explicou.

— Num falo com *ispião* francês! — resmungou com uma careta. — Manda ele *imbora*, Cameron. Ele é *bunito* feito o demônio, mais assusta feito ele! — Escondeu-se um pouco mais atrás de seu novo amigo.

— Venha, Vossa Boniteza! — Sebastian o puxou e piscou para Cam.

Juntos retornaram a outra sala.



Marcus encontrou Joanne enfurnada no gazebo, livro na mão, olhar perdido. Sentou-se ao lado da moça, retirou o livro e segurou-lhe as mãos.

— O que fez com a minha Joaninha?

Ela ergueu olhos chorosos, mas não falou.

— Não estou reconhecendo mais a garota que conheci desde criança: a personalidade forte, a teimosia, o espírito de luta. — Limpou-lhe as lágrimas. — Eu esbarrei com Alexander quando voltava para *Bowell's Manor* e conversamos um pouco. Ele me contou que abriu seu coração, confessou estar apaixonado e foi rejeitado. Contou também que recebeu uma carta dos amigos avisando que as complicações em Londres terminaram, logo, não tendo nada que o segurasse aqui resolveu retornar. — Suspirou. — Ah, Joanne! Se você gosta dele tanto quanto essas lágrimas que derrama desde que foi embora, volte para Londres e lute por seu amor. Pior do que perder, é nunca ter tentado conquistar.

— Alex foi tão frio... — Soluçou. — Eu quis conversar, ele arranhou uma desculpa rota, me deu as costas e se foi.

— Há de convir que você provocou isso. — Sorriu.

— É que eu não sei! — Sacudiu os braços. — Alex é um libertino, Marcus!

— Tia Flora disse que libertinos são ótimos maridos quando aquietam. Pode confiar, ela sabe... — Riu. — Jeffrey foi um deles, ela me contou.

— Tio Jeffrey?!

— O próprio.

— Mas e se papai não aceitá-lo?

— Milorde John? Esqueceu-se de como é sua família, Joanne?

— Eu não sei se continuarão *tão* liberais assim quando souberem que é o meu pretendente.

— Então por que sofrer por antecedência? Por que pensar o pior?

— Quem me garante que Alexander será fiel?

— Ninguém a não ser você mesma. Acorrente-o ao seu coração e jogue as chaves fora; tenho certeza que nunca mais haverá outra mulher na vida desse russo.

— Tenho medo...

— Do quê?! De se machucar? Amor machuca, Joanne. Só acho que permanecer internada no gazebo, chorosa, fingindo que está tudo bem, não vai trazer felicidade alguma. Vamos lá, minha Joaninha! Anime-se, erga a cabeça, abra o seu coração e vá à luta!

Marcus levantou-se, puxando-a para um abraço apertado.

— Gosto muito de bolos de casamento — sussurrou em seu ouvido. — Devo preparar a carruagem?

— Partirei daqui a dois dias. — Sorriu. — Obrigada, meu irmãozinho!

— Tudo o que desejo é que você seja feliz, Joanne, porque você merece ser feliz. — Beijou-lhe a testa. — Almoça conosco?

— Estou com fome...

— Aleluia, irmã! — Gargalhou estendendo-lhe o braço.



Um samovar antigo os esperava quando retornaram a outra sala. Alexander deixou escapar um sorriso ao ver a valiosa peça com que presenteara Andree em seu aniversário.

— Você me viciou em usá-lo. — O francês riu seguindo na direção das xícaras e iniciou o serviço.

— Como se sente? — Sebastian perguntou recebendo a xícara de Andree.

— Sem bengala, sem tipoia, quase novo. — Pegou a sua xícara. —

Spasibo — agradeceu.

— Sorte sua ter alguém por perto quando do ataque. — Andree sentou-se.

— Sim, foi.

— Disse que ficou com os Neddlethorn? Eles são bons vizinhos. Quem o socorreu?

Alex olhou os amigos.

— O administrador da propriedade do Marques e alguém da família.

— Quem? — Bastian perguntou.

— Alguém.

Os rapazes se entreolharam.

— Quem? — Bastian insistiu.

— Eu já disse: alguém.

— Alguém quem? — Andree gargalhou.

— A filha mais velha do Marques — respondeu à contragosto.

Andree olhou para Sebastian com um ar divertido.

— E?!

— E eu não tenho nada para comentar sobre esse assunto — respondeu mal-humorado.

Os rapazes sorriram com a mudança repentina de humor, indicação certa que algo acontecera.

— Hum... — Sebastian mirou o chá no fundo da xícara com um ar desinteressado. — Não me recordo muito bem... A filha mais velha é bonita?

Alexander não respondeu.

— Esse alguém é o mesmo alguém que deixou a marca dos dedinhos em seu rosto no último baile? — Andree espetou.

Alex bufou, mas acabou por concordar.

— Então você a beijou! — Cameron encostado ao batente da porta, riu.

— Onde está Lady Boring? — Andree inclinou-se para o corredor.

— Chama a garota de *boring*? Pensei que fosse Boreen. — Alexander ficou satisfeito pela oportunidade de mudar de assunto.

— O trocadilho foi infame. — Cameron serviu-se do chá. — Jane foi para seu quarto. Sacha a assustou de verdade.

— Eu?!

— Ah, sim. Ela o comparou ao filho do próprio Senhor dos Infernos — explicou irônico.

— Chegou muito perto da verdade — Alexander murmurou.

— Não desvirtue o assunto, Andree. — Sebastian chegou para o lado para dar lugar ao irlandês. — E não aconteceu nada de interessante durante sua permanência forçada?

Alexander não respondeu.

— Sacha? — Andree inclinou a cabeça.

— Estou cansado da viagem, amanhã nos encontramos no White's.

Levantou-se esfregando o joelho dolorido pelo sacolejo do percurso. Os rapazes se ergueram.

— Baile amanhã. Tomei a liberdade de confirmar sua participação já que não sabíamos quando voltaria; seu convite deve estar em sua casa —

Sebastian avisou apalpando o calombo em sua testa.

— Não irei.

Cam mirou Bastian por um dos ombros do russo.

— Madame Constani estará presente. Oportunidade perfeita para alargar a diferença no placar de conquistas.

— Não me interessa — respondeu e seguiu na direção do corredor onde foi ajudado pelo mordomo a vestir o sobretudo.

Três pares de sobrancelhas ergueram-se sobressaltadas.

— Amanhã no Whites's, então — Sebastian respondeu com uma discreta careta divertida. — Melhor me retirar também. Cameron, você quer uma carona?

— Adoraria. — Virou-se para o francês. — Tenha paciência com Jane, Jean. Ela é uma boa garota, verá isso quando a conhecer melhor — pediu e saiu atrás dos amigos.

No meio do trajeto para sua casa na carruagem do visconde, Cameron disparou:

— Sacha está muito estranho.

O amigo deixou sua observação das pessoas que desfilavam nas calçadas virando-se com um sutil gesto de impaciência.

— Sacha infringiu a primeira e mais importante regra que rege a Irmandade da Rosa. — Sebastian passou a mão retirando um pequeno caco de porcelana que grudara em sua calça.

— Não pode ser.

— Sacha apaixonou-se — Sebastian respondeu em tom casual.



05

Elizabeth ergueu os olhos do bordado pedindo que os céus lhe mandassem um pouco mais de paciência. À frente Charlotte travava um embate caloroso com Matthew a respeito de sua valsa com lorde O'Shea no baile da noite passada enquanto Joanne sentada ao lado de Leonard, fingia ler.

— Só por cima de meu cadáver você arrastará o nome dos Neddlethorn para a lama! — rosnou circulando a irmã como um lobo faminto prestes a atacar.

— Foi só uma valsa e ele se comportou como um perfeito cavalheiro! — Cerrou os punhos rebatendo com dentes apertados.

— Qualquer dança, Charlotte. Ele é um libertino! Nós não dançamos com libertinos!

— Certamente você não — Joanne ironizou. — Ele a beijou? Propôs coisas indecorosas? Apertou-lhe entre seus braços?

— Joanne! — Leonard gemeu.

— Não, Jo. Foi uma simples dança respeitosa. A única coisa que disse foi: *Milady está muito bonita hoje, com certeza arrasará muitos corações nesta Temporada.*

— Viu?! — Matthew gesticulou revoltado.

— Isso não foi uma proposta para ir aos jardins. Foram comportadas e gentis palavras enaltecedoras! — Elizabeth intercedeu.

— Viu, seu... estúpido! — Charlotte avançou para cima do irmão mais velho. — Além do mais, se continuar a assustar todo homem que se aproximar, eu vou acabar como Joanne: encalhada!

Para Joanne essa foi a gota d'água: o livro foi ao chão e ela deixou a sala em passos apressados para se refugiar em seu quarto onde poderia dar vazão aos sentimentos tempestuosos que a assaltavam desde que esbarrou com Alexander naquele maldito baile.

— Filha?

Elizabeth entrou fechando a porta atrás de si; sentou-se à beira da cama puxando sua mais velha para o abrigo de seus braços.

— Sua irmã não falou por mal, não foi de coração, querida. — A fez sentar-se e limpou-lhe as lágrimas.

— Mamãe?

— Sim?

— Como soube que o papai era o homem certo?

Elizabeth sorriu.

— Quando teve a audácia suficiente para me roubar um beijo.

Joanne fungou.

— Ele roubou um beijo?! — Deitou a cabeça no colo materno.

— Sim, na sacada da mansão que dava para o jardim. — Acarinhou os cabelos abaixo.

— Mamãe?

— Foi bom?

Joanne ergueu os olhos e corou.

— O beijo, Jo... foi bom?

— Foi... — Suspirou.

— E essa é a razão de ter seguido para Rainbow Hall? Para fugir?

— Sim...

— Por quê?! — Riu. — Por acaso esse seu príncipe encantado é velho e verruguento?

— Não. — Limpou o rosto. — Ele é lindo... — Sorriu molhado.

— Então qual o problema? Existe algo grave que a impeça de aceitar a corte do rapaz?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Ele é noivo?

— Não, mamãe.

— É casado?!

— Não, mamãe! — gemeu horrorizada.

— Então?!

— Ele é o duque de Gelo — mastigou a resposta.

— Quem?!

O tom mais surpreso que escandalizado de sua mãe a relaxou um pouco.

— O grão-duque de São Petersburgo... — quase sussurrou.

— Ah...

Elizabeth levantou-se, indo até a janela.

— Sim... entendo... — Levou uma mão até o coração. — E vocês... vocês...

— O quê?!

— Ele... ele a seduziu? — perguntou temerosa.

— Não, mamãe! Alexander sempre me respeitou.

— Graças a Deus! — Respirou aliviada. — Quando receberemos a visita?

— Eu o repudiei.

— Então não gosta dele.

— Eu gosto.

— E o repudiou?

— Estou confusa! — Joanne levantou-se abrindo os braços em um gesto de desespero. — Ele tem uma reputação ruim, mamãe. Eu não sabia se vocês o aceitariam ou não.

— Está me vendo descabelada?

— Não. — Riu. — Mas papai...

— Deixe John comigo.

— E Matthew. A senhora viu como ele reagiu por Charlotte ter dançado com um deles.

— Um passo por vez, Joanne. O importante agora é: você realmente gosta dele?

— Sim, mamãe.

— Mas o repudiou.

— Sim...

— E acha que poderá reverter o quadro a seu favor agora?

— Eu não sei.

— Vai pelo menos tentar?

— Acha que valeria a pena?

— Ele se declarou?

— Sim.

— Então vale a pena. Amar sempre vale a pena. Além do mais tia Flora sempre conta que tio Jeffrey era um dos maiores libertinos de sua época e foi convertido em um marido fiel e apaixonado. — Abriu os braços. — Temos um baile na semana que vem. — Empurrou algumas mechas teimosas para trás da orelha dela. — Que tal usar aquele meu vestido azul com estrelas em prata?

— Ele é lindo, mamãe.

— Venha, vamos ver se precisará de ajustes.



Por mais que a Irmandade pressionasse, Alexander tornou-se um membro arredo, o que deu ampla vantagem para que os rapazes comesçassem a diminuir a confortável margem que o mantinha na liderança de conquistas. Por outro lado seu comportamento além de gerar especulações diversas não só por parte da aristocracia que espantada acolhia um trio em seus salões ao invés do tradicional quarteto, mas principalmente pelos amigos preocupados

com a total apatia do afamado duque de Gelo.

Tudo teria tendido ao marasmo se Cameron não tivesse uma ideia. Aproveitando-se da ausência de Alexander, atrasado para o encontro do White's, ele explicou:

— Levando-se em consideração a possibilidade de Sacha realmente estar apaixonado pela garota mais velha dos Neddlethorn, por que não ajudá-lo?

— Quer que façamos papel de cupido? — Andree gargalhou gostoso.

— Somos ou não uma irmandade?! — Cameron piscou.

— Sim, mas será que devemos nos intrometer? — Sebastian perguntou indeciso.

— Se intrometer no quê?

Eles se viraram na direção de Alex que acabara de chegar.

— Na maneira com que Andree trata a pobre vendedora de flores — Cameron respondeu rápido.

— Não quero vocês se intrometendo nos meus assuntos — Jean Claude bufou irritado. — Já não chega Cam ter assumido o papel de anjo protetor?!

— Jean, você está falando em francês. — Alex sorriu.

— Só fala em francês quando fica nervoso, irritado ou quando está com suas amantes. — Bastian sorriu em retorno.

— E não somos suas amantes. — Cam riu baixinho.

— Evitaremos influenciar sua cria — Alexander afirmou.

— Agora, em relação ao baile da semana que vem... — Cameron parou por trás de Alex e gesticulou incentivando Sebastian a falar.

— Soubemos que os Neddlethorn estarão presentes — ele comentou

casualmente.

O grão-duque continuou impassível.

— A Irmandade está incompleta sem sua companhia, Sacha — Andree murmurou.

Alexander mirou cada um dos rapazes.

— Vocês estão certos, ando em falta com a Irmandade. Irei ao baile com vocês.



Uma semana mais tarde, Baile do Barão de Ashworth.

Sebastian arriscou um olhar para a porta com o relógio na mão. Balançou negativamente a cabeça para Andree e Cameron e os três resolveram seguir na direção do salão de jogos. O campo de caça encontrava-se escasso, com potenciais presas devidamente acompanhadas por seus pares. Debutantes perambulavam em bando de um lado ao outro abrindo uma distância considerável do trio predatório.

Em um canto mais afastado Joanne notou quando os três rapazes se retiraram do salão. Um burburinho ecoava pelas rodas femininas dizendo que algo de muito estranho deveria ter acontecido com o duque de Gelo para manter-se afastado dos salões e da companhia dos amigos. Ela seguiu para a mesa de bebidas, pegou uma limonada e foi então que o viu.

Alexander acabara de chegar e fora anunciado. Uma onda de expectativa varreu o salão tal qual uma ventania em folhas de outono: mães procuravam por suas filhas, viúvas sorriram por trás dos leques, os casados demarcaram território, os solteiros o olharam com um toque de inveja. O barão, acompanhado de sua esposa alguns anos mais nova veio ao seu encontro e

um minuto depois. Alexander dançava com a anfitriã, porém, quando ao girar da valsa, viu Joanne perto da mesa de bebidas, tropeçou errando o passo quase derrubando a baronesa.

“Moy malen'kiy Niavka... Por Deus, Joanne, você está deslumbrante!” Pensou.

O vestido em veludo azul-escuro contrastava com a palidez de sua pele e as estrelas bordadas em prata a transformavam em uma deusa pagã, como se a própria Lua tivesse assumido a roupagem humana.

“Não... Preciso manter distância. Qualquer outra mulher menos ela; menos Joanne.” Ponderou.

— Vossa Alteza?

Ele mirou confuso a garota abaixo.

— A valsa acabou.

— Mil perdões, baronesa.

Inclinou-se agradecendo e escoltou-a até o barão.

Joanne acompanhou o lento desenrolar da dança sem fôlego. Alexander trajava um impecável fraque preto, calças justas da mesma cor, camisa branca de gola alta, que era atada por um lenço também branco em um nó complicado ornado por um único diamante, o que tornava o conjunto elegante e imponente; não era à toa que mulheres sucumbissem com tamanha facilidade aos seus encantos. Ela suspirou sonhadora pensando se teria alguma chance de conquistá-lo. Subitamente os lânguidos volteios da valsa se fizeram trôpegos, quase desajeitados: ele a vira. Joanne jurou que, por uma fração de segundo, seus olhos se encontraram.

Ele titubeou, perdendo o compasso da dança.

Ela tremeu.

Alex deixou a baronesa intacta, depois estreitando os olhos, tomou fôlego e rumou direto para a mesa das bebidas. Parou ao lado de Joanne e pediu um champanhe.

Havia tanta energia entre eles que certamente transformaria um raio em uma tímida faísca e quando ela notou que seria ignorada, engoliu o orgulho e se aproximou.

— Boa noite, Alexander.

— Milady Neddlethorn, que surpresa! — mastigou as palavras sem se virar.

— Até quando vai me tratar assim, Sacha?

A pobre taça que ele segurava partiu-se em sua mão deixando um criado desesperado entre desculpas e a pressa em servir outra.

— Com licença. — Retirou rapidamente a nova taça das mãos trêmulas do serviçal afastando-se.

— Sacha, por favor...

Ele se deteve por um momento.

— O que deseja, milady?

— Conversar.

— Crê realmente que tenhamos algo para discutir? — perguntou secamente.

— A não ser que tenha sido mentira o que me disse em Rainbow Hall, sim, creio realmente que tenhamos algo para discutir. — O tom usado começou a chamar atenção do entorno.

— Não aqui, milady. — Puxou-a pelo braço em direção a pista de dança, largando a taça ainda cheia na bandeja de um criado que passava.

— O quê?! Para onde está me levando?!

— Para dançar.

— Não podemos conversar na pista de dança — reclamou.

— Sério?! Quem disse?!

— A etiqueta.

Continuou sendo rebocada.

Ele se deteve.

— Libertinos se danam para a etiqueta, não sabia disso?

Alex a girou bruscamente ao compasso da valsa.

— Sacha... Se meu irmão Matthew nos encontrar dançando, vai arrumar um escândalo.

— Meu nome é Alexander, milady. Sacha é tratamento restrito aos amigos e familiares.

Ela pendurou um olhar de matar.

Ele engoliu a seco disposto a resistir.

— Por favor...

— Tudo bem. — Parou de dançar e a arrastou em direção das portas francesas e de lá para os jardins.

— Aqui não! — Fincou as sapatilhas no chão no intuito de pará-lo.

Alex revirou os olhos e fez um gesto impaciente.

— Lá não, aqui não... Onde então?!

— Eu não sei...

— Ou aqui ou em lugar nenhum!

— Mas se nos virem nos jardins...

— Não se preocupe; você não arruinará a minha reputação. — Sorriu irônico. — Já a sua é por sua conta e risco.

Alexander continuou seguindo até esbarrar na estufa. Girou a maçaneta, ela abriu, depois empurrou Joanne para dentro e entrou fechando a porta atrás de si.

— Pronto; isolados de olhos e ouvidos curiosos. Sua reputação está a salvo, por enquanto. — Deixou escapar um sorriso predador.

Joanne observou o local. Apesar de pequena se comparada a outras estufas que conhecia esta se compunha de uma variedade considerável de plantas, a maioria de grande porte, até algumas laranjeiras em flor que liberavam um pungente perfume no ar. Encontrou um banco mais adiante e sentou-se ajeitando a saia do vestido.

Alexander permaneceu onde estava; em clara postura defensiva: pernas afastadas, braços cruzados, olhar penetrante, porém frio.

— Estou esperando, milady. Se a ideia foi monopolizar-me, saiba que estará perdendo um precioso tempo, tenho um compromisso inadiável com uma viúva logo mais.

Sorriu, por puro prazer de vê-la corar chocada.

— Muito bem. — Suspirou. — Quando se declarou em Rainbow Hall, estava sendo honesto?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tirou-me do baile só para isso?!

— Por favor, responda.

Ele fez uma pausa para olhá-la.

— Sim, estava. Eu nunca menti para você, Joanne, até mesmo sobre minha origem na Casa Real Russa, fato que nem meus amigos mais íntimos conhecem.

— E ainda sente o mesmo? — Torceu as mãos.

Alex suspirou profundamente, sentou-se ao lado e a encarou.

—*Nyeth*. Não.

— Não? — Balbuciou lacrimosa.

— Joanne... — Traçou o contorno do rosto tão querido com os dedos. — Minha doce e pequena ninfa... — murmurou rouco trazendo-a para seus braços. — O que quer? — Roçou sua boca na dela.

— Mas foi honesto quando disse que se apaixonara?

— Fui sim... — Passou a ponta da língua pelos lábios molhados pelas lágrimas.

— E agora não me ama mais? — Fungou e foi calada por um beijo.

Um beijo suave e profundo; lascivo e delicado; céu e inferno em um único ato.

Ao reabrir os olhos ela descobriu que de alguma maneira seu vestido fora aberto, puxado o suficiente para dar acesso ao espartilho e a combinação por baixo dele; alvo perfeito para os pequenos beijos depositados estrategicamente aqui e ali. Ele a estava seduzindo tal qual uma cobra seduz sua vítima antes do bote final.

— Eu a amo, *moy malen'kiy Niavka*... — Encostou a boca em sua orelha. — Deixe-me amar você, Joanne. Deixe-me dar o que nenhum homem teve a competência de oferecer até agora.

— Eu... Sim... — Arfou puxando-o para mais perto no delírio da situação,

mas quando Alexander fechou a boca em seu seio, a realidade a atingiu violentamente. — NÃO! — O empurrou.

— Por quê? Você me deseja, eu a desejo...

— Não, não assim... — Ajeitou-se tremendo.

— Mas é isso que eu sou, *Kukla*. É isso que eu faço: dou prazer as mulheres que necessitam dele. Foi disso que me acusou de ser com você, lembra-se?

Ela conseguiu fechar o vestido com muito custo.

— Não pode negar!

— Mas eu não nego. Só deixei claro que nunca agiria assim com você por achá-la diferente das outras mulheres que tive. Poderia tê-la tomado aqui, agora e não o fiz e sabe disso. Abri o meu coração e você me acusou de não ter um; depois acusou-me de ser tão frio quanto às estepes siberianas, logo eu me tornei o que você considera que eu sou. Você me fez voltar a ser assim, Joanne: o libertino que sempre fui; o duque de Gelo que todos conhecem.

— Estou confusa.

— Amá-la não significa que eu vá me arrastar atrás de sua saia e implorar por migalhas de seu amor. Fui repudiado, não irei mais insistir. Posso não tê-la em meus braços onde mais queria, mas terei muitos braços para descansar e bocas para saciar minha fome.

— Alex, eu...

— Eu daria tudo para fazê-la feliz. Deixaria essa vida, a levaria comigo para a Rússia onde conheceria minha família, nos casaríamos lá. — Sorriu amargo. — Mas como vocês dizem? Não se pode ter tudo que se deseja, não é? — Levantou-se. — Adeus, *moy malen'kiy Niavka*.

Alexander inclinou-se em saudação e deixou a estufa.



O ego masculino foi satisfeito, o coração não.

Alexander obrigou-se a voltar ao salão deixando fragmentos de sua alma por entre as flores do caminho. Fora quase como a sopa de tia Flora, um remédio intragável. Acabou por esbarrar nos rapazes e assim o famoso quarteto estava de volta.

— Contagem? — Sebastian inquiriu.

— Russo ainda na liderança seguido de perto pelo francês, em terceiro lugar, mas não menos desprovido de sorte irlandesa, este que vos fala e por último o nativo da terra. *Tsc, tsc, tsc...* vergonhoso!

— *Oh, mon Dieu!* — Abriu a boca e não a fechou mais. — Aquela ali é a garota mais velha dos Neddlethorn?!

Os três se viraram. Os comentários começaram e depois da quinta gracinha Alex estava a um ponto de pular no pescoço de quem quer que fosse.

Joanne dançou. Na verdade nunca dançou tanto em sua vida. Ela perdeu a conta de quantos homens pediram para reservar uma dança, incluindo o conde de Trevand, lorde O'Shea e o visconde de Riverdall. Depois do arremedo de valsa com Alexander fora transformada na atração do baile. Mais ou menos como machos tentando demarcar um território demarcado por um macho alfa, quase como um *Se ele pode, eu posso*.

Alex tentou manter-se indiferente, porém cada mão que a segurava, cada olhar de cobiça que percorria suas formas perfeitas minava suas forças, até no final do baile encontrar-se exausto.

Ele marcou com os rapazes no clube.

Ela o viu sair acompanhado da viúva Chantelle.



Sebastian atrasara-se e muito para o encontro no clube graças a boa vontade da porta de seu escritório que se recusou terminantemente em abrir quando de sua saída. Uma hora e meia mais tarde, furioso e com um humor de cão enxotado, recebeu um bilhete já a caminho da carruagem. Era de Andree avisando que Sacha também não aparecera e devido a experiências prévias, estavam preocupados. Resolveu, então, passar na propriedade do amigo cuja criadagem era praticamente russa para desespero de quem não era fluente na língua; Bastian a chamada de *A Pequena Embaixada Russa* em Londres. Gorya, o mordomo o cumprimentou e confidenciou aflito que o valete de Sua Alteza afirmou que não dormira no quarto, mas pelos barulhos de vidros quebrando, ele com certeza estava em seu escritório.

Bastian entrou sem bater à porta e o encontrou caído perto do sofá cercado por garrafas de vodka.

— Aí, Deus! — Bateu de leve em seu rosto. — Sacha? ALEX! — Bateu com mais força.

— Vá embora! — sussurrou arrastado.

— Precisa de mim. E de um banho. E de algo quente. E de um amigo. — O deixou, encontrando o mordomo no corredor. — Gorya, Vossa Alteza precisará de uma banheira de água fria, um chá forte, doce e quente. Ah! — Virou-se novamente. — Alguma comida também. E eu precisarei de um portador para levar um bilhete até o White's para o conde de Trevand.

— Tudo será providenciado, Vossa Excelência. — Inclinou-se e saiu.

Sebastian retornou ao escritório onde Alexander continuava no mesmo lugar.

— Mas que merda, Sacha! Vodka demais mata, deveria saber isso melhor que ninguém!

— Dane-se... — respondeu com voz embotada.

— Só para desencargo de consciência e como se eu não soubesse, o que o levou a isso? — Sacudiu uma garrafa vazia que retirara do sofá antes de ajudá-lo a sentar-se.

— Ela dançou com todo mundo.

— Inclusive conosco, menos com você. Eu vi.

— Eles se insinuaram, muitas mãos... muitos toques, muitos olhares, muitos sussurros... Ela é minha! — Agarrou a garrafa a qual Sebastian colocou na mesinha ao lado e arremessou-a contra a moldura da lareira.

— Menos uma garrafa de cristal — Bastian cantarolou.

— Vossa Excelência? O banho está pronto — o mordomo avisou.

— Certo. Venha, *moy brat*^[15]. — Passou o braço de Alex por seu ombro e segurou-lhe a cintura. — Depois do banho, chá, algo para comer e cama. E se dê por satisfeito de Cameron não estar por perto se não teria que tomar aquela maldita bebida dos infernos.

— Ela é minha... — choramingou tropeçando nos degraus da escada.

— Se é sua, tome posse antes que outro o faça. — Riu.

— Eu não posso, sou um dissoluto filho da puta.

— Somos todos dissolutos filhos da puta com passagem certa de ida para o inferno, *moy brat*, mas isso não significa que não tenhamos direito a tentar a felicidade e ao arrependimento — bufou tentando equilibrar dois ao invés de um.

O valete já se encontrava a postos. Retirou a roupa suja do seu senhor e com ajuda de Sebastian, o colocaram na banheira com água fria.

Um extenso dicionário de imprecações e palavrões fluiu pelo cômodo.

— Ei, essa palavra eu não conheço! — Sebastian gargalhou sentando-se à borda da banheira. — Sacha, não deixe Joanne escapar. Não deixe a oportunidade de ser feliz de verdade escorrer pelos seus dedos, meu amigo. A Irmandade ficará grata em exonerá-lo sabendo que enfim alguém do grupo conseguiu uma passagem para o céu.



Algumas quadras adiante, uma adolescente frustrada por não ter ido ao baile vingava-se incomodando um alvo mais fácil que sua mãe: sua irmã mais velha.

— Leonard me contou algumas coisas que com certeza a mandarão para um convento se papai souber — Charlotte chiou enquanto escovava os próprios cabelos.

— Não me interessa o que Leonard contou; com certeza mais da metade é fruto de sua imaginação doentia — Joanne rebateu recostada na cama com um livro na mão.

— Ele disse que você dançou com o temido e cobiçado duque de Gelo.

— Eu dancei com todos os homens do baile, Lottie — resmungou irritada.

— Mas só o duque de Gelo a levou para os jardins... — cantarolou maldosa.

Joanne encarou a irmã, fechou a cara, estreitou os olhos e num pulo arrancou a escova de suas mãos pondo-se a passá-la nos cabelos abaixo.

— Fomos tomar ar, havia muita gente ao redor, ele se comportou feito um cavalheiro, depois eu retornei ao salão e, a não ser que você queira usar uma peruca, não me provoque novamente, garota!

Joanne correu a escova com força arrancando alguns fios no processo.

A porta se abriu de supetão dando passagem para a família: Matthew entrou primeiro, seguido de Leonard, Elizabeth empurrando John.

— O que é isso?! — Charlotte ergueu-se com a escova presa aos cachos.

— Reunião de família. — Joanne suspirou.

— Reunião para discutirmos o seu comportamento — Matthew rebateu, vermelho como um tomate.

Joanne ergueu as sobrancelhas.

Elizabeth levou a mão a boca para esconder o riso.

Charlotte sorriu vingativa.

Leonard jogou-se na cama da irmã.

John suspirou revirando os olhos.

— Defina: meu comportamento — ela rosnou.

— Dançou com todos os homens do baile — Matthew começou.

— Engraçado, eu pensei que era para isso que servia a Temporada, além de se caçar um marido — Elizabeth ponderou tentando manter o riso sob controle.

— Mamãe, ela dançou com *todos*! — O gesto dramático fez Elizabeth gargalhar.

— Se eu não danço estou encalhada. Se eu danço viro uma qualquer. Como acha que eu deva me comportar, *irmãozinho*?

— É, *irmãozinho*... Não se esqueça, eu sou o mais velho da ninhada. — Leonard sorriu sarcástico.

Matthew tingiu-se de alguns rubros tons mais escuros.

John gemeu baixinho.

Charlotte gargalhou.

Elizabeth voltou a rir.

Joanne ergueu uma única sobrancelha em um notório sinal de: *só você não descobriu isso ainda.*

— Ela dançou com o lorde O’Shea! — apontou acusativo.

— Charlotte também — Leonard tomou a defesa. — E pelo que posso imaginar, sua virtude está intacta.

— Menino... — John alertou.

— Depois dançou com o conde de Trevand e o visconde de Riverdall! — Balançou agitado, os braços.

— Os dois ao mesmo tempo?! — John perguntou e levou uma espetadela da agulha de tricô que a esposa trazia.

Leonard puxou o travesseiro ao lado para abafar as risadas e limitou-se a contorcer-se na cama como um peixe fora d’água. Charlotte bateu com a mão na própria testa impaciente pelo desenrolar dos fatos. Elizabeth continuava examinando o abdômen do marido à procura de sangue. Joanne sorriu para o pai.

— E o que é pior... — Matthew grunhiu.

— E tem mais ainda?! — Leonard falou por baixo do travesseiro. — Ah, papai... se Matt for falar nome a nome de com quem Jo dançou é melhor puxar uma cadeira para a mamãe e sentar-se também.

— Só um nome... O primeiro com quem ela dançou, o pior de todos: o duque de Gelo! — Ele apontou mais uma vez com a satisfação de um inquisidor em mandar uma bruxa para a fogueira.

Um silêncio abateu-se no quarto.

Leonard, agora longe do travesseiro, mirou o pai.

Charlotte sorriu maldosa.

Elizabeth largou a camisa do marido meio aberta e encarou o filho.

Joanne pousou as mãos na cintura.

— E... o... que... tem... isso... de... mais?! — perguntou.

— Ele é um libertino! — Matt quase gritou em voz esganiçada.

— Filha, isso é verdade? — John pousou as mãos nos ombros de Elizabeth.

— Sim, meu pai. E dancei com o conde, o lorde e o visconde também. — Estreitou os olhos encarando o irmão. — Como pode notar, estou inteira.

— Está?! — Matthew perguntou entre dentes.

— Mocinho, você já foi longe demais! — Elizabeth avançou.

— Sua mãe tem razão, Matt. Não há motivos para pôr em dúvida a honestidade e a reputação de sua irmã mesmo que tenha dançado com rapazes com outra visão de vida. — John a acompanhou e abraçou sua mais velha. — Peça desculpas a Joanne.

— Mas papai... — gemeu.

— Peça desculpas, Matthew.

O tom incisivo do pai o alertou que falava a sério.

— Perdão, Jo — mastigou.

— Está desculpado por ser idiota, imaturo, inseguro e invejoso — retrucou seca.



06

Uma semana depois, Baile do visconde de Standford.

Andree posicionou-se ao lado de Cameron, ambos observando a movimentação harmônica dos pares na pista de dança.

— Quanto tempo mais acha que nosso russo aguentará? — perguntou.

— Bom... — Cam sorriu. — Sacha dançou com quase todo o contingente feminino: solteiras, casadas, viúvas, novas, velhas, debutantes, encalhadas, baixas, altas, gordas, magras, feias, bonitas. *Ammm...* com exceção da marquesa de Moorenmore que quase não anda mais e bate em todo mundo com sua bengala; se não chegar mais algum convidado atrasado, a única mulher com quem não dançou é a única que o interessa.

— E não vai. Nosso amigo ali está devolvendo o troco por ela ter dançado com quase todo o contingente masculino no último baile.

— Incluindo os dissolutos. — Cameron deixou escapar uma risadinha.

— Para desespero do irmão mais velho.

— E sorte nossa ser o mais novo, Matthew Neddlethorn, senão, a esta altura já teríamos marcado um encontro muito desagradável com um par de pistolas ao amanhecer.

Sebastian juntou-se a dupla.

— Ele ainda está dançando?! — Pegou uma taça oferecida por um criado.

— *Hum-hum...* — Andree anuiu. — Alguém viu a garota Neddlethorn?

— Joanne — Cameron corrigiu.

— Pelo que me consta, a vi chorando nos braços da marquesa. Deu pena.
— Sebastian suspirou.

— Como fazer dois bichos se beijarem? — Cam ponderou.

— Cortando-lhes as asas? — Andree arriscou. — Ah, lá vem o russo.

— Tome, bailarino. — Sebastian entregou uma taça de champanhe que foi prontamente engolida de uma só vez. — Sacha, não faça isso com Joanne.

Ele encarou o amigo com uma carranca de dar medo.

— Não faça isso com você — Andree completou.

— Não faça isso com vocês — Cameron corrigiu.

— Vi a garota chorando nos braços da mãe. Até quando irá puni-la por ser inexperiente demais para tomar a decisão correta?

Alex não respondeu, Sebastian continuou.

— Você está sofrendo, ela está sofrendo, não percebe? Estão perdendo um tempo precioso, *moy brat*; sabe-se lá se neste meio tempo de pura teimosia outro homem resolve tomar as rédeas e quando abrir os olhos, sua preciosa ninfa estará casada e definitivamente perdida para você? Pense nisso, Sacha.

— Decididamente vocês não entendem. Se eu propuser a corte a Joanne, a sujeitarei a esbarrar com todas as mulheres que passarem em minha vida. Como acha que ela reagirá?

— Nunca saberá se persistir em sua burrice. — Andree pousou a mão no ombro do amigo.

— Vou embora.

— Nada de rosas?! — Andree perguntou surpreso.

— Façam bom proveito. Boa caçada a todos. — Sorriu.

— Sacha?

Ele se virou para Sebastian.

— Vodka?

— *Nyeth*. — Sorriu.

A caminho da porta, esperando por seu sobretudo, foi abordado pela pessoa mais improvável para fazê-lo.

— Marquesa de Neddlethorn. — Inclinou-se em saudação.

— Grão-duque. — Ela retribuiu o cumprimento com um sorriso afável.
—Dar-me-ia alguns minutos de sua atenção?

Ele franziu o cenho.

— Será rápido e indolor, eu garanto, Vossa Alteza. — Estendeu-lhe a mão.

Alex titubeou.

— Por favor?

— Não a preocupa vincular sua imagem a minha?

Elizabeth riu discretamente.

— Pareço preocupada? — Inclinou a cabeça. — Meu marido sabe desta

conversa, isso o tranquiliza um pouco mais?

Ele sorriu e estendeu-lhe o braço.

— Com certeza, Vossa Graça.

Alexander foi conduzido para uma área restrita da casa, uma sala comum. Esperou que ela entrasse e sentasse, porém manteve-se em pé adotando a costumeira pose defensiva.

— Sente-se, por favor. — Ela apontou para a poltrona oposta ao sofá onde se instalara.

— Em que posso servi-la, Vossa Graça?

— Elizabeth.

Ele ergueu as sobrancelhas surpreso.

— Tia Flora enviou-me uma carta na qual relatou o infeliz acidente ocorrido e como minha mais velha o socorreu.

— Não tenho palavras para expressar minha gratidão.

— Contou-me sobre o seu comportamento, milorde e sua personalidade.

— Espero sinceramente que não a tenha chocado muito.

Elizabeth sorriu.

— Tia Flora o descreveu como um homem doce, divertido, romântico, apaixonado por suas raízes, um perfeito cavalheiro.

— Tenho uma péssima reputação como deve saber, Vossa Graça.

— Elizabeth.

Ele sorriu.

— Elizabeth, meu nome é Alexander. Seria uma honra se pudesse usá-lo.

— Não estou aqui para julgar sua reputação, Alex. E sim para perguntar-lhe com o coração de uma mãe: o que deseja de minha filha Joanne? Por favor, seja honesto.

Alexander levantou e ajoelhou-se à frente da marquesa.

— Eu me apaixonei por Joanne.

— Ela sabe?

— Sua filha me considera o último homem na face da terra com quem casaria. Fui repudiado.

A marquesa riu gostoso.

— Isso é engraçado? — ele perguntou.

— É quando se sabe que Joanne se apaixonou também.

A boca de Alexander se abriu lentamente, depois num gesto de carinho segurou suas mãos.

— Isso é sério?

— Não costumo mentir, Alex, ainda mais quando meus filhos estão envolvidos.

— Perdão, milady, é que eu...

— Você acha que por levar uma vida que muitos homens desejam, mas não em coragem para tanto, é indigno de ser feliz realmente, é isso?

— As coisas não são tão simples assim. — Sentou-se depois que ela bateu com a mão no assento ao lado.

— O que tem de tão complicado que o impede de fazer a corte a minha filha?

Alex mordeu o lábio inferior.

— Implicaria sujeitá-la a esbarrar em meus antigos *affairs*, alguns não tão discretos, outros imprevisíveis.

— Tem receio que suas antigas amantes desacatem Joanne, é isso? Sorriu.

— Claro como água.

— E acha que ela é incapaz de lidar com a situação?

— Não quero fazê-la sofrer.

— Joanne tem plena consciência do que você é, do que vocês quatro são e o que são não o transformam em monstros, muito ao contrário. — Sorriu divertida. — Acha que nós mulheres não fazemos o mesmo que vocês homens? Sim, a maioria de nós comenta. Vocês são predadores, mas só possuem a fama por serem o que são: educados, galantes, atenciosos, carinhosos, discretos e esquivos. — Riu. — Preenchem as lacunas, algumas dolorosas, deixadas por casamentos arranjados, relacionamentos superficiais ou destruídos. Para os homens, vocês são uma ameaça, para as mulheres, uma benção. — Voltou a rir. — Mas esse não é o tópico. Joanne não é tão inocente que não saiba se defender, Alex.

— Ah, sim... Já tive provas disso. — Riu baixinho baixando os olhos num raro rompante de timidez.

— Eu sei, ela me contou. — Bateu em sua mão para confortá-lo. — Então? Desistirá realmente de encontrar o amor?

— Seus filhos...

— Meus filhos são assunto meu e de meu marido, Alex. Não se preocupe com eles, nós os controlaremos como sempre fizemos. — Levantou-se. — Podemos esperá-lo para, talvez um... chá ainda nesta semana?

Alexander a encarou. Ela era muito bonita, deveria ter sido esplendida quando mais nova; o tempo fora generoso, o marques um homem de sorte e Joanne puxara muito a mãe.

— *Mamouska* tinha razão quando mencionou que os Neddlethorn não eram uma família convencional apesar de ser uma das mais tradicionais de seu país.

— *Mamouska*? — Sorriu.

— Significa mamãezinha em russo. Eu chamava tia Flora assim, ela me adotou. — Riu.

— Você verá por si próprio se quiser. — Esticou a mão e pousou-a no braço que ele ofereceu.

— Teria o marques algum compromisso para sexta-feira à tarde? Eu gostaria muito de conversar com ele sobre minhas pretensões para com sua filha mais velha.

— O marques e a marquesa terão a imensa honra de recebê-lo na sexta-feira para o chá.

Sorriu ao ter a mão beijada e foi escoltada até a saída onde Alex pegou seu sobretudo.

— Alexander?

Ele se virou com um sorriso radiante.

— Bem-vindo ao hospício. Bem-vindo a Família Neddlethorn.

— Milady, a honra é toda minha. — Inclinou-se e deixou a mansão.

Elizabeth seguiu para o salão de jogos.

— Ora, ora, ora, temos uma invasora no reduto masculino. — John sorriu beijando a mão da esposa.

— Milorde, quando vai perceber que demonstrações públicas de afeto entre casados é item proibido em qualquer livro de etiqueta? — perguntou coquete.

— Dane-se! — Puxou-a para perto e a beijou para deleite dos homens ao redor. — Então? Conversou com ele?

— Sexta-feira para o chá.

John ergueu as sobrancelhas pedindo por mais.

— Minha opinião?

Ele sorriu.

— Alexander é perfeito para Joanne e ela é a perfeita mulher para retirá-lo da rotina dissoluta. — Acarinhou o rosto do marido. — Você vai gostar dele, John. Ele me lembra um pouco James Winkleigh.

— Se tiver a metade do temperamento e personalidade de James, com certeza irei.

— Só precisamos evitar que Matthew o mate depois que abirmos a porta.
— Ela gargalhou baixinho.

— Deixe Matt comigo. — Beijou-lhe a mão. — Charlotte?

— Dançando.

— Joanne?

— Foi embora para casa, Leonard a levou.

— Dor de cabeça?

— Rejeição. — Sorriu. — É difícil para uma mulher ver o homem que ama esbanjar charme com todo o contingente feminino do baile e não se aproximar sequer para cumprimentá-la.

— Bom, ela provocou a situação pelo que você me contou.

— Vinte e nove anos não significa experiência necessariamente. Nossa menininha está descobrindo isso agora e sentindo na pele o resultado de seus

atos impensados.



Quando a sexta-feira chegou nublada, chuviscante e fria, Alexander sorriu como se um pequeno sol interior fornecesse todo o calor e luminosidade que precisava. A carruagem parou, ele desceu e subiu os degraus da mansão parando em frente à porta. Tomou fôlego e ansioso segurou a aldraba. Sim, chuviscante e fria, mas ele estava a poucos passos de seu sol.

Levantou a argola e ia bater quando a porta se abriu. Alex ergueu as sobrancelhas atônito, era a própria marquesa de Neddlethorn.

— Alex, que bom que veio. — Não esperou que ele se inclinasse, o puxou para dentro com um ar divertido.

— Marquesa.

— Obrigada pelas orquídeas, eu nunca vira uma tonalidade tão... exótica.

— As azuis são extremamente raras, são de minha estufa.

— Lindas! Eu as amei! — Continuou a rebocá-lo em direção à sala azul.

— Que bom que gostou. — Sorriu.

— John logo se juntará a nós. — Distribuiu tapinhas de ânimo na mão dele.

— A nós dois? — Ultrapassou o portal e encontrou uma parte da família reunida, mas seus olhos se prenderam em seu sol particular que ironicamente vestia amarelo.

— Bom, deixe-me fazer as honras: Leonard, meu mais velho...

Leonard aproximou-se com um sorriso e apertou-lhe a mão.

— Charlotte, minha caçula.

A garota com olhos arregalados executou uma reverência desajeitada, para logo após arregalar ainda mais os olhos quanto teve a mão beijada.

— Matthew, meu mais novo está resolvendo alguns problemas e ali no canto perto da janela, Joanne, a minha mais velha.

— Vossa Alteza. — Joanne abaixou-se em uma reverência perfeita.

— Lady Neddlethorn. — Não se aproximou.

Leonard segurou o riso.

— Vovó Emma e vovô Charles estão no campo e ali perto de Charlotte, contrastando com a cor do sofá está Mr. Tibbet.

— Oh, é um Russian Blue? — Alexander aproximou-se do gato cinza com brilhantes olhos verdes.

— Sim, John o viu na casa de um amigo que possui um gatil. Ele trouxe Mr. Tibbet de uma viagem à Rússia para a próxima exposição em 1875. Com muito custo John convenceu o amigo a vendê-lo, mas com a promessa de emprestar Mr. Tibbet para o evento. É o único em todo o Reino, um ótimo gato, mas desconfiado com estranhos.

Alex agachou-se na frente do felino e chamou-o em russo. O gato ergueu as orelhas, miou e pulou para seus braços.

— Isso significa que precisaremos aprender russo para ganhar o respeito do gato? — Leonard gargalhou.

— Só algumas palavras chegam. — Alex mirou rapidamente Joanne enquanto coçava a orelha de um gato muito satisfeito por alguém entender o que miava.

Sorriu. Ela baixou os olhos em direção à saia do vestido.

— Grão-duque?

John entrou na sala, o semblante sério fez Leonard mexer-se incomodado.

— Vossa Graça. — Inclinou-se com o gato no colo.

— Poderia acompanhar-me?

— Com certeza.

Alexander entregou o gato para Charlotte e seguiu o marques sem se dar conta de que era seguido também.

Ao entrarem no escritório John gargalhou.

— Pelo jeito Vossa Alteza conquistou mais de um membro da família. — Apontou para o gato que agora se esfregava alegremente em seu conterrâneo.
— Deixe-o ficar, sente-se, por favor.

— Obrigado. — Sentou-se.

Mr. Tibbet aproveitou para aconchegar-se também.

— Elizabeth avisou-me que queria falar comigo, algo errado?

— Espero que não. — Sorriu tímido.

— Conhaque?

— Obrigado. — Assentiu.

John serviu o convidado depois pegou seu copo e sentou-se do lado oposto da mesa.

— Cheers! — Ergueu o copo em brinde.

— *Za zdorovje!* — Ergueu o dele e o gato em seu colo miou em concordância.

— Esteja à vontade, sou todo ouvidos. — Sorriu.

Alexander suspirou; aquilo que se parecia tão fácil de falar de manhã agora travara em sua garganta e nem o álcool da bebida servia de ajuda.

— Eu sei, eu sei... — John gargalhou. — Deixe-me ajuda-lo então. — Limpou a garganta. — Minha filha Joanne o conheceu no baile do conde de Mandenmore. Logo após ela fugiu de Londres para o campo onde o destino o empurrou para o mesmo local. Ela o socorreu dos ferimentos gerados pela vingança de um marido raivoso, o albergou em Rainbow Hall onde você provocou estragos...

— Milorde, eu... — Mexeu-se apreensivo.

John ergueu a mão.

— Espere, deixe-me acabar. — Sorriu. — Estragos estes: Marcus o considera um homem honrado e um amigo, os criados o adoraram e tia Flora literalmente o adotou como filho. — Riu. — Você encostou a minha menina contra a parede, a assustou.

— Milorde, eu... — Começou a achar que estar na linha de frente de uma batalha era menos difícil e apavorante que isso.

— Ainda não. — Baixou a mão que levantara novamente.

— Você foi o primeiro homem que tirou Joanne de sua zona de conforto, a fez sentir coisas que nunca sentira, a fez sentir-se mulher sem sequer incluí-la em sua extensa lista de conquistas. Poderia tê-la seduzido, mas não o fez, por quê?

— Porque eu a amo. — Ergueu os olhos do copo esperando pelo pior. — Porque Joanne é importante para mim.

— Sabe que ela o ama?

— A marquesa contou-me. — Sorriu.

— E o que pretende fazer?

Alexander voltou a suspirar.

— Tenho uma reputação horrível.

— Para os homens certamente, não para as mulheres. — John gargalhou.

— Quero que Joanne seja feliz, Vossa Graça.

— Chame-me de John e o chamarei de Alexander.

— Alex ou Sacha estaria bem.

— Então faça minha filha feliz.

— Não é tão simples assim.

— E o que tem de tão complicado? Ela não falar russo?

Alex riu.

— Ela esbarrar com minhas antigas amantes. Algumas atacam Joanne com o prazer de um lobo a um cordeiro.

— Nós Neddlethorn sabemos nos defender. Basta-me a opinião de meus amigos mais chegados e de minha esposa... pode incluir meu gato no pacote, Mr. Tibbet nunca se comportou assim com estranhos e o considero um bom avaliador de caráter.

— Joanne me repudiou.

— Joanne molhou dois vestidos da marquesa e mais alguns pares de colete de Leonard e meus com suas lágrimas. Ela errou e sofreu as consequências de sua inexperiência. O que eu quero saber é o que quer com Joanne.

— Quero-a como grã-duquesa, quero-a ao meu lado como esposa, amiga, mãe de meus filhos.

John sorriu.

— Está pedindo-me permissão para cortejá-la, Alex?

— Estou pedindo sua benção para casar-me, John.

Ele mirou pensativo o próprio copo. Tantas lembranças, tanto tempo... O primeiro choro, os dentinhos, os passos trôpegos, as primeiras palavras... O mundo girara, as crianças cresceram, ele envelhecera. Começara: enfim os filhotes esticaram as asas e iniciaram a dolorosa, mas inevitável saída do ninho.

— Benção concedida com orgulho. — Levantou-se contornando a mesa e o abraçou. — Bem-vindo a Família Neddlethorn, Alexander.

— *Spasibo* ou em inglês, obrigado

— Não vai me beijar na boca, vai?!

Alex gargalhou gostoso.

— Não...

— Creio que tenhamos um chá para tomar, mas antes deixaremos com que converse com Joanne.

— John, existe algo a meu respeito que gostaria que soubesse. Algo que nem mesmo meus amigos mais íntimos conhecem.

— O quê?

— Meu nome correto é Alexander Dmitriy Pyoitir Georgiy Sotchi Romanov, Príncipe de São Petersburgo; faço parte da Casa Real Russa, sou primo do Czar Alexandre II.

John franziu o cenho, surpreso.

— Por que não...

— Pomposo demais. Grão-duque estava na medida certa e eu só tive que omitir o Romanov.

— Algo a ver com inimigos?

— O Czar os possui, eu não. — Sorriu, tranquilizando-o.

— Saberei manter seu segredo. Se importaria em seguir sozinho para a sala? Eu ainda preciso resolver alguns assuntos urgentes.

— Sem problemas. — Abriu a porta. — John, vocês são os ingleses mais extraordinários que já conheci depois de meu amigo Sebastian.

— Espero que isso seja um elogio.

— O é.

— *Spasibo, mal'chik.* ^[16]

— *Vy govorite po-russki* ^[17]? — Olhou-o surpreso.

— *Nyeth.* — Gargalhou e fechou a porta.

Alex retornou à sala, automaticamente os olhares se convergiram para um só ponto.

— Sente-se, Alex. Vou verificar o chá. Charlotte vem comigo?

Elizabeth saiu rebocando a filha.

— E eu verificarei... *Ammm...* verificarei a verificação. — Leonard piscou para Alexander e saiu deixando Joanne a sós com um russo muito satisfeito.

A princípio ambos mantiveram um silêncio quase cerimonioso como dois inimigos se estudando antes do embate. Como ela não se mexeu, Alex levantou-se parando em frente à lareira.

— O que veio fazer aqui, Vossa Alteza?

— Tomar chá. — Sorriu displicente, apontando para a bandeja sobre a mesa. — E conversar com seu pai.

— E qual exatamente seria o tópico dessa conversa?

— Gostaria de um pouco de chá?

— Eu não o servirei. — Cruzou os braços.

— Eu não o pedi. — Pegou uma xícara, serviu-se e a esticou na direção dela. — Espero que esteja ao seu gosto.

Joanne desarmada pelo gesto, corou. Estendeu a mão para pegar a xícara, ele pousou a mesma no aparador ao lado e capturou-lhe a mesma.

— *Moy malen'kiy Niavka...* — Beijou-lhe os nós dos dedos. — Não gosta nem um pouquinho de mim?

— Quis conversar e você não aceitou. Por que conversaria agora?! — inquiriu emburrada.

— Faz ideia do assunto que tratei com seu pai?

— Não me interessa.

— Ah, interessa sim...— Ajoelhou-se.

Joanne arregalou os olhos.

— O que... pensa que está fazendo?! — murmurou.

— Tentando dizer que eu a amo, que é uma pessoa muito especial para mim, que eu deixarei de ser o que fui até hoje se me aceitar.

— Está me cortejando, milorde? — gaguejou.

— Estou tentando pedi-la em casamento, milady. O que seria mil vezes mais fácil se falasse russo ou pelo menos entendesse. — Puxou uma caixinha em veludo vinho do bolso do colete. — Não negue que me ama tanto quanto eu a amo, *Kukla*. Aceita ser minha *esposo*?

— Minha esposa.

— Não, minha *esposo*. Eu, seu *marida*.

— Meu marido, não meu *marida*. — Ela sorriu. — Sua esposa, não sua *esposo*.

— Estou nervoso — gemeu.

— Vai abrir?

— O quê?

— A caixinha. — Ela apontou curiosa.

— Ah... — Suspirou com uma risadinha abafada e abriu. — Pertence a minha família, foi o anel de noivado de minha bisavó por parte de pai.

Alex retirou a aliança incrustada de diamantes e esmeraldas do estojo depois levantou os olhos para Joanne.

— É linda! — comentou comovida.

— Você é mais. — Estendeu-lhe a mão pedindo a sua.

— O quê? — Mirou a mão como se ele estivesse apontando uma arma.

— Aceita ser minha *esposo*?

— Esposa, Alex.

Ele se ergueu com uma careta, cansado da posição.

— Meu joelho... perdão. — Massageou o local.

— Sem problemas. — Ela sorriu.

— Aceita?

— E as outras?

— Somente uma. Somente você, *Kukla*.

— Sou ciumenta.

— Eu também.

— Sou mandona.

— Vou adorar obedecer. — Arrancou um sorriso dela.

— Gosto de gatos.

— Teremos quantos felinos quiser.

— E de crianças.

— Quero muitas, começaremos uma pequena Rússia em Londres.

— Meninas.

— Adorarei tê-las desde que sejam parecidas com a mãe.

— Sou teimosa.

— Eu sou russo.

— Posso matar alguma de suas amantes se ousarem insinuar-se?

— Matar elas ou eu? — perguntou divertindo-se.

— Elas.

— Sou seu eterno cúmplice, ajudarei a esconder os corpos. — Piscou.

— Não conheço a sua família. E se não quiserem que você se case com uma inglesa?

Pela primeira vez desde que se ajoelhou, o semblante de Alex mudou.

— Irá se casar comigo, não com minha família.

— Isso quer dizer que não me aceitariam.

— *Niavka...* — Pegou-a pela mão e a levou até o sofá. — Sente-se aqui comigo. — A empurrou delicadamente e tomou o lugar ao lado. — Minha família acha que o sangue da Casa dos Romanov não pode ser misturado com o de qualquer pessoa exceto membros da Casa Real e mesmo assim me casei com Irenka, minha esposa assassinada a mando de meu próprio primo, o Czar.

— Oh! — Levou as mãos ao coração.

— Um pouco depois conheci Sebastian que me levou para Paris e passei a morar lá. Moraremos onde quiser: Rússia, França, Inglaterra... Você escolhe onde.

— Onde gostaria de morar? — Inclinou a cabeça.

— Em seu coração para sempre. — Correu os dedos pela linha do rosto amado. — Meu lar é onde seu coração estiver, Joanne. O resto não me importa. — A puxou para mais perto. — Case comigo... — Beijou sua boca levemente. — Aceite ser a mãe dos meus filhos... Minha companheira para a eternidade. — Beijou-a mais uma vez. — A primeira e única.

— Você quis dizer, a segunda — ela murmurou entre seus lábios.

— A segunda e última. *Ya lyublyu tebya. Domoy so mnoy lyubov' moya.*

— Não entendi...

— Eu amo você. Casa comigo, meu amor — traduziu entre beijinhos espalhados.

Ela o afastou.

— Como se diz em russo...

Alex temeroso ergueu as sobrancelhas.

— Sim? — perguntou.

— Sim — respondeu.

— *Da.* — Escancarou um astronômico sorriso.

— *Da!* — Pulou no pescoço dele e o beijou.

Foi uma luta titânica para Alexander se comportar depois da resposta. Quando se separaram estavam arfantes, acalorados e flutuando pelo patrocínio das asas de um moleque muito safado.

— *Dá!* — Joanne esticou a mão.

— *Já sei!* — Ele gargalhou.

— *Dá logo!*

— *Sim, creio que possamos nos casar na Embaixada, mas eu...*

— *Dá, seu russo confuso!* — Ela gargalhou e pegou a caixinha da aliança esquecida na mão dele.

— *Ah!* — Ele fez uma careta divertida quando enfim entendeu o que ela dissera. — *Casa comigo em São Petersburgo?*

— *Na Rússia?!*

— *Sim, depois poderei mostrar meu país para você e na volta ficaremos em Paris.*

— *Mas e meus pais?!*

— *Irão junto; meus amigos, sua família, tia Flora, Marcus, Mr. Tibbet, todos!* — Abraçou-a pousando a cabeça sobre a dela. — *Você me ama?*

— *Amo.*

— *Diga.*

— *Eu amo você.*

— *Agora em russo.*

Ela riu.

— Não abuse! — Bateu nele de leve. — Vai colocar o anel?

— Claro. — Alex colocou o anel em seu devido lugar, depois beijou-lhe a mão. — Posso chamar seus pais?

— Sim.

Ele a beijou rapidamente e seguiu na direção do escritório. A porta se abriu, porém ao invés de John, Matthew apareceu.

Foi um choque para o mais novo dos Neddlethorn encontrar o inimigo tão à vontade no seio da família. Ele era um cancro e como tal, precisava ser removido.

— O que faz aqui?!

— Vim conversar com seu pai, tomar chá com sua mãe e pedir a mão de sua irmã em casamento.

A boca de Matt foi se abrindo conforme os motivos fluíam, sua coloração também mudou.

— Só por cima de meu cadáver, seu miserável!

Matt se jogou contra Alex que tombou para trás surpreso com o ataque. Os gritos de Matthew foram o suficiente para chamar atenção. John e Leonard apareceram juntos vindos dos fundos, Elizabeth e Charlotte de outra sala e por último Joanne.

— Mas que diabos está acontecendo aqui?! — John quase gritou.

— Papai! — Joanne partiu na direção da confusão, mas foi detida pela mãe. — Matt vai matar meu noivo! — grunhiu.

— Noivo?! — Leonard, Elizabeth e Charlotte perguntaram em uníssono.

Ela ergueu o braço e sacudiu a mão com a aliança.

— Leo, tire seu irmão daí. — John riu.

O rapaz agarrou o irmão caçula pela gola e o puxou com alguma dificuldade.

— Eu vou matar esse desgraçado! — Debateu-se.

— Se não percebeu, esse desgraçado não reagiu a um soco sequer, seu idiota!

Leonard optou por segurá-lo pelo braço enquanto assistia John e Joanne ajudarem Alex a se erguer.

— Sua boca... — Joanne pegou um lenço do bolso da saia e pressionou delicadamente no corte.

— Leonard, leve seu irmão para o escritório. Já irei para lá.

— Só um minutinho, papai. — Joanne largou Alex e se aproximou de Matthew que ainda se debatia.

— Não vai se casar com um libertino! — rosnou.

— Vou me casar com quem eu quiser, seu pulha! E se precisar ser sobre o seu cadáver, dançarei feliz sobre seu caixão e vestida de noiva! — Ergueu o punho e acertou um soco forte no nariz acima. O sangue escorreu na hora. — Isso é por ser estúpido! — Chutou-lhe a canela. — Isso é por se meter em minha vida! — Ergueu o vestido e acertou-lhe entre as pernas. — Isso foi por ter atacado o homem que eu amo!!

Leonard achou por bem rebocar o que restava do irmão antes que fosse morto.

— Deixe-me ver. — Elizabeth retirou o lenço e examinou o corte na boca de Alex. — Charlotte? Em meu quarto na gaveta da mesinha, pegue o creme de camomila e mel, por favor.

— Sim, mamãe — concordou e subiu correndo.

— Eu disse que Joanne sabia se defender! — Elizabeth sussurrou enquanto pressionava o lenço no corte que ainda sangrava. — Nesse caso, defender os dois — corrigiu a confiança.

— Lizzie, como ele está? — John limpou as lágrimas da filha.

— Um olho quase roxo e um corte feio no lábio. — Virou-se para o futuro cunhado. — Obrigada por não ter revidado.

— Ele fez o que achava ser o correto — explicou com dificuldade. — Estava procurando por vocês para darmos a notícia do noivado quando fui atacado. Eu sinto muito.

— Nós é que sentimos, Alex. — John saiu da frente antes de ser atropelado por Charlotte. — Mas relaxe, isso não voltará a acontecer.

— Tenho permissão de levar Joanne para o chá em uma comportada casa de chá amanhã?

— Papai?

— Claro que sim. — O abraçou apertado. — Confio em você — sussurrou. — Se me derem licença, tenho um filho rebelde para punir.

Saiu.

— Mamãe? — Joanne perguntou.

— Você tem permissão para isso e para ficar calado até eu acabar de espalhar a pomada — respondeu direto para ele.

— Gostosa. — Ele lambeu um pouco da mistura.

— É só mel e camomila. — Riu. — Poderá comê-la sem riscos. — Bateu carinhosamente no rosto acima. — Devo salvar meu caçula antes que meu marido arranque sua pele. — Sorriu. — Charlotte, venha.

— Mas vai deixa-la sozinha com *ele*?!

— Estão noivos, menina! Quando chegar a sua vez, verá o quão sortuda é em fazer parte da família.

Joanne aproximou-se examinando o machucado.

— Seu olho...

— Amanhã não terá quase nada você verá. Meu valete possui uma pomada mágica. — Puxou-a para os seus braços. — Tenho que ir; passarei aqui às duas e meia. — Tentou beijá-la e gemeu. — Seu irmão foi cruel: agora que possuo permissão para beijá-la não posso fazê-lo — choramingou.

— Teremos o resto da vida para tal.

— Tem razão. — Abraçou-a novamente. — Até amanhã, *Kukla*.



07

— Alguém poderia me explicar a razão de eu não estar na cama depois de uma noite maravilhosa com uma dama muito carente e continuar sentado aqui na companhia irritante de vocês dois, em uma casa de chá tradicional cercado por senhoras que continuam nos olhando como se fôssemos foragidos dos portais do inferno? — Andree arrastou cada palavra enquanto seus olhos passeavam por babados e quitutes delicados.

— A razão é simples, meu caro francês: nosso amigo russo nos pediu que esperássemos por ele aqui. Algo a ver com uma surpresa. — Cameron agarrou um canapé de salmão.

— Por que não trouxe Jane? — Sebastian provocou.

— Sério?! — Andree fez uma careta. — Ela não pode andar muito.

— Quanto está o placar agora? — Bastian perguntou.

— *Ammm...* Jean Claude passou Sacha em três conquistas, 28 x 25, você chegou aos 24 pontos e eu aos 23. Não se anime muito, inglês.

— Ah, Sacha chegou. — Andree sorriu.

— E não veio sozinho. — Cameron inclinou-se para o lado.

— Rapazes.

Eles levantaram.

— Gostaria de apresentá-los a minha noiva, Joanne Neddlethorn.

— Noivo?! — Sebastian sorriu.

Ela mostrou o anel, com orgulho.

— Enfim! — Jean ergueu as mãos.

— Perdemos um membro da irmandade, mas ganhamos uma irmãzinha.
— Cameron inclinou-se beijando a mão de Joanne. Depois Sebastian e Jean Claude.

— Outra irmãzinha, você quis dizer. — Alex puxou a cadeira para ela. — Onde está Jane?

— Jane não é uma irmãzinha e não pode andar por aí — Jean Claude resmungou.

— Eu já conhecia o visconde, o lorde e o conde. — Ela sorriu.

— Por favor, para você somos apenas Cameron ou Cam, Sebastian ou Bastian e Jean Claude ou Andree, milady. — Sebastian sentou-se com os outros.

— Sou apenas Joanne. — Teve a mão beijada por Alex.

— E quando se dará o enlace, apenas Joanne? — Cameron piscou para o amigo.

Ela riu.

— Já comecei a tratar dos papeis. Nos casaremos em São Petersburgo e depois aqui, contamos com vocês já que serão os padrinhos.

— Hum... Rússia... — Jean Claude murmurou.

Sebastian franziu o cenho preocupado e encarou o amigo.

— Traga Jane se o preocupa deixá-la sozinha. — Alex agradeceu o chá que trouxeram balançando sutilmente a cabeça para Sebastian num gesto tranquilizador.

— Ela certamente não estará mais comigo.

— Estará sim, temos uma a... — Cameron freou a língua.

— Uma a? — Joanne perguntou.

— Uma antiga dívida de chá com Jane. É a prima do interior de Jean, a pobre garota sofreu uma queda e machucou o pé — Cameron emendou.

Andree revirou os olhos.

— Ah, coitada. Quem sabe se eu não poderia animá-la um pouco? — ela sugeriu.

— Isso é algo que eu gostaria de ver. — Cameron riu.

— Eu também. — Sebastian sorriu maldoso.

— E eu. — Alex disfarçou o riso.

— Não estou entendendo...

— Oba! Bolinhos! — Cameron enfiou um em cada boca masculina, depois fechou a sua com um fofo pedaço de brownie.

O resto do chá foi tranquilo, os rapazes aceitaram o novo membro com o entusiasmo de ganhar uma irmã da qual zelariam e amariam. Joanne os amou assim que começou a descobrir as peculiaridades de cada um: Cameron era o mais solto, engraçado; Sebastian o mais sério, o dono de ideias sensatas e Jean Claude negava, mas era um romântico incurável. Já seu russo, ah, ele era tudo que sempre desejou e esperou. Com certeza sua família os amaria também.

A viagem de volta sofreu um pequeno desvio e quando notou, Joanne encontrava-se na porta de entrada da mansão de Alex.

— É sua?

— É nossa. Tudo que está aqui fora e dentro pertencerá a você e poderá ser mudado conforme seus desejos.

Gorya abriu a porta.

— Bem-vinda a Pequena Embaixada Russa em Londres. — Alex riu. — Este é Gorya, meu mordomo que quase não fala inglês.

Virou-se para um senhor de alvos cabelos e começou a falar em russo. O homem abriu um sorriso nada discreto e inclinou-se para ela dizendo algumas palavras em um tom aveludado.

— Gorya deseja as boas-vindas e está encantado em conhecer a futura princesa — explicou.

— Como agradeço?

— *Spasibo*.

— *Spasibo, Gorya*. — Sorriu.

O mordomo ampliou o sorriso.

Alex passou algumas instruções, a puxou para dentro realizando um pequeno tour pelos cômodos que acabou em seu quarto.

— Meus aposentos. — Fechou a porta atrás de si e riu ao notar o ar safado no rosto dela.

— Vai me seduzir?

— Só se você quiser — murmurou aproximando-se.

Joanne recuou lentamente até esbarrar no dossel da cama.

— Você quer? — perguntou lascivo.

— O quê? — desconversou.

— Eu a quero. Quero muito, Joanne, mas não forçarei uma situação. Confia em mim?

— Sim.

— Confia em mim o suficiente para relaxar?

— Sim.

— Então venha aqui. — Estendeu a mão.

Joanne aproximou-se.

— Vire-se, *Niavka*.

Ela deu-lhe as costas.

Alex afastou os cachos arrumados expondo sua nuca e depositou beijos castos pela área.

Joanne tremeu.

Ele sorriu.

— Não irei mexer em seu cabelo... — sussurrou. — Voltará para casa tão pura e arrumada quanto aqui entrou, meu amor, mas existe mais de uma maneira de se dar prazer a uma mulher e eu quero muito que você receba um pouco do muito que quero lhe dar...

Alexander abriu o vestido até que o mesmo caísse aos pés de Joanne como as águas em uma cascata, depois livrou-se da criolina, do espartilho, deixando-a só com o sobrevestido. Pegou-a no colo depositando-a sobre a cama. Retirou a jaqueta, depois a camisa arrancando um suspiro feminino. Riu.

— O que foi?

— Você é tão linda, Joanne. Estou rindo do bando de idiotas incompetentes que a guardaram por tanto tempo só para mim. Azar deles, sorte minha. — Livrou-se das botas permanecendo com as calças e deitou-se ao lado dela puxando-a para seu peito. — Ouça meu coração, isso é o que provoca em mim quando está perto; isso e outras coisinhas mais.

— Eu sei o que são as coisinhas a mais, não sou cega. — Escondeu o rosto sobre o peito.

— Não há nada para ter vergonha, amor. São reações saudáveis de um homem quando deseja uma mulher. Mas o foco hoje não sou eu e sim você. O seu prazer.

— E você?

— O meu prazer será proporcionar-lhe o que esperou por tanto tempo. O meu maior prazer será saber que serei eu a despertar a mulher que está ansiosa para desabrochar, ser o seu primeiro e último.

Alexander virou-se de lado e a beijou colando seus corpos, sua mão correu pelo sobrevestido até a perna e num toque sutil o trouxe em direção à cabeça.

— Quero ver você por inteira — sussurrou em seu ouvido.



Cameron agarrou outro sanduíche de salmão defumado e pepino.

Andree bateu na mão dele quanto tentou roubar um que repousava placidamente em seu prato.

— Quem olha para você, com certeza pensará que passa fome.

— Eu não resisto a sanduíches, ainda mais de salmão defumado — falou de boca cheia.

— Impressão minha ou este foi o chá mais rápido que já tomamos em toda a nossa vida? — Sebastian riu.

— Nós ainda estamos aqui. Três libertinos em meio a um bando de carolas enquanto Sacha... — Jean ergueu as sobrancelhas.

— Será?! — Cameron perguntou.

— *Noooooonnn!* — Andree riu baixinho com um ar debochado no rosto. — Alexander ama essa garota, fato comprovado por todos aqui presente que testemunharam a quantidade de baba escorrida e o olhar parvo. Se ele irá seduzi-la? Senhores! Todos sabem essa resposta, mas o que é impossível fazer é achar que essa sedução será como todas as outras, *n'est ce pas?* ^[18] Por isso, eu proponho um brinde: *À l'amour!*

— Ao Amor!

— *A ghrá* ^[19]!

— Agora vamos acabar logo aqui, estou com a sensação de que seremos excomungados se continuarmos fazendo papel de meninos bem-comportados. — Sebastian sorriu para uma senhora ao lado que bufou e virou o rosto com desdém.



Joanne ajeitou-se sobre o peito dele, olhos fechados, embalada ao som das batidas de seu coração agora mais calmo e do sacolejo da carruagem. Ela nunca experimentara as sensações que sentira, sequer cogitaria a possibilidade de receber tanto prazer de um homem sem que o mesmo se desse pelas vias tradicionais ou até mesmo fora dos sagrados laços do casamento. Alexander a levou ao paraíso mais de uma vez, em mais de uma forma, a fez sentir-se querida, amada, a fez sentir-se mulher. Ele cumpriu a promessa: saiu daquele quarto com sua reputação intacta, mas sua inocência perdeu-se nas hábeis mãos do homem que amava. Alex despertara sua fome e agora ela não via o momento de poder saciá-la plenamente.

— Ei... — Alex ergueu o rosto sonolento que repousava sobre seu peito.
— Estamos quase chegando, *Kukla*. — Beijou a ponta de seu nariz.

— Não quero que vá embora — resmungou sonolenta.

— Sua família desconfiará desta carinha de sono. — Sorriu. — Fomos tomar chá com amigos, lembra-se?

— Tem razão. — Empertigou-se arrumando o cabelo.

— Hum... — Inclinou a cabeça e ajeitou um cacho que escapara do lugar.
— Linda! — Abraçou-a. — Minha!

— Meu! — Ergueu os olhos. — E não gosto de compartilhar, Alex.

— Sacha.

— Sacha. — Esticou-se mordiscando seu queixo.

— *Nyeth!* — Afastou-a com as duas mãos.

— Fiz algo errado? — Piscou confusa.

Ele riu.

— Não se provoca assim um homem em um local público, ainda mais quando ele veste uma calça apertada, *moy Niavka*...

— Por quê? — perguntou com um ar inocente.

Ele sorriu lascivo, pegou sua mão e a levou até a razão.

Joanne corou.

— Está da cor das rosas da estufa de Cameron. — Fechou os dedos por cima dos dela com um pequeno gemido. — Melhor eu parar. — Soltou-lhe a mão e ajeitou-se incomodado. — Importa-se de sentar no banco oposto? Preciso de um tempo para me acalmar.

— *Ammm...* Certo! — Joanne pulou para o banco à frente. — Quando nos veremos?

— Amanhã tratarei de alguns papéis para o casamento e escreverei algumas cartas.

— Mamãe com certeza querará verificar meu enxoval, fazer compras e me arrastar até a modista para tratarmos do vestido de noiva.

— Teremos um dia cheio pela frente, então nos veremos depois de amanhã.

— Ficarei com saudades. — Fez um biquinho que arrancou uma risada de satisfação masculina.

— Eu também.

Alex esticou as pernas pousando as botas ao lado dela.

A carruagem parou. Um criado abriu a porta. Alexander desceu e ajudou Joanne. Ao se virarem, a porta da frente da mansão se abriu dando passagem para Matthew se instalar no portal com os braços cruzados e olhar nada satisfeito.

— Melhor que me vá, minha boca ainda dói. — Parou no portão.

— Matt não o atacará novamente se preza sua integridade física. — Ela praticamente rosnou para o irmão. — Não quer mesmo entrar?

— Aproveitarei o tempo para escrever algumas cartas para a Rússia. Preciso conversar com o padre da Igreja da Santíssima Trindade de Izmaylovsky, antigo amigo meu, com certeza ele oficiará nossas bodas.

— Veremos-nos então depois de amanhã? — Pendurou o olhar.

— Contarei as horas. — Beijou-lhe a mão.

— Eu também. — Suspirou e seguiu em direção à porta detendo-se por um minuto. — Sacha?

— Sim?

— Vai se comportar? — Sorriu coquete.

— Por minha honra sim, sempre.

— Certo. — Andou mais um pouco. — Sacha? — Virou-se.

Ele parou no momento que entraria na carruagem.

— Sim, *moy Niavka*?

— Eu amo você.

— Diga: “*Ya lyublyu tebya.*”

— *Ya lyublyu tebya* — tropeçou nas palavras, matou a pronúncia.

Alexander sorriu como se ouvisse a frase de uma filha da terra.

— Eu também a amo. — Inclinou-se e entrou na carruagem.

Joanne fez o resto do percurso cantarolando, empurrou o irmão carrancudo para o lado e entrou para esbarrar em Elizabeth.

— Como foi o chá, querida? — Ergueu os olhos do bordado que segurava e mirou a filha.

— Muito bom, mamãe. Conheci os amigos de Alex, eles são incríveis.

Elizabeth inclinou a cabeça, franziu as sobrancelhas e momentaneamente abriu a boca para falar, mas faltaram as palavras exatas.

— Mamãe? — Joanne sorriu.

— Só o chá? — Sua filha corou na hora. Um sentimento conflitante a assaltou, um misto de raiva e regozijo.

— Não aconteceu nada demais, mamãe, eu juro — sussurrou.

— Mas aconteceu alguma coisa — sussurrou de volta.

Joanne abriu um sorriso discreto. Um gesto singelo que valeu por mil palavras.



São Petersburgo, Rússia.

Capital do Império Russo, lar dos Romanov, São Petersburgo era a joia da Coroa Russa situada no litoral da Baía do Rio Neva, considerada uma das cidades mais frias do mundo (um dos fatores que originou o apelido de Alexander). Famosa pelo Sol da Meia-noite entre maio e junho, com seu casario em diversos estilos românticos, não escapou ao inchaço similar a Londres quando da revolução industrial com seus distritos mais pobres orbitando a cidade, o que a fez ultrapassar Moscou em termos populacionais, a tornando uma das maiores cidades industriais europeias.

Staryy dom ou a Casa Velha situava-se relativamente perto do palácio de Alexandre II, era encantadora com suas linhas clássicas, sóbrias, imponentes. Ali Alex nascera e crescera; ali abrigava sua família: A grã-princesa Ekaterina Nikolaevna Sotchi Romanov, avó zelosa, pequena em estatura grande em orgulho, detentora de alvos cabelos, olhar tão profundo quanto o Neva e que dominava com mão de ferro sua filha, a Princesa Yeva Georgina Tarasovna Ilyich Sotchi Romanov, uma mulher forte com ideias claras e conservadoras quando se tratava da família, um pouco mais alta que a mãe, cabelos castanhos entremeados de branco, olhos tão azuis quanto os de seu filho mais velho, trazia no abrigo de sua asa sua filha Zarya com 22 anos, uma versão feminina de Alexander e Ivann, seu caçula de 20 anos que puxara os marcantes traços de Grigoriy, seu pai.

A vida da família era confortável, cercada pelo luxo de seu status social e seria perfeita se Alexander, num rompante de rebeldia, não tivesse deixado suas obrigações familiares de lado para casar-se com o que Yeva chamava de

a desclassificada polonesa, Irenka.

No início Sacha manteve uma correspondência regular com Zarya, porém, conforme o tempo passava as mesmas tornaram-se cada vez mais escassas até que pararam de chegar e ela perdeu contato de vez com seu irmão amado. O que mais doía além da ausência reconfortante de Alex e da súbita morte de Grigoriy, o patriarca, era Yeva acusar o filho mais velho de todos os infortúnios sofridos. Desequilibrada pela perda do marido, voltou sua devoção ao Czar, o qual obedecia tão cegamente que, se ordenasse o extermínio de sua própria família, ela com certeza ergueria o punhal.

Os anos transcorreram entre solavancos políticos, algumas revoltas, um ou outro atentado intercalados por períodos de calma que Zarya costumeiramente denominava de a calmaria antes da tempestade, principalmente por Alexandre II ter ascendido ao trono; fora ele o verdadeiro pivô da fuga de seu irmão e propositalmente ou não o Czar virara o próprio sangue contra si: Alex não só matou o primo, porque foi levado para Paris por um visconde inglês, senão ou estaria morto por assassinato ou estaria morto pelos asseclas do imperador, ora não fosse o providencial socorro estrangeiro.

Já Zarya dera sorte ao se apaixonar por Gorya Nikolaevich, conde de Tikhvin, escapando ilesa da convicção maternal em manter a linhagem Romanov impoluta. Seu marido recebido alegremente no seio da família, a presenteara com duas joias: Anastasiya e Igor, seus filhos amados, paparicados por uma avó e uma bisavó sequiosas por distribuir a atenção que Sacha as negara, tutelados por Ivann que assumira as responsabilidades inerentes a um tio mais velho.

E foi então que, numa tarde de inverno, quando o Neva descansava em suas águas congeladas, Zarya interceptou um fragmento de diálogo entre Ekaterina e Yeva na Sala Verde, o que teria um peso muito grande no futuro.

— Fui conversar com Alexandre hoje, pedir-lhe auxílio para trazer Alexander de volta de uma possível vida desregrada que penso estar levando.

A avó ergueu os olhos do bordado com um ar interessado.

— Esqueceu-se que Alexandre mandou seus homens matarem Sacha?

— Não, não esqueci, mas o Czar deu sua palavra de que traria meu filho de volta são e salvo e perdoado pelos erros do passado como recompensa pela devoção de nossa família ao império.

— E como o primo pretende operar tal milagre?

— Eu não sei, *babulya*. Pediu-me para esperar. — Suspirou. — De certo logo receberemos nosso Sacha de volta. Tenho maravilhosos planos para ele e Tanya.

Zarya afastou-se apressada sem ser vista, retornou aos seus aposentos onde meditaria sobre o que escutara.



Madame Rosseau suspirou aliviada. Os Neddlethorn eram seus melhores clientes, não pelo excessivo gasto com vestidos, mas pela facilidade como a comunicação estilista-cliente se dava. Nada de melindres, nada de ameaças veladas sobre o modelo ser exclusivo; apenas pura e honesta comunicação. Se uma opinião discrepante surgia, era calmamente debatida até um ponto comum ser atingido, sem choramingos, histeria, falsas lágrimas. Desenhos de vestidos de noiva, modelos exclusivos recém-chegados de Paris foram exaustivamente estudados, escolhidos, separados, escolhidos, separados, até que a marquesa e sua filha concordassem por um modelo simples de cintura alta como ditava a moda do início do século.

Nannette Rosseau então ficou encarregada do resto do guarda-roupa que acompanharia o traje nupcial: camisolas, penhoares, vestidos para o dia, para tarde, alguns de baile. No final Elizabeth e Joanne saíram exaustas. Exaustas e famintas. Seguiram direto para uma das muitas casas de chá e de lá para casa.

Esse foi um dia tão atípico que alcançou os rapazes do mesmo jeito:

Sebastian permaneceu preso em seu gabinete com o secretário devido a problemas em suas propriedades na França. Andree avançou algumas milhas no território inimigo esquivando-se habilmente dos projéteis domésticos que ora eram lançados em sua direção, ora a esmo todas as vezes que insistia em corrigir sua pupila. Cameron recebeu um primo de Dublin para o qual prometera ajuda assim que acabasse os estudos e Sacha internou-se no escritório só recebendo seus advogados ocupados com os trâmites matrimoniais. A carta ao padre em São Petersburgo estava quase pronta e se pegou avaliando a possibilidade de escrever a família também. Lembrou-se de Irenka. Desistiu da ideia. Sentia-se irrequieto, seus pensamentos divagavam para a mulher amada e os momentos que passaram juntos. Fora um esforço hercúleo segurar-se para não ir até o fim, ainda mais com uma receptividade entregue de tão bom grado. Encontrava-se sedento pela água de uma única fonte sem saber até quando evitaria cair de cabeça nela para deixar afogar-se alegremente.

Naquela noite atípica daquele dia atípico, o ar não estava tão frio, o céu miraculosamente limpo mostrava uma lua cheia que iluminava os jardins emprestando um ar quase sobrenatural. Joanne deixou a sacada de seu quarto após divagar sobre seu futuro. Encostou as portas francesas e seguiu direto para o abrigo de seu cobertor adormecendo em seguida.

O estalar da maçaneta da sacada a despertou, virou-se e deparou-se com um vulto que encontrara livre passagem ao cômodo. Já ia gritar quando a lua, antes entre nuvens fugidias, se fez presente novamente iluminando o intruso.

— *Niavka?*

A voz sussurrada e o arrasto tão típico da pronúncia arrancaram-na da cama. Joanne correu e pulou nos braços amados.

— Alex! — Foi beijada com sofreguidão. — O que... O que... — Beijo. — O... — Ela o afastou rindo baixinho. — O que está fazendo aqui, seu maluco?!

— Impossível manter-me longe! — choramingou segurando o rosto dela entre as mãos. — Precisava vê-la, precisava tocá-la, precisava beijá-la,

cheirá-la... — Pegou-a no colo depositando-a sobre a cama. — Ficarei aqui só um pouquinho.

Alexander tirou o casaco, as botas, deitou-se ao lado, puxando o cobertor sobre eles.

Joanne sorriu sapeca e girou o corpo sentando-se sobre sua cintura.

— *Nyeth, Niavka!* — quase gritou.

O ar apavorado dele incitou-a a ser mais ousada, puxou a camisola pela cabeça a atirando ao chão.

Alexander pegou o travesseiro ao lado e usou-o para abafar um gemido.

— Misericórdia, mulher! O que pretende? Matar-me?!

— Quero que me mate, Sacha... Quero morrer em seus braços.

Seus dedos trabalhavam céleres nos botões da camisa abaixo.

Ele segurou suas mãos.

— Não sabe o que está pedindo — retrucou apavorado.

Joanne inclinou a cabeça depois inclinou-se sobre ele.

— Serei mais clara: eu quero você.

— Você me tem, milady — rebateu mais apavorado ainda.

— Alex... Quero ser sua, quero que me faça sua mulher hoje e se soubesse russo talvez me entendesse mais claramente — ironizou se divertindo.

— *Ah, moy Niavka!* É sua reputação em jogo, algo que uma vez feito não poderá ser desfeito, pense bem.

— Esperei 29 anos pela pessoa certa e não esperarei mais um dia sequer,

porque a pessoa certa está aqui, agora. — Pousou a mão em seu coração.

— Tem certeza? — inquiriu indeciso.

— Vamos casar?

— Tão certo quanto o sol ao amanhecer. — Sorriu correndo os dedos pelo rosto dela passando pelos seios até pousarem em sua cintura.

— Por favor, Sacha. — Pendurou aquele olhar que tanto o afetava.

Ele riu baixinho, jogou-a para o lado e esticou as mãos sobre a cabeça.

— Dispa-me, meu amor.

Joanne ergueu as sobrancelhas surpresa com o pedido. Nunca despira alguém, além dos irmãos quando criança; sem saber o que fazer o encarou com ar perdido arrancando um sorriso safado.

— Comece por onde quiser. — Piscou.

A camisa foi a primeira a sair por já encontrar-se meio aberta depois de livrar-se do lenço em seu pescoço. Logo seguiu-se a camiseta, as calças, até que só restasse a ceroula. Segurou-a pelo cós, dedos incertos pelo que veria a seguir, fechou os olhos, tomou fôlego e em um só gesto retirou-a.

— Joanne? — Alex sussurrou. — Pretende ficar cega ao que vai acontecer? — Riu. — Meu corpo a envergonha?

Ela arriscou abrir um olho.

— Não... — balbuciou.

— A amedronta?

Joanne tomou coragem para observar atentamente o homem deitado. Ele era lindo, quase tão lindo quanto às estátuas que vira em museus só que muito mais macio, cheiroso e todinho dela.

— Então? — perguntou segurando o riso.

— Você é lindo... — Suspirou encantada.

— Não... — Sorriu girando o corpo sobre ela. — Você é que é linda! — Baixou momentaneamente deixando-a sentir o seu peso. — Serei sincero, *Kukla*, como sempre fui: vai doer um pouco, sangrar um pouco e juro por minha honra que serei delicado e se quiser parar eu farei de tudo para obedecê-la, entendeu? — Escorou o corpo com os braços.

— Entendi sim, mas não quero que pare. — Acariciou-lhe os músculos do peitoral.

— Juro que as próximas vezes serão melhores — murmurou rouco distribuindo beijos pelo rosto, nariz, boca, pescoço e foi descendo.

Alex deixou uma trilha incendiária. A cada beijo, a cada toque, Joanne sentia-se queimar por dentro ávida por ser preenchida até que ao senti-la pronta, posicionou-se.

— Olhe para mim, meu amor. — Seguiu em direção ao paraíso.

Mais tarde ele deixou a cama, pegou seu lenço, seguiu em direção ao pequeno banheiro, molhou-o carregando consigo a jarra de água e a bacia que a acompanhava junto com uma toalha. Sentou-se e cuidadosamente limpou-a. Joanne sangrara pouco e o lençol da cama fora protegido estrategicamente contra eventuais provas incriminatórias, logo, nada a se preocupar além de ser pego nu no quarto da noiva hipoteticamente ainda virgem.

Logo após recostou-se puxando-a para seus braços novamente.

— Arrependida?

— Nunca! Foi tão incrível! Tão... — Suspirou. — Podemos repetir? — Ergueu o rosto para ele.

Alex gargalhou discretamente.

— Não hoje. Amanhã estará menos sensível aí poderemos pensar

em uma nova escapada. — Fez sentar-se. — Joanne, tem noção do risco que corremos?

— Risco do tipo eu estar com uma...

— Do tipo já estar grávida de um filho meu.

— Isso é algum problema para você? — perguntou ressabiada.

— Isso só será um problema se você achar que é um problema. — Sorriu apertando-lhe a ponta do nariz. — Seria maravilhoso, querida! — Estreitou o abraço. — Porém entenda, *Kukla*. Quanto mais vezes a levar para a cama, maiores as chances de isso acabar acontecendo. Existem maneiras de evitarmos.

— Não quero evitar nada. Uma vez ouvi as criadas conversando sobre o homem despejar suas sementes longe da mulher e não, decididamente você não fará isso.

— Hum... — Encarou-a. — Minha! Minha mulher! Minha pequena ninfa! — Beijou-a. — Eu a amo!

— Eu também.

— Você também se ama?!

— Não! — Riu baixinho e bateu nele. — Eu amo você, seu tolo!

— Um tolo apaixonado que será morto por seu pai ou seu irmão mais novo se for pego em sua cama. — Beijou-a. — Melhor que eu aproveite o manto da noite e retorne para casa.

— Ah, não! — Armou biquinho.

— Ah, sim. — Riu.

Joanne mirou as nuvens que ora encobriam a Lua depois falou:

*Por que partir tão cedo? inda vem longe o dia...
Ouves? é o rouxinol. Não é da cotovia
Esta encantada voz. Repara, meu amor:
Quem canta é o rouxinol na romãzeira em flor.
Toda a noite essa voz, que te feriu o ouvido,
Povoa a solidão como um longo gemido.
Abracemo-nos! fica! inda vem longe o sol!
Não canta a cotovia: é a voz do rouxinol!*

Alexander riu um pouco mais alto que deveria.

— Jogo sujo, *Niavka*. Shakespeare?! Tudo bem... — Limpou a garganta:

*É a voz da cotovia anunciando a aurora!
Vês? há um leve tremor pelo horizonte afora.
Das nuvens do levante abre-se o argênteo véu,
E apagam-se de todo as limpadas do céu.
Já sobre o cimo azul das serras nebulosas,
Hesitante, a manhã coroada de rosas
Agita os leves pés, e fica a palpitar
Sobre as asas de luz, como quem quer voar.
Olha! mais um momento, um rápido momento,
E o dia sorrirá por todo o firmamento!
Adeus! devo partir! partir para viver...
Ou ficar a teus pés para a teus pés morrer!*

Joanne fez uma careta safada e vendo que ele levantou e começou a pegar as roupas no chão, continuou:

*Não é o dia! O espaço inda se estende, cheio
Da noite caridosa. Exala do ígneo seio
O sol, piedoso e bom, este vivo dano
Sé para te guiar por entre a cerração.*

Fica um minuto mais! por que partir tão cedo?

Alex interrompeu o que fazia. A figura da mulher que amava, nua e resplandecente com a aura de sensualidade que fora desperta, ajoelhada entre alvos lençóis de seda o fizeram cogitar a possibilidade de esquecer-se de tudo, deitar e tomá-la mais uma vez. Largou a roupa no chão e jogou-a delicadamente para trás.

*Mandas? não partirei! esperarei sem medo
Que a morte, com a manhã, venha encontrar-me aqui!
Sucumbirei feliz, sucumbindo por ti!
Mandas? não partirei! queres? direi contigo
Que é mentira o que vejo e mentira o que digo!
Sim! tens razão! não é da cotovia a voz
Este encantado som que erra em torno de nós!
É um reflexo da lua a claridade estranha
Que aponta no horizonte acima da montanha!
Fico para te ver, fico para te ouvir,
Fico para te amar, morro por não partir!
Mandas? não partirei! cumpra-se a minha sorte!
Julieta assim o quis: bem-vinda seja a morte!
Meu amor, meu amor! olha-me assim! assim!*

Ela sorriu por alguns segundos, depois quase entrou em pânico ao ouvir passos no corredor. Os dois miraram a porta fechada esperando pelo primeiro sinal do desastre iminente, contudo ao notarem que o silêncio voltou a reinar, respiraram aliviados. Alex voltou a distribuir beijos por onde podia. Ela retrucou empurrando-o para longe.

*Não! é o dia! é a manhã! Parte! fuge de mim!
Parte! apressa-te! fuge! A cotovia canta
E do nascente em fogo o dia se levanta
Ah! reconheço enfim estas notas fatais!
O dia! ... a luz do sol cresce de mais em mais
Sobre a noite nupcial do amor e da loucura!*

Ele parou com um sorriso torto nos lábios.

— E foi assim que Romeu foi embora, mas ao contrário do desafortunado amante, eu pretendo bater em sua porta daqui a algumas horas, vivo. — Riu beijou-a e levantou-se. — Virei pegá-la às onze horas. Acha que conseguiremos sair sozinhos?

— Somos os Neddlethorn. — Sorriu enrolando-se no cobertor.

— Certo. — Vestiu a calça e sentou-se para enfiar as botas. — Acha que duas dúzias de rosas dobrarão sua mãe por eu não avisar antecipadamente sobre nosso compromisso?

— Acho que papai terá uma crise de ciúmes. — Riu e ajeitou seu colete.

— Sua irmã gosta de bichos?

— Tentando seduzir a minha família, milorde?

— Vodka para o seu pai.

— Cicuta para meu irmão Matthew. — Riu abraçando-o pelas costas. — Charlotte adora pássaros, se exóticos então terá uma aliada pelo resto da vida. Leonard gosta de xadrez.

— Ótimo! Nós russos amamos este jogo!

— E eu? — perguntou dengosa.

— Espere e verá. — Puxou-a e beijou lentamente. — Volte para a cama, está frio lá fora.

— Um momento... — O deteve. — Como subiu?

— Pela árvore ao lado. — Empurrou-a na direção do leito. — Seja uma boa menina — apontou.

Joanne esticou-se, beijou-o rapidamente e correu para a cama. Antes de deitar-se, parou, virou e mostrou-lhe a língua.

— *Neposlushnyy rebenkom!* — Riu.

— Traduza!

— Criança malcriada!

Alex inclinou-se, fechou as portas da varanda sumindo na escuridão.



08

Andree deteve-se na Sala de Música onde Cameron esparramado em uma chaise longe devorava alegremente um prato de sua paixão: sanduíches de salmão defumado.

— É arenque. — Sacudiu o petisco.

— Arenques? — O francês encarou o irlandês.

— Arenque não é salmão. — Pegou mais um.

— Tem razão, são mais gostosos. — Gesticulou com desdém.

— Qual a razão do humor tão ácido quanto às tortinhas de limão? — perguntou apontando para o prato do outro lado da mesinha onde pequenas tortas esperavam por serem devoradas.

— A modista está demorando demais. Vá até lá.

— E invadir o covil feminino enquanto existe um vasto suprimento de tesouras, agulhas e alfinetes? Nem se uma Banshee gritasse em meu ouvido!
— Benzeu-se.

— Preciso que vá, Cam. Sabe-se lá o que Jane está fazendo com a pobre moça.

— Não sairei daqui. Seja paciente, homem!

— Desconheço está virtude — resmungou.

Cameron gargalhou até ser interrompido pela cara de choque do amigo. Girou a cabeça na mesma direção dos olhos arregalados; sua boca abriu-se e levantou-se lentamente.

— *Oh, Dhià!* — murmurou.

— *Oh, mon Dieu!* — Andree gemeu levando inconscientemente a mão ao coração.

— Eu sabia! — Ela armou um bico imenso sacudindo os braços dramaticamente. — Naneeeteee! — choramingou batendo o pé bom. — Eu disse *qui* eles *num* ia gostar *du* vestido! — As lágrimas brotaram abundantes.

— Jane?!

A voz esganiçada de Andree a assustou. Ela mirou desconfiada a mão de seu protetor esticada em sua direção.

— *Num* vô dá minha mão! — Esticou a sua para quem permanecia em pé com o sanduíche esquecido ao lado e ar apatetado.

Cameron não se mexeu.

Jean Claude idem.

Jane continuou chacoalhando seus dedinhos sequiosos na direção do amigo.

— *Esto* feia! — Passou pelos dois atrapalhando-se com as saias e jogou-se no pequeno sofá ao lado. Seus olhos correram do *Francês idiota* para o *Irlandês dos inferno*, que continuavam tão empacados quanto uma mula em Whitechapel. — *Qui* foi?! — Naneeeteee! — Limpou as lágrimas com a luva. — *Mi tira* desse troço!

— *Nooonnnn...* — Andree saiu do transe. — Está deslumbrante, *ma chérie*.

Jane deixou escapar uma careta de descrença.

— Cameron? — Andree ergueu as sobrancelhas.

— Cameron...on...on...on... — Soluçou alto.

Cameron permaneceu imóvel.

— *Merde!* Cam! — Pisou-lhe o pé.

— *Cac*^[20]! — xingou o amigo fechando o semblante. Piscou confuso. — Quem é você? — Aproximou-se com passos felinos.

Jean Claude revirou os olhos e torceu o canto da boca nada satisfeito com o flerte descarado.

— Sou euuuu... — Soluçou. — A Ja-a-ne.

— Não... — Rebateu em torça. — O que fez com a minha amiguinha? — Segurou suas mãos a levando para longe do sofá.

— Sou eu, seu burro! A vendedora de flor *qui* foi atropelada *pur essezinho* aí.

— *Essezinho* a ajudou, a alimenta, abriga, veste e ensina a ser civilizada. Bom, pelo menos tenta. Quanta ingratidão! — Andree cuspiu irritado e gesticulou exageradamente.

Foi ignorado.

— *Esto* feia? — Girou no eixo desequilibrando-se por causa do pé e acabou por jogar o prato de sanduíches no chão pelo excesso de pano que trazia. — *Disculpa!* — Sorriu molhado.

— Está linda, milady! — Cam inclinou-se beijando os nós de seus dedos.

— Eu *num* sei não. Muita roupa, muita porcaria de saia! — Ergueu o vestido e começou a puxar as sobressaias para cima.

Cameron riu gesticulando desesperado para que parasse.

Andree fascinado continuou a olhar.

— Pois a aula hoje é minha. — O astuto irlandês atropelou o parvo francês.

— O *qui* é?

— Vai aprender a dançar se o seu pezinho não doer tanto. Se doer, deixaremos para mais tarde.

— Mais *num* tem música! — Olhou ao redor desconsolada.

— Teremos. — Jean sinalizou para um criado e aveludados acordes de uma valsa encheram o ar.

— Ih, música! — Riu encantada.

— Venha, minha dama. — Cameron a levou pela mão. — Começaremos com a valsa, mas primeiramente, a dama espera que um cavalheiro requisite uma dança ou uma contradança. — Colocou-a sentada em uma cadeira na parede oposta ao salão.

— *Num* entendi nada. *Tá* falando *isquisito*, irlandês.

— Eu *dissi* que você tem *qui* fica aqui até um *homi* perguntar se você que *arrasta* o pé *cum* ele.

Por trás de Cameron, Andree desalentado batia com a testa no beiral da porta.

— Ah, tá! — O empurrou.

— *Presti* atenção, Jane, porque as *pessoa num* fala assim *comu* você e eu, logo será melhor se começar a habituar-se a falar corretamente como qualquer dama. Você quer ser uma dama, não quer?

— *Quiria* sim... — O encarou com uma careta. — Queria sim —

corrigiu-se.

Andree ergueu a cabeça esperançoso ao se deparar com o pequeno milagre.

— Então preste atenção: Uma dama nunca pedirá para dançar com um cavalheiro. — A viu abrir a boca. — NUNCA!

Ela baixou as mãos desanimada.

Cameron continuou.

Andree sentou-se.

— Isso que está pendurado em seu pulso é uma caderneta de dança. Uma dama anotará nela o nome dos cavalheiros que solicitarem uma dança. Uma vez que ela se comprometa a dançar, não poderá voltar atrás e se o fizer, tem por obrigação explicar o motivo ao referido cavalheiro, entendeu?

— Acho que sim — respondeu distraída com o caderninho preso ao pulso.

— Ótimo; mais tarde voltaremos a repassar todos os pontos que veremos hoje. — Afastou-se. — Agora quero que imagine um baile: um salão tão bonito quanto esse, todo iluminado, repleto de flores, velas, mulheres deslumbrantes, homens elegantes, comida fina, bebida boa e uma música maravilhosa. Você está sentada com sua acompanhante, distraída com o que vê, quando um cavalheiro... — Aproximou-se. — Para à sua frente, inclina-se em saudação respeitosa e esticando sua mão direita com a esquerda às costas, falará: *Dar-me-ia a honra da sua mão para a valsa?*

Jane piscou os olhos arregalados, sem saber o que fazer e optou pela saída que lhe pareceu mais óbvia: caiu na gargalhada.

Cameron fechou os olhos, balançando a cabeça em uma negativa sentida, ela notou e o riso foi morrendo lentamente.

— Pode repetir? — Inclinou a cabeça.

— Não.

— Não?

— Para mim chega. — Virou-se para o amigo. — Ela é toda sua... eu desisto. É um caso perdido! — Gesticulou exageradamente e saiu batendo os pés.

Jane que se levantara, caiu prostrada. As lágrimas que já se faziam visíveis, viraram da porta agora vazia para Andree ainda sentado, braços e pernas cruzadas e olhar sério.

— Vai *disisti di mim* também? — Baixou a cabeça e começou a chorar.

— *Non*. — Esticou seu lenço para ela. — Se quisesse desistir, *non* a teria trazido para minha casa. — Esperou que limpasse os olhos.

A garota suspirou, ergueu a cabeça e viu a mão esticada em sua direção.

— Dar-me-ia a honra da sua mão para a valsa, *ma dame*?

— O *qui* eu *respondu*? — Sorriu entre lágrimas.

Para Andree foi como testemunhar o sol aparecer por entre nuvens de chuva. Ele sorriu em retorno.

— Diga apenas: *sim, milorde*.

— Sim, francês idiota!

Ele riu e a escoltou até o centro da sala onde automaticamente a música começou. Inclinou-se em saudação e abaixou-se em uma saudação feminina, gesticulando para que ela fizesse o mesmo. Logo após esticou sua mão esquerda para cima e para o lado.

Jane estudou a pose com um ar pensativo, pousou sua mão direita na dele de maneira tão leve quanto um pássaro e como um que acabara de ser capturado tremeu ao seu toque.

Jean sentiu-se estranho. A cintura trêmula que enlaçou com tanto zelo era diferente de todas aquelas a qual segurara em toda a sua vida, vestidas ou desnudas. Balançou a cabeça para cima e para baixo ao compasso da valsa e a puxou suavemente para o lado.

Ela riu nervosa, observando desesperada, os pés dele.

— Relaxe... Uma dama não olha para os pés de seu par e sim para seus olhos.

— Eu *vo cai*.

— Eu *non* a deixarei cair, *ma chérie*. — Parou, esperou que ela se recomposse e balançou a cabeça novamente. — Um, dois, três, um, dois, três... — Girou-a e parou quando sentiu seus dedos enterrarem com força em seu ombro. — Tudo bem?

— Só *mi* assustei. — Riu.

— Novamente: um, dois, três... *une, deux, trois*... — Giro. — *Une, deux, trois*... — Forçou o ritmo e sorriu ao vê-la acompanhar com relativa facilidade. — E mais um giro... — Puxou-a com vontade.

Jane entusiasmada com seu progresso esforçou-se por acompanhá-lo. Esforçou-se demais, um pouco além do que seu pobre pé machucado permitia. A dor veio, desequilibrou-se tombando para frente à procura de apoio, porém seu *apoio* no momento encontrava-se com um dos pés no ar. Resultado: caos.

Andree sentiu como se uma avalanche de tecido tivesse desabado sobre si e o soterrado sobre camadas e mais camadas de tafetá. Além dos contornos de um corpo macio sobre ele, sua protegida estava a milímetros de ser beijada e como sofrendo de uma surpreendente crise de demência temporária (ele a alegraria para si próprio na intimidade de seus aposentos), simplesmente a beijou.

Jane parou de rir no momento em que sua boca foi invadida e congelou em puro choque. Nunca fora beijada antes, nem sabia como era ou o que faria

se tal acontecesse. Entrou em pânico: debateu-se desesperada entre os braços que a enlaçavam, batendo onde podia. Conseguiu pôr-se de joelhos arrancando um urro de animal ferido abaixo, ergueu-se cambaleante e mancando disparou na direção da escada para a segurança de seu quarto enquanto Andree se retorcia por ter suas partes baixas atingidas pelo joelho alheio.

— Eu esqueci a porcaria da minha... — Cameron entrou disposto a sair sem se deixar influenciar pelas armas femininas e correu na direção do amigo caído ajudando-o a levantar-se.

— O que houve com você?! — Auxiliou-o a andar até a cadeira mais próxima. — Onde está Jane?

— Desastre. Foi isso que aconteceu: desastre — gemeu.

— Deixo vocês sozinhos por menos de meia hora e um desastre acontece? — Sorriu.

— Eu a beijei. — Levantou-se esticando o corpo.

— Você o quê?! — Franziu o cenho.

— Eu a beijei — repetiu e foi ao chão com a força do soco.

Cameron arfou transtornado.

Andree totalmente pasmo ergueu os olhos na direção do amigo.

— Cam?!

— Ela não é sua para seduzir! Não vai descartá-la como se fosse lixo depois de conseguir o que quer, Jean Claude! Eu não permitirei! — Começou a zanzar de um lado ao outro. — Quer ajudá-la? No fundo esse é o motivo desta estúpida aposta, não é?! — Gesticulou mexendo os dedos doloridos pelo impacto. — Tudo bem, todos nós queremos o mesmo, mas não... NÃO a usará para aumentar sua pontuação em nossa contagem! Não Jane! Nem que eu tenha que tirá-la de você e enterrar de vez essa maldita amizade! — Apontou o dedo no nariz sangrando do francês. — ENTENDEU?!

— Cam...



— Não quero mais falar com você. Na verdade não sei mais se quero falar com você novamente! — Virou-se e saiu batendo os pés pela segunda vez.

John interceptou a esposa bem na hora que passava pela porta do escritório. Agarrou-a pela cintura deixando o mordomo com um sorriso de pura cumplicidade no rosto e fechou a porta atrás de si.

Ela riu e foi beijada com raiva. Logo a mão dele estava por todos os lugares possíveis.

— Nossa! O que é isso?! — Riu entre seus lábios.

— Você é minha! — rosnou beijando-a entre os seios.

— Está demarcando território?! — Voltou a rir. — Isso por causa das rosas?!

— Russo ladino! Você ganha rosas o suficiente para encher a mansão e nos sufocar pelo perfume, Leonard um tabuleiro finamente trabalhado, Charlotte um papagaio que é mais barulhento que uma seção no Parlamento, Matthew uma caixa nova com tintas e telas e eu uma caixa da melhor vodka do mundo. Ele não conquistou Joanne, ele seduziu a família inteira!

— O russo ladino chegará daqui a pouco para levar Joanne para escolher as alianças, depois tomar chá com os amigos e por fim a trará de volta.

— Gosta dele, não?

— Muito.

— Eu também. — A beijou, correu na direção da porta e a trancou com

uma risadinha safada.

Alexander bateu a aldraba da porta dos Neddlethorn pontualmente. Segurou o riso ao ouvir o alarido do outro lado da mesma. Pelo jeito Charlotte descobrira que seu presente veio equipado com um vasto palavreado em russo. A mesma abriu a porta com o presente empoleirado alegremente em seu ombro.

— *Dobro pozhalovat' domoy*^[21]! — A ave sacudiu-se animada.

— *Spasibo!* — Gargalhou gostoso. — Milady, espero que tenha apreciado o presente. — Beijou-lhe a mão rindo ao vê-la corar.

— Adorei, mas ele só fala russo! — Acarinhou a cabeça do papagaio que quase deitou para receber mais carinho.

— Micha pertencia a um antigo amigo da marinha russa. Ainda bem que não entende a língua já que seu vocabulário abrange algumas palavras não muito recomendadas a uma dama.

Entrou entregando o casaco, as luvas e o chapéu para um criado.

— Papai não precisa saber disso, não é?

— Será nosso segredinho — sussurrou. — Sua mãe gostou das rosas?

— Ah, sim... — Riu. — E papai da bebida, Leonard do jogo e até mesmo Matthew do material de pintura mesmo afirmando enfaticamente que não. — Aceitou o braço esticado, o levando na direção da sala de visitas.

Micha aproveitou para mudar de poleiro.

— Alexander. — Leonard levantou-se da mesinha onde disputava uma partida de xadrez com o caçula. — Bom revê-lo. — Abraçou-o. — Obrigado pelo presente. Joga?

— Desde meus cinco anos. — Piscou para Charlotte.

— Obrigado pelo material de pintura. Não temos essa qualidade de tintas em Londres. — Matthew ergueu-se a contragosto apertando sua mão.

— Pedi para meu secretário em Paris providenciar. Caso precise de mais, avise-me.

Matt inclinou-se.

— Meu caro, Alex. — Elizabeth entrou na sala corada e um pouco descabelada para espanto dos filhos, mas para Alexander sinal certo de uma mulher que acabou de ser amada. — É muito mimo para uma velha.

— Se me permite a ousadia, milady ganha de muitas mulheres que já conheci em beleza e charme. — Inclinou-se beijando-lhe a mão.

— Joanne não basta? — John entrou logo a seguir, colarinho torto, colete abotoado erroneamente.

Alexander sorriu piscando para ele em mútua comunicação masculina e foi abraçado.

— Adorei a vodka, *spasibo*.

— *Ne za chto!* [\[22\]](#) É de minha destilaria em Sotchi.

— Alex?

Joanne segurou-se para não correr e pular no pescoço do homem perto de seu pai. Aproximou-se com um sorriso radiante no rosto e abaixou em saudação tendo a mão beijada prontamente. Os olhos dele brilharam, ela corou.

— O joalheiro nos espera, milady. Peço perdão por não demorar um pouco mais, mas Mr. Stein fez questão de fechar seu estabelecimento somente para nos receber e dar total atenção.

— Então será melhor que saiam logo. — Elizabeth empurrou o casal para o corredor.

— Será prudente que Charlotte os acompanhe. — Matthew apareceu por trás do pai.

Joanne mirou a irmã que mirou a mãe que mirou o marido baixando as sobrancelhas.

— Ah, eu não posso! — Charlotte choramingou com o papagaio miraculosamente calado. — Estou me adaptando a Micha e ele a mim... Por favor, mamãe, papai. Eles já saíram sozinhos uma vez, não vejo porque não possam sair novamente.

— Ela tem razão. — Agarrou o xale das mãos da criada jogando-o nos ombros da filha.

— Mamãe! — Matt insistiu.

— Podem ir. — John sorriu piscando para o futuro genro.

O criado abriu a porta, Alex inclinou-se em despedida e esticou o braço para a noiva. Ao entrarem na carruagem e a porta ser fechada, Joanne jogou-se sobre ele.

— Por pouco! — Ela gargalhou e foi beijada com sofreguidão.

— Meu Deus, o tempo parecia não passar! — Ajeitou-a em seu colo. — Como se sente?

— Maravilhosamente bem. — Mordiscou o queixo arrancando um pequeno gemido dele. Ela amava esse pequeno poder de sedução recém-descoberto, a fazia sentir-se poderosa, a fazia sentir-se mulher. — Para onde iremos?

— Ver nossas alianças, depois para minha casa. — Espalhou beijinhos e mordidas pelo pescoço.

— Não tomaremos chá com os meninos? — Encolheu-se com cócegas, arrancando uma risadinha maldosa dele.

— Os meninos sobreviverão sem nós com certeza. — Parou e a encarou.

— A não ser que você queira realmente tomar chá com três dos piores libertinos da Europa.

— Quis dizer quatro.

— Três, *moy Niavka*. Deixei de ser um quando pus meus olhos em você.
— Colocou-a sentada no banco da frente. — Melhor mantermos uma distância segura entre nós. — Sorriu. — Pelo menos por enquanto.

As alianças foram compradas em tempo recorde para o deleite de Mr. Stein que reabriu a loja logo após a saída de seu mais ilustre cliente. Logo a carruagem acessava o portão dos empregados nos fundos da propriedade de Alexander parando em um local mais afastado.

— Confia em mim?

— Claro que sim.

— Vou vendá-la. — Puxou um lenço e o atou sobre seus olhos.

— Isso faz parte de algum jogo?

— Isso faz parte da sua surpresa. — Beijou-lhe a ponta do nariz. — O resto do caminho será feito em meus braços.

Abriu a porta da carruagem e viu o mordomo sinalizar silenciosamente, que tudo estava preparado conforme instruções. Então pegou sua dama nos braços e seguiu em direção ao imenso pavilhão onde a estufa fora instalada. Pousou-a suavemente no chão abraçando-a por trás.

— Posso tirar a venda?

— Ainda não. Primeiro diga-me o que sente.

— Rosas. São rosas, não são?

— Sim. Elas representam o que eu sempre fui até encontrar você, Joanne.
— Desfez o nó retirando o lenço.

Joanne arfou surpresa. Havia centenas de roseiras ao redor. Não meras flores como as que se encontra a venda ou se ganha de algum admirador mais ousado. Eram rosas incrivelmente belas, eram rosas negras.

— Mas são... são lindas! — Andou até a roseira mais próxima, segurando delicadamente um botão recém-aberto. — Como assim representam o que você era?

— Para cada amante conquistada, uma rosa era deixada para trás.

— Oh! — Levou as mãos ao peito. — Não as mantinha?

— Uma única noite de prazer e uma rosa sempre foi a única coisa que conseguiam de mim.

— Entendo... — Percorreu o caminho entre as flores.

— Posso mandar destruí-las se quiser, *Kukla*. — Observou atento aos sinais que ela passava: uma mistura confusa de ciúmes, tristeza, curiosidade e orgulho ferido.

— Faria isso por mim? — Pegou uma rosa já aberta.

— O que me pedisse.

— Não quero que as destrua, Sacha. São lindas e raras, servirão de lembrete do passado que está deixando para trás, espero.

Ele abriu um imenso sorriso e a pegou pela mão.

— Venha... — Levou-a até o final, onde uma porta de vidro separava os ambientes. — Atrás dessa porta está o que eu sou depois de encontrá-la, meu amor. Abra e veja.

Ela abriu.

Contrastando com o primeiro salão, este encontrava-se repleto de tulipas vermelhas.

— Tulipa é minha flor preferida. — Bateu palmas.

— As vermelhas são símbolo de amor verdadeiro e eterno e é exatamente isso o que eu sinto por você, Joanne. — Retirou uma e ajoelhou-se. — Você realmente me aceita?

Ela limpou algumas lágrimas recebeu a flor e a beijou.

— Para toda a eternidade. — Beijou-lhe a testa.

— Não acabou.

Alexander a pegou no colo e correu na direção da próxima porta que se abriu dando acesso ao último salão: a estufa em si e no meio da vegetação luxuriante, um pequeno lago com uma pérgula ladeada por alvas cortinas de um tecido tão etéreo quanto as orquídeas que cobriam o teto e as vigas. Colocou-a em uma grande chaise lounge apontando para a mesa mais adiante.

— Estamos sozinhos, ninguém nos perturbará. Nosso almoço. — Riu. — Mas poderemos passar para a sobremesa se lhe aprouver.

— Que seja a sobremesa então. — Abriu os braços.

Mais tarde com o desejo apaziguado e a fome saciada, Joanne suspirou nos braços de Alexander.

— Gostaria muito de conhecer a prima de Andree.

Ele gargalhou.

— Não é prima.

— Irmã?

— Não.

— Amante?! — Pousou o queixo sobre seu peito.

— Não... Andree atropelou uma vendedora de flores em Rotten Road, a machucou e carregou-a para casa como se fosse um animalzinho ferido. A garota é linda, porém totalmente selvagem. Chama Andree de *Francês idiota*, ignora totalmente Sebastian, chama Cameron de o *Irlandês dos inferno* e o idolatra por ele conseguir falar a mesma língua dela, a língua das ruas.

— E você?

— Bom... — Sorriu. — Ela me considera a cria do demônio; eu a assusto.

— Por quê?! — Joanne riu.

— Ela disse que sou bonito como o próprio diabo e tão perigoso quanto ele.

— Quero conhecê-la. Que louvável de Andree abrigá-la e tutelá-la.

— Ammm... Não é bem assim. — Alex fez uma careta divertida.

— Explique então.

— Nós fizemos uma pequena aposta.

— Como aposta?! — Joanne sentou-se.

— Jean Claude tem duas Temporadas para transformá-la em uma dama e enganar a sociedade londrina.

— Eu não acredito! — Fechou a cara.

— Espere! Não será nada que vá prejudicá-la, pelo contrário. O dinheiro da aposta irá, perdendo ou ganhando, para Jane. Ela ganhou um teto, boa alimentação, bons vestidos; está aprendendo boas maneiras e até poderá conseguir um bom casamento.

— Sério? — Estreitou os olhos.

— Já menti para você?

— Não. — Voltou a esticar-se ao lado dele. — Posso conhecê-la?

— Ela morde.

— Ela é uma mulher cercada por homens bonitos com uma péssima reputação e deve estar apavorada. Com certeza não serei mordida.

— Tudo bem, falarei com Andree. — Beijou-a. — Sua família nos acompanhará na ópera amanhã?

— Sim, aceitaram ficar em seu camarote.

— Ótimo!

— Conte-me mais sobre sua família.

Ele deixou escapar um suspiro ruidoso.

— Se eu pedir para deixarmos esse assunto para mais tarde ficaria muito chateada?

— Claro que não.

— Voltaremos a falar sobre isso, *moy Niavka*, eu prometo, mas por hora vamos aproveitar o curto tempo que temos para ficarmos juntos. — Colocou-a sentada sobre ele. — Quero lhe ensinar uma coisinha... — Sorriu lascivo.



São Petersburgo, Rússia.

Yeva desceu da carruagem e apressou-se em entrar em casa. O tempo particularmente frio em combinação com o céu muito azul prometia neve

para a tarde. Seu mordomo a recepcionou, livrou-se do casaco pesado seguindo na direção da Sala Verde, onde sabia sua mãe estaria. Encontrou Ekaterina na companhia de um livro.

— Voltou cedo — disse sem erguer os olhos das páginas abaixo.

Ela sorriu como há muito tempo não fazia observando os criados entrarem com o samovar acompanhado por alguns quitutes.

— Eu sirvo. — Esperou a criadagem sair e fechar a porta.

— Pretende manter para si o motivo do Czar tê-la convocado?

— Compartilharia com a Rússia inteira se pudesse. — Entregou a xícara para a senhora e pegou a sua sentando-se ao lado no sofá. — Alexandre chamou-me para inteirar-me das boas novas.

Tomou um gole do chá, agradecendo por aquecê-la por dentro.

— E quais são?

— O Serviço Secreto encontrou Sacha em Londres. Alexandre esperará por mais um tempo até seus planos estarem consolidados, logo após enviará um de seus oficiais para trazê-lo de volta de onde nunca deveria ter saído. — Pousou a xícara na mesinha em frente. — Ah, *babulya*... Meu filho voltará para casa! Nosso Sacha retornará para os nossos braços!

Algumas salas ao lado Zarya parou de tocar quando o marido entrou.

Gorya deixou escapar uma careta de desagravo.

— Não pare, Mish'. Ninguém toca piano como você.

— Ainda um galanteador. — Sorriu ao ter a mão beijada.

— Somente um tolo ainda apaixonado. — Sentou-se ao lado e dedilhou o teclado, distraído.

— O que foi?

— Rumores sobre uma futura guerra, meu amor, sempre gerarão preocupações e temores. Não quero deixá-la e aos nossos filhos aqui sozinha com sua mãe e avó.

— Que Deus nos livre e guarde, mas Ivann estaria aqui.

— Ivann já está na idade de ser convocado, Zarya. — Suspirou segurando a pequena mão esquecida sobre o teclado. — Se eu pudesse, estaríamos longe da Rússia antes dos boatos virarem fatos verídicos.

— Primo Alexandre não enviaria Ivann e você para o front, tenho certeza.

— É o que eu espero. — Beijou-lhe os nós dos dedos. — Só confio em você, meu amor.

Encarou-a na tentativa de passar mais do que as poucas palavras faladas. Zarya conhecia bem o marido. As entrelinhas encontravam-se tão claras quanto o céu que via pela janela.

— Vamos esperar, não? Pode ser que tudo não passe de boatos de uma aristocracia entediada. — Sorriu pousando a cabeça no ombro dele.

— Toca para mim?

— O que quer ouvir?

— O que seu coração quiser falar.

Ela começou, ele sorriu.

— *Sredi doliny rovnyya?* [\[23\]](#)

— Acho que Mikhail Glinka casa bem com meu estado de espírito.



O Covent Garden era um prédio pálido se comparado a Opera de Paris,

porém nada se igualava ao seu interior, principalmente quando lotado pela elite londrina. No programa, *La Traviata* de Verdi, ópera baseada no livro *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho e que em sua primeira performance em 1853 foi um fiasco em Veneza. Em Londres debutou em 1856 gerando um escândalo astronômico. Não pelo Mestre ser incompetente em sua arte e sim pelo fato de espetar a aristocracia em um ponto sensível: sua moralidade. Agora essa mesma aristocracia estava a um passo de ser espetada mais uma vez com a história de uma cortesã no papel de heroína. Uma ópera perfeita para três libertinos. O que é um escândalo provocado pela irmandade se comparado ao escândalo que se seguiria quando o primeiro ato se desenrolasse no palco?

O intervalo provocou uma debandada diferenciada: os homens reuniram-se para fumar, a maioria das mulheres praticava o tradicional revezamento de camarotes, algumas para saudar amigas, conhecidas ou parentes, outras para simplesmente pôr as fofocas em dia. Indispensável dizer que o assunto em pauta estava variado: a ópera em si já seria tópico para muitos dias, quiçá para meses. Os três deliciosos libertinos reunidos no camarote do visconde de Riverdall nunca saíram das bocas femininas, mas o que realmente causara um furor absoluto fora os boatos, agora não tão hipotéticos, do noivado do grão-duque de São Petersburgo com a filha mais velha do Marquês de Neddlethorn. Tudo levava a crer que o duque de Gelo fora finalmente capturado. Olhares sequiosos revezavam entre o palco e as demonstrações explícitas de carinho do casal, algo totalmente fora dos padrões de comportamento e execrado nos livros de etiqueta. O pior era que o marquês e a marquesa encontravam-se presentes e não pareciam importar-se com o fato.

— Ah, mas o marquês certamente considera tudo muito normal — lady Allys falou. — Anos atrás algo muito semelhante aconteceu com seu amigo, o duque de Winkleigh, lembra-se?

— Aquele lindo jovem que casou-se com a prima do marquês, que perdeu a esposa e o filho para a epidemia de cólera de 1849 e depois desapareceu? Sim, eu fui ao enterro da jovem duquesa e de seu primogênito, o pobre homem estava desesperado, uma pena realmente — lady Chantelle complementou.

No camarote do lado oposto, a baronesa de Treville conversava com a

jovem viúva do visconde de Gaglianno por trás dos leques abertos.

— Eu simplesmente não acredito que Alexander vá levar isso adiante. — A viúva estreitou os olhos, raivosa. — Observou a garota? Ela não é nada se comparada a uma de nós. Isso é só uma fase, uma mera curiosidade sobre algo diferente de viúvas e mulheres mal-amadas... um prato novo!

— Com certeza é virgem. — A baronesa sorriu maldosa.

— Será?! — A viscondessa riu. — Conhecendo o apetite do nosso russo, eu não apostaria tão alto nesse fato.

— Olhe, ele está saindo.

As duas se esticaram.

— E ela também. Hora de colocar essa coisinha insignificante em seu devido lugar. — A viscondessa de Gaglianno levantou-se largando o leque sobre a cadeira. — Espere-me.

Ela saiu bem na hora que Alexander deixava momentaneamente Joanne que seguiu na direção da sala das mulheres. Um pouco antes de entrar, barrou seu caminho.

— Lady Neddlethorn, gostaria de felicitá-la pelo noivado com o grão-duque e alertá-la como uma boa amiga.

— Perdão, milady, não creio que tenhamos sido apresentadas.

— Sou a viscondessa de Gaglianno, viúva e amante de Alexander.

— Ex-amante, milady, quis dizer. — Joanne travou as unhas nas palmas da mão antes que pulasse no pescoço da morena.

— Não, querida. Eu quis dizer que Alexander logo conseguirá de você o que sempre conseguiu de nós, com o diferencial de você ser uma virgem. Sabe, os rapazes nunca perderam tempo com crianças inexperientes e essa curiosidade de Alex passará assim que a arrastar para sua cama. O noivado é só um subterfúgio para fodê-la mais rápido, então um conselho: não se

apegue a ilusão de um casamento que não acontecerá, ele não a ama. A novidade acabará, ele voltará para os meus braços, espere e verá. — Empurrou-a para entrar na sala.

Joanne puxou o ar ruidosamente escorando-se na parede. Se entrasse agora, certamente armaria um escândalo que a marcaria para o resto de sua vida.

“Sou melhor do que isso.” Pensou.

— Sou melhor do que qualquer vagabunda que tenha passado pela cama de Alex — sussurrou incerta, optando por retornar ao camarote onde no meio do trajeto entre saias e fraques, esbarrou com o noivo.

Um desvio apressado a afastou dele; só precisava ficar sozinha, Sacha era a última pessoa que queria ver agora.

— *Kukla!* — Pediu perdão aos amigos e correu para alcançá-la. — Não me viu, amor? Estava à sua espera. — Ela não parou, não virou, não sorriu. — Joanne?!

Alexander a segurou pelo braço e a encarou preocupado.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, só dor de cabeça — respondeu seca.

As sobrancelhas de Alexander ergueram-se.

— Não estava com dor de cabeça quando saiu do camarote. — Acompanhou-a já que ela retomou o caminho.

— Pois é, agora estou — praticamente rosnou.

As sobrancelhas ergueram-se um pouco mais.

— Vamos para o camarote — murmurou lentamente.

— Volte para os rapazes, Alexander. Posso muito bem caminhar sozinha

até meus pais, vá conversar.

Ali estava; algo acontecera e ele tinha uma pequena sensação do que poderia ter ocorrido, mas qual de suas ex-amantes resolvera ultrapassar a barreira de segurança? Não adiantaria forçar Joanne agora, ela estava a ponto de matar um ou cair em uma crise de choro convulsivo. O que adiantava era descobrir qual mulher iria matar.

— Como quiser.

Inclinou-se sério e retornou até onde os rapazes ficaram.

— Aí, aí, aí... — Cameron balançou a cabeça negativamente.

— Que cara essa, meu amigo? — Andree sorriu.

— Uma das minhas ex-mulheres ultrapassou a barreira — balbuciou olhando ao redor.

— Joanne contou algo?

— Joanne está com aquele olhar assassino que nós conhecemos tão bem — bufou irritado. — Preciso descobrir quem foi.

— Qual deu mais trabalho? — Sebastian posicionou-se ao lado de Alex.

O russo suspirou erguendo os olhos e pensou por alguns minutos.

— A baronesa de Doveshire... lady Chantelle e a viscondessa de Gaglianno.

— O que acha, Cam? — Andree puxou pelo amigo.

Cameron que mirava a ponta dos sapatos, permaneceu calado.

— Muita coisa para minha cabeça. — Alex ergueu a mão. — Por que você... — Cutucou Andree. — Está com o nariz inchado como uma beterraba e você... — Cutucou Cameron. — Não está falando com ele?

— Aí... — Sebastian gemeu.

— Se me derem licença... — Cameron incomodado demais com a situação retirou-se.

— Isso é epidêmico?! — Alex riu.

— Cam socou-me — Andree mastigou.

— Por quê?!

— O aristocrata francês beijou a burguesa inglesa e o meio aristocrata irlandês não gostou. — Sebastian riu.

— Ah... — Um sorriso safado apareceu no rosto de Alex. — Você gosta da garota!

— *Non!* — gemeu apertando o nariz de leve.

— Cameron gosta então.

— Ele diz que não — Sebastian ponderou pensativo.

— Impossível entender vocês, às vezes. Vão me ajudar a descobrir quem resolveu transformar minha vida amorosa num inferno para que eu transforme sua vida num inferno ou não?

— Claro! — Os dois responderam ao mesmo tempo.

— Melhor eu voltar para o camarote.

O sinal do reinício se fez audível, Alex apressou o passo até o camarote dos Neddlethorn, entrou e parou surpreso.

A família o encarava com um ar curioso menos Leonard e Joanne, ausentes, porém antes que pudesse inquirir onde a noiva estava, o marquês levantou-se e o puxou para o corredor.

— Aconteceu algo sério entre você e minha filha?

— Não... — respondeu cauteloso. — Por quê?

— Joanne chegou com uma cara horrível alegando uma tão conhecida *dor de cabeça* que só se manifesta quando algo muito grave acontece. Mandeí Leonard levá-la para casa já que ameaçou ir sozinha. Quando a mãe perguntou por você, ela baixou a cabeça e negou-se a abrir a boca.

Alexander fechou os olhos e torceu a boca.

— O que eu não queria que acontecesse possivelmente aconteceu.

— O quê? Uma de suas ex-amantes ter enfrentado minha garotinha? — O viu concordar num gesto mudo. — Minha menina, além da *dor de cabeça*, portava o famoso olhar: *não chegue muito perto, senão você morre*, acha que ela deixou barato?

— A única coisa que posso assegurá-lo, marquês, é que quando eu puser minhas mãos no pescoço da vagabunda que se atreveu a desacatar minha noiva, não sobrará muito quando eu acabar — arrastou ainda mais o sotaque.



09

Alexander não se fez de rogado quando da saída da Ópera interceptou os futuros sogros antes que subissem na carruagem.

— Rogo seu perdão, marquês, mas preciso conversar com Joanne.

Elizabeth mirou o marido.

— Eu concordo. — Ela sorriu. — Um mal-entendido idiota não pode separar vocês dois.

— Recuso-me a forçar Joanne se ela se negar a conversar com você, Alexander. Siga-nos, então.

— Relaxe, querido. Eu darei um jeitinho na situação. — Elizabeth bateu na mão dele, consolando-o.

E assim o fez. A marquesa enrolou sua mais velha até empurrá-la para o solarium onde um noivo esperava impaciente.

— Oh! — Parou ao vê-lo junto à fonte.

— Joanne... — Andou em sua direção e a viu recuar.

— Esperando por alguém, milorde?

Alex baixou as sobrancelhas ao nível miserável, era assim que se sentia

no momento.

— Por você, *Niavka*.

— O que quer?

— Pelo amor de Deus, mulher! Sou eu, Sacha! — Apontou para o próprio peito.

— Sei bem quem você é — murmurou passando os dedos pela testa.

— O que aconteceu?

— Estou com dor de cabeça. Se me permite, preciso descansar. — Já ia saindo quando ele a segurou pelo braço.

— Não permito e já fui alertado quanto a essas suas crises de *enxacrenca*.

— O nome é enxaqueca, milorde! — rosnou tentando livrar-se.

— *Nyeth*. O nome é *enxacrenca*: essa é a dor de cabeça que só aparece quando há alguma encrenca! Sente-se, *Kukla*. Precisamos conversar.

— Prefiro ficar em pé.

— Ótimo, eu também. — Largou o braço, mas beijou-lhe a mão. — O que aconteceu, Joanne? Por Deus, você está me enlouquecendo!

Ela inclinou a cabeça, descrente.

— Qual das minhas ex-amantes a atacou?

— O que o faz pensar que algo semelhante aconteceu?

— Amigos espertos, bons ouvidos e fofocas femininas. — Aproximou-se.
— Quem foi?

— Não vem ao caso. — Alisou as pregas da saia do vestido.

— O que ela disse?

Joanne o encarou, séria.

— O que ela disse, Joanne?! — Endureceu o tom da voz.

— Que sou uma mera novidade passageira já que vocês nunca optaram por meninas virgens e que o casamento era a perfeita desculpa para uma foda mais rápida. Depois que você conseguisse o que queria, eu certamente seria descartada e esquecida e você estaria livre para voltar para os braços de verdadeiras mulheres... — continuou, circundando a fonte sobre a mira espantada de Alex. — Ou melhor, voltar para os braços de uma mulher específica.

Ele trincou o maxilar com tanta força que seus dentes doeram. Fechou os olhos, pediu calma a Deus e sabedoria para desfazer o caos.

— Foi a viscondessa — cuspiu as palavras com dificuldade. — Maldita mulher! — Saiu do transe, andou até ela e ajoelhou-se. — Joanne... — Segurou a barra do vestido dela. — Sou outra pessoa desde que a conheci, nunca menti para você, meu amor, por favor, não deixe com que a inveja de uma rameira acabe com nossa felicidade. Só existe uma mulher para mim e estou de joelhos perante ela, com o coração aflito, cheio de ódio e a alma sangrando por vê-la sofrer. Já a alertara sobre a possibilidade de isso acontecer, mas eu juro, *moya lyubov'*, não era minha intenção expô-la a sanha de um bando de putas.

Joanne continuou observando o homem sempre tão orgulhoso de suas origens, um nobre de berço prostrado aos seus pés com ar de garoto abandonado; no que acreditar?

— Joanne?

O problema era que *ele* era o problema. Não o seu passado, se não fossem os fantasmas que a assombrariam pelo resto de sua vida de casada e... E se de repente, com o passar dos dias, semanas, meses, anos, ele descobrisse que a monogamia lhe era adversa? E se resolvesse matar as saudades dos velhos hábitos, espalhando amantes por Londres e infelicidade no coração de

ambos? E se... E se... E se... Sua mente fervilhava, tão confusa e amarga quanto a *Sofra* da Vovó Emma. Precisava de um tempo para pensar, precisava ficar sozinha. Automaticamente puxou a barra da saia das mãos abaixo, recuando outro passo. O resultado foi desastroso.

Alexander entrou em pânico. Seu rosto espelhou o que sentia, da dor a confusão, do desespero ao ódio. Se saísse agora seria para matar uma puta. Ergueu-se lentamente, como se todo o peso do mundo descansasse em seus ombros, depois inclinou-se condoído e fez menção de se retirar.

— Sacha...

— Sim, *Niavka*? — perguntou sem virar-se.

— Só preciso de um tempo a sós.

— Eu entendo — murmurou derrotado.

— Por favor.

— Ficaré com tia Flora?

— Sim.

— Tudo bem. — Suspirou e voltou a andar.

— Sacha?

— *Da, lyubov' moya?* [\[24\]](#)

— Não faça nada contra a viscondessa Gaglianno.

— Estaria mentindo se concordasse — bufou irritado.

— Caso algo aconteça enquanto eu estiver fora, nosso compromisso será automaticamente anulado.

Ele girou a cabeça para trás, com o cenho franzido.

— Isso é uma ameaça?

— Isso é um aviso.

— Está defendendo a puta que a desacatou?! — perguntou em tom de escárnio.

— Estou defendendo o homem que amo e que não pretendo ver preso por assassinato.

Alex deixou escapar uma partícula de sorriso e se foi.



No dia seguinte, os rapazes reuniram-se como de costume no White's, com um aditivo a mais: Sacha já se encontrava lá.

Sebastian sentou-se na poltrona ao lado mantendo o silêncio incômodo que já se fazia presente, enquanto Cameron erguia as sobrancelhas mirando o amigo, mas evitando olhar para Andree.

— A Irmandade está em crise, senhores.

Eles encararam Alexander que permaneceu com sua atenção presa ao conhaque que sacodia desanimadamente no copo em suas mãos.

— Defina crise, meu caro bebedor de vodka — Cameron balbuciou tão desanimado quanto o amigo.

— Nunca nestes anos, por pior que estivéssemos, nunca, jamais nos indispusemos entre nós. Mesmo quando o campo de caça encontrava-se escasso ou quando acabávamos descobrindo que compartilhamos a mesma conquista, mesmo assim parávamos, achávamos graça e permanecíamos unidos.

— Estamos unidos — Andree rebateu.

— Não, não estamos — Sebastian discordou. — Você... — Apontou para o irlandês. — Socou ele. — Apontou para o francês cujo nariz ainda sentia os resultados recebidos. — Não nos socamos, ainda mais por um rabo de saia. Brigas, só de brincadeiras. Caso nos aborrecêssemos com algo falado ou com uma atitude impensada, sentávamos e conversávamos.

— Sebastian tem razão — Alex anuiu.

Cameron manteve sua cabeça baixa e Andree continuou mirando a ponta dos sapatos pousados na mesinha adiante. Nenhum dos dois se pronunciou.

— As crianças emburradas pretendem permanecer assim por quanto tempo? — Bastian espetou.

— Se me derem licença, não me sinto muito bem. — Jean Claude levantou-se e saiu sem dizer mais nada.

Cameron suspirou erguendo as sobrancelhas.

— Andree passou dos limites, eu não pedirei desculpas por ter defendido Jane — resmungou.

— Defesa ou ciúmes? — Alex provocou.

O irlandês resumiu sua resposta ao leve menear negativo de cabeça.



Tia Flora ouviu a história com um sorriso disfarçado. Pelo menos seu filho russo tomara um caminho correto ainda mais sendo de braços dados com sua menina. Distribuiu pequenos conselhos por insistência de uma chorosa Joanna, deu-lhe o que comer e a pôs para deitar. Depois conversou com Marcus que acabara de chegar da cidade mais próxima onde fora providenciar a compra de sementes e seguiu para seus aposentos; pegou papel e uma pena e pôs-se a escrever. Fechou a missiva, endereçou-a para o local de sempre já que mantinha correspondência com Alexander desde que ele

deixara Rainbow Hall.



Uma semana depois...

Um estrondo reverberou pelo solo e ecoou por seus ossos. A paisagem montanhosa seria linda se não fosse pelos predominantes tons de cinza e aridez do solo impedindo a vegetação de crescer, desnudando as rochas. Ele observou o entorno com cautela, já ouvira aqueles sons antes, eram canhões.

Ela acordou assustada com o barulho distante de uma explosão. Encolhida atrás de uma rocha ergueu-se desajeitadamente para descobrir que estava no cimo de uma montanha. Ao redor outras montanhas de portes majestosos acompanhavam o relevo. Estava frio, tudo era muito cinza e em conjunto com o céu acima tornava o quadro monocromático. Esfregou os braços na tentativa de aquecer-se pensando em como fora parar ali e qual a razão. Outra explosão agora mais perto a fez encolher-se e gritar assustada.

— Joanne?! — Ele ergueu-se da rocha que sentara momentaneamente, olhando ao redor desesperado. — JOANNE! — Puxou a gola da camisa, o frio aumentara assim como as explosões se faziam cada vez mais perto.

Seu nome ecoou até seus ouvidos. Ela correu para borda do precipício, levando a mão em concha sobre a boca. — Alex?! ALEX! — Tentou ver através da névoa que a cercava.

— Onde você está?! *Niavka*? — Alex pousou as mãos na cintura e esperou. Não havia lógica, canhões não se movimentavam tão ligeiros para que os tiros estivessem cada vez mais perto, precisava achá-la antes que algo de ruim acontecesse. — *NIAVKA!*

— Eu não sei! — choramingou. — Sua voz está vindo de algum lugar na

minha frente, mas existe um imenso precipício entre nós. — A névoa se abriu e ela o viu momentaneamente. — SACHA! AQUI! — Ergueu os braços e acenou.

Alexander a viu do outro lado do precipício. Agora para sua total apreensão, as explosões mudaram do seu lado para o lado oposto, o que foi captado nitidamente no semblante assustado da mulher amada. Temendo que Joanne entrasse em pânico, ergueu a mão e sorriu.

— Fique abaixada, *Kukla*. Darei um jeito de chegar até aí. — Começou a procurar por uma passagem.

O que era uma busca meticulosa virou observação apressada quando uma bomba explodiu muito perto dela.

— ALEX! — gritou apavorada.

— NÃO!

Não notou que corra na direção dela e seus pés pisavam o vazio do precipício como se andasse sobre uma superfície envidraçada.

Alexander parou momentaneamente quando se deu conta da situação, depois ergueu os olhos adiante para encontrar Joanne erguida de braços abertos. Foi nesse exato minuto que ele captou a chegada de outro projétil, como se o tempo tivesse retardado as batidas dos ponteiros. Tempo suficiente para alcançá-la e tirá-la da linha de tiro; tempo suficiente para salvar sua mulher. Correu ainda mais rápido, lançou-se sobre ela, girou-a, arremessando-a para o abrigo de umas pedras mais afastadas.

Salva!

Ela sim.

Ele não.

O impacto jogou-o para trás; uma dor lancinante o atingiu e ele foi engolido pela escuridão do esquecimento enquanto ouvia ao longe:

— Alex? ALEX!

Alexander sentou-se ofegante e suarento na escuridão de seu quarto. Passou os dedos trêmulos pelos cabelos revoltos tentando acalmar-se.

— Pesadelo maldito! — gemeu caindo de costas sobre o colchão.



Joanne sentou-se ofegante e suarenta na escuridão de seu quarto. Passou os dedos trêmulos pelos cabelos revoltos tentando acalmar-se.

— Joanne?! — Tia Flora entrou assustada. — O que houve, querida?

— Pesadelo, titia... Um maldito pesadelo. — Pousou a cabeça sobre o colo da amiga.



Lilianne ajudou sua dama a seguir na direção da sala para o desjejum. Ficaram até tarde conversando sobre a vida, a criada de quarto falava razoavelmente inglês e Jane convencera-se a tê-la como amiga, aliada e aluna: agora Lilianne arranjara uma professora, mesmo que aprendesse uma versão não muito correta da língua. Aos passarem pela porta que ela apelidara de *A porta do isconderijo do idiota francês*, ouviu um gemido fraco. As duas pararam. O gemido retornou um pouco mais forte dessa vez.

— Vai *chama* o criado dessa criatura! — Empurrou a garota, esperou que sumisse pelo corredor e bateu levemente na porta. — *Cê tá bem?*

Sem resposta.

Bateu mais forte.

— Francês idiota? *Cê tá bem?*

— *Vá embora...*

O tom da voz dele a alertou que alguma coisa estava errada.

— *Respondi, diabo! Qué ajuda?*

— *Me deixa em paz...*

Ela o deixou em paz por demasiado tempo. Na verdade desde aquele maldito beijo eles se evitavam. Nada mais de aulas chatas ou gracinhas quando ela falava uma palavra errada. Resolvida a ajudar, experimentou a maçaneta, a porta abriu, ela entrou curiosa.

O quarto em estilo espartano se comparado com o resto da casa, exalava masculinidade, tudo era muito prático, quase não havia decoração, como se existissem dois condes: aquele que se apresentava aos amigos e a sociedade e o verdadeiro que se escondia em seu interior. Jane viu as cobertas mexerem sobre a cama e foi para lá que seguiu.

Andree encolhera-se à procura de calor para o frio siberiano que sentia, deixando somente o topo da cabeça para o lado de fora do abrigo que se aninhara. Uma pequena e gélida mão invadiu sua privacidade arrancando-lhe um gemido de protesto; logo um cabo de guerra se formara.

— Sai daqui! — Arfou, mal conseguindo abrir os olhos.

— *Cê tá duente!* — Ela puxou a coberta para longe da cabeça dele.

— Me deixa em paz, mulher! — Puxou a coberta de volta.

— *Mais eu quero ajuda!*

— Eu não preciso de ajuda. Eu sei o que tenho e vai passar se me deixar quieto.

— *Num vai não. Vô chama o douto e vô cuidá di você.* — Puxou o cobertor.

— Eu não quero sua ajuda! — gritou em francês.

— *Num sei sua língua, seu idiota! Fala a minha!*

Andree desandou a falar em francês. O ato de rebeldia irritou um pouco mais Jane que por enquanto só sentia pena e preocupação; mudou do módulo *mulher atenciosa* para o módulo *não me provoque senão eu mordo*.

— *Si acha qui eu vô deixa você sozinho duente porque resolveu fala sua língua di ispião, vai direto pru inferno!*

— Eu já estou nele há muito tempo, benzinho! — rosnou em inglês.

Jane pegou uma toalha ao lado da bacia com a jarra de água, molhou o pano, retornou e a colocou sobre a testa quente. A toalha foi arremessada para o outro lado do quarto e Andree ganhou um tapa caprichado na mão.

— Seu burro! *Num qué ajuda? Vô chama o douto.* — Saiu do quarto batendo os pés mesmo mancando, desceu a escadaria da melhor maneira que pode e esbarrou com Cameron no hall de entrada.

— Ah... outro! — resmungou procurando pela criada de quarto.

— Bom dia, milady. Vim vê-la.

— *Num vem fala difícil agora! Já tô cum pobrema dimais!*

— O que houve?! Jean Claude se fez de tolo novamente? — Segurou-a pelo pulso e levou um tapa na mão.

— O idiota francês amigo seu *tá lá em cima si sentindu comu um pinicu cheinhu* até a boca!

— Andree está doente?! — Correu escada acima entrando no quarto sem pedir licença. — Andree? *Êtes-vous malade?*

— Puta que pariu! Não tenho mais direito de ficar péssimo sem que seja perturbado? — rosnou por debaixo do cobertor.

— O que está sentindo?

— Está falando comigo?!

— Você é um babaca, mas é meu amigo e quase irmão. O que está sentindo?

Jane, parada no batente da porta bufou.

— *Cês é pió qui* criancinha! Dois *idiota*! — Pegou a toalha que caíra sobre a cadeira perto da lareira e foi molhá-la.

— É a doença.

— Mas está há anos sem uma crise. — Cam tomou o pano das mãos da garota e levou outro tapa.

— Brigar com você foi o suficiente, eu acho.

— Ah, que ótimo! Eu já estava me sentindo péssimo, agora estou um lixo. — Levantou-se da beira da cama para pegar um copo de água.

— *Cê parece qui tá* pegando fogo! — ela sussurrou condoída. — Jane tá *aqui i vai cuidá do cê*. — Bateu de leve no rosto vermelho dele.

— Onde está o medicamento? — Cameron retornou estranhamente irritado com a atenção dada.

— Com Henri. — Andree tremeu forte.

— Ele precisa *i pru hospital*.

— Amanhã estarei bem, *ma chérie*.

— *Mintirosu*.

— É sério, Jane. Jean Claude não terá febre amanhã, mas depois de amanhã voltará a ter febre, depois um dia sem e no outro a febre volta até sumir de vez.

— *Qui* diabo é isso?

— Malária — os dois responderam ao mesmo tempo.

— *Vô* traze uma *cumida*.

— Se me fizer comer, com certeza vomitarei.

— *Si* fizé isso, vai *apanhá*.

— Vai bater em mim? — Sorriu débil.

— Eu vô.

— Se falar direitinho eu até como. — Pendurou um olhar de criança carente.

Ela parou no meio do quarto, estudando as opções, depois abaixou-se em uma perfeita reverência.

— Se milorde conseguir colocar algo em seu imprestável estômago, prometo que me esforçarei *pra...* para falar corretamente por uma *simana* inteirinha.

Cameron encarou o amigo e os dois encararam a garota, com um imenso sorriso no rosto.

— Combinado — responderam mais uma vez em uníssono.

Andree recebeu o prato de sopa.

Jane saiu para pegar um pedaço de pão.

Cameron engoliu a sopa em meio minuto.

Jane retornou e sorriu ao notar o prato vazio.

Andree agradeceu a oportunidade de não ter que vomitar, em francês para seu amigo. Depois obrigou-se a comer o pedaço de pão que ela trouxera. Tomou o remédio, tão ruim quanto a doença, virou para o canto e dormiu com Jane à cabeceira e Cameron na poltrona.

O dia se arrastou de forma cruel. Ele tremia de frio depois molhava a roupa de cama transpirando e Cameron ajudava-o a banhar-se e trocar de roupa enquanto Jane e Lilianne trocavam os lençóis. Depois tudo se repetia. Quando se sentia um pouco melhor, conversavam.

— Conte-nos sobre um pouco de sua vida — Andree pediu.

— *Num* tem nadinha *bão* não. — Ela sorriu sentada no chão ao lado da cama.

— Prometeu falar direito — Cameron a repreendeu suavemente.

— Eu só vendia minhas flor. — Piscou desafiadora. — Minhas flores.

— E sua família?

— Não tenho ninguém.

— Onde mora?

— Em Boundary Street.

— Mais é um dos piores antros de roubo e prostituição de Londres! — Andree gemeu.

— Mas não sou nada disso não! — Esticou a mão e bateu nele.

— Morava sozinha, Jane?

— Ah, não! Eu morava com mais... — Olhou para cima pensativa. — John, Mark, Sarah, Mary, Marion, Caroline, Paul e Joseph.

— O quê?! — Andree tentou sentar-se e ela o ajudou.

— John é marido de Sarah e pai de Mary e Marion. Mark é marido de Caroline e pai de Paul e Joseph. Eu ajudava a tomar conta das *criança*. — Fechou a cara diante do olhar de espalho ao redor. — *Qui* foi?! Tudo gente trabalhadora! *Num* tem ladrão, nem puta, não!

— Ninguém disse isso aqui — Jean Claude chiou e tremeu violentamente.

— Andree! — Cameron levantou-se assim com Jane. — *Dhía!* Isso não é o usual! — Apoiou o amigo de lado e virou-se apavorado para a garota. — Vá chamar o médico!

Jane saiu correndo do quarto.

— *Cac, deartháir!*^[25] — Esperou pacientemente as convulsões pararem, depois o pegou no colo colocando-o de roupa e tudo na banheira com água gelada. — Nem o inferno deve ser tão quente quanto você está agora, Jean. Perdoe-me pelo banho forçado. —

Cam o segurou quando os palavrões fluíram e os braços o empurraram para longe.

Jane desceu na hora que o médico chegara a pedido de Henri, mas recuou assustada ao perceber quem o acompanhava.

— Informaram-me que Cameron estaria aqui. — Entregou o chapéu, as luvas e o casaco para o criado. — Como está, milady? — Inclinou-se, esticando a mão para ela.

A garota, de olhos arregalados, olhou a mão depois seu dono e voltou a recuar.

— O irlandês tá lá em cima com o francês doente — balbuciou e disparou escada acima. Entrou no quarto indo direto para o banheiro.

— O que foi?! — Cameron deteve Jean Claude na hora que tentou

escapar da banheira. — Parece que viu um fantasma, mulher!

— O demônio está aqui... — balbuciou esfregando os braços.

— Quem?! — Cam ergueu-se.

Andree aproveitou a oportunidade, ergueu-se também com a camisola de dormir grudada sobre o corpo ressaltando todos os relevos, o que fez Jane virar-se mais vermelha que o xale que usava.

— Andree? Cameron?

O irlandês riu quando Jane procurou abrigo no biombo por trás deles.

— Aqui, Sacha! — Ajudou Jean a sair da banheira, retirou a camisola molhada e o enrolou em uma toalha seca.

— Aí, que droga! O que houve? — Alex parou na entrada do banheiro.

— A malária voltou. — Cameron explicou apontando para um par de olhos apavorados que apareciam pela fresta do biombo. — Está assustando a garota.

Alexander riu baixinho, pegou Andree no colo e o carregou para a cama.

— Avisaram-me no White's que estaria aqui. Deixei recado para Bastian. — Pousou a mão sobre a testa do amigo. — Nossa! — Encarou Cameron. — O médico está subindo.

— Melhor. Jean acabou de ter uma convulsão.

O doutor entrou acompanhado por Sebastian.

Jane passou por eles em disparada.

— Acho que ela ainda não gosta de você. — Sebastian apontou para o final do vestido de Jane que desaparecia porta a fora. — Ah, não! A malária?

— Ela mesma — Cameron suspirou.

— Que merda! — Deixou-se cair sobre a poltrona.

— Senhores, eu gostaria muito de examinar o paciente — o médico resmungou irritado com a plateia.

— Somos amigos de Jean, doutor. Uma unidade. Ninguém arredará os pés daqui — Alexander rebateu com a concordância geral.

O médico choramingou, mas os rapazes mantiveram-se firmes. A dose da medicação foi corrigida, dois remédios foram acrescentados. Agradeceu o pagamento generoso e se foi.

— Onde está a garota? — Sebastian olhou ao redor.

— Escondida. — Alex mirou a ponta da bota.

— Ela não aparecerá enquanto o demônio estiver aqui. — Cameron apontou para o russo, que sorria irônico.

— Bastian? Preciso muito ir a Bower's Manor.

— Joanne está em Rainbow Hall? — Ele sorriu.

— Sim.

— Vá, meu amigo. Resgate sua noiva.

— *Spasibo*. — Abraçou o inglês. — Primeiro acertarei as contas com a viscondessa Gaglianno.

— O que pretende fazer?

— Vocês verão. — Sorriu batendo amigavelmente no ombro de Cameron. — Por hora ajudarei Andree no que for necessário.

— Ajudará melhor se sair daqui. Isso evitará que Jane tenha um colapso por sentir-se impedida a ajudar o... como ela o chama? — Sebastian inclinou a cabeça na direção dos amigos.

— Eu sou o idiota francês — Andree murmurou fraco.

— Isso! — Sebastian riu.



O mordomo o recepcionou com um sorriso discreto no rosto.

— A viscondessa encontra-se na Sala Rosa, Vossa Alteza. Gostaria que o anunciasse?

— Pode deixar, Lino. É uma surpresa. — Retirou as luvas e a sobrecasaca. — Ela está sozinha?

— Sim, Vossa Alteza. Devo providenciar o chá?

— Não será necessário.

Lino ergueu as sobrancelhas, surpreso inclinou-se e saiu.

Alex seguiu na direção da referida sala e encontrou-a lendo. Ela o viu, seu rosto iluminou-se e um sorriso imenso apareceu.

— Alex! — Ergueu-se correndo em sua direção. — Que surpresa adorável! — Esticou a mão.

— Não tão grande quanto as que seguirão, Ginevra. — Puxou-a para perto arrancando uma risadinha dela, mas ao invés de beijá-la, suas mãos se fecharam ao redor do pálido pescoço arrebetando o colar de pérolas que usava.

— Brincadeira sem graça! — Riu.

— Assim como a sua para com a minha noiva? — Estreitou os olhos com ar de ódio estampado.

Ela empalideceu um pouco mais.

— Não sei nada sobre o assunto.

— Ora, Ginevra... não se faça de tola! Realmente achou que eu vincularia minha linhagem a uma puta? — Apertou um pouco mais as mãos. — Aliás, não, estou errado. Existem rameiras com mais integridade que você. — Sorriu apertando um pouco mais.

— Alex, eu...

— Cale a boca! — Rosnou. — Sabe a única coisa que me impede de matá-la agora? — A sacudiu.

A viscondessa arregalou os olhos, apavorada.

— É o pedido da mulher que você ousou humilhar. — A jogou contra o sofá que estava sentada. — Mas deixá-la viva não significa, em minha opinião, deixá-la impune. Sua reputação como viúva impoluta não existe mais. Retornar à Itália seria uma ótima ideia face ao que enfrentará daqui por diante. — Sorriu cruzando os braços.

— Não se atreveria...—

— Mexeu com a pessoa errada, *shlyukha!*^[26] — Andou pela sala despreocupadamente. — Sabe, a aristocracia inglesa é muito sensível a escândalos e será exatamente o que a marcará para sempre.

— Vocês não passam de libertinos, quem acreditará?

— Somos uma classe unida, meu bem. Ficaria surpresa ao descobrir quantos de nós fazem parte do círculo íntimo da corte. — Acossou-a no sofá, quase encostando seu nariz no dela. — Nunca mais chegue perto da mulher que eu amo. Da próxima vez pode ser que eu não aceite um pedido de clemência.

Virou-se e saiu.

Naquele mesmo dia, Alexander chegava a Bower's Manor debaixo de uma chuva fina e fria, o que emprestava um tom soturno a propriedade e que

combinava maravilhosamente bem com seu estado de espírito. Enviou um pequeno bilhete para tia Flora, avisando de sua chegada, depois segurou o seu ímpeto de não correr até o vizinho e arrebatou sua temperamental noiva.

O dia seguinte amanheceu ainda sob a cortina do chuveiro inclemente, do tipo que parece não molhar e quando se nota é tarde demais. Ele manteve sua montaria inquieta no mesmo lugar colina acima, observando cuidadosamente Rainbow Hall abaixo na esperança de ver Joanne mesmo que por curto período. Sua persistência foi recompensada: a mais velha dos Neddlethorn apareceu de relance no jardim, mão esticada para fora do beiral, olhos nas nuvens mais baixas, para depois, como se atraída focassem nele.

O vínculo formado fora tão palpável que Alex sentiu-se envolvido. Ela permaneceu por alguns minutos, estática até desaparecer em passos apressados.

— O que aconteceu, Joanninha? — Marcus foi atropelado quando saía dos estábulos, carregando Mayflower para sua baia.

— Alex está em Bower's Manor — resmungou ofegante jogou a manta que cobria a égua no chão, agarrou a crina branca com a mão direita e esticou a esquerda para ele.

— Ah, já entendi... — Riu e auxiliou-a a montar. — Não vai querer uma sela?

— Sem tempo. — Incitou Mayflower que disparou na direção da colina.

Ela o alcançou pouco tempo depois e parou a égua antes de juntar-se a ele.

Para Alex, a visão da mulher amada montando a pelo, molhada pela chuva foi uma experiência quase erótica.

— Milorde, a que devo a honra da visita? — Segurou a montaria inquieta.

— Aproveitando o belo dia para cavalgar. — Tocou a aba do chapéu à giza de saudação.

— Com chuva?

—Reclamando, *Niavka*? Vocês tem chuva, nós temos neve. — Sorriu debochado e desmontou aproximando-se.

Mayflower relinchou ao ser tocada por ele. Alex ergueu os olhos e encarou a mulher querida.

— Na verdade, eu não conseguiria manter-me longe por muito tempo e você sabe disso, meu amor. — Ajeitou a crina perto da mão dela. — Estava com saudades.

Joanne sorriu.

— Eu também. — Foi puxada por ele, abraçada e beijada. — Adoraria tomar um chá.

— Sei onde Sebastian guarda as melhores folhas de *Souchong*.^[27] — sussurrou em seu ouvido pegando-a no colo e a depositando sobre sua sela para montar logo depois. — Sua égua?

— Mayflower voltará sozinha. — Acenou para Marcus que observava a cena e Alex acenou também para seguir em direção à Bower's Manor.

Joanne passou a tarde nos braços do homem que amava. Ao retornarem para Rainbow Hall, a orelha da nobreza russa sofreu inclemente punição por detê-la por tanto tempo a sós pelas mãos pequenas, porém nada frágeis de sua *mamouska* inglesa.





10

Londres, dezembro, 1876.

O Natal nos Neddlethorn foi fechado a família. Ao contrário dos outros anos em que a casa lotava de convidados, a festividade fora íntima. Já o Ano Novo na Pequena Rússia contrastou totalmente com a sobriedade inglesa. Alexander literalmente apresentou seu país para amigos e convidados. Elizabeth sucumbiu às delícias culinárias russas enquanto Charlotte e as outras damas suspiravam de prazer pelos mimos recebidos: xales coloridos ricamente bordados, assim como joias em forma de ovos, elaboradas com uma combinação de esmalte, ouro e pedras preciosas que ao serem abertos, surpreendiam convidados com pequenas e delicadas miniaturas encomendados a Peter Carl Fabergé, provocaram um frisson pela aristocracia presente. Alexander gostou tanto deles, que garantiu que indicaria o trabalho do joalheiro para a nobreza russa.

Joanne usava um vestido branco que conforme Sacha afirmara acentuava ainda mais o ar etéreo das ninfas dos bosques russos, ganhara de Natal do noivo, um colar de diamantes e esmeraldas o qual portava com orgulho, sentia-se à vontade no papel de anfitriã, mesmo porque Alex deixou ao seu encargo a coordenação da festividade. Tudo corria às mil maravilhas até que alguns minutos depois da meia-noite Alexander foi interrompido por uma visita inesperada.

Sebastian cutucou Cameron que cutucou Andree que observava distraído Jane conversando com Charlotte num canto do salão.

— Não estou gostando disso. — Bastian apontou para um rapaz portando a típica farda militar russa conversando em voz baixa com Alexander, na borda oposta do salão perto da porta.

— Tem razão. Sinto o cheiro de encrenca daqui — Cam murmurou.

O rapaz inclinou-se respeitosamente e se foi. Alex acabou de ler o papel que lhe fora entregue depois virou-se com um ar transtornado.

— Eu sabia! *Merde!* — Andree balançou a cabeça.

Alexander parou olhando a festa. Precisava conversar com os rapazes, mas foi interceptado pela noiva no meio do caminho.

— Aconteceu algum problema? — Joanne não gostou da expressão carregada dele, nem do suspiro profundo ouvido.

— Pode me fazer um favor? Reúna sua família e os rapazes em meu escritório o mais rápido possível, querida. — Sorriu forçado.

— Está me assustando, Sacha.

Ele forçou o sorriso um pouco mais e beijou-lhe a mão.

— Não há razão. Só faça isso por mim, certo?

— Certo.

Quando todos já se encontravam no escritório, Alexander virou-se da lareira onde se apoiara. Estendeu a carta recebida para Sebastian.

— Está em cirílico, Bastian. Poderia traduzir e ler em voz alta?

A primeira coisa que Sebastian notou com o cenho franzido foi que a parte da apresentação fora rasgada e o pedaço em questão ou melhor, o que sobrara dele, ardia agora alegremente junto às toras na lareira acesa.

Começou a ler pausadamente.

Devido ao fracasso das missões diplomáticas junto ao Império Otomano, o Czar Alexandre II vem por intermédio desta, convocá-lo a apresentar-se até fevereiro de 1877 em Moscou onde será reintegrado ao Exército Imperial com a patente de Tenente General a fim de cumprir com seu dever para com seu Czar e sua pátria.

Sua recusa a estas ordens caracterizará crime de alta traição e sua família sofrerá as sanções cabíveis a este caso.

O Cabo Ivanovich designado como seu ajudante de ordens o acompanhará em seu retorno.

Sem mais para o momento,

Príncipe Pietro Biazenikov

General de Campo

Exército Imperial Russo

Sebastian baixou a folha.

— Como podem?! — perguntou indignado.

— Sua família foi claramente ameaçada — John comentou irritado.

— As coisas na Rússia são assim? — Cameron perguntou trincando o maxilar.

— As coisas com o Czar Alexandre são assim — Sacha explicou.

Um silêncio mórbido se abateu sobre todos.

— Vou com você. — Joanne abraçou Alexander com olhos cheios de

lágrimas.

Ele mirou o futuro sogro por cima da cabeça da noiva que repousava chorosa em seu peito.

— *Nyeth, Niavka*. — Afastou-a. — A Rússia não será o melhor lugar do mundo para se morar pelo menos enquanto essa sandice durar.

— Não quer mais casar comigo?!

— Filha, eu acho... — John levantou-se.

— Desistiu, Sacha? — Um par de olhos azuis o encarava, espelhando toda a dor interior.

— Casar-me com você é o que mais quero fazer, mas não a exporei a riscos desnecessários. Estamos falando de guerra, *Niavka*. — Segurou suas mãos. — Sou egoísta o suficiente para implorar que me espere.

— Mesmo que não pedisse eu o faria. Desnecessário implorar, Sacha; eu sou sua e sempre serei. Independente de quanto tempo tiver que esperar, estarei aqui de braços abertos para recebê-lo. Só peço que retorne inteirinho para mim.

— Partirá quando? — Andree perguntou preocupado.

— O mais breve possível. — Puxou Joanne para si.

— Tomaremos conta de Joanne. — Elizabeth apertou o lenço em suas mãos.

— Sebastian?

O visconde virou-se para o amigo.

— Sim, cuidarei de seu patrimônio — concordou visivelmente chateado.

— E nós cuidaremos de quem cuidará de suas coisinhas. — Cameron piscou.

— Pateta! — Alex riu.

— Rezaremos por você, Alex. — Elizabeth sorriu triste.

— *Spasibo*.

— Creio que devemos retornar ao salão. — John levantou-se do braço da poltrona onde Elizabeth sentara. — O tempo é curto, melhor será aproveitá-lo ao máximo. — Sorriu inclinando-se para a esposa. — Seria muita impertinência minha convidar tão bela dama para a próxima valsa?

— Uma doce impertinência! — Ela riu e o acompanhou.

Os rapazes saíram e por fim Joanne se viu sozinha com Alexander.

— Não foi bem assim que planejei começar o ano. — Acomodou-se ao seu lado no sofá descansando os pés sobre a mesinha.

— Foi inesperado. — Ela suspirou.

— Eu sinto muito, *moya lyubov'*.

— Não é sua culpa, mas sentir-me-ia bem melhor se conseguíssemos casar antes de sua partida.

Alex torceu o canto da boca.

— Com a possibilidade de transformá-la em viúva tão cedo? Não, Joanne. Isso seria crueldade.

— Se você morrer, eu o mato!

— Se eu morrer, sofrerei menos sabendo que está nos braços amorosos de sua família e sob a vigilância dos meus amigos. — Puxou-a para seus braços. — Precisamos aproveitar o tempo que nos resta, meu amor. — Beijou-a de leve. — Deixe a porta da varanda aberta — sussurrou em seu ouvido, mordiscando o lóbulo da orelha.



Fevereiro, 1877 – Londres.

Alexander abraçou Sebastian demoradamente. Sussurrou-lhe algumas palavras em russo, depois despediu-se de Cameron, Jean Claude, tia Flora e por fim parou em frente a Joanne. Os dois se olharam, cada um tentando memorizar as feições do outro, até que com um sorriso apagado Alex correu os dedos por algumas mechas que teimavam em escapar do coque feito. Sua mão foi pressionada pelos pequenos dedos contra o rosto da mulher que amava e que talvez perdesse para sempre.

— Vai me escrever?

— Sempre que eu puder, *Kukla*. — Limpou as primeiras lágrimas que sabia viriam. — Não chore... Prometeu-me que não iria chorar.

Joanne correu os dedos pelo uniforme russo que o vestia tão bem e odiou a cor. Odiou o formato, odiou o que representava. Suspirou em meio a um soluço sentido.

— Vai me esquecer... — Brincou com os botões polidos.

— Nunca. Eu nunca esquecerei você, *moya lyubov'*... Meu amor. Quando tudo terminar voltarei para buscá-la, conhecerá a minha família e nos casaremos conforme os preceitos da Igreja Ortodoxa.

— Por que não agora? — choramingou.

— Já conversamos sobre isso. — Olhou-a condescendente. — Porque no momento a Rússia é o pior lugar para se viver ainda mais para estrangeiros. — Puxou-a para seus braços e a apertou baixando a cabeça entre os cabelos sedosos. — Promete me esperar?

— Eu prometo. Promete que voltará para mim? — Ergueu os olhos

vermelhos.

— Eu prometo tentar. — Segurou o rosto abaixo entre as mãos, encostando sua testa na dela de leve. — *Ya tebya lyublyumoya lyubov'*...

— *Ya tozhe tebya lyublyu*. Eu também te amo.

Alex sorriu e a beijou. Beijou como se sua vida dependesse desse último contato, como se pudesse tomar um pouco da essência de Joanne e levá-la consigo.

— Tome... — Puxou um pequeno quadro do bolso e o abriu como um livro. — É um ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Está em minha família há séculos e me foi entregue por minha bisavó. É o que eu tenho de mais valioso no momento que eu possa lhe entregar, *Kukla*, além do meu amor e da minha alma. Ela cuidará de você e dos seus.

— Mas você ficará sem proteção? — Olhou a imagem finamente trabalhada em uma moldura de ouro e prata. — Não... Espera. — Puxou o cordão do pescoço, o retirou e esticou-se para passá-lo pela cabeça acima.

— Sua medalha de São Jorge, meu amor!

— Ele foi um soldado romano fiel à sua fé. Há de tomar conta de você e trazê-lo inteiro para os meus braços novamente.

— Vossa Alteza!

Todos se viraram na direção do cabo já montado.

Alexander suspirou e a abraçou mais uma vez distribuindo beijos por onde podia.

— Eu amo você — sussurrou entre lágrimas e sorrisos de ambos.

— Eu também amo você. — Ela limpou as lágrimas no rosto dele.

— Tomem conta dela — falou para os amigos. — Tia Flora...

— Rezarei sempre por você, meu filho. Escreva para essa velha se puder.

— Tenho que ir...

— Volta para mim...

— Joanne... Eu nunca me esquecerei de você.

— Vou esperar...

Afastou-a e em um impulso montou no cavalo ao lado do rapaz.

— Alex... — Joanne correu ao seu encontro.

Ele inclinou-se e a beijou mais uma vez.

— Guarde... — Sorriu entregando algo envolto em um lenço.

— Eu deixei algo para você com Sebastian, mas não podia ir embora sem lhe entregar um último presente. — Abriu o casaco, retirou e entregou.

— Uma rosa negra? — Olhou para ele espantada.

— É a última que entregarei. Não haverá outras. — Beijou-a. — Você me salvou de mim mesmo, eu a amo acima de qualquer pessoa. — Guardou o lenço no casaco e se foi sem olhar para trás.



Abril, 1877 – Rússia.

A viagem até Moscou foi exaustiva entre cavalos, trens e navios. A cidade mudara desde a última vez que a vira, mas apesar do aparente progresso havia certa belicosidade pairando no ar. Encontrou a família hospedada na casa de um de seus primos. Foi uma comoção geral que

repercutiu até os ouvidos atentos do Czar.

A porta foi aberta por uma senhora de alvos cabelos. Ela arregalou os olhos o observando espantada de cima a baixo.

— Sacha?! — Levou as mãos à boca.

— *Babushka!* — Largou sua bagagem de mão no chão e foi puxado para os braços de sua avó.

— Oh, meu Deus... Sacha! — O encheu de beijos. — Deixe-me olhar para você... — O afastou. — Que lindo homem se tornou! — O abraçou novamente. — YEVA, ZARYA, IVANN, ANATOLII, venham ver quem chegou!

Ele ouviu barulho de passos apressados depois um silêncio se abateu quando seus parentes se amontoaram no início do corredor.

Yeva, sua mãe foi a primeira a sair do torpor. Acercou-se desconfiada.

— Alexander?!

— Sim, mamãe... — Sorriu, abrindo os braços e foi engolido por uma avalanche de beijos e abraços até ser empurrado carinhosamente na direção a uma sala.

Alex gargalhou ao notar que sua irmãzinha, a pequena Zarya tornara-se uma linda mulher casada com Gorya Nikolaevich, conde de Tikhvin e já era mãe de Anastasiya, Igor e quem mais chegasse a barriguinha que sustentava com orgulho. Seus sobrinhos caíram de amores pelo tio e a doce Anastasiya literalmente grudou nele.

Ivann apertou-lhe a mão fascinado pelo irmão mais velho e Anatolii, seu primo, deu as boas-vindas a Moscou.

— E papai?

Os sorrisos morreram.

— Grigory morreu pouco tempo depois da tragédia com Irenka, meu neto — Ekaterina explicou.

Ele baixou a cabeça.

— Veio para ficar?

— Fui gentilmente convocado pelo Czar, vovó. — Suspirou abraçando a irmã que se sentara ao lado. — Alexandre deixou uma ameaça velada a vocês caso eu não retornasse para assumir meu posto no exército. Ele pretende declarar guerra ao Império Otomano.

— Oh, meu Deus! — Zarya gemeu.

— Mas, assim que tudo terminar eu voltarei à Inglaterra para trazer minha noiva e nos casaremos em São Petersburgo perante meus amigos e minha família.

— Ela é russa? — Yeva perguntou.

— É inglesa. — Viu sua mãe franzir o cenho. — É da aristocracia, filha de um marquês, irmã de um duque.

— Mas é inglesa.

— Sim, mamãe.

— Não casamos com estrangeiros — ela sentenciou.

Zarya revirou os olhos.

— Eu me casarei. — Ele sustentou o irado olhar materno.

— Conversaremos sobre isso mais tarde — Yeva quase rosnou.

— Isso, titia! Sacha deve estar exausto e faminto. Teremos tempo para conversar depois, não? — Anatolii olhou para o primo.

— Preciso me apresentar em dois dias. — Esfregou os olhos.

— Então venha, primo. Seu quarto já está pronto. — Passou o braço pelo ombro de Alex e o retirou do local antes que acontecesse mais algum atrito.

Naquela noite ao se recolher depois de um jantar recheado de novidades nem todas muito boas, Alexander abriu a porta e deixou sua irmã entrar com um criado que trazia o antigo samovar^[28] da família.

— Achei que gostaria de um chá antes de dormir. — Sorriu pegando uma xícara. — Estou tão feliz por estar aqui, Sacha, mesmo que seja por um motivo não muito nobre.

— Estou feliz de estar aqui mesmo com mamãe não aceitando minha noiva.

— Como ela é?

Ele retirou a pequena pintura que Joanne entregara envolta em um lenço e esticou para a irmã. Zarya sorriu.

— É linda, Sacha. Parece uma ninfa!

Alex riu.

— Conte com a ajuda de Gorya e minha. — Beijou-lhe a testa. — Agora conte-me mais sobre sua vida.

— Irmã, creio que você não vai gostar. — Beijou-lhe a mão sorrindo travesso.

Os dois dias restantes foram gastos entre rever Moscou com a família, aguentar os sermões de sua mãe e avó a respeito de como a realeza russa deveria se comportar, uma audiência com o Czar, por sinal nada agradável, onde a paciência de Alexander foi posta à prova até o limiar de cometer uma sandice e a presença constante de uma prima distante: Tanya, que se transformara em um lindo e delicado exemplar de mulher. Zarya o alertou quanto a prima: se dependesse da mãe e da avó, ele já estaria casado antes de seguir para a Bulgária.

No dia seguinte encontrava-se de saída dos escritórios centrais onde recebera suas novas insígnias de Tenente General (presente dúbio de seu primo), quando uma mão lhe segurou o braço. Automaticamente virou-se pronto para reagir, detendo o golpe no meio do caminho.

— Mal recebeu a promoção e já vai castigar seus recrutas?! — O tom debochado da pergunta o fez franzir o cenho.

— Andrei?!

— Capitão Andrei Yakov Ivanovich, senhor! — Prestou continência. — Ao seu dispor e em seu batalhão para servi-lo, Alteza! — Inclinou-se zombeteiro.

— Idiota! — Alex gargalhou e se abraçaram.

— Quando chegou?

— Há dois dias. Mas Zarya havia comentado que você fora transferido para a Sibéria.

Ele gargalhou gostoso rebocando o amigo de infância até uma casa de chá.

— Sua irmã me trata assim porque achou que iríamos nos casar.

— E qual foi o impedimento?

— Sua mãe e sua avó. — Suspirou.

— Ah, já sei! Pois saiba que não foi o único a sofrer. Preparado para uma longa história?

— Só embarcaremos amanhã. — Riu. — Até lá sou todo seu. — Agradeceu a chegada do samovar e serviu as xícaras. — Mas comece por me explicar direito o motivo da loucura que estamos prestes a nos enfiar.

— Como confio em você explicarei nos termos de meu primo: o país precisa de um acesso ao Mar Mediterrâneo e quer apropriar-se da Península

dos Bálcãs atualmente controlada pelo Império Otomano, logo resolveu declarar guerra agora em 24 de abril. Em suma: ganância. — Agradeceu a xícara empurrando o prato com as pequenas delícias russas que acompanham o chá.

— Agora me conte do seu rabo de saia.



Agosto, Bulgária.

O passo de Shipka localizava-se a 13 km da cidade de Shipka, numa altitude de 1.190 metros, encimada em uma das muitas montanhas dos Bálcãs, um lugar íngreme, rochas nuas, inóspito, com uma paisagem ao redor deslumbrante.

O dia 21 amanheceu com uma tênue névoa cobrindo os picos próximos. Alexander sentara-se em uma pedra mais afastada de seus homens, num lugar conhecido como “Ninho da Águia” e releu a última carta de Joanne recebida há quase um mês atrás.

Andrei aproximou-se com uma fumegante caneca de chá. Fazia frio e continuaria assim até o sol esquentá-los. A noite fora calma, o dia anterior também. O rapaz sentou-se em uma pedra mais alta ao lado, olhar perdido no horizonte.

— Não gosto dessa calma — comentou. — Dá sensação que os Otomanos estão preparando algo grande e assustador. — Tomou um gole do chá.

— É nossa segunda batalha. — Alex guardou a carta. — Já deveria estar acostumado. — Mirou a movimentação letárgica dos homens ao seu comando.

— Conte-me mais sobre sua vida na Inglaterra e sua pequena ninfa. — Riu do sorriso que despontou num rosto ultimamente tão austero e ouviu o amigo descrever algo que ele certamente nem sonharia em ter.

— Minha família não reagiu muito bem à novidade. Continuam insistindo em um casamento consanguíneo para que a nobreza se mantenha impoluta.

— Sinto muito, meu irmão. O que pretende fazer?

— Casar-me em São Petersburgo tendo você como padrinho, depois seguir com Joanne para minha propriedade em Sotchi.

— Mas perderá sua família.

— Joanne é mais importante, Andrei. Muito mais importante que... — Ergueu a cabeça depois se levantou sobre a pedra. — Ouviu isso?! — Foi a última coisa que falou antes que a bomba os atingisse. Alex empurrou o amigo que caiu por trás da pedra onde sentara, salvando-lhe a vida. Os Otomanos bombardearam posições russas incansavelmente e quando tudo pareceu ter terminado, o caos reinava.

Andrei saiu do abrigo meio tonto, surdo, e machucado superficialmente por estilhaços, procurando por seu oficial e amigo. O encontrou mais adiante, caído em uma poça de sangue. A bomba que os atingira estraçalhara a mão e o antebraço direito restando apenas o braço três dedos acima do cotovelo. Andrei gritou pelo médico, conseguiu estancar momentaneamente a hemorragia até que o socorro chegasse.

Alexander foi levado às pressas para a cidade e assim que estabilizou, partiu em direção a Moscou na companhia de um médico. Lá foi entregue a família já operado para a retirada de fragmentos do que restara do braço e o médico familiar alertado para possíveis sequelas quando despertasse.

Primeiro foram sons. Vozes indistintas em meio à escuridão que o cercava. Depois lampejos de luz, penumbra. A seguir conforme emergência da inconsciência, veio à dor. Seus olhos se abriram e se viu cercado.

— Sacha...

Girar a cabeça na direção da voz foi torturante. Ela era linda, negros cabelos, grandes olhos azuis. Atrás dela, uma senhora baixinha; ao lado, outra de alvos cabelos e ar amoroso. Do lado oposto, uma mulher acompanhada por duas crianças, o homem que a abraçava deixou escapar um sorriso enquanto o rapaz mais afastado se aproximava.

— Onde estou? — conseguiu articular.

— Em Moscou, querido — a senhora baixinha respondeu.
— Foi ferido na batalha e transferido para cá.

— Batalha?! — Tentou mexer-se e gemeu quando uma dor pungente correu por seu corpo. — Quem são vocês?

— Não se lembra? — A senhora de cabelos brancos segurou-lhe a mão.

— Não.

— Não se lembra de nada?

— Não — respondeu angustiado.

— Seu nome, seu passado, nada? — a senhora baixinha perguntou, enquanto preparava o que parecia ser um medicamento.

— Nada... — Arfou nervoso.

— Seu nome é Alexander Dmitriy Pyoitir Georgiy Sotchi Romanov, grão-príncipe de São Petersburgo e eu sou Yeva, sua mãe. Segurando sua mão está sua avó, Ekaterina. Do lado oposto, sua irmã Zarya, seus sobrinhos Anastasiya, Igor, o marido Gorya e seu irmão caçula, Ivann. — Empurrou delicadamente a garota para frente. — E esta é Tanya, sua noiva.

Todos viraram na direção de Yeva, que sustentou o sorriso. Quando Anatolii chegou trazendo o médico e a família deixou o cômodo, Zarya interceptou a mãe.

— Isso não é justo! Não é certo!

— É mais que certo, é perfeito! Seu irmão não se lembra do passado, logo a ameaça estrangeira foi esquecida e Tanya é a mulher perfeita para ele.

— Tanya, como pode aceitar?! — Pasma, encarou a garota.

— Eu sempre amei Sacha — ela murmurou.

— Senhor! — Zarya ergueu as mãos e saiu andando atrás da mãe. — Mamãe, francamente, pense no que está fazendo!

— Sei muito bem o que faço e faço pelo bem de meu filho e desta família.

Yeva pegou os pertences de Alexander que recebera do médico que o trouxera. Cartas, a pequena pintura de Joanne, o lenço, a medalha de São Jorge, o anel com o brasão da família, que Andrei encontrou junto ao que restara do braço. Sentou-se, escreveu uma pequena nota e chamou o mordomo.

— Embale tudo e despache para este endereço. — Apontou para uma das cartas.

— Está devolvendo as coisas de Alex como se... — Zarya entendeu.

— Escute bem, criança e escute com cuidado. Se quer continuar gozando de nossa hospitalidade, manter-se na família, com seus filhos e marido, vivos e saudáveis graças aos carinhosos cuidados do Czar, recomendo manter sua boca calada em relação a esse assunto. Entendeu, Zarya?!

— Minha própria mãe me ameaçando? — perguntou em choque.

— O Czar. Sou somente uma serva fiel aos desejos de nosso soberano.

Ela deixou os aposentos maternos, correndo para chorar sozinha em seu próprio quarto.



Agosto, Londres.

Sebastian jogou-se na poltrona mais próxima e declinou com uma careta o copo de conhaque esticado por Cameron.

— A noite foi boa... — Andree riu.

— Tenho que pedir mais rosas, o estoque está no fim.

— Pobre alma condenada ao fogo eterno! — o francês filosofou.

— Meu alento é que não estarei sozinho. — Apontou maldosamente para os amigos.

— Notícias de Sacha? — Andree sentou-se próximo a Cameron.

— Nunca pensei que falaria algo similar, mas... Por Deus, estou com saudades daquele bastardo russo! — Cameron gemeu.

— Joanne afirmou que Alex ainda não respondeu à sua última carta — Sebastian afirmou.

— Tendemos a ficar ocupados quando estamos lutando para nos manter inteiros, n'est-ce-pas? — Andree ironizou.

— Ela tem uma *longa* espera pela frente... — Cameron murmurou.

Sebastian serviu-se de uma xícara de chá e manteve-se pensativo.

— O que foi?

— Espera longa e perigosa — ele murmurou.

— Não entendi. — Cameron esvaziou o conteúdo de seu copo.

— Claro que nosso querido russo seduziu o amor de sua vida... — começou mirando o líquido na xícara.

Cameron ergueu as sobrancelhas.

— Está insinuando que... — Andree sorriu.

— Estou insinuando que essa é uma hipótese muito provável, senhores.
— Sebastian tomou um gole.

— Apostas? — O irlandês esfregou as mãos.

— Ah, não! Com essa sua maldita sorte irlandesa, perderíamos na certa.
Além do mais...

Bateram à porta e um criado pediu licença para entrar. Trazia um pacote em uma bandeja de prata, informou que o mesmo fora trazido ao White's por um dos criados da casa do visconde, depois saiu. Sebastian pousou o pacote sobre a mesinha entre eles, puxou o canivete e abriu a caixa. Conforme foi retirando o conteúdo, Cameron afundava cada vez mais na poltrona e os gemidos de Jean Claude se faziam mais audíveis.

— Essa não é a medalha que Joanne deu para Sacha? — Andree apontou nervoso.

— Medalha, cartas, uma miniatura de Joanne, um lenço... O anel de Alex?! Outra carta e endereçada a mim. — Abriu o envelope com mãos trêmulas. — Está em russo. — Fez uma careta. — Vou traduzir.

Começou a ler em voz alta.

Caro visconde de Riverdall,

É com imenso pesar informá-los que meu filho, o grão-príncipe de São Petersburgo Alexander, veio a falecer junto à sua amada família em decorrência de complicações geradas por ferimentos de guerra...

Parou, sem conseguir falar. Arfou, tomou fôlego e sem coragem de olhar

para os amigos, prosseguiu.

Achei por bem devolver os pertences de lady Joanne e peço, por favor, desculpas por usá-lo como portador de tão negras notícias junto a dama em questão.

Atenciosamente,

Grã-princesa Ekaterina Nikolaevna Sotchi Romanov

Deixou o papel cair no chão e lentamente fechou os olhos.

Sebastian mandou um criado sondar se Joanne encontrava-se em casa. O garoto retornou apressado avisando que a dama havia deixado Londres e seguido para o campo.

— Senhores, estarei partindo para Bowell's Manor amanhã pela manhã.

— Iremos com você. Sacha era nosso amigo, devemos isso a ele — Cameron falou em uma voz tão desanimada que mal se ouviu o final da frase.



Tia Flora suspirou parada à porta do jardim que dava acesso ao gazebo. Marcus chegou logo atrás acompanhado pela criada trazendo o chá.

— Ela está assim desde que não recebeu a resposta à carta de enviou para Sacha. — Ela deixou a serviçal passar.

— Ele está em combate, tia. O tempo é seletivo quando se luta pela vida. — Marcus beijou-lhe a mão. — Além disso, a Rússia é um bocado longe. — Sorriu em simpatia. — Vou deixar vocês duas conversarem.

Seguiu na direção dos estábulos.

Flora esperou que o chá fosse servido, depois entrou no gazebo, sentando-se na cadeira ao lado da *chaise longue*.

— Quando você era criança e ficava acabrunhada com algo, corria para mim e desabafava enquanto tomávamos chá com biscoitos de bichinhos. — Apontou para um prato cheio de biscoitos em formato de borboletas, gatinhos e peixinhos. — O que está acontecendo, minha criança? Não confia mais nessa velha tia?

Joanne virou o rosto marcado por lágrimas.

— Ah, meu amor! — Flora sentou-se ao lado e a puxou para seus braços. — Eu sei que sente falta de seu noivo, mas mantenha as orações e pensamentos positivos e logo, logo ele estará de volta.

— Não é isso, t-tia Flora... — Soluçou. — Eu...

A velha governanta ergueu as sobrancelhas em expectativa. Não precisou de muito tempo. Agora, além das sobrancelhas, um par de olhos arregalado encarava a jovem.

— *Oh, my!* — gemeu. — Tem certeza?!

— Tenho.

— Quanto tempo?

— Seis meses.

— Filha! Mas não...

— Mamãe conta que também não parecia estar esperando até os seis meses e de repente PUF! A barriga cresceu.

— Ah, meu Deus! Precisa avisá-lo, criança!

— Eu avisei na última carta, tia! E até agora não recebi sequer uma

palavra.

— A Rússia é longe e Sacha está lutando onde?

— Na Bulgária.

— Sabe-se lá Deus como as cartas chegam até os soldados. Já pensou nisso?

— Tomara que tenha razão, tia Flora.

— Sua mãe e seu pai? Eles precisam saber!

— Contarei assim que receber notícias de Alex.

— Ah! Minha menininha vai ser mamãe! — Abraçou-a e beijou. — Posso fazer algumas mantas de tricô?

— Seria uma honra. — Sorriu triste.

— Lady Neddlethorn?

Elas viraram assustadas.

— Sebastian? Cameron, Jean Claude?! Aconteceu alguma coisa com Alex?!

— Mil perdões chegarmos tão intempestivamente... — Sebastian inclinou-se em saudação assim como os outros.

— Tia Flora, estes são os amigos de Alex, o visconde de Riverdall nosso vizinho, lorde O'Shea e conde de Trevand.

— Milady — os três falaram em uníssono e inclinaram-se.

— Vou providenciar mais chá. — Levantou-se.

— Não! Por favor, milady. Seria melhor se ficasse. — Sebastian apontou para que retornasse onde estava sentada. — Recebi este pacote vindo da

Rússia ontem, Joanne. Por favor, abra.

A primeira coisa que saiu foram as cartas, o lenço, a pintura, seu cordão com a medalha e, por fim, o anel que Alex não tirava. Palavras foram desnecessárias, seus lábios tremeram, ela apertou tudo sobre o peito, levantou-se, deu dois passos em direção à Sebastian e desmaiou.

Cameron a segurou antes de chegar ao chão, pegou-a no colo e correram em direção a casa. Por fim Flora teve que contar o que sabia e testemunhou os três maiores libertinos da Europa chorarem como garotos desamparados.

Marcus, imperceptível no corredor, pousou a cabeça na parede e soltou um longo e dolorido suspiro.





11

Moscou, Rússia.

Zaira não se conformava com a situação, mas em prol da segurança dos filhos e do marido, resolveu manter-se calada, pelo menos até descobrir um jeito de contar a verdade ao irmão e rezava para que conseguisse antes que fosse tarde demais. Cobriu-o com carinho, ficara em sua companhia à tarde e sentia-se cansada. Ivann bateu levemente à porta e entrou; beijou a irmã na testa e avisou-a que ficaria durante a noite. Ela explicou a dosagem de láudano se Alexander reclamasse de dor, depois beijou seus irmãos seguindo para seus aposentos.

Ivann sentou-se jogando os pés para cima da cama com um sorrisinho bobo no rosto e um livro na mão.

— Trouxe algo para passarmos à noite, *bol'shoy brat*^[29]. Um livro muito bom de um amigo seu, Lev Nikolayevich Tolstoi chamado Guerra e Paz.

Abriu o volume e começou a ler. Entre os inesperados rumos de Pierre Bezukhov, o Príncipe Andrei Bolkonsky e Natasha Rostova, Ivann largou prontamente o livro quando Alexander começou a se debater preso em um pesadelo; com medo de acordá-lo, acompanhou o desenrolar daquele fatídico dia 21 entremeado de chamadas por alguém cujo apelido era *Kukla*.

A movimentação brusca acabou por despertar Alex que gemeu de dor

pela agitação. Ivann tentou acalmá-lo e ministrou um pouco de láudano devolvendo seu irmão a um sono mais tranquilo mesmo que induzido. Sentou-se mais uma vez e pensou; não comentaria a respeito de *Kukla*, mas sondaria Sacha quando estivessem sozinhos. Se fosse alguma mulher, sua mãe estaria cometendo um erro muito grave ao mentir sobre Tanya.

Mais tarde passado os efeitos do láudano, ele acordaria pedindo por água. Ivann ajudou-o a beber sorrindo para Zaira que acabara de entrar trazendo comida.

— Sacha, que bom vê-lo acordado! — Sorriu aproximando-se da cama.

— Você é...

— Zaira, sua irmã e o rapazinho aqui é Ivann o caçula. — Tentou ajeitar os cabelos do rapaz. — Lendo o quê?

— Tolstoi, Guerra e Paz.

— Garanto que não deixou seu irmão dormir! — Riu baixinho.

— Sacha teve um pesadelo durante a madrugada, chamou várias vezes por *Kukla*. Quem é, irmão?

Zaira arregalou os olhos na esperança de uma recuperação.

— Eu não me lembro... — Arfou. — Minha mão direita está doendo — gemeu.

Ivann encarou sua irmã.

— Querido, é preciso que saiba. — Sentou-se à beira da cama. — O ferimento da batalha que o trouxe de volta ao seio da família foi muito, muito grave. Pelos relatos oficiais, uma bomba explodiu muito perto de você e de Andrei, seu amigo. Um pouco antes você conseguiu empurrá-lo para o abrigo de uma pedra, mas... — Suspirou pesarosa. — Uma parte do seu braço direito foi atingida e você perdeu a mão e um pouco mais... — Fez uma careta de piedade mordendo o lábio inferior.

Alexander piscou sem compreender muito bem o peso da declaração até erguer o que restara do abrigo da coberta.

— Meu Deus! — balbuciou passando a mão pelas ataduras. — Oh, Senhor... — gemeu com os olhos lotados de lágrimas.

— Eu preciso ir ao banheiro! — Ivann disparou porta afora.

Zaira segurou o irmão nos braços e o embalou enquanto chorava.

— Se servir de algum consolo você sempre foi canhoto apesar dos professores obrigarem o uso da mão direita. — Acarinhou a cabeça em seu colo. — Só precisará se acostumar novamente, Sacha, eu tenho certeza que consegue. — Beijou-o de leve e o ajudou a sentar-se. — Seu criado de quarto aguarda por suas ordens. Vamos tomar o desjejum, depois um bom banho para receber o médico?

— O que quiser — respondeu apático.



Rainbow Hall, Inglaterra.

O marques e a marquesa de Neddlethorn sentaram-se lado a lado com tia Flora em uma poltrona à esquerda e Marcus em pé junto à lareira.

Do lado oposto sentada sozinha, Joanne torcia nervosamente o lenço que segurava, vestida de preto.

— Querida, nós entendemos a sua dor e a respeitamos, mas vestir luto? Sua união não chegou a ser sacramentada, logo oficialmente não há motivos para portar luto fechado, sequer luto — John falou carinhosamente.

— Eu tenho todos os motivos para vestir luto. — Soluçou e limpou os

olhos. — Luto pelo pai da criança que carrego.

John inclinou-se vagorosamente para frente.

Nenhuma palavra fora pronunciada.

Elizabeth, olhos arregalados e boquiaberta encarava a filha: dos olhos chorosos até a barriga.

— Isso é sério?! — o marques quebrou o impasse.

— Sim, meu pai. — O nível das lágrimas aumentou levando uma mãe angustiada a tomar partido da cria.

— John! — Ergueu-se sentando ao lado de Joanne e a abraçou.

— Lottie! — ele rebateu.

— O que está feito está feito, não há como voltar a trás. Vai repudiar sua filha e renegar seu primeiro neto?! — Fechou a cara.

John passou as mãos pelos cabelos ponteados de branco. Levantou-se ajoelhando perante Joanne.

— Filha... — Beijou-lhe as mãos. — Eu sinto muito por Alexander não poder compartilhar de uma notícia tão... inesperada, mesmo assim, maravilhosa. — Tomou-lhe o lenço das mãos e limpou-lhe o rosto. — Mas ao contrário de nossa família que nunca foi normal, a sociedade inglesa não aceita certos fatos e costuma ser extremamente vil quando se trata de mães solteiras, ainda mais da aristocracia.

— Eu me caso com Joanne.

Todos se voltaram para Marcus.

— Rapaz...

— Eu sei que ela não me ama, sei que sou de origem humilde, mas eu juro, Vossa Graça, sua filha não conseguiria alguém tão devotado e

carinhoso, ainda mais na atual situação. Aceitarei com orgulho o filho do grão-duque, mesmo porque o admirava como realmente era, além do carinho especial que sempre senti por Joanne. — Ajoelhou-se ao lado de John.

— Joaninha, deixe-me cuidar de vocês, me dê a honra de ser o pai de seu filho e educá-lo para que saiba o quão especial seu verdadeiro pai foi. — Beijou suas mãos. — Se depois o amor acontecer entre nós será um bônus maravilhoso, mas quero que saiba... — Sorriu triste. — Quero que todos saibam que eu nunca a forçarei a me aceitar como... como homem — mastigou a última parte.

— Filha? — John levantou-se.

Joanne limpou os olhos, mirou a mãe, o pai, sua querida amiga sentada mais adiante tão chorosa quanto ela, também vestindo luto, depois Marcus ainda ajoelhado.

— Eu aceito — sussurrou.

— Nós aceitamos. — John puxou Marcus para cima e o abraçou. — Pleitearei um título para você junto à Rainha. — Sorriu. — Eu sei que não devemos, mas poderíamos comemorar com um chá e sanduíches? Estou morrendo de fome — gemeu.

— E minha garotinha precisa comer, já que agora está comendo por dois. — Elizabeth a beijou.

— Venha, Marcus. Deixe-me contar sobre alguns episódios ocorridos com meu amigo duque de Winkleigh e comigo quando a duquesa e Elizabeth ficaram grávidas. E alertá-lo sobre alguns fatos... — O puxou para as janelas.

— Que boa ideia! — Elizabeth estreitou os olhos. — Vamos lavar este rostinho triste e deixe-me contar como utilizar seu estado para conseguir o que quiser.

Fez uma careta para o marido e saiu arrastando a filha na companhia de Flora.



Um mês depois...

São Petersburgo — Goluboy Dom, A Casa Azul — Propriedade de Alexander.

Alexander não se mexeu quando a porta da biblioteca se abriu e fechou, manteve a cabeça baixa, olhos presos no livro em seu colo. De soslaio percebeu a bandeja colocada sobre a mesinha ao lado e uma xícara ser servida.

— Sacha?

Ele torceu momentaneamente o canto da boca num esgar contrariado. Desde que saíra da cama isolara-se da família, hora na biblioteca, hora em seus aposentos. Ergueu a cabeça na direção da xícara.

— Não, obrigado. — Baixou a cabeça novamente.

— Precisa reagir, Sacha, não faz bem ficar assim.

O som das palavras em um tom quase melódico o irritou um pouco mais.

— Sério?! — Ergueu os olhos para Tanya parada à sua frente, depois para a manga da camisa meio vazia.

— Não precisa usar de sarcasmo comigo, eu conheço você, sei o quanto é difícil aceitar o fa...

— Você me conhece? Tem certeza?! — Segurou-lhe o pulso e levantou-se a encarando. — Há quanto tempo estamos noivos?

— Um pouco antes de sua viagem para a Bulgária — sussurrou.

— Há quanto tempo nos conhecemos?

— Desde que éramos crianças.

— Entendo... — Correu os dedos pelo rosto perfeito. — Quero que me beije.

Tanya arregalou os olhos.

— O... quê?

— Quero que me beije.

— Acho ser inapropriado bei... — Foi interrompida por um beijo exigente e faminto e pousou as mãos no peito acima para não desequilibrar.

No meio do beijo Alexander foi assaltado por um único fragmento de memória de um beijo totalmente diferente, em uma boca totalmente diferente, com um significado totalmente adverso. Desestabilizado, deteve-se por um momento e sem sutileza alguma puxou os cabelos de Tanya para trás forçando-a encará-lo.

— Posso ter perdido a memória, Tanya, mas não a inteligência. Você nunca foi beijada antes, esse foi o seu primeiro beijo.

— Sempre brincou comigo dizendo que nosso primeiro beijo seria depois de casados — respondeu prontamente.

— Quer realmente que eu acredite nisso? — A mão migrou dos cabelos para o pescoço e os dedos fecharam-se lentamente.

— Por que quer me agredir? Eu amo você, Alexander.

— Nisso eu acredito, mas a que preço? — Largou-a empurrando para longe.

— Como?

— Eu sou um aleijado.

— É o homem que eu amo.

— Eu não a amo. Você não me atrai, já pensou nisso?

— Amará com o tempo, farei acontecer.

Ele soltou uma gargalhada irônica.

— Ah, Tanya, Tanya, Tanya... Não lhe serei fiel.

— Eu não me importo.

— Quero ficar sozinho.

— Mas o chá...

— SOZINHO! — Bateu com a mão no samovar derrubando a bandeja, espalhando um misto de cacos, líquido e sanduíches pelo tapete.

Tanya se encolheu com o grito e deixou a biblioteca chorando.



Rainbow Hall, Inglaterra.

Com certeza nunca, em todo o Reino Unido, se viu um casamento tão triste. A noiva entrou na pequena capela da propriedade vestindo cinza por insistência materna em achar que usar preto traria má sorte. Joanne sorriu triste perguntando se já não esgotara sua cota de desventuras, logo preto ou qualquer outra cor soturna não faria lá muita diferença. Após uma pequena batalha, optaram por um meio tom entre o branco e o preto. Não havia flores, a única que ela carregava a título de buque era a rosa negra de Alexander que por capricho do destino ou qualquer outra razão desconhecida, mantinha-se

impoluta.

A cerimônia foi breve, poucas pessoas presentes além dos familiares da noiva, alguns criados mais antigos, Sebastian, Cameron e Jean Claude. A lua de mel fora descartada, o casal optara permanecer no campo por motivos óbvios até ser possível uma visita a Londres. Festividades foram descartadas fora o almoço; após o mesmo, os homens se retiraram para fumar e conversar e as mulheres seguiram em direção ao solarium onde ficariam mais à vontade para trocar ideias sobre bebês e casamentos.

Mais tarde o casal se recolheu a seus quartos. Marcus acompanhou sua agora esposa até a porta, beijou-lhe a testa deixando escapar um sorriso.

— Meu quarto é ao lado, se precisar de mim existe uma porta interligando os cômodos; chame quando quiser, Joanelha. Vá descansar, durma bem. — Inclinou-se respeitosamente em saudação seguindo para a porta adiante.

Claudine queria que Joanne colocasse a camisola de seda que ganhara da mãe, ela optou por uma simples de flanela para desespero da criada. Seus cabelos foram escovados, recebeu os votos de uma feliz boda e foi deixada sozinha sentada junto à janela. As horas se passaram arrastadas como os grilhões que a acorrentavam aos momentos felizes vividos ao lado do homem amado, até que entre soluços abafados e lágrimas derramadas ela abriu a porta de conexão entre os cômodos.

— Marcus? — Titubeou no portal.

Ele pulou da cama assustado, seguindo aflito na direção da pálida figura banhada pelas luzes tremulantes da lareira acesa.

— O que foi?! Algo com o bebê?! — perguntou revezando o olhar entre rosto e barriga.

— Será que eu poderia pedir um favor? — Apertou um pouco mais a gola da camisola ao redor do pescoço.

— Claro que pode! — Segurou sua mão trazendo-a para perto da lareira.

“Deus! Está linda, Joaquinha!” Pensou desconsolado, olhando fascinado para os pequenos pés descalços que apareciam pela barra da camisola.

— Marcus? Marcus!

— Hã? — Ergueu os olhos envergonhado pelo flagrante. — Perdão... O que deseja?

— Pode me abraçar um pouquinho? — As lágrimas caíram.

Ele gemeu condoído e a puxou para perto num abraço suave e carinhoso.

— Marcus?

— Hum?

— Posso pedir outra coisa?

— Hum-hum. — Cerrou os olhos se maldizendo por pensar no que não deveria pensar, mas pelos céus, ele era um homem saudável e normal, maldição! E ela era tão macia e quente, mesmo que a barriguinha proeminente tivesse crescido consideravelmente...

— Ficaria comigo até eu dormir?

Foi afastada quando ele recuou a encarando.

— Quer que eu fique em sua cama até que durma? — Piscou assustado.

— Pedi demais, não? — Fez uma careta, virou-se seguindo na direção da porta.

— Não! — Apressou o passo segurou-a no colo a carregando na direção da cama dela. Depositou-a cuidadosamente, cobriu-a e deitou-se por cima do cobertor puxando-a para seus braços. — Tudo bem?

— Tudo... — Suspirou e adormeceu aquecida e embalada pelos carinhos do homem com quem casara.



São Petersburgo, Rússia.

Igreja da Santíssima Trindade de Izmaylovsky.

Como uma ironia do destino, Alexander casou-se com Tanya no mesmo dia, porém assim como Joanne, com a pessoa errada, pelo motivo errado. Ele não sorriu; fato notado pelos membros da aristocracia russa que rapidamente concluíram que a apatia do noivo se devia às sequelas do terrível acidente do qual fora vítima; tão pouco ao receber os convidados na recepção do palácio de verão da família, mesmo quando se viu a sós com sua esposa.

A felicidade que Tanya irradiara o tempo todo veio por terra quando perguntou se ele a ajudaria com o vestido. Alexander a encarou ainda sério, inclinou a cabeça mirando-a de cima a baixo e simplesmente disse.

— Chame sua criada de quarto. Estou cansado, se me der licença me recolherei aos meus aposentos. — Inclinou-se, virou as costas e se foi.

Tanya passou sua noite de núpcias acordada na esperança que a porta de ligação com o quarto do marido fosse aberta. Não foi.

Do outro lado Alex mirava o teto sem conseguir dormir. Atormentava-o a sensação incômoda de que se casara com a pessoa errada. Atormentava o fragmento de memória de um beijo em outra mulher, uma que seria sim a pessoa certa, agora perdida em algum lugar em suas lembranças fugidias encobertas pela névoa da amnésia.

O dia amanheceu e Alex desceu sozinho para o desjejum.

— Onde está sua esposa, querido? — Yeva perguntou.

— Dormindo. — Sorriu cinicamente.

Tanya apareceu por trás do marido, inclinou-se para beijá-lo e para horror geral, Alex recuou.

— Bom dia a todos — falou envergonhada.

Os homens haviam levantado como exigia a etiqueta e como exigia a etiqueta, Alexander deveria puxar a cadeira para ela. Nem uma coisa, nem outra. Manteve-se sentado mirando o fundo da xícara de chá em sua mão. Um impasse foi criado já que Tanya não se mexia, até que Zarya cutucou o marido que acabou por fazer as honras.

— Sacha, isso não são modos de tratar sua esposa! — Yeva bradou.

— Vou cavalgar, não me esperem para o almoço. — Jogou o guardanapo sobre a mesa e levantou-se.

— Vou com você. — Tanya ergueu-se.

Alex parou no meio do caminho e olhou por cima do ombro.

— Eu não a convidei. — Saiu batendo as botas.



Rainbow Hall, Inglaterra.

— Sacha? — Joanne sussurrou ao sentir a respiração cadenciada acima de sua cabeça.

Abriu os olhos e deu de cara com Marcus bocejando ainda sonolento.

— Joanne? — Esticou-se como um gato ao acordar sem se dar conta de que algo mais estava — esticado — em seu corpo, o que não passou despercebido pelo astuto olhar feminino. — O que está olhando tão fixamente?

Seguiu a direção da atenção alheia, arregalou os olhos, as bochechas tingiram-se de vermelho enquanto ele pulava da cama entre tropeços até seu quarto batendo a porta de comunicação. Ela continuou estática por alguns segundos, depois, puxando o travesseiro ao lado abafou as próprias gargalhadas.

Foi difícil para Marcus voltar a encarar Joanne depois do acidente da noite de núpcias. Em compensação, a tratava com extremo cuidado e gentileza tal como se ela fosse um bibelô frágil demais para ser manuseado ou como ela gostava de pensar: uma *Matrioska*, uma tradicional bonequinha russa confeccionada em madeira que ao ser aberta possui outra bonequinha dentro que quando aberta, possui outra, que possui outra até alcançarem um tamanho minúsculo. São consideradas símbolo de maternidade, proteção e boa sorte.

Alex deixara uma com Sebastian que a entregou logo após sua partida. Era uma linda peça, uma representação de uma camponesa russa em seus trajes tradicionais, lindas cores, detalhes em ouro e ao abri-la, além da outra boneca, havia um pequeno papel escrito em cirílico – aproveitando que os rapazes não retornaram a Londres, Joanne pediu ajuda ao único representante da Irmandade fluente na língua. Sentaram-se no gazebo e Sebastian sorriu ao receber o papel.

“Meu amor, dizem as lendas que ao escrever os desejos em pedaços de papel e colocá-los em cada boneca, os mesmos se realizariam, quiçá alguns. Eu deixo aqui meus mais profundos desejos.

Seu para a eternidade,

Alexander”

Ela enxugou as lágrimas, puxou a segunda boneca, a abriu e lá estava outro pedaço de papel, o qual foi prontamente entregue.

“Eu desejo viver ao seu lado para sempre, minha doce Joanne”

Abriu a terceira.

“Que eu possa fazer Joanne a mulher mais feliz do mundo”

Expôs a quarta e abriu.

“Que nossos filhos sejam fortes e felizes”

— Seu filho será, meu amor. Seu filho será... — Soluçou acarinhando a barriga.

Abriu a quinta.

“Que Bastian seja o padrinho”

Sebastian sorriu triste pousando a mão sobre a de Joanne.

— Seria uma imensa honra se concordar, milady.

— Como conheceu Alex?

— Nos conhecemos em São Petersburgo. Bom, creio que agora meu amigo não ficará furioso comigo se eu contar a história toda.

— Algo a ver com Irenka?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Alex teve febre por conta do ferimento do tiro e balbuciou o nome Irenka.

— Irenka foi esposa de Sacha aos 23 anos. Ela era polonesa e eu na verdade não a conheci, mas sei que eram apaixonados. Com um ano de casados os dois se juntaram ao movimento separatista para autonomia da

Polônia. O Czar desgostoso com o rumo dos acontecimentos mandou seus homens caçarem os rebeldes. Irenka foi presa junto a alguns amigos do casal e outros contrerrôneos exatamente quando Alex ausentou-se. Uma parte dos revoltosos foi despachada para a Sibéria, a outra sumariamente fuzilada. Sacha ao retornar ajoelhou-se literalmente aos pés do primo implorando por anistia. A resposta do imperador não poderia ser mais clara: ele recebeu os corpos dos amigos e da esposa amada jogados como lixo na porta de sua casa com um recado preso às vestes de Irenka: não se trai o próprio sangue. Sacha saiu alucinado, disposto a assassinar o próprio primo, mas foi cercado por homens de confiança. Foi então que eu o encontrei. Estava de passagem visitando a cidade... Não! — Riu. — Na verdade voltava de uma das muitas festas da nobreza russa que impreterivelmente acabavam em orgias e... Bom, não vem ao caso agora. Vi Alex cercado e achei covardia quatro contra um, então resolvi ajudar. Depois disso o arrastei comigo para Paris onde estaria seguro e onde eu morava temporariamente. Foi assim.

Mais uma boneca aberta, outro papel.

“Que os rapazes tomem conta de Joanne caso eu venha a falhar”

— Sim, meu amigo; sempre. Fique descansado. — Bastian suspirou.

Mais uma, talvez a última por causa de seu tamanho diminuto, mesmo assim outro bilhete.

“Se menina, Irina. Se menino, Yury”

Ao deslocar a minúscula bonequinha do seu nicho, Joanne descobriu um último pedaço de papel.

“Amo você, Niavka. Sempre estarei ao seu lado, mesmo ausente”

Sebastian, que engasgara no meio de tão sofrida carga emocional, lutou

contra suas próprias lágrimas tentando manter-se forte por Joanne e quando Marcus surgiu, ele ergueu os olhos em mudo apelo para que amparasse a mulher que ora abraçava com carinho.



Marcus inclinou a cabeça em mudo agradecimento aconchegando a esposa ao mesmo tempo em que o visconde juntava as bonecas mais uma vez.

Zarya conseguiu acesso ao escritório do irmão graças a uma das muitas passagens secretas existentes na propriedade. Entrou sem ser percebida já que Alex manteve a cabeça sobre o braço esticado na mesa.

— Sacha?

Ele ergueu-se num pulo assustado só relaxando ao ver quem era.

— Eu tranquei a porta — resmungou.

— E eu usei a passagem ao lado da lareira. — Riu mostrando a mesma ao irmão. — Costumávamos brincar de esconder e sempre nos utilizamos das diversas passagens secretas. — Sentou-se na cadeira em frente a maciça mesa em carvalho. — Incomodo?

Ele a encarou sério.

— Não. — Armou um meio sorriso.

— Escondendo-se de mamãe e vovó?

— Mamãe, vovó e Tanya para ser mais exato.

— É, eu sei... — Pegou o abridor de cartas em formato de espada.

— Fugindo delas você também?

— Queria ver como está, ando preocupada.

— O ferimento está cicatrizando bem, eu ainda sinto dores, mas o que mais me incomoda é a sensação de continuar com meu braço e minha mão. O médico disse que alguns especialistas chamam de *Dor Fantasma* e que desaparecerá com o tempo. — Correu a mão pela manga semivazia. — Estou escrevendo bem melhor depois que voltei a usar a mão esquerda.

— Sempre foi canhoto. — Chupou o dedo que espetou sem querer na ponta da pequena arma.

— Além disso e só para você, tenho percebido alguns fragmentos de memórias, principalmente de uma mulher da qual não vejo o rosto, mas sinto ter sido muito importante para mim.

— Oh! E o que mais? — Inclinou-se sobre a mesa apoiando o queixo sobre a mão em um gesto tão gracioso que arrancou um sorriso dele.

— Vi um beijo. Ainda sinto a textura de seus lábios, o gosto de sua boca, o contorno de seu corpo junto ao meu. Eu não lhe contei nada? Sabe de algo, *mysh*’?

— Lembrou-se de meu apelido de infância! — Animada bateu palmas.

— Meu amigo... O que salvei a vida...

— Andrei?

— Sim, onde está?

— Ainda na Bulgária, agora é responsável por seus homens. Pelo menos esta foi a última notícia que tive dele.

— Quero me corresponder acha que receberá?

— Entregue suas cartas a mim não a outro membro da família, não a qualquer empregado e eu farei o possível que Andrei as receba.

Alex franziu o cenho.

— Não confia na criadagem, camundongo?

— Não confio em ninguém salvo meu marido, meus filhos e em você. — Devolveu o abridor ao seu lugar de origem. — Sacha? Tanya veio conversar comigo. Por favor, não se aborreça com sua irmã que só quer seu bem, mas o que ela contou é verdade?

Ele levantou os olhos do jornal abaixo.

— O quê? Que o casamento não foi consumado?

— Também — comentou cautelosa.

Alexander recostou-se na poltrona correndo os dedos sobre a barba.

— Mamãe e vovó praticamente forçaram que aceitasse o compromisso de noivado. Compromisso é compromisso e eu o honrei me casando com Tanya, isso não significa que tenha gostado ou aceitado a ideia. Sinto algo de muito errado em relação a essa história, *mysh*'; como se eu tivesse dado um passo errado e agora não pudesse mais voltar atrás. Tanya é uma bela mulher, mas não me atrai. Sinto-me desconfortável ao seu lado, eu não sinto... desejo, entende?

— Entendo, irmão, mas precisará de um herdeiro, logo o que pretende fazer?

Alex amassou o jornal com raiva, o lançando na lareira acesa.

— Rezar para Tanya ser fértil o suficiente para que eu não precise repetir a experiência — grunhiu.

— Escreva para Andrei.

— Passarei a carta para você sem que ninguém saiba. — Sorriu.

— Não seria prudente descobrirem de nossa conversa também — deixou escapar.

— Então realmente existe algo por trás do meu casamento, você sabe,

mas não pode falar. Foi ameaçada?

— Sim.

— Por quê? Por que era tão importante assim que eu me casasse com Tanya?

— Sangue, irmão. Eu não posso dizer mais nada, além disso. Pense bem, tudo é uma questão de sangue.

Beijou-o e foi abraçada.

Bateram à porta. Zayra correu em direção à passagem na lareira. Assim que a mesma se fechou, ele destrancou seu esconderijo. Era Yeva.

Alex não teve sequer a oportunidade de reagir, foi empurrado para o lado abrindo passagem forçada para a matriarca entrar e se aconchegar na poltrona mais próxima.

— Estou ocupado, mamãe.

— Não, não está. — Gesticulou. — Sente-se, Sacha.

Ele torceu a boca e jogou-se na cadeira do outro lado da mesa.

— Em que posso ser útil?

— Cumpra seu papel de marido.

Alexander inclinou a cabeça estreitando os olhos.

— Com todo o respeito, não creio que minha vida sexual seja assunto que lhe apeteça.

— Ah, mas é a partir do momento que o casamento não foi consumado e a descendência da família não foi garantida.

— Creio que disse que não foi consumado *ainda*, o eu não caracteriza uma recusa absoluta em não consumá-lo. Quer sua descendência garantida?

A terá eu garanto, mas nunca, nunca mais se intrometa em assuntos entre mim e minha esposa!

— Acha justo o que está fazendo com Tanya? Você a repudia na frente de todos!

— Isso não lhe diz respeito, mamãe — rebateu secamente.

— Não é maltratando sua esposa que você será feliz, Sacha.

— Mamãe, preste atenção: vocês queriam essa união e conseguiram. O que não pode e não acontecerá é me forçarem a sentir algo que eu não sinto: Tanya não me atrai, eu não a amo e...

— Amor vem com o tempo — interrompeu-o.

Ele socou a mesa, fazendo-a pular.

— Assim como amou papai? Sério?! — Sentou-se na beira da mesa.

— Como sabe disso? Lembrou-se?

— Ivann deixou escapar quando o inquiri. Há quanto tempo eu conheço Tanya?

— Desde crianças.

— Há quanto tempo estávamos noivos?

— Desde que você completou 18 anos.

Alexander teve que se controlar para não agarrar o pescoço da própria mãe.

— Entendo. — Tomou fôlego. — Está certa, mamãe. Tenho tratado minha esposa muito mal. Juro que a partir de agora a tratarei como merece. — Sorriu irônico e estendeu a mão para ela. — Se me permitir, preciso verificar o andamento das obras em Moscou. Vasili veio conversar comigo e entregar um relatório, são muitas páginas para ler.

Ergueu-a, beijou sua mão e sutilmente a empurrou para a saída.



12

Naquela madrugada fria, a porta de acesso foi aberta. Alexander aproximou-se. Tanya dormia tranquilamente. Seus longos cabelos espalhados pelo travesseiro pareciam cortinas de seda. Ele sentou-se à beira da cama, observou-a por um longo tempo pensando no que acontecera até o momento, até que ao esticar a mão para afastar algumas mexas de seu rosto ela acordou sobressaltada.

— Sou eu.

— Alex?! Aconteceu alguma coisa?

— Ainda não. — Sorriu lascivo e a beijou.

Tanya esperava qualquer coisa, menos que o marido a procurasse. Surpreendentemente, sua conversa com Yeva rendera resultados: ela sentiu-se no céu, mas ao ter sua boca invadida com tanta raiva e ressentimento, descobriria que seu paraíso se converteria em inferno em poucos minutos. Sua camisola foi rasgada, se viu nua de corpo e alma. Não houve carinho. Alexander queria acabar com tudo o mais rápido possível e ainda embalado pelo jejum imposto pela guerra, a tomou sem uma preparação adequada, sem preliminares.

Tanya chorou assustada e indefesa. A invasão foi brusca, rápida, assim como ele. Quando acabou, Sacha levantou-se e encarou-a sério.

— Foi reclamar com minha mãe sobre nós. Não era isso que tanto queria?

Enfim o casamento foi consumado. — A viu puxar o lençol sobre o corpo desnudo. — Espero sinceramente que seja fértil o suficiente, pois não pretendo ser obrigado a repetir a dose com você, minha cara esposa. A família clama por um herdeiro, avise-me se minha semente vingar.

Virou-se e seguiu para o seu quarto batendo a porta de comunicação e dormiu embalado pelos soluços do cômodo ao lado.

Ele sonhou. Sonhou com a mesma mulher que beijara, nua em seus braços, embalados em tanto amor e carinho que ambos choravam. As sensações foram tão fortes, tão presentes, tão vívidas, que ele acabou liberando-se entre os lençóis. Sentou-se, rosto molhado, ainda excitado, com um nome na cabeça e a certeza de que quem quer que fosse, ele a amava.



— Vossa Alteza... — O criado aproximou-se com uma bandeja. — A correspondência do Príncipe.

— Pode deixar sobre a mesa.

Yeva apontou e esperou que o serviçal saísse para continuar conversando com a sogra, porém a curiosidade foi maior. Pegou as cartas e examinou os envelopes até parar de falar.

— O que foi? — Ekaterina a viu empalidecer.

— Correspondência de Andrei.

— Esse menino cresceu praticamente com Sacha, lutaram juntos, qual o problema? Yeva?

Ela abriu a carta e outro envelope deslizou até o chão, o pegou.

— Oh, meu Deus, mamãe! É da inglesa! — Sacudiu a carta.

— Abra logo! — A senhora levantou-se.

Yeva abriu e começou a ler em voz alta, sem saber que parados no corredor, estavam Alexander e Zayra que chegaram já no final da leitura.

Rezo para que esteja bem, meu amor, tome cuidado, volte inteiro para os braços de sua ninfa que tanto o ama. Não se preocupe comigo, os rapazes estão tomando conta de mim como se eu fosse a irmãzinha caçula. Esperarei ansiosa por sua carta e sua reação com as novidades, amo você. Amamos você.

Eternamente sua,

Kukla.

— Queime-as, Yeva. Se Sacha souber da existência dessa mulher, ele...

A porta se abriu na hora em que as cartas foram jogadas na lareira acesa. Alex entrou sozinho seguindo direto para a mesma, mas foi tarde demais. Puxou um pedaço chamuscado onde se lia: Londres. Depois encarou a mãe e a avó e sem dizer uma única palavra ou esboçar um único gesto, virou as costas deixando o escritório e elas sem saber o que pensar. Agarrou o braço da irmã que ficara mais adiante no corredor rebocando-a em direção ao seu quarto e trancou a porta atrás de si.

— Fale.

Derrotada sentou-se sobre a cama.

— Quando o trouxeram desacordado ainda, mamãe achou as cartas de uma inglesa endereçadas a você junto com outras coisas. Elas sempre foram a favor de uma união sua com Tanya e a possibilidade de misturar nosso sangue com pessoas que elas tratam como *menos classificadas*, aterrorizava-as. Então, se aproveitando de sua amnésia, elas armaram para que pensasse já ser comprometido. Daí para o casamento foi só um mero detalhe. Eu me revoltei, mas mamãe ameaçou meu marido e as crianças se eu abrisse a boca. Ordens do Czar, ela alegou.

— Não ficaremos mais aqui. — Continuou zanzando pelo quarto. —

Iremos para Paris, tenho propriedades lá.

Zayra ergueu as sobrancelhas.

— Sim, *mysh'*, eu lembrei pelo menos disso. — Sorriu. — Vocês virão comigo e infelizmente terei que carregar Tanya também, o que de certa forma é muito bom pois quero desmascará-la de vez, quero que pague por suas mentiras.

— Quando?

— Escreverei para meus advogados pedindo para que façam os preparativos e verifiquem a possibilidade da anulação dessa maldita união. Permaneceremos neutros como se nada houvesse acontecido, como se você não tivesse dito alguma coisa. Isso preservará nossa segurança até estarmos prontos para deixar a Rússia. Virá comigo?

— Farei qualquer coisa para resguardar meu marido e filhos; sim, eu aceito sua ajuda.



Dois meses depois...

Alexander sentado à cabeceira da mesa mirou a família. Ergueu-se cessando automaticamente as conversas.

— Quero comunicar a vovó e mamãe que estamos de partida para a França.

Yeva abriu um imenso sorriso assim como Ekaterina e Tanya.

— Que bom, meu filho! Vocês merecem uma lua de mel decente.

Alex bufou.

— Não é uma lua de mel, mamãe. Estamos saindo definitivamente da Rússia e levarei Zarya, o marido e as crianças comigo.

— O quê?! Não pode fazer isso! Não pode deixar seu país! Não pode abandonar seu primo!

As sobrancelhas dele se ergueram e um sorriso irônico apareceu.

— Por que não?

— É seu Czar! — Yeva levantou-se e socou a mesa. — Além do mais Zarya está no fim da gravidez!

— Alexandre é o homem que assassinou a sangue frio minha primeira esposa e meus amigos — rosnou.

— Eu me arriscaria mesmo que tivesse que ter esse filho no meio da estrada — Zarya complementou.

— Não pode ir embora, não recebeu baixa do exército! Essa fuga será considerada uma traição!

— Pouco me importa. Não estou pedindo por sua aprovação ou benção. Estou comunicando que iremos embora. — Gesticulou para a irmã e o cunhado que levantaram e rumaram em direção aos quartos. — Você se juntará a nós? — Abraçou o irmão caçula.

— Ivann fica! — Yeva levantou-se.

— Ivann? — Alex o encarou.

— Preciso ficar, Sacha. — Encarou o irmão de volta.

— Quando pretende cometer esse desatino?

— Agora. — Sorriu e puxou Tanya que continuava sentada. — Tem precisamente quinze minutos para arrumar uma mala pequena, milady.

— Mas, meus...

— O que precisar será comprado em Paris. Suba!

Ela disparou escada acima.

— Seu primo não irá gostar! — Yeva o seguiu.

— Ele não tem que gostar. A vida é minha e a vida de Zarya é dela. Nos decidimos e ponto final. — Bateu com a porta do quarto na cara da mãe, mirando o valete. — Tudo pronto?

— Já nas carruagens, Vossa Alteza.

— Vá ajudar a criada de minha esposa. Elas devem estar em pânico.

— Sim, Vossa Alteza. — Inclinou-se e saiu.

Meia hora depois, três carruagens deixavam São Petersburgo para não mais voltarem.

Na última parada, Alex reuniu-se com Tanya, Zarya e Gorya.

— Esta é nossa última parada antes de Paris. Logo chegaremos à minha propriedade para um merecido descanso e assim que estiverem adaptados, mostrarei a propriedade de vocês. Como está, *mish*? — Ganhou um sorriso como resposta.

— Nossa? — Gorya perguntou.

— Meu presente por cuidar e amar minha irmã e para meus sobrinhos. — Sorriu. — Depois apresentarei a cidade.

— E nossa casa? — Tanya perguntou animada.

— Não ficaremos por muito tempo em Paris. Tenho assuntos pendentes em Londres, logo viajaremos para lá.

— Mas eu pensei que...

— Você não pensa, Tanya. Você obedece. — Fechou o semblante.

Ela suspirou.

A propriedade de Alexander em Paris não ficava devendo nada se comparada com a Casa Azul em São Petersburgo. Ele inquireu alguns criados, até mesmo o secretário, porém recolheu muito pouca informação a respeito de sua vida antes da guerra. Permaneceram por pouco tempo e logo se deslocaram para outra propriedade um pouco afastada do agitado centro parisiense por lembrar-se do gosto da irmã por um ambiente mais tranquilo. Zarya apaixonou-se pela mansão, Gorya não sabia como agradecer, ainda mais com o cunhado deixando ao seu encargo uma parte da administração de seus bens na França. Breves passeios foram realizados pelo complexo histórico, passaram o Natal e o Ano Novo reunidos, quando Zarya deu à luz a Yury Grigory, um rapazinho de lindos olhos azuis. Depois despediu-se e arrastou sua esposa em direção a Londres.



Londres, início da Temporada de 1878.

Uma semana depois de se instalarem em Mayfair e evitando sair de casa, Alexander chegou à conclusão de que uma introdução formal a aristocracia seria a maneira correta para colher informações que tanto ansiava receber principalmente sobre *Kukla*. Mirou curioso a pilha de convites deixada sobre sua mesa do escritório, selecionou alguns bailes, mandou o secretário providenciar a vinda de uma modista para Tanya e a alertou a respeito do primeiro compromisso social que aceitara: o Baile dos Leischester.

Tanya o encontrou no hall. Sorriu girando para mostrar o único modelo que trouxera de Paris.

— Você aprova? — Seus olhos brilharam em expectativa.

— Pouco me importa. — Alex nem ergueu a cabeça. — Estamos atrasados.

Seguiu na direção da carruagem sem se preocupar se era seguido ou não.

Assim que seu cocheiro parou em frente à Mansão Leischester, ele a deteve sinalizando para o criado fechar a porta.

— Espere, precisamos conversar antes de entrarmos. — Segurou-a pelo braço.

— Sim? — Sorriu.

— Você sangrou.

Tanya balançou a cabeça confusa até entender o significado e o peso das palavras.

— Sim — concordou baixando a cabeça.

— Preste atenção, Tanya, porque eu só falarei uma única vez: não me importo se arrumar um amante desde que seja discreta. Não aceitarei qualquer tipo de escândalo e se algo acontecer, voltará sozinha para a Rússia. Não me importo com quem você se deite, porém bastardos gerados não serão tolerados e se acontecer, você e o fruto de sua aventura voltarão sozinhos para a Rússia. Fui claro?

— Sim — murmurou desanimada.

— Ótimo! Comporte-se a altura do título e tudo sairá bem. Se resolver comportar-se como uma puta, serei o primeiro a condená-la publicamente, entendeu?

— Sim, Alex. — Havia uma nota de irritação em sua voz. — Por quanto tempo ainda me desprezará?

— Por toda a minha miserável existência, milady. — Bateu com a bengala na porta e o criado abriu. — Vamos.

O convite foi entregue. Casacos foram guardados, seguiram na direção do salão principal esperando para serem anunciados.

— Vossa Alteza Real, o grão-príncipe de São Petersburgo, Alexander Sotchi Romanov e Princesa Tanya Sotchi Romanov — apresentou.

O salão congelou. O anúncio correu com a velocidade de um rastilho de pólvora acesa enquanto a marquesa de Leischester corria ao encontro do nobre casal estranhando o comportamento do velho conhecido libertino de antes. Foi uma questão de somar o comportamento atípico + a visível falta de um membro + a bela mulher ao lado para descobrir que a velha roupagem se perdera em algum lugar, em algum período de tempo; então, ladina como sempre foi, a nata da aristocracia inglesa passou a tratá-lo com a deferência que seu título requeria sem maiores questionamentos, deixando os comentários especulativos muito bem camuflados.

Na sala ao lado, três amigos reunidos ao redor de uma mesa de jogo ignoravam o fato de um milagre estar vivo e conversando com a anfitriã.

Na sala das senhoras, Joanne conversava com Charlotte, Elizabeth e uma debutante enquanto John, Leonard e Marcus fumavam tranquilos na sacada de acesso aos jardins.

— É uma imensa honra receber os membros da nobre Família Romanov em minha casa. — Abaixou-se em reverência pensando o que acontecera com seu amante de uma noite, por sinal inesquecível.

— A honra é toda nossa pelo gentil convite, marquesa de Leischester. — Alex sorriu beijando sua mão e ignorando totalmente a esposa.

— Gostaria muito de apresentá-los aos amigos.

— Por favor. — Ele anuiu.

Seguiu-se uma rodada de apresentações com todos se comportando como se ele fosse um total desconhecido. No final, Alex liberou Tanya para dançar enquanto seguiu em direção à mesa das bebidas.

— Porto, por favor. — Cam virou-se e esbarrou em alguém, inclinando-se logo a seguir. — Perdão, milorde, eu quase derrub... — Ergueu a cabeça, arregalou os olhos, sua boca abriu-se lentamente e sua taça foi ao chão. —

Dhia ár sábháil ! [\[30\]](#)

Cam mirou o homem à sua frente de cima a baixo como se estivesse vendo um fantasma. As primeiras coisas que notou foi o ar abatido e a falta de parte do braço direito.

— Sacha?!

— Chamou-me do quê?! — Alex inclinou a cabeça.

— Sacha... — balbuciou.

— Nos conhecemos, milorde?

Cam piscou confuso, contudo a perspicácia irlandesa foi rápida nas conclusões: ferimento + Alex agindo estranhamente = perda de memória; logo resolveu não forçar qualquer situação por enquanto.

— Lorde Cameron Matthew Lian O'Shea de Dublin, ao seu dispor. — Inclinou-se em saudação.

— Grão-príncipe Alexander Dmitriy Pyoitir Georgiy Sotchi Romanov de São Petersburgo. — Devolveu-lhe a medida. — São muito poucos os que me tratam pelo apelido, onde nos conhecemos?

— Não se lembra?

— Infelizmente sofri um ferimento grave em batalha que resultou em algo mais do que a perda de um membro. — Ergueu a manga meio vazia.

— *Touché!* — Cam pensou. — Poderia dar-me licença por alguns minutos, Vossa... Alteza? Depois responderei a qualquer pergunta que quiser fazer.

— Certamente.

Cameron disparou para o salão de jogos onde deixou-se cair pesadamente em sua cadeira ao lado de Andree.

— Credo, Cam! Está pálido feito um cadáver, homem! Esbarrou em algum fantasma irlandês? — o francês ironizou.

— Acertou um, errou outro. Não irlandês, mas russo.

Sebastian que retornara à mesa entregou uma taça de champanhe para Andree e sentou-se.

— Aconteceu algo? Cameron está com cara de alguém que viu uma assombração.

— Exatamente. — Arfou excitado e levantou-se batendo na mão de Jean Claude, que tentava arrumar as cartas. — Senhores, por favor, acompanhem-me. — Saiu rebocando os amigos em direção ao salão principal. — Meus amigos, gostaria muito de apresentá-los a Vossa Alteza o grão-príncipe de São Petersburgo, Alexander Dmitriy Pyoit Georgiy Sotchi Romanov...

Alex virou-se inclinando-se em saudação.

— *Oh, mon Dieu!* — Jean gemeu.

— *Oh, my!* — Bastian fez coro.

— Eu conheço vocês... — Alex deixou escapar.

— Como assim nos conhece?! — Jean murmurou.

— O que houve com você?! — Bastian mirou a manga vazia.

— Perdão, Vossa Alteza, poderíamos conversar em um local privado? — Cameron sacudiu a cabeça em negativa para os amigos. — Por favor, queira nos seguir.

Empurrou os atônitos amigos para o primeiro cômodo vazio que encontrou, a biblioteca. Entrou e fechou a porta.

— Conforme prometi, responderemos a qualquer pergunta que queira, mas antes deixe-me apresentá-los. Em pé junto a lareira com olhar de quem viu uma *Banshee*, está o visconde de Riverdall, Sebastian Cade Niel Bowell,

ou Bastian, seu melhor e mais antigo amigo e sentado com ar de quem viu uma vaca voando, o conde de Trevand, Jean Claude Andree du Marilac, mais conhecido por nós como Andree.

— Não estou entendendo... — Andree voltou a gemer.

— Sacha, mas que diabos aconteceu com você?! — Bastian aproximou-se. — Recebemos uma carta de sua mãe informando sobre sua morte na Bulgária...

— Minha mãe?! — Caiu sentado sobre uma poltrona e perdeu-se em pensamentos por alguns minutos. — Então minhas suspeitas estavam corretas... — Bateu com a mão nas calças. — Tudo orquestrado por minha mãe e minha avó e eu acreditei... Que estúpido! — Correu os dedos pelos cabelos. — Estava em batalha, uma bomba explodiu próximo de onde estávamos; no intuito de salvar a vida de meu amigo de infância, o empurrei para trás de uma pedra, mas recebi uma parte do impacto que acabou em me arruinar o braço e perder a memória. Ao acordar já em casa, minha amada mãe informou-me de meu noivado com uma prima. Eu honrei com o compromisso casando-me com ela. Minha doce mãe nunca me contou sobre uma vida fora da Rússia apesar de eu começar a sofrer de fragmentos de lembranças de uma outra mulher. Minha irmã sabia de tudo, porém ameaças claras de meu querido primo, o Czar, a obrigaram a calar-se. Por fim, antes de deixar o país, ouvi minha mamãe e vovó conversando sobre uma carta recebida da Inglaterra de uma mulher com um apelido em russo: *Kukla*. Elas queimaram a mesma, o que me fez seguir para Paris com minha irmã e sua família além da não desejada esposa.

Os rapazes entreolharam-se atônitos.

— Bom, Sacha... Creio então que o melhor será começarmos do início.

Sebastian sentou-se no braço da poltrona onde Cameron se instalara e começou a contar desde quando esbarrou com Alex pela primeira vez, mas omitiu maiores detalhes sobre Joanne.

— Essa mulher então existe?

— Sim. — Andree sorriu.

— E está aqui neste exato momento. — Cameron piscou para Sebastian.

— Preciso vê-la. — Alex ergueu-se.

— Não tão rápido, meu amigo. — Bastian o deteve. — Assim como nós, ela também acha que você morreu. Dê-nos um tempo para prepará-la e encontrar um local sossegado para que se encontrem e não sejam perturbados.

— Sim, claro — concordou sentando-se.

— E sua prima? — Cam perguntou.

— Tanya? Deixei-a dançando. — Bateu os ombros com desdém.

— Você a ama?

— Não.

Os três rapazes sorriram.

— Eu a distrairei. — Andree ergueu a mão.

— Conversarei com Joanne. — Sebastian sorriu para deixar a biblioteca logo depois.

— Ficaremos esperando — Cameron avisou antes que o visconde saísse.
— Gostaria de saber algo mais?

— Sim... Essa irmandade...

— A Irmandade da Rosa? Bem, tudo começou quando nos juntamos e descobrimos que tínhamos muito em comum: mulheres insatisfeitas, carentes e um compêndio de técnicas de sedução. A cada conquista, o que significava uma noite somente, deixávamos para trás um único vestígio: uma rosa. Não uma rosa qualquer, rosas singulares para conquistas singulares; Sebastian, uma rosa lilás, Andree, uma rosa azul, eu, uma rosa branca com bordas azuis,

você, meu amigo, uma rosa negra. Porém, até os maiores libertinos estão sujeitos a mudanças bruscas, a sua mudança chama-se Joanne e você, meu amigo, como Bastian narrou, quebrou as quatro rodas da carroça por ela. — Gargalhou.



Não foi difícil para Jean Claude descobrir quem era Tanya, pelo porte altivo, beleza exótica e impressionante tiara de diamantes em seus cabelos, acima de tudo: o enxame de zangões orbitando ao redor de uma rainha. Abriu caminho entre a turba, inclinou-se em saudação, beijou-lhe a mão respeitosamente sussurrando:

— Sou o conde de Trevand, Vossa Alteza, um dos melhores amigos de seu marido. Dar-me-ia a honra dessa dança?



Tanya abriu um imenso sorriso. Qualquer coisa ou pessoa que a ajudasse a conquistar seu marido seria de imensa valia, então resolveu grudar no conde.

Sebastian praticamente invadiu a sala das damas e encontrou Joanne conversando com uma debutante chorosa. Arrastou-a para um canto, segurou suas mãos.

— Está me assustando, Bastian.

Ele sorriu.

— Onde está Marcus?

— Saiu para resolver um problema em um dos cavalos da carruagem e para fumar.

— Se lhe pedir uma prova de fé, você faria?

— Como assim? — Riu.

— Se lhe pedir para ir até o jardim, até o gazebo e esperar por mim, o faria?

— Quanto mistério! — Gracejou. — Sim, o faria.

Sorriu, batendo carinhosamente em seu rosto.

— Ótimo! — Beijou as mãos. — Então vá.

— Agora?

— Agora, a levarei até lá. — Estendeu o braço e tomou um caminho oposto à biblioteca.

Sebastian deixou Joanne no abrigo do gazebo, depois correu em direção aos amigos, passando por Andree dançando com a princesa. Ao entrar na biblioteca, encontrou Alexander apoiado na lareira fitando o fogo, pensativo, e Cameron acabando de servir dois conhaques. O irlandês encarou-o.

— Conversamos e agora Sacha já está a par de tudo.

Bastian ergueu as sobrancelhas.

— Quase tudo... ainda faltam alguns detalhes — sussurrou.

— Sacha?

— Lorde O'Shea... — Virou-se, balançando a cabeça e corrigiu-se. — Cameron informou-me que você saiu para falar com *Kukla*.

— Sim, ela o espera no gazebo. — Sorriu. — Devo mostrar-lhe um atalho para evitar o salão central?

— Tanya...

— Andree está com ela. — Sorriu novamente.

— Mostre-me o caminho, por favor.

— Estarei com Marcus. — Cameron deixou o cômodo.

Sebastian o levou até o início dos jardins, apontou para o caminho e desejou-lhe sorte.



A Lua cheia emprestava uma luminosidade suave, quase surreal à noite. A brisa acariciava as folhas das árvores próximas, as camélias que cobriam uma parte do gazebo enchiam o ar com um perfume pungente, porém delicado; suas pétalas brilhavam ao luar. Joanne segurou uma das flores inspirando seu perfume sem se dar conta que era observada.

— Joanne?

— Marcus. — Virou-se assustada.

No início da trilha, o Príncipe tremeu ao chamado.

— Alex?

— Tanya. — Virou-se assustado.

— Procurei por você em todos os lugares.

— Precisava tomar ar puro. — Seus olhos miraram aflito, o caminho que teria que percorrer até a mulher que tanto ansiava conhecer e a contragosto arrastou sua esposa de volta ao salão.

Minutos depois, a princesa tentava entabular uma conversa com o marido quando foram interrompidos pela chegada da marquesa.

— Vossas Altezas. — Abaixou-se em saudação. — Permitam-me apresentá-los a uma amiga muito querida e seu marido: lorde Ellis e sua esposa, minha amiga Joanne.

Apontou para trás onde um casal se aproximava.

— Joanne, Marcus, Vossas Altezas, o grão-príncipe de São Petersburgo e esposa.

Os quatro trocaram saudações.

Joanne ergueu a cabeça, suas pernas falharam sendo prontamente amparada por Marcus.

Para Alexander foi impossível desviar os olhos da mulher à sua frente, ao mesmo tempo em que era invadido por uma sensação peculiar de déjà vu e um silêncio desagradável, quase constrangedor abateu-se sobre eles.

Por fim Alex venceu a inércia, pigarreou, inclinou-se para Marcus e falou em voz baixa.

— Milorde, conceder-me-ia permissão para dançar com sua esposa?

Marcus suspirou ainda em choque.

— Só se me permitir dançar com a sua. — Sorriu.

Alexander inclinou a cabeça em concordância e esticou a mão na direção de Joanne.

— Lady Ellis, dar-me-ia a honra desta dança?

Ela inclinou a cabeça e se deixou levar até o local de dança. Pararam, cumprimentaram-se conforme a etiqueta. Alex esticou a mão, segurando a dela suavemente, depois sorriu sem jeito.

— Perdoe-me lady Ellis, mas como pode perceber, carecerá de um apoio em suas costas.

Joanne sacudiu a cabeça em uma negativa muda, olhos na direção do colete dele sem poder conter as lágrimas.

A valsa começou, os casais ao redor começaram, mas Alex continuou com sua atenção presa a única coisa que o interessava no momento.

— Preciso conversar com milady — balbuciou puxando-a para um rodopio.

— Meu nome é Joanne — murmurou e saiu correndo na direção dos jardins com Alexander em seu encalço, refugiando-se em uma pérgula coberta por rosas.

Joanne sentou-se e deu vazão ao desespero da descoberta e o peso da mesma.

— Joanne...

Ela não ergueu a cabeça.

— Joanne... — Alex ajoelhou-se à sua frente retirando delicadamente suas mãos do rosto. — Por que chora?

Joanne balançou a cabeça negativamente.

— Minhas náufragas lembranças ganharam um rosto... — Retirou as lágrimas que ainda caíam. — E ele é lindo. — Sorriu. — Joanne, eu perdi o braço e a memória na guerra; pequenos momentos com você foram as únicas coisas que emergiram do mar de nulidade que me encontro. Por favor, não me despreze. Ajude-me, Joanne. — Beijou suas mãos.

Ela acarinhou o rosto abaixo, correu os dedos pelas linhas de expressão antes inexistentes: linhas que denotavam toda a dor que ela reconheceu que ele ainda deveria sentir e contou sua história desde o início, do Baile ao seu retorno à Rússia, mas absteve-se de contar sobre sua filha. Contou sobre os amigos e como Marcus a amparou quando mais necessitou.

Alexander que levantara, andava sem rumo assim como as sensações que sentia, tonto pelas descobertas, embriagado por sentimentos que se faziam

cada vez mais claros, puxou-a em sua direção, mergulhando o rosto na curva do pescoço macio. Sim, ele lembrava cada vez mais, o cheiro dela, sua textura, seu calor — eram como raios de sol em meio a um espesso nevoeiro. Abraçou-a como se sua vida dependesse deste gesto tão despojado de regras, tão complexo de significados.

— *Kukla...* — Deixou escapar um suspiro entremeado a soluços. — *Niavka...* — Ergueu seu rosto. — Eu voltei.

Sorriu e a beijou de leve, reverente, quase uma oração, para logo após mergulharem no desespero dos náufragos sedentos à procura por uma fonte cristalina. O beijo se aprofundou, gerou mais e mais beijos, mais e mais carícias, até que nada mais restasse além dos dois e do amor redescoberto, que na verdade não perecera.

— Ficaremos juntos, eu preciso de você, *moy malen'kiy Niavka...* Precisamos um do outro.

— Sacha... — murmurou entre os lábios dele.

— Sim? — Recuou até sentarem, oportunidade perfeita para distribuir beijos pelo pescoço, colo, ombros, curvatura dos...

— Alex...

— Quero você, Joanne... Preciso tê-la novamente... Diga quando e onde.

— Não. — Espalmou a mão sobre seu peito afastando-o penalizada. — Não podemos.

— Como assim, não podemos?!

— Você está casado.

— Eu não amo a mulher com quem fui manipulado a casar.

— Eu estou casada.

— Você ama seu marido? Casou-se com ele por amor? — Travou-lhe o

queixo antes que baixasse a cabeça. — Ama outro homem, Joanne? Não me ama mais?!

— Não... Eu gosto muito de Marcus, mas nunca deixei de amar você — murmurou.

— Então por que se casou com ele? — Segurou-a antes que levantasse.
— Por que, Joanne?

— Não podemos, Sacha. Está cego? — Tentou desvencilhar-se em vão.

— Por que se casou?!

— Está me machucando, Alex. — Olhou para o braço que ele segurava.
— Deixe-me ir... Esqueça sobre nós.

— POR QUÊ?! — A sacudiu.

— Porque... — Começou a chorar. — Porque descobri estar grávida quando você partiu. — Caiu sobre o banco de pedra. — Grávida de um filho seu, Alex e Marcus aceitou salvar-me de um escândalo.

— Filho?! — Largou-lhe o braço recuando pálido em choque. — Eu sou pai?!

— De uma garotinha muito linda. — Sorriu entre lágrimas.

Alexander caiu de joelhos à frente da mulher amada.

— Uma garotinha? — balbuciou atônito. — Como se...

— Irina Filippa... Achei que um bonito nome russo seria uma homenagem ao pai que não conheceria.

— Irina quer dizer Paz, Filippa, aquela que ama os cavalos...

— Bastian me assessorou.

— *Irinushka*... Eu tenho uma filha... — Riu em êxtase. — Posso vê-la?

— Assim que...

— Não entende, *Kukla*? Essa é mais uma razão para ficarmos juntos!

— Alex, não podemos.

— Você me ama?

— Por toda a minha vida.

— Eu a amo, Joanne. Posso não lembrar muitas coisas, mas, nossa! Nem uma bomba conseguiu apagar o que eu sinto por você, mulher!

— Alex, não podemos.

Ele a encarou sério. Sorriu safado depois correu os dedos pelo rosto dela.

— Tem razão; não podemos — sussurrou. — Mas o faremos. — Beijou-a.

Marcus parado ao lado de John e Leonard viu quando o casal passou por eles a caminho do salão; seu queixo tombou lentamente, os olhos arregalaram e ele gemeu alto. Sabia que a conversa entre eles seria inevitável, mas não esperava que fosse tão cedo.

— Joanne! — chamou num esgar.

Ela parou assim como Alexander e ambos se aproximaram.

O cigarro que John fumava foi ao chão conforme mirava o que considerou uma aparição em primeira instância. Depois de dois passos adiante, abraçou um russo muito surpreso.

— Meu Deus! — Desfez o abraço assim que sentiu a falta de alguma coisa. — Alex! Por Deus, você está vivo! — quase gritou.

— Eu o conheço?

— Sacha perdeu a memória na guerra — Joanne explicou. — Este é meu pai John, o marques de Needlethorn e ao lado, meu irmão Leonard.

John encarou o russo, depois Marcus, depois Joanne e voltou a repetir o trajeto, sem saber o que dizer.

— Milorde? — Alex sorriu. — Sinto muito não recordar ainda de todas as minhas amizades passadas.

— Aceitaria um convite para o chá amanhã? Creio que minha esposa adoraria revê-lo

— Seria uma honra, Vossa Graça.

— John.

— John, sou Sacha.

— Eu sei, meu amigo! — Gargalhou quebrando um pouco da tensão. — Eu sei.



13

Tanya entrou no escritório do marido logo após o desjejum, jogou o tabloide sobre ele, cruzou os braços e armou um bico.

— Leia!

— Como?! — Largou as anotações que fazia e irritado pegou o jornal. — Leia você! — Esticou-o para ela.

— Meu conhecimento de inglês deve estar caducando! Seria pedir muito ao nobre Príncipe ler o maldito jornal?!

Alexander bufou, desamassou-o abrindo sobre a mesa. Suas sobrancelhas ergueram-se conforme iniciou a leitura.

— Em voz alta, Alex! — ela rosnou.

“Ninguém, em momento algum na história da aristocracia inglesa estaria preparado para o choque ocorrido ontem no tão tradicional e concorrido Baile da marquesa de L., quando o mais famoso dos libertinos reapareceu ostentando o título de grão-príncipe Russo além de desfilar com a mais bela joia de sua coroa: uma misteriosa princesa, sua esposa (?!). Para aqueles que não acompanharam os eventos passados, o até então libertino em questão contraiu noivado com a filha mais velha do marques de N. tendo que retornar às pressas a sua terra natal por ordem de seu soberano, o que viria a atrapalhar os planos nupciais do até então casal apaixonado e logo depois foi dado como morto em batalha (informação fidedigna repassada por

ligações leais a este periódico). Ora, eis que a confusão foi armada: como um irônico capricho do destino, lady E. (a ex-noiva apaixonada) agora casada, reencontrou o agora Príncipe, para depois sair correndo aos prantos em meio a uma valsa. Os dois sumiram “juntos” de cena por alguns bons minutos, o que levou este cronista a crer que no mínimo estivessem revivendo sua antiga paixão protegidos pelas maravilhosas roseiras dos jardins da marquesa de L. Esse é sem sombra de dúvidas o assunto da Temporada e estaremos atentos a qualquer outro desenrolar, principalmente os mais picantes, para que os leitores tenham a chance de acompanhar uma história de amor interrompida por uma história de guerra.”

Empurrou o jornal para a mulher à sua frente.

— E qual é o tão grave problema?

— Você me faltou com respeito a partir do momento que foi para o jardim com uma mulher casada!

— Que respeito? — Ele levantou-se, jogou o jornal na lareira alimentando o fogo e agarrou o braço da esposa. — Não lhe devo nada, Tanya! — falou entredentes. — Fui vítima do conluio entre você e minha própria família. Não ouse me cobrar por algo que nunca poderei dar: respeito, carinho e amor são privilégios dados a pessoa amada e essa definitivamente não é e nunca será você! — A empurrou para longe. — Sequer cogite a possibilidade de fazer algo para se vingar, Tanya. Se acha que sua situação é ruim agora, não queira saber como eu teria o prazer de ser seu pior pesadelo!



Needlethorn Manor.

Alexander parou diante da porta com um sorriso no rosto. Sim, a sensação de reconhecimento era forte apesar das memórias ainda embotadas. A porta se abriu antes que alcançasse a aldraba e uma jovem senhora piscou

surpresa. Por trás dela, John riu baixinho.

— Entre, Alex. Seja bem-vindo mais uma vez aos Neddlethorn. — John o puxou para dentro cortando totalmente as convenções de etiqueta. — Esta é Elizabeth, minha esposa.

— *Oh, my!* Quando me avisou de um convidado especial para o chá, não disse ser um fantasma... — Tocou de leve no russo.

— Sou real, Vossa Graça. — Riu entregando um imenso buque de rosas brancas.

— Lindas! Obrigada. Chame-me de Elizabeth. — Sorriu e virou-se para o marido. — Ele perdeu a memória?

— Sim na guerra, além de algo mais. — Ergueu o braço com um sorriso triste.

— Ah, querido! — Puxou-o e o abraçou. — Eu sinto muito! Agora entendo a razão de vocês estarem tão estranhos depois do baile. — Bateu em John. — Por que não me contou logo?

— Achei que valeria a pena ver sua reação. — Piscou para Alex.

— Idiota! — Saiu rebocando a realeza na direção da sala. — Precisamos conversar, venha Alex.

— Aí. — John gemeu. — Vou providenciar o chá. — Disparou no sentido oposto.

E conversaram. Ele contou tudo que aconteceu e que conseguira lembrar, ela preencheu algumas lacunas vazias, ambos lamentaram a atual situação. Elizabeth pediu licença, arrastou o marido para fora da sala e seguiu em direção ao quarto da filha mais velha.

Alexander levantou-se ainda atordoado pelo que ouviu. Mirava o fogo junto à lareira quando a porta atrás de si se abriu. Ao virar, encontrou Joanne carregando alguma coisa nos braços. Não, alguém.

Acercou-se dele com um imenso sorriso no rosto e puxou a ponta da manta para revelar um rostinho sonolento abaixo.

— Sacha, essa é Irina Filippa, a sua filha. — Aconchegou o embrulho no braço desajeitado dele. — Irina, esse é Alexander, seu papai.

Alex mirou a criança em seu braço com um ar perdido. Sem saber o que fazer recuou até o sofá e sentou-se temeroso. Seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto corriam pelos cabelos parecidos com os da mãe, as feições parecidas com as suas.

— *Irinushka...* — Arfou.

Joanne limpou-lhe as lágrimas que caíam, depois suas próprias.

— Ela é linda, Joanne... Como você. — Pousou a cabeça no ombro ao lado e chorou.

Marcus, parado ao lado do batente da porta da sala sem ser notado, baixou a cabeça e retirou-se.

— Marcus.

Ele se deteve e mirou o sogro.

— Venha, precisa de um conhaque. — Esperou que entrasse e fechou a porta do escritório.

— Quanto tempo? — Alexander tocou o rosto da filha agora no colo da mãe.

— Um mês e alguns dias.

— Ah, Joanne! Não percebe? Minha filha precisa de mim, você precisa de mim!

— Eu tenho Marcus, Sacha. — Suspirou. — E você tem Tanya.

— Ela não é nada, eu já disse! Você é tudo... vocês são tudo o que tenho, o que me importa. Não pode tirar isso de mim, Joanne. Não é tão cruel assim!

— Sempre será o pai de Irina, Sacha. Só não poderemos ficar juntos como queríamos. — Acariciou o rosto à frente e teve a mão beijada.

— Você me ama?

— Sabe que sim.

— Conversarei com o seu marido.

— Sacha...

— Pedirei anulação de meu casamento. Ficaremos juntos, nós três.

— Sacha, Marcus...

— O desafiarei para um duelo então.

— Não! — Levantou-se horrorizada fazendo Irina chorar. — Isso não!

— Então o ama.

— Eu o respeito. — Embalou a filha.

— O que ela tem?

— Fome.

— Entendo; irei embora, mas não desistirei, *Kukla*.

— Por favor, não vá ainda. Só vou entregá-la para a babá. — Dirigiu-se para a porta.

— Joanne?

— Sim?

— Você dorme com seu marido?

— Não.

— Mas vocês já...

— Nunca.

Alex fechou os olhos e suspirou. Ao abri-los ela já havia saído.



Naquela noite, vestindo um par de botas macias, um simples pulôver preto de lã de gola alta e calças da mesma cor, um russo observava pacientemente as janelas alheias até decidir-se por uma delas. Encoberto pelas sombras, ele acercou-se de uma das árvores próximas ao seu objetivo, traçando uma melhor estratégia para alcançar seu alvo mais acima e com muito cuidado, de forma precária, lentamente galgou os primeiros galhos. Por sorte, depois de aflitos minutos, ele conseguiu acessar a varanda e por mais sorte ainda, a porta de acesso ao cômodo encontrava-se aberta. Alexander entrou mirando a razão de seu desatino languidamente adormecida entre os lençóis. Sorriu, sentando-se à beira da cama, depois beijou-a de leve.

Joanne assustada, só não gritou por ser beijada mais uma vez e quando a pressão em sua boca amainou, ela sussurrou entre os lábios acima.

— Alex?!

— Sim, *moya lyubov'*. — Beijou-a.

— Alex...

— Sim! — Riu.

— Como, como subiu?!

— Pela árvore.

— Mas você...

— O amor dotou-me de asas. Nunca cairia sabendo que meu coração me esperava aqui. — Pousou a mão entre os seios dela.

— Oh, Sacha! — Sentou-se e o abraçou. — Não deveria estar aqui.

— Meu lugar é ao seu lado.

— Seu lugar é ao lado de sua esposa — murmurou.

— E onde está o seu marido? — Mirou ao redor. — Ele não está em sua cama pelo mesmo motivo que minha esposa não está na minha, o que demonstra claramente que estou no lugar certo com a pessoa certa e vice-versa. — Ergueu-lhe o queixo. — Diga que não sentiu a minha falta... diga que não me quer em sua cama, que seu corpo não anseia pelo meu tanto quanto o meu corpo anseia pelo seu... diga que não me deseja mais em seu coração e irei embora. — Roçou sua boca na dela.

— Que Deus me perdoe... — Segurou-o pelos cabelos. — Eu o quero, Alex. O quero muito! — Puxou-o para perto.

Mais tarde, quando a lua se fazia alta no céu, Joanne aconchegou-se sobre o peito do homem amado, deixando escapar um suspiro de pura satisfação.

— Minha filha?

— Com a babá.

— Pensei que precisasse alimentá-la. — Sorriu safado.

— Irina não pegou meu peito. Eu retiro o leite e a babá a alimenta com a mamadeira.

— Minha filha não pegou o peito? — Mirou-a interessado.

— Ela não, você sim. — Riu baixinho. — Não faça essa cara, Sacha. Eu ainda tenho muito leite aqui apesar de você ter saqueado a fonte. — Ajeitou-

se. — Sinto muito o ocorrido na guerra. — Correu a mão pelo braço dele até onde podia.

— Perder uma parte de mim não me doeu tanto quanto ser enganado pelo meu próprio sangue e ser empurrado para uma armadilha. — Beijou-lhe a cabeça. — Precisamos ter um tempo maior para conversar, Joanne. Preciso de um tempo com você e minha Irina.

— Verei o que poderei fazer.

— Os meus advogados estão verificando um jeito de anular meu casamento.

— Sacha, em relação a isso...

— Nem que eu fique sozinho, amor, mas recuso-me a manter a farsa para qual fui inocentemente empurrado. Ficaremos juntos, nem que eu tenha que conversar com seu pai, seu marido, a Rainha, quem quer que seja!

— As coisas não são tão simples assim.

— Devo desafiar seu marido para um duelo?

— Por Deus, Alex! Marcus o admira desde que se conheceram. Ele nunca se impôs em minha cama, nunca assumiu plenamente o papel de progenitor, a não ser perante a sociedade. Sempre foi carinhoso, cuidadoso, íntegro e fiel. Como poderia deixá-lo fazer isso?

— Apaixonou-se — retrucou irritado.

— Não! — Arfou indignada. — Se amasse meu marido, acha que minha cama estaria vazia e com você nela? Confunde-me com uma rameira?

— De jeito algum; perdão, meu amor. — Beijou-a.

— Tudo bem, mas não seja ciumento. — Puxou-lhe a orelha.

Quase ao amanhecer, Joanne despertou assustada.

— Alex! Precisa ir embora. — Sacudiu-o.

— *Nyeth...* — resmungou puxando-a para mais perto.

— Está amanhecendo, seu russo maluco! Daqui a pouco os criados começarão a movimentar-se. — Empurrou-o para fora da cama, ajudou-o a vestir-se, mas o deteve antes que chegasse a varanda.

— Não deixarei que desça por aí, venha comigo. — Abriu a porta, mirou o corredor. — Vamos — sussurrou segurando-lhe a mão e desceram sorrateiros.

Ao chegarem no hall de entrada, Alex beijou-a.

— Joanne?!

Os dois se viraram.

Marcus de testa franzida olhou para um e para o outro. Por trás dele, John ergueu um pouco mais as sobrancelhas.

— Bom dia. — Alexander inclinou-se em saudação.

— Bom dia... — John segurou o riso.

— Poderia elucidar-me o motivo de sua presença a esta hora em companhia de minha esposa ainda vestida em sua camisola, milorde?

Alex o encarou com uma expressão que valeu por um discurso inteiro.

— Marcus, eu... — Joanne começou.

Ele ergueu a mão pedindo para que se calasse.

— Isso é verídico, Joanne? — John perguntou.

— Sim, papai.

Marcus suspirou pesado.

— Então não me resta uma alternativa a não ser pedir que nomeie seus padrinhos, milorde. — Bufou.

— Marcus, não! — ela gemeu.

— Ammm... — John deixou escapar uma careta e levou a mão à testa.

— Desafia-me para um duelo, lorde Ellis?

— Creio ter sido claro, milorde.

— Dia e hora, por favor. — Alex estreitou os olhos.

A pobre Joanne sentiu-se perdida entre os dois.

— Amanhã às 06h30min no *The Ring*. Sabe onde fica?

— *Da*.

— Ótimo!

Passou por ele quase jogando-o ao chão.

— Papai! — Joanne choramingou.

— Conversarei com Marcus. — Parou ao lado do russo. — Conversarei com você também mais tarde. — Seguiu na direção tomada pelo genro.

— Estarei no White's, John.

— O verei lá. — Acenou de costas.



Jean Claude, Sebastian e Cameron permaneceram boquiabertos até Cameron quebrar o silêncio da sala exclusiva deles no clube com uma voz esganiçada.

— Você o quê?! — perguntou deixando-se cair na poltrona logo atrás.

— Tenho um duelo amanhã logo cedo e gostaria que me acompanhassem. Bastian, eu gostaria que fosse meu padrinho.

— E eu gostaria de esganá-lo — Andree resmungou sentando no sofá ao lado de Cameron.

— Se o russo idiota não morrer, ajudarei o francês irado a esconder o corpo — Cam murmurou provocando um sorriso em Alex.

— Está calado demais, meu amigo.

Sebastian ergueu os olhos do copo de whisky que segurava.

— Você era exímio atirador quanto usava a mão direita — respondeu preocupado — mas Alex, você não possui mais a mão direita.

— Eu sou canhoto de nascimento.

— Ótimo! — Andree bateu no próprio joelho.

— E como vai sua pontaria? — Cameron perguntou.

— Péssima. — Fez uma careta arrancando gemidos generalizados.

— Péssima foi a sua decisão de aceitar o fato de poder ser morto com tamanha facilidade — Andree voltou a resmungar.

— Retratar-se. Jure que nunca mais verá Joanne. — Cameron o encarou.

— Nunca. Nada me afastará de minha mulher e filha.

— A não ser sete palmos de terra — o irlandês ponderou.

— Seu senso de humor está amargo, meu amigo. — Alex torceu a boca.

— Por que será?! — Ele franziu o cenho e levantou-se. — Preciso de ar.
— Saiu batendo a porta.

— Vou falar com ele. — Andree seguiu logo atrás.

Alex virou-se para o visconde.

— Sebastian?

— Foi muito duro para a Irmandade perder um membro tão querido e um irmão de coração. Não queremos passar pelo mesmo novamente. — Tentou explicar a reação de Cameron. — Já pesou a possibilidade de Joanne enviar por duas vezes caso vocês consigam a proeza de se matarem?

Alex pensativo inclinou a cabeça.

— Então o melhor que tenho a fazer é tentar não morrer. — Sorriu.

— O assunto é sério, Sacha.

— Eu sei. — O sorriso desapareceu.

— Você realmente vai atirar para matar? Este homem apoiou a mulher que ama na hora que ela se encontrava mais vulnerável, salvou-a de ser massacrada pela sanha da aristocracia quando descobriu que carregava sua criança. É um homem honrado, irmão.

— O desafio partiu dele — murmurou desanimado. — O que devo fazer? Prender um alvo em meu peito e suplicar para que acerte na mosca?

— E o que fará?

— Alexander encarou o amigo, o irmão de coração.

— Defender-me-ei.

A porta abriu-se dando passagem ao marquês de Needlethorn. Sebastian cumprimentou-o depois saiu.

Alex serviu o convidado com uma dose generosa de vodka de sua reserva particular.

— Eu sinto muito, Alex.

— Eu também, John.

— Você realmente passou a noite com Joanne?

— Sim e foi a melhor coisa que me aconteceu até agora depois de conhecer minha filha e recobrar a maior parte de minha memória.

— Conversei com Marcus. O cabeça dura está irredutível quanto ao duelo por uma única razão: apaixonou-se por Joanne.

Alex cerrou os olhos e pinçou a base do nariz com os dedos tentando amenizar a dor de cabeça que se formava.

— *Der'mo!*

— Como anda sua pontaria?

— Péssima levando-se em consideração que sempre fui destro para a maioria das coisas. — Ergueu a manga semivazia.

— Alguma chance de aceitar as exigências de meu genro?

— Deixar em paz Joanne, minha filha e desaparecer? *Nikogda!*^[31] — Balançou a cabeça em veemente negativa.

— Foi o que eu imaginei. — Tomou o resto da bebida em um só gole. — Bem... — Levantou-se. — Nos veremos amanhã então.

— Com certeza.

— E que Deus tenha piedade de suas almas. — Abraçou o russo e saiu.



The Ring como era chamado, não passava de uma área redonda aberta,

delimitada por árvores em um local mais afastado de Hyde Park, do outro lado do Serpentine, usualmente utilizado para as disputas ilegais de desafetos, ou seja, duelos.

Apesar dos duelos continuarem proibidos por lei, o que incorria em severas penalidades legais, as disputas de honra continuavam acontecendo mesmo que de maneira esporádica já que a maioria receosa pelo policiamento, migrara o campo de honra para os arredores da cidade. Mas o dia amanhecera londrino: névoa baixa e fria como se a nuvem ao redor servisse para camuflar o ato ilícito.

Os rapazes chegaram primeiro, um pouco mais tarde John apareceu com Marcus e seu médico sendo seguidos pelos intermediadores vindos do White's.

— Bom dia. — Phillip Carmichael convocou as duas partes. — Bom dia, milorde Ellis.

Marcus inclinou a cabeça rapidamente.

— Bom dia, Vossa Alteza.

— Bom dia, milorde Carmichael — Alex respondeu.

— Existem algumas normas a serem respeitadas como devem saber, mas não custa nada lembrá-las: o duelo só terminará quando o primeiro sangue for derramado. Caso os dois participantes permaneçam ilesos e não aceitarem um comum acordo de finalização, o duelo passará para uma próxima rodada, fui claro?

— Sim.

— *Da.*

— O Ofendido, milorde Ellis, aceitará as desculpas do Ofensor, Vossa Alteza Romanov, caso o mesmo se retrate?

— Não.

Alex ergueu as sobrancelhas e Marcus continuou.

— Desde que voltou, Alexander, você tem sido uma ameaça constante na paz tão duramente conquistada em minha vida. Logo eu pensei que a única maneira de lidar com o assunto seria exterminar a origem do problema e você é essa origem. Eu só precisava de uma oportunidade e o motivo me foi entregue em uma bandeja de prata mais cedo do que eu imaginava. Sem você, o caminho para o coração de Joanne voltará a ficar livre e eu mais tranquilo para conquistá-la de vez. Então, espero que tenha se despedido de sua esposa, Vossa Alteza, porque ela está a alguns passos de se transformar em uma viúva.

— Você não me parece o homem tão honrado que tentaram convencer-me ser. Crê realmente que se me matar, Joanne o perdoará?

— No fim sairei ganhando independente do resultado. — Ele riu e gesticulou com desdém. — Se você morre, melhor para mim. Se eu morro, Joanne nunca o perdoará. — Avançou na direção de seu desafeto e foi bloqueado por Phillip. — Seis passos, tiros simultâneos. — Virou-se, examinando sua pistola.

Alex mirou os amigos.

Sebastian inclinou a cabeça em sinal das palavras que não foram ditas, mas que o silêncio tudo expressava.

Ele inclinou a sua em resposta depois posicionou-se.

A contagem começou.

Segundos arrastados para ele.

Segundos curtos demais para Andree, Cameron e Sebastian.

Marcus virou-se.

Alexander virou-se alguns segundos após, ergueu o braço e mirou.

Um grito foi ouvido.

Um tiro foi disparado

Alguém correria parando logo à sua frente.

— Joanne?!

Largou a pistola e amparou-a antes que chegasse ao chão. Seus olhos correram pelos dela, das lágrimas que marcavam sua face corada pela corrida à rubra mancha que marcava seu vestido azul.

— *O, Bozhe!* [\[32\]](#) Joanne! — Arfou desesperado.

— Sacha? — Ela abriu os olhos, confusa.

— Por que se enfiou na minha frente, mulher?!

— Eu queria impedir essa loucura... — gemeu.

— JOANNE! — Marcus tentou aproximar-se, mas John o segurou.

— Atirou em minha filha! — bradou descontrolado.

— Ela se enfiou na frente dele! — Apontou para o casal adiante.

— MARCUS!

Os dois viraram.

— Como pôde?! Seu... Pulha!

Sebastian correu na direção de Alex, acompanhado por Cameron e Andree.

— Filho da puta desgraçado! Como teve coragem de atirar?! — empurrou Joanne na direção de Sebastian, levantou-se e trazendo a pistola consigo.

— Se ela morrer pelo menos não ficará com você, seu desgraçado! Já que não será minha, não será de ninguém! — Gargalhou.

Alexander trincou o maxilar com força; o gosto ferroso do sangue encheu-lhe a boca, ele olhou para Phillip ainda atônito pelos acontecimentos.

— Eu ainda tenho meu tiro? — O rapaz piscou confuso. — Carmichael, eu ainda tenho meu tiro?!

— Sim, mas... — Não completou a frase.

Um tiro foi ouvido.

Marcus parou de rir.

John o amparou quando caiu.

— Morto. — Sentenciou com asco e correu na direção da filha já sendo atendida pelo médico do visconde. Passou por Alexander, parou, o abraçou com força. — Obrigado.

Ambos seguiram em direção da mulher caída no chão cuja cabeça descansava no colo de Sebastian.

— Doutor? — John perguntou aflito.

— A bala entrou e saiu. Nenhum órgão foi atingido, mas ela precisará de repouso.

— *Slava Bogu!*^[33] — Alex caiu sentado ao lado de Sebastian totalmente indefeso. — Para onde irá levá-la?

John suspirou.

— Se permitir-me, marquês, minha casa está à disposição. Creio que não faria bem à Joanne a comoção geral pela morte de Marcus, além do mais estariam ocupados com os trâmites fúnebres. — Sebastian levantou-se.

— Tem razão. — Puxou-o para um abraço. — Agradeço sua gentileza.

— Consideramos Joanne como uma irmã e como uma irmã ela é tratada. — Cameron sorriu e pegou-a no colo.

— Ficarei com ela, John. Não se preocupe. — Alex acariciou a cabeça da amada.

— Enviarei a babá com Irina. A pequena precisará do leite da mãe.

— Ficaremos com eles. Alguém precisa tomar conta desses dois. — Andree sorriu.

— Desses três. — Cameron corrigiu.

— E o que você entende de bebês? — o francês espetou. — Pelo que me conste, você é cuidadoso o suficiente para não espalhar sua prole pelo Reino Unido.

— Ei, eu tenho irmãos mais novos, sabia? — Ajeitou Joanne nos braços e levou um tapa na cabeça de Alex.

— Cuidado, irlandês! A carga é preciosa e frágil! — rosnou acompanhando os amigos na direção das carruagens.

— Precisaré de ajuda com Marcus? — Sebastian que ficara para trás perguntou a John que observava a cena.

— Não, mesmo assim, obrigado.

— Então, se me permitir seguirei com os rapazes. Alex com certeza precisará de ajuda, se o conheço bem e o conheço bem, ele recusar-se-á deixar a cabeceira da cama de sua filha.

— Evitarei alarmar a marquesa com a notícia do ferimento da filha. Já será o suficiente saber que o genro está morto. Evitarei também dizer sobre o duelo. Bastará informar a todos sobre um assalto.

— Sim, será melhor. — Inclinou-se despedindo-se e seguiu para as carruagens.



Um dia depois...

Joanne foi instalada em um dos quartos de hóspede da mansão de Sebastian e Alexander instalou-se na poltrona ao lado da cama onde Joanne dormia embalada pelas asas do láudano. Azar dele como descobriria em poucas horas.

Assim que Joanne abriu os olhos, tentou levantar-se e foi impedida por Alexander, que praticamente pulou de onde dormitava para seu lado.

— *Nyeth!* Não, meu amor. Não pode mexer-se.

— O que... o que aconteceu? — balbuciou sonada.

— Você pulou na minha frente, Marcus atirou em você.

— Marcus atirou... em mim?!

— *Da.* — Retirou uma mecha do rosto dela. — O médico garantiu que a bala saiu e não atingiu nada demais. Você só precisa ficar quietinha para ficar boa.

— Minha filha...

— Nossa filha está com a babá no quarto ao lado. — Sorriu.

— Estou tão estranha...

— É o láudano.

— Láudano? Eu tomei láudano?!

— *Da.*

— Seu estúpido! — Bateu nele fazendo-o encolher-se. — Não poderei dar o leite para Irina!

— *Nyeth?*

— *NYETH!* — Bateu nele novamente.

— *Aí...* — gemeu. — O que faremos?

— Precisarei de uma ama de leite.

— Ama do quê?!

— De leite! — Revirou os olhos.

— Sebastian deve saber... Não! Cameron! — Levantou-se correndo para a porta.

— Sacha?

— Sim, meu amor?

— Como está Marcus?

Ele suspirou.

— Morto.

— O quê?

— Eu o matei.

— Você o matou?

— Ele atirou em você, *Kukla!*

— Matou Marcus... — sussurrou.

— Ele atirou em você! — Ergueu as mãos.

— Fora.

— Hã?!

— Fora, Alex! Fora do quarto!

— O que está acontecendo aqui? — Sebastian aproximou-se atraído pelos gritos.

— Joanne! — Alexander entrou novamente.

— Fora! — Tentou levantar-se e gemeu. — Sebastian, tira ele daqui, agora!

— Venha, Sacha. — Pousou a mão no ombro do amigo e foi espanado.

— Joanne, eu não acredito que...

— Foraaa! Fora! — Começou a chorar.

— Alex, saia. Ficar só irá piorar o estado de Joanne.

— Não...

— Fora! — Soluços altos. — Eu não quero mais ver você, Alexander! Eu não quero mais...

Sebastian conseguiu rebocar com muito custo um russo em choque. Encontrou com Cameron vindo pelo corredor acompanhado de Andree.

— Andree, leve-o para a biblioteca. — Empurrou o amigo. — Cameron, conseguiu a ama de leite?

— Sim. — O irlandês sorriu. — Puro leite do Eire, Irina vai adorar.

— Vamos conversar com Joanne. Ela descobriu que nosso russo matou seu marido e agora não o quer por perto.



14

Andree mirou o amigo parado em frente à janela com olhar ausente, ar derrotado. Deixou o sofá onde se instalara seguindo para o armário onde sabia que Sebastian guardava uma garrafa de conhaque de uma safra excepcionalmente especial. Serviu-se e entregou o outro copo para Sacha.

— Vá descansar, Sacha. Precisa dormir um pouco.

— *Nyeth*. — Suspirou.

— O que aconteceu? Vocês brigaram? Eu ouvi os gritos de Joanne aqui embaixo.

— Ela perguntou-me sobre o marido e eu disse que depois que Marcus atirou nela, eu o matei.

— Aí... — Andree deixou escapar uma careta.

— Agora ela não quer mais me ver. — Virou-se. — Eu a defendi! Vocês ouviram, vocês viram, vocês estavam lá! Ele enlouqueceu!

— Sabemos disso, meu amigo, Joanne não.

— Sabe-se lá o que Marcus faria com ela e com minha Irinuska se o tivesse poupado!

— Teríamos feito o mesmo se em seu lugar, Sacha. Até mesmo o marquês entendeu e agradeceu seu gesto.

A porta se abriu, Sebastian entrou acompanhado por Cameron muito à vontade com a pequena Irina em seus braços.

— Pensamos que gostaria de ficar um pouco com sua filha. — Cam sorriu enquanto Sebastian retirava o copo da mão do amigo e o fazia sentar-se, para transferir o pacotinho sonado para o braço do pai.

— Conversamos com Joanne, Sacha. Entenda, ela está chocada com tudo que aconteceu desde a provocação de Marcus até saber o verdadeiro motivo do seu ferimento; ficou ainda mais chocada pela morte do marido e principalmente por você tê-lo matado.

— Por Deus, eu fiz o que precisava ser feito!

Observou o bebê dormindo.

— Nós sabemos, Alex, e no fundo do seu coração Joanne também sabe. Só tenha um pouco de paciência.

— Terei. — Sorriu para sua cria que acabara de bocejar.

Mas Alexander não conseguiu dormir. Incomodava-o saber que a mulher que tanto amava encontrava-se tão perto e tão longe, incomodava-o o fato de não poder cuidar dela como ela cuidou dele uma vez.

Mish', as coisas tomaram um rumo inesperado: tudo aconteceu tão rápido que me pego tonto ainda com o desenrolar dos fatos. Reencontrei a mulher dos meus fragmentos de memória, minha irmã. Joanne é seu nome e é tão linda quanto uma ninfa dos bosques de nossas terras... e tão geniosa quanto. Reencontrei meus melhores amigos, dentre eles meu quase irmão Sebastian, o visconde de Riverdall. Mais tarde eu juro, contarei mais a respeito deles, por hora quero que saiba algo de extrema importância: eu sou pai de uma garotinha, um bebê que minha Joanne me deu de presente e este anjinho chama-se Irina. Sim, mish', você é titia! O único entrave no contexto é o que mais pesa no momento: Joanne pensando que eu morrera (graças à mamãe e vovó) casou-se com um amigo quando soube que

carregava uma criança e eu casei-me também. Porém, meus advogados estão correndo para tentar um jeito de anular meu maldito casamento e quanto a Joanne, bom, na verdade seu marido desafiou-me para um duelo, o que resultou nele atirando na própria esposa e eu matando-o por causa disso. Não se preocupe, minha amada encontra-se em recuperação, não foi nada de muito grave, graças a Deus, mas agora que ela descobriu o que aconteceu e como aconteceu, me repudia. Não irei desistir, você me conhece, só me sinto miserável sem ela.

Espero que esteja bem, minha irmã. Que meu cunhado e meus sobrinhos gozem de saúde assim como você.

Fico no aguardo de sua resposta,

Seu irmão que a ama tanto,

Sacha

Alex baixou a pena, colocou a carta no envelope para ser despachada no dia seguinte e seguiu rumo ao quarto de Joanne. Parou, abriu a porta com cuidado e entrou. Ela dormia possivelmente graças ao láudano. Sentou-se no chão ao lado da cama e velou por seu sono pelo resto da noite, porém adormeceu vencido pelo cansaço.

Ao amanhecer ela despertou assustada. Sua mão esbarrou em algo sobre o lençol, seus dedos correram pelos cabelos abaixo.

Alexander acordou recuando em defesa e em segundos estava pronto para atacar o inimigo inexistente até perceber que ela o fitava. Havia medo em seus olhos e ele não gostou.

— Não quis assustá-la, perdoe-me — sussurrou.

— O que faz aqui?

— Velava por seu sono.

— Eu não o quero aqui, Alexander. Eu não o quero ao meu lado ou por perto ou perto de *minha* filha.

— Nossa filha — rebateu magoado. — Por que isso agora, Joanne? Seu marido enlouqueceu e atirou em você. Eu a defendi, *Kukla*... Não seja cruel comigo, por favor. — Aproximou-se e parou quando ela ergueu a mão. — Por favor, afastar Irinuska de mim... afastar-se de mim seria a minha morte, *moya lyubov*; se quer que eu morra será mais fácil pedir para que eu mire em minha própria cabeça e puxe o gatilho ou então retorne à Rússia onde serei julgado por traição ao Czar, em ambas as alternativas estarei morto do mesmo jeito. É o que quer?

— Quero que volte para sua esposa. Quero que a respeite e que me deixe em paz. Mais tarde, quando Irina crescer e você estiver por perto, deixarei com que a veja.

Ele balançou a cabeça lentamente, estupefato pelas palavras ouvidas.

— Quer que eu deixe vocês? — perguntou num fio de voz.

— Acho que entendeu muito bem.

— É seu desejo que eu continue do lado de uma mulher que desprezo e não veja mais minha filha ou permaneça ao lado da mulher que nunca deixei de amar?

— Acho que entendeu muito bem. — Torceu a ponta do cobertor com as mãos inquietas.

Alexander calou-se e continuou a olhá-la de onde parara criando um clima estranho entre os dois.

— Eu amo você — murmurou.

— Matou meu marido. — Baixou os olhos.

— Ele enlouqueceu. Atirou na própria esposa, na mulher que eu amo. O que queria que fizesse?! Que o parabenizasse pela mira perfeita?

— Poderia tê-lo poupado.

— E deixar *minha* mulher e minha filha reféns de sua sanha?

— Eu não sou *sua* mulher, Alex. *Sua* mulher está em sua casa esperando que o marido recupere o bom senso e retome seu lugar de direito.

Alexander deixou escapar um bufo descrente sem rebater o que foi dito. Sentia-se totalmente perdido, como se o chão abrisse lentamente logo abaixo de seus pés; ele cairia sem saber se sobreviveria à queda.

— Não me ama mais — sussurrou.

— Isso não vem ao caso — ela rebateu incomodada.

— Como não vem ao caso?! — Adiantou-se e parou ao ver a mão erguida em sua direção. — Não consigo entender... Disse que me amava, que o amor que nos uniu nunca deixou de existir e agora, de repente, simplesmente não ama mais?! — Ergueu a cabeça. — É por causa disso?

Levantou o braço direito.

— Claro que não! — ela resmungou constrangida.

— Não me ama?

— Preciso descansar, Alexander. Saia, por favor.

— Se eu sair agora será para sempre, Joanne. É isso que você realmente deseja?

Segurou-se para não se aproximar e abraçá-la; segurou-se para ignorar as lágrimas que caíam no rosto adiante.

Novo silêncio.

A lenha estalou na lareira.

Alguns soluços mais altos fizeram coro.

Irina choramingou no quarto ao lado.

Sebastian comentou algo no corredor.

Joanne limpou os olhos e torceu o lenço, depois o encarou com um longo suspiro.

— Saia, Alex.

O chão se abriu.

— Joanne... — Ele arfou desesperado.

— Sebastian!

A porta se abriu um pouco e o visconde apareceu.

— Chamou-me, Joanne?

— Tire Alexander daqui, por favor. — Ergueu a mão.

Bastian pousou a mão no ombro do amigo que não se mexeu.

— Sacha, venha, por favor.

— *Nyeth*. — Espanou a mão em seu ombro. — Não voltarei para minha esposa, não há casamento, somente uma farsa da qual fui vítima. Quero ter o direito de ver minha filha.

— Não. — Ela tentou levantar-se.

Alexander foi detido por Sebastian quando tentou ajudá-la.

— Sebastian, por favor. — Ela gemeu de dor.

— Sacha... — Segurou-o pelo braço.

Ele balançou lentamente a cabeça mais uma vez.

Joanne baixou a sua cabeça ao notar as lágrimas no rosto dele.

— Venha, meu amigo. Joanne precisa de sossego.

— Ela o terá. — Fungou. — Ela o terá.

Mirou a mulher amada mais uma vez, depois se deixou levar para fora do quarto e para longe das duas pessoas que mais lhe importavam.

Sebastian o deteve no corredor.

— Espere... Sacha, espere! — Era difícil para ele presenciar as lágrimas que agora corriam livremente pelo rosto do amigo. — Para onde vai?

— Eu não sei... — Soluçou e limpou os olhos. — Para o White's, para o inferno, menos para casa.

— Irei com você.

— *Nyeth!* — Encarou o visconde. — Preciso ficar sozinho.

— Impossível, meu amigo.

Alex o abraçou.

— Estarei no White's. Não se preocupe.



Algumas horas depois, um mensageiro do clube apresentou-se entregando um bilhete a Sebastian, que prontamente reuniu os rapazes e todos seguiram apressados na direção do White's.

— Vossa Graça, que bom que veio. — O gerente torceu as mãos nervosamente. — Vossa Alteza entrou na sala privada, ouvimos sons de coisas quebrando, mas o Príncipe se nega a abrir a porta.

— Tem uma chave mestra?

— Sim, contudo achei melhor chamá-los.

— Fez bem, Paul. — Esticou a mão e pegou a chave. — Deixe o resto conosco, certo? Prejuízos serão pagos, não se preocupe.

— Sem dúvidas, Vossa Graça. — Saiu do caminho.

Sebastian acompanhado bateu à porta.

— Sacha, sou eu, Bastian. Abra a porta.

Nada.

— Sacha, abra a porta, somos nós, Bastian, Cam e Andree. — Tentou em russo.

Nada.

Logo atrás, Andree gemeu baixinho.

— *Merde!*

— Abre logo essa maldita porta, Bastian! — Cameron quase gritou.

A porta foi aberta, a sala estava irreconhecível. Não havia algo que tivesse escapado do desespero do russo. Cameron o encontrou caído atrás do sofá.

— *Dhia!* — gemeu alto. — Aqui! — Virou-o.

— A contar pelo número de garrafas vazias, Sacha não conseguiria ficar em pé mesmo.

— Vodka... — Sebastian provou o que restou de uma delas e a jogou sobre o sofá. — Mas que merda, Sacha! — Saiu e pediu uma bacia com água e algumas toalhas, enquanto os rapazes carregavam o amigo para o sofá mais próximo. — Não poderei levá-lo para casa e ele não irá para a dele.

— O levarei para a minha. — Andree jogou a garrafa na lareira acesa e o fogo aumentou drasticamente pelo álcool da bebida assustando a todos. — *Mon Dieu!*

— Ficarei com você. — Cameron pegou a bacia e a jarra das mãos do criado curioso e o empurrou para fora batendo a porta logo em seguida. — Sei muito bem que tipo de noite nós teremos. — Derramou água e molhou a toalha passando a mesma para Sebastian.

— Mandarei a carruagem parar na entrada dos fundos. — Andree anteriormente ajoelhado ao lado de Alex, levantou-se e saiu correndo.

— Senhor, que droga! — Sebastian pousou as mãos na cintura e mirou o estrago ao redor preocupado mais com o estrago do amigo. — Falarei com o marquês, quem sabe ele consiga colocar um pouco de juízo na cabeça da filha?

Andree carregou o amigo para casa e o alojou em um quarto ao lado de Jane e perto do seu para melhor monitorá-lo.

Cameron seguiu para a própria residência a fim de trocar de roupa e preparar-se para uma noite conturbada, só que não contava ser atrasado pela visita inesperada de uma dama desesperada. Até livrar-se dela, a madrugada seguiu agitada.

O conde de Trevand deixou o cômodo de Alexander por alguns minutos no intuito de livrar-se pessoalmente de qualquer ingrediente que obrigasse o russo a encarar a maldita beberagem irlandesa e foi nesse meio tempo que o desafortunado Príncipe ainda alcoolizado levantou-se e cambaleante seguiu em direção à varanda.

Jane insone mirou desalentada as estrelas acima. Incomodava-a saber que seu benfeitor saía frequentemente para encontrar-se com outras mulheres e flagrou-se ressentida mesmo sendo ele um *idiota ispião francês*. Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho na varanda ao lado, virou-se na direção, seus olhos arregalaram-se e um grito estrangulado ecoou conforme entrava apressada e acessava o quarto ao lado parando na varanda, onde um vulto acabara de instalar-se precariamente em cima do parapeito da

sacada. A lua saiu de trás de algumas nuvens, ela o reconheceu.

— Milorde, o que está fazendo aí?!

Alexander não se mexeu, não virou; sua atenção embotada permanecia voltada para o eco das palavras de Joanne que continuavam abrindo caminho em seu peito como uma adaga afiada.

— Demônio! — Ela bateu o pé desesperada ao vê-lo inclinar-se perigosamente para fora.

Isso foi o suficiente para fazê-lo olhar para trás.

— Joanne?! — sussurrou arrastando um pouco mais o sotaque arrastado.

— Quem?! — Ela aproximou-se.

— Jane...

Ela pulou assustada para encontrar Andree um pouco mais atrás, seguido por Cameron que acabara de entrar no quarto.

— Sacha! — o francês murmurou apreensivo.

— Me deixe em paz — ele cuspiu as palavras com irritação. — Estou cansado...

— *Oh, Dhia!* — Cam acabou por se juntar a confusão e quando seguiu na direção da sacada foi detido pela garota.

— Demônio, desça já daí! — Jane bateu o pé com as mãos na cintura.

Apesar da situação precária, Andree não pode deixar de rir.

— Joanne?

— Sim! Eu sou. Eu sou Joanne e não quero que faça merda! Dá pra descer daí, seu idiota filho do cão dos inferno?!

— Me ajuda?

— Non! — Andree entrou em pânico ao vê-la aproximar-se na direção da mão estendida.

— Sim! — Ela empurrou seu benfeitor e agarrou a mão do russo, puxando-o bruscamente para si.

Acabaram os dois no chão, Alexander por cima de Jane. Ele a encarou e sorriu.

— *Moy malen'kiy Niavka...* — Suspirou profundamente e a beijou.

Andree e Cameron levaram exatos três segundos para entender o que estava acontecendo.

Cameron inclinou a cabeça com ar divertido.

Andree agarrou o amigo pela roupa, o suspendeu de supetão, rosnou e o socou com tal raiva que Alexander foi parar dentro do quarto, desacordado.

Cameron abriu a boca para reclamar, mas as palavras se converteram em um sorriso sacana que tratou de esconder quando o francês virou em sua direção.

— Você, para o seu quarto, agora! — Puxou Jane do chão e apontou carrancudo para o corredor.

Ela saiu apressada.

— Você, tome conta dele! Estou cansado de tudo isso! — rosnou em francês cutucando o peito de Cameron e saiu batendo os pés.

— Humm... — O irlandês sorriu. — Certo... — Entrou no quarto. — Venha, meu infeliz Romeu, espero que o francês ciumento tenha providenciado um balde, por que você com certeza precisará.



A primeira coisa que Alex notou ao acordar foi uma dor pungente em seu queixo logo encoberta pelo mal-estar da noite anterior. Sentou-se maldizendo aqueles que afirmavam convictos que vodka não gerava ressaca.

— Pois sim! — ruminou em russo apertando a cabeça.

— Bom dia. — Cameron entrou trazendo uma bandeja de comida. — Precisa colocar algo no estomago, meu amigo. — Pousou a mesma na mesinha ao lado. — Infelizmente eu não encontrei os ingredientes para fazer minha mistura de cura ressaca... Estranho Andree não ter coisas tão comuns na cozinha...

— Graças a Deus! — Alex sussurrou em russo.

— O quê?

— Eu disse: que pena! — rebateu olhando desconfiado para a bandeja.

— Chá e *Boxy*.^[34]

— Vocês e batatas... — resmungou.

— Vocês e pepinos... — Cameron rebateu.

— O que tem pepinos?

— Comedores de *Kasha*.^[35] — Cameron implicou.

— Comedores de *Porridge* — Alex rebateu.

— Ah... — Cam pegou uma xícara de chá para si. — Não são *tão* diferentes assim.

— É verdade. — Alexander deixou escapar um sorriso que murchou logo em seguida. — Não posso ficar aqui.

— Andree só teve uma crise de ciúme por você ter beijado Jane, Sacha.

— Eu beijei quem?!

— Não era disso que estava falando?

— Eu beijei a vendedora de flores?! A que acha que sou um demônio?!

— A confundi com Joanne quando ela tentou tirá-lo de pular da sacada da varanda.

— Eu subi na sacada da varanda?!

— *Oh, Dhía...*

— Não me lembro. — Apertou a cabeça e empurrou o resto de um fofo *boxty* para o lado. — Não posso mais ficar aqui em Londres, voltarei para Paris.

— E sua esposa?

— O que tem?

— Vai levá-la.

— Isso não me pareceu uma pergunta — murmurou irritado.

— Foi uma afirmação.

— Então você acaba de ganhar uma negação. Eu vou, ela fica.

— Vai deixá-la sozinha?!

— Não me interessa se arranjará amantes.

— Bastardos.

— Tanya voltará sozinha para a Rússia, se isso acontecer.

— Mas e sua filha?

— Joanne proibiu-me de vê-la.

Cameron franziu o cenho.

— Paris?

— Minha propriedade da cidade ou a de minha irmã, ainda não decidi.

— Enviaremos notícias da pequena.

— Eu agradeceria muito.

— Enquanto isso trataremos de converter os pensamentos errôneos de Joanne a seu favor, Sacha.

Ele suspirou mirando a xícara abaixo.



— Onde ele está?

Joanne mirou Sebastian, sentada confortavelmente em uma chaise longe perto da janela em seu quarto. A pequena Irina choramingou em seus braços e ela a entregou para a babá.

— Na casa de Jean Claude.

— Não quero vê-lo.

— Não o verá.

— Não quero que veja minha filha.

— Se permitir-me a impertinência, Joanne, a filha é dele também.

— Não me interessa.

— Tudo bem. — Ergueu os braços em rendição. — Mas gostaria que soubesse: qualquer um de nós teria feito o mesmo que Sacha fez ao ver a

mulher amada ser alvejada pelo próprio marido.

— Poderia ter poupado Marcus. Eu o deixaria depois disso.

Sebastian ergueu as sobrancelhas e suspirou.

— Marcus enlouqueceu, minha cara. Crê realmente que ele a deixaria ir tão facilmente se tivesse sido poupado?

Joanne calou-se.

— Não ama mais Alexander?

Ela não respondeu, porém as mãos torcendo a barra da manta que cobria suas pernas denunciou seus verdadeiros sentimentos.

— Fique despreocupada, Sacha com certeza não retornará. — Olhou para a porta aberta. — John, que bom ter chegado.

Sorriu e cumprimentou o marquês.

— Onde está Alexander? — perguntou beijando a filha.

— Na residência de Andree — Sebastian respondeu torcendo o canto da boca.

John encarou o visconde, depois Joanne.

— Algum motivo específico?

— Eu o proibi de aproximar-se — ela explicou. — Não quero mais vê-lo. Não quero que veja mais Irina. Matou meu marido.

John estreitou as sobrancelhas ao nível máximo, agarrou a cadeira ao seu lado posicionando-a perto da chaise.

— Vamos conversar, lindinha — começou.

Sebastian balançou a cabeça, saiu do cômodo fechando a porta.



Mish' as coisas voltaram a tomar um rumo totalmente inesperado: Joanne proibiu-me de vê-la e a minha filha. Ela simplesmente recusa-se a aceitar que o que fiz, fiz pensando nelas e no futuro. Não posso permanecer em Londres, impossível continuar tão perto, dói muito receber o repúdio alheio, ainda mais se ele parte da pessoa que se ama. Estarei embarcando para Paris amanhã e talvez essa pequena carta chegue as suas mãos depois de minha chegada, eu não sei.

Tanya permanecerá na Inglaterra, não me interessa o que fará e com quem; meus advogados continuam trabalhando no cancelamento desta maldita união. Será vigiada de perto sem que perceba, cartas para a Rússia continuarão a serem confiscadas depois de despachadas; não quero que Alexandre saiba onde estou ou onde vocês estão. Por motivos de segurança, o anonimato é a melhor opção no momento. Sei que sofre sem notícias de Ivann ou até mesmo de mamãe ou vovó, mas acredite, meu pequeno camundongo: estaremos seguros enquanto o Czar ignorar nosso paradeiro.

Em breve nos veremos.

Seu irmão que necessita desesperadamente de seus braços amorosos,

Sacha.

Porém, por mais que os homens de Sacha fossem eficientes, continuavam humanos e consequentemente propensos a erros: uma única carta de Irina para a sogra passou despercebida por todos.





15

Rainbow Hall, 1879.

Ela não tinha culpa de ser tão mimada. Não era sua culpa se os marcantes traços do pai imprimiam um charme todo próprio em suas feições delicadas, nem se a forte personalidade dos Romanov se fizesse tão presente. Irina, no auge do seu um ano de idade, armou um bico imenso conforme seus olhos corriam da mãe para a tia Charlotte; dela para o titio Leonard, dele para seu tio Matthew, depois para sua vovó, novamente para sua mamãe, depois para seu vovô, para jogar-se nos braços do padrinho Sebastian, depois de passar por um intenso revezamento de colinho entre Andree e Cameron, ambos satisfeitos e babados.

— Onde está Jane?

— Ocupada com a modista — Andree comentou entregando uma pequena margarida para a menina. — Para minha princesinha fofa — falou em francês.

Irina gargalhou gostoso.

Cameron deixou uma risadinha baixa escapar, mas disfarçou ao notar que a flor virara lanchinho, começou a retirar as pétalas da pequena boca gulosa e foi mordido.

— Estávamos com saudades — Cam comentou sacudindo o dedo babado.

— E viemos para convidá-los para meu baile. — Andree sorriu.

— Jean pretende apresentar Jane a aristocracia — Sebastian explicou passando Irina para Cameron e começou a ajeitar da melhor maneira possível, o nó da gravata primorosamente desfeito pela afilhada.

Joanne sorriu.

— Certamente minha amiga necessitará de meu apoio. — Estreitou os olhos. — Quando será?

— Em duas semanas. — O francês recebeu Irina no colo.

— Posso levar Irina?

Andree ergueu atônitas sobrancelhas em conjunto com os outros.

— Não é usual crianças participarem de bailes, filha. — John riu.

— Não é usual crianças terem tanta interação com adultos, ainda mais parentes próximos — Sebastian comentou.

— Nossa família nunca foi normal. — Leonard bateu os ombros.

— Sim, já notara. — Cameron gargalhou.

— Por mim, tudo bem. — Virou-se para a garotinha interessada em arrancar o diamante preso em sua gravata. — *Le premièr bal de ma petite princesse*. — Ganhou um beijo babado.

— O primeiro de muitos. — Sebastian acarinhou os cabelinhos idênticos ao de Sacha.



Paris, Zheltyy dom (A Casa Amarela).

A propriedade de Alexander só rivalizava com a de sua irmã em imponência, sendo a sua de localização mais centralizada ao contrário da dela mais afastada do centro urbano. Lembrava muito sua mansão em São Petersburgo, só que com o requinte francês nos jardins externos. Havia sol, flores em abundância, borboletas em profusão, mesmo assim, seu proprietário encontrava-se jogado sobre um dos sofás do salão íntimo da família, frente às imensas portas envidraçadas que o isolavam do mundo exterior. Sacha encolhera-se em sua concha, fechou não só portas e janelas; fechou principalmente seu coração.

Gorya aproximou-se com cuidado e abraçou a esposa por atrás, pousando o queixo sobre seu ombro.

— O que faremos?

Zarya continuou mirando o irmão sentado observando os sobrinhos brincando mais adiante. Alexander mais magro e abatido mantinha um olhar vigilante e ausente ao mesmo tempo que só se transformou em um melancólico sorriso quando Anastasiya aconchegou-se junto ao tio.

— Os amigos da Inglaterra sempre enviam notícias — ela murmurou.

— Não é a mesma coisa — Gorya rebateu.

— Tem razão; não é. — Zarya suspirou. — Sacha ficou arrasado quando os advogados avisaram que a única maneira de anular o casamento seria retornando à Rússia.

— Ah, sim... com ele condenado por traição, realmente o casamento seria anulado. — O conde sorriu azedo.

— E Tanya viraria uma viúva. — Ela deixou escapar uma careta.

— Vossa Alteza.

Os dois se viraram e Zarya agradeceu o criado pela correspondência.

— É do conde de Trevand. — Sacudiu o envelope, beijou o marido e seguiu na direção do irmão.

— Sacha?

— *Mish’?*

— Carta da Inglaterra. — Esticou o envelope em sua direção e o viu titubear. — Abrirei para você, permite?

— Sim, por favor.

Esperou que ela abrisse e sinalizou para que lesse em voz alta.

Sentimos sua falta, Sacha; precisamos de você aqui. A Irmandade da Rosa não é nada sem os quatro libertinos juntos mesmo que um deles tenha se regenerado. Darei um baile para apresentar Jane a aristocracia: já é hora de colocarmos em prática o que apostamos. Junte-se a nós, meu irmão, por favor, Cameron, Sebastian e eu pedimos.

A contar da data da carta, duas semanas aqui em casa. Esperamos por você ou por vocês se quiser trazer sua irmã e adendos.

Forte abraço deste irmão que o considera um idiota romântico, mas que o ama tanto quanto os outros irmãos o amam,

Jean Claude.

— Então? — Sorriu para o irmão que permanecera sério.

— Eu não sei — murmurou que olhar ausente.



Duas semanas depois...

Leonard observou a irmã ao longe. Ele a conhecia muito bem, sabia que o olhar atento ao livro em suas mãos não sinalizava necessariamente que as palavras nele contida estavam sendo lidas. Não estavam.

— Corpo presente, alma onde?

Sentou-se ao lado dela retirando o volume de sua posse.

— Em nenhum lugar específico — murmurou.

— Paris? São Petersburgo?

— Em lugar nenhum, Leo. — Uma pitada de irritação temperou sua voz.

— Jo... — Sorriu complacente beijando-lhe os dedos. — Irmãzinha...

— Nem ouse dar continuidade ao discurso — ameaçou.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Mas eu só ia perguntar se estará pronta para o baile de amanhã! — rebateu com falsa mágoa.

Ela estreitou os olhos num esgar descrente.

Silêncio.

Ao fundo Charlotte iniciou uma de suas intermináveis batalhas com sua mãe a respeito de vestidos.

— Ammm... Lottie começou mais uma vez. — Ele riu.

— Nós Neddlethorn tendemos ao caos. — Ela sorriu triste.

— Dê o direito a Alexander visitar Irina — jogou em um só fôlego.

— Não.

— Um ano se passou, maninha — gemeu. — Ela precisa do pai, ele

precisa da filha!

— Leo... — rosnou de cara feia.

Ele ergueu os braços em rendição.

— Sabe o que eu acho, Jo? Quer saber a minha opinião?

— Não, eu não quero saber.

— Que pena... falarei mesmo assim. — Pulou do sofá pelo bem de sua integridade física. — Você nunca amou Alexander. — Andou pelo cômodo evitando contato visual direto.

Joanne esperava tudo, menos ouvir o que foi dito; seus olhos arregalaram-se pasma com as palavras do irmão. Sentiu-se confusa, magoada; sentiu-se indignada.

— Como se atreve a falar isso?! — balbuciou em um tom arrastado.

— Se o amasse verdadeiramente teria entendido o que ocorreu; perdoado por ter sido idiota o suficiente para defendê-la e a filha, estariam juntos e felizes, já que, com certeza, Alex conseguiria livrar-se do casamento enganoso.

— Eu o amei... — sussurrou por trás das mãos em sua boca.

— Não amou. Não ama. — Ignorou o início do pranto, circundou o sofá, onde ela ainda estava e caminhou para a saída. — Pense bem, irmã. Irina não merece isso.

Saiu fechando a porta da biblioteca com força desnecessária.



Dizer que Jean Claude Andree Du Marilac, o tão famoso famigerado conde de Trevand superou-se em termos de baile seria uma injustiça. Ele foi

um pouco mais além: sua mansão encontrava-se irreconhecível a ponto de Cameron entrar, pedir desculpas ao mordomo e sair novamente para já no portão se dar conta que se encontrava no local certo ao som das risadas nada discretas de Joanne, Jane, Sebastian e Andree parados perto da porta. Ao contrário do que regia a etiqueta, convidados especiais, ou melhor, mais que especiais como os Neddlethorn e membros da Irmandade foram isentos de regras (como se isso fosse alguma novidade), logo chegaram cedo para prostrar-se ou para dar suporte a uma pobre vendedora de flores que literalmente agarrara-se ao dossel de sua cama dizendo que só sairia dali se fosse arrastada com a mesma.

Joanne retornou ao quarto de Jane, agora também conhecido como sede da IMGOP, apelido prontamente inventado pelo irlandês.

— IMGOP? Que merda é essa? — Andree conseguiu relaxar depois de distribuir algumas instruções de última hora, jogando-se no sofá ao lado de John e recebendo uma taça de champanhe de Sebastian.

— Irmandade das Mulheres Grandes ou Pequenas. — Cameron piscou provocativo. — Pensei em nossa pequena dama, Irina — explicou com um sorriso.

— Quando Alex chegará? — John perguntou distraído.

— Se vier, você quis dizer — Andree resmungou.

— Ele não me escreveu — Bastian comentou.

— Não me respondeu — Andree resmungou novamente. — Que falta de educação! — Bateu com a taça na mesinha ao lado e puxou o relógio do bolso do colete. — Quase na hora. — Virou-se para o marques. — Tudo certo sobre a primeira dança ser com Irina?

— Foi muita gentileza de sua parte ceder a primeira dança com Jane para que minha neta tivesse seu debut antecipado.

— Põe antecipado nisso! — Cameron sorriu. — Já imaginaram se algum dos solteiros resolve tê-la como futura noiva?

— Morto! — John, Sebastian e Andree responderam ao mesmo tempo.

Cameron gargalhou gostoso.



Convidados começaram a chegar e entre eles: Tanya e Alexander.

Os rapazes correram na direção do russo e se abraçaram.

— Tive que passar para pegá-la — retrucou contrariado. — Estava com saudades de vocês. — Sorriu.

— E nós de você, russo idiota! — Andree o puxou para seus braços novamente. — Temos uma surpresa para você, oh, nobre Príncipe! — Riu.

John aproximou-se, cumprimentou Alex, depois pediu para que esperasse por sua volta, desaparecendo em meio aos convidados.

— O que estão aprontando? — Mirou desconfiado, os rapazes.

— Você verá. — Andree sorriu.



No andar de cima um drama diferente se desenrolava. Irina abraçou uma Jane chorosa tentando consolá-la de algo que ela mesma não entendia: podia não conhecer as palavras, mas conhecia um pranto sentido. Já presenciara muitas vezes em sua mamãe e sabia o que fazer, aconchegou-se ao colo de Jane passando suas mãozinhas sobre o rosto choroso. Isso só serviu para aumentar o desalento da vendedora e arrancar uma onda de Awww! pelo cômodo.

A porta foi aberta por Elizabeth dando passagem para John.

— Perdão senhoras, mas preciso levar Irina.

— Irei com você, papai.

John encarou Elizabeth, em pânico.

— Não! — Jane agarrou-se a mão de Joanne. — Não me deixa não, por favor! — Soluçou.

— Leve-a, papai. — Passou a filha para o avô. — Descerei em alguns minutos. — Sorriu e beijou a garotinha. — Vá com ele, mamãe.

— Tomarei conta das duas crianças, pode deixar. — Sorriu e saiu logo atrás.

Cameron inclinou-se por sobre o ombro de Sebastian à sua frente, pousou as mãos nos ombros de Alexander e o virou na direção da pista de dança onde John aproximava-se.

— Sacha, dar-nos-ia a honra de iniciar o baile com uma dama muito especial? — Andree segurou a emoção.

A dama em questão portava um vestidinho rosa pálido com pequenas e delicadas borboletas aplicadas, uma faixa de cetim em um rosa um tom mais escuro, cabelinhos presos com cachinhos ladeando o rostinho animado.

Alexander piscou surpreso.

— Irina? — balbuciou.

— Não, bobão! Joanne encolheu. — Cameron o empurrou para frente.

Convidados mantiveram o silêncio conforme o pai aproximou-se.

— Sacha, dançaria com minha princesinha? — John sorriu. — Irina, esse é o seu papai e ele irá dançar com você.

— Irinuska... — sussurrou.

— Papa? — Esticou os bracinhos na direção de Alexander arrancando alguns soluços ao redor de uma aristocracia que acabara de descobrir a verdadeira paternidade da filha de lady Ellis e pareceu não dar importância alguma ao fato tamanho o encanto da cena.

John ajeitou a pequena no colo do pai, ela enlaçou-lhe o pescoço salpicando um beijinho estalado em sua barba. A valsa começou, John afastou-se, juntando-se a Elizabeth na borda da pista de dança.

Alexander segurou as lágrimas enquanto iniciava o primeiro giro suavemente.

Irina gargalhou gostoso.

Ele a acompanhou.

Os convidados também.

Andree abraçou Sebastian que abraçou Cameron.



Leonard chegou ao salão segundos depois do início da valsa acompanhado pela irmã e cutucou-a sem piedade. Joanne, boquiaberta, ficou sem saber o que fazer ao mesmo tempo em que seus pais paravam ao seu lado.

— Lindo, não? — John sorriu satisfeito.

— Mentiu para mim, papai!

— Eu disse que levaria Irina para dançar. Só não falei com quem. — Riu baixinho.

— Tecnicamente isso não pode ser considerado como mentira — Leonard apoiou.

— Quero minha filha. Vá pegá-la! — Cutucou o irmão.

— Ah... Não! — Riu.

— Papai!

— Ammm... — Ergueu os olhos, pensativo. — Também não.

Ela bufou.

— Deixe-o dançar com a filha. Você lhe deve um ano de vida de Irina do qual ele não participou. — O sorriso morreu dando espaço para um ar sério. — Não seja mais cruel que já foi.

— Recuso-me a ficar aqui para assistir. Estarei com Jane. — Virou-se na direção da escada. — E, papai? Quero minha filha assim que isso acabar.

— A terá, Joanne — Elizabeth falou séria.



A música chegou ao fim, pai e filha pararam no meio do salão, ao som de inéditas palmas. Irina gargalhou gostoso, mas parou ao notar as lágrimas que Alexander não podia espanar. Seus dedinhos correram por elas depois beijou-o baixando a cabeça em seu ombro.

Andree aproximou-se com John.

— Me fez chorar, seu idiota! — o francês murmurou.

— A todos nós — Sebastian acercou-se.

— Vai destruir nossa reputação. — Cameron fungou. — O duque de Gelo derreteu.

Eles gargalharam.

— Joanne? — Alex sorriu para Elizabeth que resolvera limpar seu rosto com o lenço do marido. — *Spasibo*, Vossa Graça.

— Elizabeth, Alex.

— Pelo jeito não fomos os únicos. A aristocracia em peso também. — John olhou os pares começarem a se formar ao redor e resolveu tirá-los do centro das atenções. — Minha filha viu tudo e pediu a filha de volta assim que a valsa terminasse — o marques explicou desalentado.

— Tudo bem... — Alex beijou a garotinha ainda em seu colo e a entregou, sob protestos infantis, para sua avó. — Eu entendo. — Acarinhou a cabecinha irritada à frente. — Obrigado pelo maravilhoso presente.

— Um passo por vez, querido. — Elizabeth sorriu. — Tenho certeza de que no final tudo se acertará.

Levou Irina que esperneava para continuar no braço do pai.

— Criaremos mais oportunidades como essa até Joanne convencer-se de seu direito em relação a filha. — John pousou a mão sobre seu ombro. Verei como estão as coisas no front. — Piscou para Alex e saiu.

— Então? Que tal sua volta? — Andree distribuiu as taças de champanhe que ora o criado trouxera.

— Maravilhosa. — Ele aceitou a taça. — Seria mil vezes melhor se eu pudesse dançar com a mãe também.

— Ainda acontecerá, você verá — Sebastian afirmou animado.

— Pensamos que traria sua irmã — Andree comentou.

— Ela está com o filho novo, achamos melhor não fazer a viagem.

— Sobrinho novo? — Cameron sorriu para uma dama que passava.

— Yury. Lindo garoto.

— Bonito nome. — Sebastian cutucou Cameron.

— Forte e com um ape...

— Vossa Alteza, Príncipe Alexander Romanov?

Alex interrompeu a frase ao ouvir a pergunta em russo. Seus olhos passaram por Cameron, Andree e se fixaram em Sebastian, os três de frente para a pessoa. O amigo franziu o cenho.

— Sim. — Não se virou.

— Permita-me apresentar-me: sou Nicolai Tolstvisky, Primeiro Tenente do Exército Real do Czar. Estou aqui em missão.

— E qual seria ela, Tenente? — Ergueu a mão pedindo calma para Andree e Cameron que não conseguiam entender a conversa.

— Levá-lo de volta à Rússia onde será julgado pelo crime de traição ao seu líder.

O cenho de Sebastian franziu mais ainda.

A taça em sua mão foi retirada por Cameron antes que fosse quebrada tamanha a força com que segurava e por fim virou-se.

— E se eu me recusar? — Encarou o jovem à sua frente.

— Serei obrigado a cumprir as ordens de meus superiores — empertigou-se.

— E quais seriam essas ordens, Tenente Tolstvisky?

— Imediata execução — mastigou. — Virá comigo?

— *Nyeth* — respondeu mantendo o contato visual e sentindo os rapazes se aproximarem. — Creio que uma cena seria desnecessária Tenente, dado a sua invasão a uma propriedade particular durante um evento social.

— Eu sinto muito, então.

Foi tudo muito rápido. Uma arma apareceu, um único tiro foi disparado e o rapaz retirou-se correndo antes de ser detido.

Alexander desviou sua atenção dos olhos frios do rapaz adiante por uma fração de segundo ao reparar a arma em sua mão. Depois ouviu o disparo e algo queimou terrivelmente em seu peito. Automaticamente sua mão seguiu para o local e ao retirá-la viu a luva imaculadamente branca agora apresentar-se em vermelho vivo. Suas pernas pesaram, o ar falhou, o salão girou perigosamente.

— Sacha! — Sebastian o amparou antes que chegasse ao chão o depositando delicadamente na superfície primorosamente trabalhada.

— *CAC!*

Ouviu Cameron xingar. Seus olhos pesaram; lutou por ar.

— Para o quarto! — Andree passou por ele. — Não há médicos entre os convidados.

— Trarei um. — Cameron correu.

Os olhos se fecharam momentaneamente, quando os abriu seguia carregado por Sebastian escada acima.

— O idiota russo fugiu! — Bastian arfou pelo esforço.

— Pelo menos saiu daqui achando que cumprira sua tão nobre missão. — Andree arfou nervoso.

— O que houve?!

— Alex foi baleado por um dos homens do Czar — Andree explicou para John que deixara o quarto naquele momento.

— Merda! E o médico?

— Cameron saiu atrás de um.

— Chamarei o nosso, papai. — Leonard passou por eles e desceu correndo.

Seus olhos voltaram a fechar.

— Sacha? Sacha!

Ele piscou com dificuldade e abriu os olhos.

— Mantenha-se acordado, meu amigo. — Sebastian pressionou uma toalha sobre o ferimento arrancando um gemido fraco.

— O que aconteceu?

Os homens se viraram. Era Jane.

— Volte para o quarto — Andree a espanou.

— O que aconteceu com o demônio? — Empurrou seu benfeitor e aproximou-se da cama. — Aí, mas que merda! — exclamou ao ver a toalha já manchada de sangue. — Foi o quê? — perguntou e se irritou com as caras pasmas ao seu redor. — Foi o quê, bando de idiotas? Tiro? Faca?

— Tiro... — Sebastian murmurou.

— Tem que tirar a bala já daí. — Ela puxou a toalha e estudou o quadro.

— Estamos esperando o médico — Andree explicou irritado pela interrupção.

— Ele vai morrer, seus burros, se vocês forem esperar o médico chegar! Eu tiro.

— Hã?! — Sebastian a encarou.

— Eu tiro a porcaria da bala. Num *tá* vendo *qui* tá perto *dimais* do coração?!

— Não vai tocar nele! — Andree a segurou pelo braço.

— Eu sei *tirá!* Me larga, seu filho *duma* égua caolha! Eu já tirei um *monti* de bala e algumas igualzinho a essa *qui tá* aqui! — Sacudiu o braço. — *Num temu* hospital, *nem douto*, como você acha *qui nóis* se vira?!

— Não vai! — Andree a segurou novamente.

— Espere! — Sebastian pousou a mão sobre a do amigo e liberou o braço da garota. — Sério, Jane? Realmente fez isso mesmo?

— *Num* preciso *minti procês!* — resmungou magoada.

— Sobreviveram? — Andree perguntou maldoso.

— TODOS! — O encarou emburrada e mostrou a língua.

— Certo... — Sebastian afastou o francês. — Do que precisa?

— Enlouqueceu, Bastian?! — Andree desafinou.

— Os médicos irão demorar, ela sabe o que fazer, morou na rua pelo que você contou em um dos bairros mais violentos de Londres, quer que Sacha morra?!

Um impasse foi formado.

— Ele *tá perdendu sangui...*

— Tudo bem. — Andree pousou delicadamente as mãos nos ombros de Jane. — Faça, mas se ele morrer, eu a mato!

— Vai ter *qui mi pegá* antes, francês estúpido! — rosnou.

— Do que vai precisar? — Andree sorriu.

— Láudano, faca, fogo, qualquer bebida, linha, um monte *di* pano, agulha, um balde com água limpa e água fervida.

Andree deixou o quarto em disparada.

Ela virou para Sebastian e John.

— Tira a roupa dele agora.

— Toda? — Sebastian perguntou.

— A parte de cima. *Pur* quê? Teve bala em outro lugar? — Correu os olhos procurando por mais indícios.

— Não — O visconde respondeu já desabotoando a camisa ensanguentada.

Andree retornou com o láudano, uma adaga pequena e fina, outra maior e uma maior ainda. Uma criada trouxe linha, panos e agulha, um criado uma jarra de água com uma bacia e avisou que uma chaleira fora posta para ferver.

Jane lavou as mãos, pegou uma toalha limpa, fez Sebastian lavar as suas e o nomeou ajudante. Olhou o material, pegou a maior das adagas e olhou emburrada para Andree.

— *Qué qui* tire a bala ou *qué* que tire alguma *parti* dele fora?! — Sacudiu a adaga e a jogou para o outro lado do quarto. — Dá isso *pra* ele beber. — Entregou uma dose dupla de láudano para Andree e viu a cara desconfiada. — *Num* quero o demônio *si* mexendo quando eu meter *meus dedo* no buraco. A bala pode sair do lugar e parar o coração, entendeu?!

Jean Claude escorou o russo depois de sacudi-lo.

— Sacha, precisa beber isso. — Forçou o líquido na boca do amigo.

Alexander queria reclamar, mas já não tinha forças para tal. Mirou Andree acima, Bastian e John ao fundo. Seus olhos voltaram a pesar, agora de uma agradável sonolência e ele se deixou levar.

Jane trabalhou de maneira rápida e eficiente para surpresa geral. Ao terminar, seu lindo vestido branco ganhara feias marcas rubras em vários pontos. Ela caiu sentada na poltrona perto da cama com um suspiro cansado.

— Ele perdeu muito *sangui*. Eu fiz o que deu, a bala saiu, só *num* sei se ele vai *quentar*.

— Você o chama de *O filho do dono do inferno*, acha que o demônio deixaria seu filho morrer assim? — Sebastian cobriu Sacha, ajoelhou-se à frente da poltrona e beijou as mãos da jovem. — Foi incrível, Jane.

— *Num* foi nadinha não. — Suspirou.

— Obrigado. — Andree beijou-lhe o topo da cabeça. — Perdoe-me pelo que disse.

— Você é idiota mermo e *num* sabe o que fala, eu te perdoo. — Deu um tapinha amigável no rosto dele.

— Vá descansar. — Andree ajudou-a a levantar-se.

— Precisa prover algumas explicações, Jean Claude. — John pegou Jane no colo.

— Sim, o baile foi cancelado — concordou.

— Quer que desça com você para ajudá-lo? — Sebastian sentou-se no lugar de Jane.

— Fique com Sacha. — Sorriu e saiu.

— Mi chama *si precisá di mim*. — Jane bocejou encostando a cabeça no peito do marques.

— Com certeza, milady. — Sebastian sorriu.



Quando John aproximou-se do quarto de Jane, Elizabeth, Charlotte e Joanne carregando Irina adormecida, deixavam o cômodo. As três miraram o quadro adiante e se desesperaram pensando que Jane estava ferida.

— Quem fez isso com você? — Joanne inquiriu assustada.

— Não foi com ela. — John suspirou.

— Ajudei o demônio, ele foi baleado.

— Não entendi... — Elizabeth sacudiu a cabeça.

— Alexander foi baleado por um homem do Czar e Jane retirou a bala — o marques explicou.

— Oh, Senhor! E como ele está?

John encarou Joanne e ia responder a marquesa quando Jane tomou a frente.

— *Num* acho que *tá* bem não; *num* sei se vai continuar vivo. — Limpou as lágrimas com a mão. — Fiz o *qui* eu *pudia*, mas *num* sei se deu pra *salvá* ele. — Começou a chorar baixinho.

— Leve-a para o quarto, John. Cuidaremos dela. — Elizabeth empurrou Charlotte para dar passagem para o marido. — Lottie, leve Irina para seu quarto e fique com ela.

Elizabeth pegou a garotinha dos braços de Joanne pálida e imóvel, transferiu para a caçula e sacudiu a mais velha.

— Vou ajudar Jane, Joanne e se por acaso restar algum sentimento em seu coração, vá ajudar Alexander. Ele com certeza precisará de você.



16

Dois médicos o examinaram. Duas escolas diferentes, a mesma conclusão: queriam conhecer o médico que fizera o primeiro atendimento. Andree apontou para Sebastian que não retrucou. Prognóstico? Ambos afirmaram que devido ao local do projétil seria muito difícil que o Príncipe escapasse de uma fatalidade. O que fazer? Esperar e rezar.

— Maldita medicina do século XIX! — Cameron resmungou irritado.

— Temos mais um probleminha... — Andree passou os dedos pelos cabelos despenteados. — A princesa ainda está lá embaixo e quer saber a razão de seu marido ainda não ter descido.

— Onde essa mulher se enfiou na hora do tiro?! — Bastian ruminou em voz alta e se deparou com dois pares de olhos o encarando com ironia. — Ah... entendi. — Sorriu. — Bom, infelizmente ela continua casada com nosso amigo aqui, logo alguém precisará trazê-la para cá.

— Creio que a presença da ilustre dama possa piorar o estado de Sacha — Cameron ironizou.

— Concordo. — Andree continuou andando pelo quarto. — Conversarei com ela primeiro, depois contarei o ocorrido.

— Por que você? — Cam riu.

— Alguém tem que fazer o trabalho sujo, não? — Inclinou a cabeça com

um ar sacana e seguiu na direção da porta.

— Ei, Jean!

Ele se virou para Sebastian.

— O que quer que aconteça não contará como ponto no placar geral — avisou.

— *Ammm...* Tudo bem. — Inclinou-se em uma saudação zombeteira e saiu.

E de repente a Irmandade se viu no meio de uma guerra não declarada: Andree hospedara Tanya. Os Neddlethorn retornaram ao lar, porém um dia depois, Joanne voltou para instalar-se no quarto ao lado do de Sacha enquanto Tanya descansava no quarto do lado oposto.

— Que ótimo, não *eejit*? Lindo quadro: a esposa não desejada no quarto à esquerda, o marido enganado no quarto do meio e a amante, não, a amada, no quarto à direita. — Bateu na cabeça do francês. — Só você mesmo, Jean! — Cameron chiou.

— Eu não percebi a chegada de Joanne. Ela simplesmente chegou e se instalou, *merde!* — Esfregou a cabeça com uma careta.

— Pode providenciar mais dois caixões além do de Sacha se essas duas se enfrentarem. — Bastian balançou a cabeça, incrédulo.

— Mais três caixões — Andree murmurou.

— Hã?! — Sebastian fez coro a Cameron.

— Jane não gostou de ver as atenções da russa para com você, milorde O'Shea. — Cutucou o próprio. — Nem para comigo.

— Quando foi que nossa vida transformou-se em uma aventura mais perigosa do que já era? — Cameron pousou as mãos na cintura.

— Quando nosso russo resolveu se apaixonar. — Bastian sorriu divertido.
— E quando nosso francês resolveu bancar o bom samaritano, além de nosso irlandês servir de mediador entre a classe baixa e a aristocracia. — Riu, esquivando-se de um soco amigável.

— Sacha ainda não acordou — Cam desconversou.

— Jane contou que é uma maneira do corpo tentar se curar — Bastian explicou.

— Sabe de uma coisa? Vou pleitear junto a Rainha, o direito de Jane frequentar a faculdade de medicina depois que acabar de aprender a ler e escrever — Andree ponderou. — Ela é mil vezes melhor que qualquer médico que conhecemos.

— Faremos uma ampla campanha — Sebastian concordou.

— Se sobrevivermos a esse temporal — Cameron instigou.



Jane percorreu cada cômodo daquela casa para encontrar Andree encarapitado entre as rosas do jardim com Tanya grudada em seu pescoço. Literalmente grudada.

— Como uma porcaria *di pulga sugandu u sanguì di quem num* deve... — rosnou.

Ela parou em frente a dupla, cruzou os braços e começou a bater o pé no chão, sinal claro de irritação.

Andree piscou amedrontado e tratou de levantar-se trazendo Tanya consigo. Por via das dúvidas a usaria como escudo; era um covarde, todavia, se manteria como um covarde vivo.

— Sim, *mon chér*?

— *Num fala cumigo! Só vim dizê qui achu qui o demônio tá cum feбри.*
— Armou um bico, mirou o desafeto de cima a baixo, virou-se violentamente e saiu batendo as sapatilhas, punhos fechados sacudindo de um lado ao outro quase marcialmente.

O conde achou por bem dar alguns segundos de vantagem para a dama, mesmo porque queria muito preservar o conjunto da obra, ou seja, ele mesmo.

Ao entrar no quarto encontrou Joanne ao lado da cama e notou que Tanya o acompanhara. Quase gemeu.

— Vou chamar o médico! — Ergueu a mão como se tivesse acabado de inventar a roda e deixou a arena de disputas antes que os gladiadores comessem a espargir sangue.

A porta fechou. Tanya encarou Joanne que encarou Tanya em retorno.

As duas olharam para o homem inquieto deitado inconsciente.

— Eu cuido dele. — Se houvessem combinado, na certa a sincronia não seria tão perfeita.

Silêncio.

— É meu marido.

Joanne bufou, depois lentamente ergueu as sobrancelhas com um ar debochado no rosto.

— Hum-hum... — Inclinou a cabeça pousando a mão sobre o ombro de Alex como se demarcando posse do que sempre fora seu.

— Então se não se importar, pode sair. Seus préstimos como enfermeira não serão mais necessários. — Tanya ergueu a mão espanando-a como a um reles inseto.

Joanne pintou-se em dois tons acima do vermelho que já apresentava.

— Seus préstimos como falsa esposa não serão mais necessários, ou melhor, nunca foram. — Sorriu. — Logo, pode deixar de posar de boa moça e esposa perfeita, coisa que você não é e nunca será. Pode enganar outros, menos as pessoas que estão aqui.

— Mas Alex é meu. — Aproximou-se belicosa.

— Nunca foi. — Joanne levantou-se e parou a centímetros da rival.

— Casou-se comigo.

— Foi enganado pela família! — rosnou quase encostando o nariz no nariz alheio. — Traído pelo próprio sangue, desonestos, manipuladores... abomináveis!

A porta abriu, Cameron entreolhou o cenário armado, engoliu a seco e recuou lentamente até fechar a mesma mais uma vez.

— Por pouco! — Suspirou aliviado e tratou de sumir.

Desceu para encontrar os rapazes sitiados no escritório.

— Eu não sei o que é mais perigoso. — Jogou-se ao sofá ao lado de Sebastian. — Jane quase armando um escândalo e arrancando os cabelos da russa ou Joanne e a referida russa entre rosnados e ameaças veladas a um passo de se atracarem aos pés da cama de Alex.

— Pelo menos um de nós está sendo poupado disso tudo. — Andree coçou a barba.

— Sim, mas a que preço? — Sebastian encarou os amigos.

— Esquece o que eu falei — Andree murmurou. — O médico deve demorar a chegar.

Suspirou cansado.

Tanya não recuou.

Joanne também não.

O impasse foi formado. Nações entraram em guerra por muito menos.

A porta abriu-se mais uma vez. Jane entrou e fechou automaticamente o semblante ao notar a forasteira tendo a petulância de enfrentar sua amiga. Enfiou-se entre as duas empurrando Tanya de maneira brusca em direção à saída.

— Pode ser princesa nos *inferno qui* fugiu, mais aqui *num* é merda *ninhuma*! Some já! Tá atrapalhando o *pobri* demônio *qui* precisa *discansá*.

— Não se atreva a colocar essas mãos imundas em mim, gentalha! — rosnou indignada.

— Não se atreva a chamar Jane de gentalha, sua rameira de gelo!

Joanne segurou Jane antes que pulasse no pescoço de Tanya.

— Sai daqui *si* não vai *fica* careca, sua puta! — Jane rosnou.

A russa se viu em desvantagem. Recuar para atacar outro dia foi a conclusão. Saiu resmungando em russo.

— Vaca! — Joanne chiou.

— Vaca caolha *i* manca! — Joanne completou.

As duas riram abraçadas.

— O *doutô* vai demora e eu quero *vê* o aqui *tá* acontecendo aqui. Posso?

— Deveria ter perguntado a mulher de Sacha.

— A *mulé* dele é você, Joanne. Você *i* mais ninguém.

Ela sorriu.

— E você é mais capaz que qualquer médico que cuida dele. — Ajudou-a a retirar as faixas que seguravam o curativo. — Aí, meu Deus!

Pinçou o nariz ao sentir o cheiro.

— *Num precisa ficá.* Eu posso *chamá* a *Lingüiça Disbotada*.

— Quem?! — Riu.

— O *talzinhu* sem sal *i* pimenta... — resmungou, seguindo para a porta e abriu. — Ei, *ocê: prciso* de água *freventi pra onti!* — gritou para o criado que passava batendo a porta na cara do coitado quando o mesmo se inclinou respeitoso.

— Quem é a *linguiça*? — Joanne ergueu olhos pensativos. — Ah! Sebastian?! — Gargalhou baixinho. — Mas é uma *linguiça* de berço de ouro e nobre de coração. — Tentou controlar-se. — Eu ficarei se me aceitar.

— *Craro!*

Esperaram pela água e depois da assepsia, Jane abriu os pontos que tão cuidadosamente dera sobre a ferida.

— *Issu tá feio...* de vez *aconteci*, sabia?

— Não gosta de Sebastian, Jane?

Puxou conversa para desviar o foco da considerável quantidade de pus sendo retirado.

— *Num fedi nem chera* — comentou.

— E de Cameron?

— Ah, esse é um pateta! — Sorriu. — Mais é um pateta *bão*. Fala a minha língua, a língua *das rua, mim intendi*. Gosto dele, é meu amigo assim *qui nem você*.

— Sim, esse é Cameron. — Sorriu em concordância.

— Pega mais pano pra mim?

Joanne trouxe uma nova leva de tiras de linho recém-fervidas para perto da garota.

— E de Andree? Gosta dele? — Sorriu provocativa.

O semblante compenetrado, porém sorridente fechou-se de vez e não houve resposta.

Joanne pressionou um pouco mais.

— Retirou-a das ruas, cuidou de seus machucados, deu-lhe comida. Abrigo, educação...

— Eu sou grata por tudo isso, Joanne — rebateu irritada sem aperceber-se que mudara a maneira de falar. — Seria muita ingratidão de minha parte se não o reconhecesse como benfeitor.

— Mas gosta dele?

Silêncio.

— Jane, estamos só nós duas aqui e Alex que com certeza não consegue nos ouvir. Sou sua amiga ou não?

— *Craro qui é!*

— Amigas confiam uma na outra e trocam confidências... segredos.

— Então *mi respondi*: ama ele? — Cutucou o peito ferido arrancando uma débil reclamação.

— Sempre amei e continuo a amar. Alex é a minha vida além de minha filha. — Suspirou. — Agora responda: apaixonou-se por Andree, não foi?

Jane largou os panos sujos dentro de um balde ao lado da cama e pegou a chaleira.

— *Num* devia, num *possu*, *sabi*? Ele é *di otro mundu*, num é *pra* mim.

— Mas poderia ser se quisesse.

— Mais *num* vai. *Cunhece* tanta moça *bunita*... — lamentou-se.

— Já se olhou no espelho?

— Num *sô bunita* não, num *sô nada* a *num sê* uma vendedora *di* flor.

— Você é linda, Jane. Por fora e por dentro.

— O filhote *di duendi mi* disse isso.

— Cameron?

— É... Tem um bando *di duendi* na terra *deli*.

— Sim, Leprechaus. — Riu.

— Mais sei *qui* foi só *pra mim* consolá. *Tava* chorando feito uma *bizerra* sem as *teta* da mãe. — Pousou a chaleira na mesinha ao lado, distribuiu toalhas ao redor de Sacha. — *Melhorá sigurá* ele, porque *num* vai *gostá* nadinha *du* que vou *fazê*.

Joanne posicionou-se da melhor maneira possível.

— Vai jogar água fervendo na... — Nem terminou a frase.

A reação foi imediata: Alexander emergiu do poço da inconsciência que mergulhara para urrar e acertar o provável responsável pela agressão ao seu já agredido corpo, nesse caso quem o segurava, também conhecido como *Kukla*.

Ela ergueu-se tonta pela potência do soco recebido, levou a mão ao nariz ao sentir o sangue escorrer. Os rapazes entraram em desabalada carreira aflitos pelos berros ouvidos.

Sebastian puxou Joanne para perto, franziu o cenho preocupado e pressionou seu lenço sobre ele.

— O que houve aqui?! — Andree perguntou esganiçado.

— O que houve? — Tanya apareceu na porta.

— Fora daqui, vaca! — Jane gritou com a chaleira na mão.

Tanya saiu correndo.

— *Sigura* ele, merda! — Apontou para um russo muito revoltado que continuava atingindo o nada.

Cameron e Andree o imobilizaram enquanto Sebastian examinava com mais acuidade o nariz de Joanne.

— Fique despreocupada, não está quebrado. Foi Jane?

A vendedora virou-se para ele e rosnou.

— Foi o demônio na hora *qui* joguei água *frevendo* na ferida.

— Escaldou nosso amigo?! — Andree gemeu indignado.

— Tenho *qui tirá* toda essa merda *qui tá* aqui *dentru du buracu*, seu burro!

— Com água quente?! — insistiu.

— Já vi muita *mulhé fazê* a mesma coisa e *salvá* muita perna e muito braço *di ficá podri*. — Torceu a boca. — *Adispois*, ele num vai *piorá* mais *du* que já *tava* cum *essi* pus todo dentro.

— *Oh, mon Dieu!* Acho que vou vomitar... — Olhou para o balde.

— Troque de lugar comigo, seu frouxo! — Cameron se posicionou onde Andree parara. — Pode continuar, minha grande doutora!

Piscou para Jane apesar da cara irritada do francês e recebeu um beijo na testa.

— *Cê é um docinho di pessoa, dá vontadi di cume ocê todinho!*

— Estou à sua inteira disposição, milady! — Cameron sorriu.

— Não se atreva, irlandês... — Andree ameaçou entredentes em francês.



Andree suspirou aliviado. O dia começara calmo, o criado retirou-se depois de suprir o réchaud com ovos mexidos, devolveu a saudação e sentou-se sorridente, desfrutando da paz da sala de jantar.

Por pouco tempo.

Seu coração disparou a entrada de uma dama vestida de verde e ao contrário do que ditava a moda, a mesma portava cabelos soltos, suaves ondulações como as águas de uma cascata serpenteando pelas rochas de um rio moroso.

— *Bonjour, ma belle.* — Ergueu-se prontamente, esticando a mão em direção à origem de suas crises de insônia. — Ajudinha com a comida?

Abriu seu mais sedutor sorriso e ficou assim sem mão para beijar ou sequer um olhar em retorno.

— Num preciso — o ignorou.

Andree manteve-se em pé observando-a servir-se com uma graça antes desconhecida. Ela encheu um prato, depois outro e outro e por fim aceitou que puxassem a cadeira para sentar-se.

— Vai comer isso tudo?!

Continuou sendo ignorado.

— Como está Sacha? — Mudou de assunto.

— *Drumindo.*

— Dormindo, Jane.

Ela rebateu com uma careta malcriada.

— Por que toda essa agressividade comigo? — perguntou chateado.

Jane encheu a boca com os ovos mexidos.

Andree suspirou.

— O que eu fiz de tão horroroso para que você me trate dessa maneira?

— Tá respirando.

Ele abriu a boca para responder, mas foi interrompido.

— *S dobrym utrom*^[36] — Tanya aproximou-se com um imenso sorriso no rosto.

Andree levantou-se e só se sentou depois da princesa instalar-se.

A realeza ignorou a plebeia presente, porém não a aristocracia anteriormente ignorada e o mesmo chegou a brilhante conclusão que seria uma boa ideia aproveitar-se do momento, ainda mais quando a realeza em questão não poupava sorrisos e esbanjava charme. Seguiu-se um diálogo em francês pontado de frases em duplo sentido e provocações apimentadas pela parte feminina, com Tanya deixando escapar coquetes risadinhas entremeadas por pequenos toques propositais, enquanto Jane, boquiaberta, mirava um e outro sem entender as palavras, mas compreender plenamente a sutileza das mensagens trocadas.

Ao chegar à mesa, Joanne encontrou a amiga encarando a tigela de mingau com um ar assassino.

— Ainda aqui?! — Tanya fechou a cara para a recém-chegada sem retirar a mão do braço do anfitrião.

— Si tem alguém *subrandu* aqui é você, *ramera desbutada*! — Jane rosnou.

Foi ignorada.

— Bom dia, Andree. — Joanne sentou-se. — Bom dia, minha amiga. — Beijou Jane. — Cameron está com Sacha.

Piscou sua aliada.

O palco estava armado: Joanne sentara-se ao lado de Jane que se sentara perto de Andree à cabeceira; do lado oposto, Tanya e de repente o francês arrependeu-se de ter saído de seu quarto. Mirou discretamente Jane, que mantinha os olhos presos ao mingau, migrou para Joanne que sorriu irritada, depois virou-se para Tanya, que o encarava com olhos gulosos. Sim, ela o queria em sua cama e ele ainda se esquivava desde o primeiro contato.

“*Conquista fácil não tem lá muita graça...*” Pensou com um suave sorriso sacana e foi então que errou: segurou a mão da realeza, beijou o dorso, virou para beijar a palma arrastando os lábios pulso acima.

— O quê?!

Jane levantou-se apesar dos esforços de Joanne para mantê-la sentada.

O casal parou e Andree estreitou os olhos mais que satisfeito.

— Continue... — Tanya acariciou o rosto ao lado.

— Ele *num* vai *fazê* nadinha não, sua *vagamera*!

— Vaga o quê?! — Andree inclinou a cabeça tentando não rir.

— É *u* que ela é! Vagabunda e *ramera*! — Bateu com a mão na mesa com tanta violência que derrubou uma jarra.

— Ponha-se em seu lugar, *gentalha*! — Tanya arrastou a pronúncia.

— Ei, só um minutinho aí... — Joanne levantou-se.

— *Vô mostrá quem é a gentalha!*

Jane pegou a tigela de mingau, inclinou-se sobre a mesa despejando o conteúdo sobre a nobreza.

O ato de rebeldia pegou a russa de surpresa, ainda mais quando as gargalhadas ecoaram ao redor; ficou furiosa, desandou a falar na língua pátria e pela entonação dada não devia ser boa coisa, depois agarrou o prato com os ovos cozidos e despejou sobre seu desafeto: Joanne.

— AH!

Andree encolheu-se com o grito da amiga pensando seriamente em esconder-se sobre a mesa.

Um dos potes de geleia foi despejado alegremente sobre Tanya. Ela encarou Joanne que ainda lambia os dedos e grunhiu em alto e bom tom. Depois virou sua mira para a garota ao lado que se inclinou à procura de armas mais eficazes. Agarrou o leite e derramou. O líquido escorreu entre o decote do vestido verde deixando Jane mais vermelha que a geleia de morango que cobria uma parte do cabelo de Tanya.

— Senhoras...

Andree ergueu as mãos na tentativa de apaziguar os ânimos antes que as três se engalfinhassem sobre a mesa.

Não que não fosse divertido ver três exemplares tão saborosos se lambuzando com comida o que só abria seu apetite, mas conhecedor da violência das ruas, achou por bem preservar a vida da princesa antes que o membro representante da maioria desprivilegiada enfiasse os caninos na jugular e deixasse o membro de sangue azul vazio do próprio.

— Senhoras! senhoras, por favor!

As três pararam momentaneamente e o encararam. Andree arregalou os olhos e começou a recuar lentamente ao notar o bule de chá nas mãos trêmulas de sua pupila ensandecida.

— *Non...* — Ergueu as mãos, escorregou em uma torrada e caiu para trás.
— *Non! Non* se atreva!

— Ah, olha isso, Jo! Ele tá *cum* medinho! — Jane ironizou. — Num gosta *di* chá?

— Na xícara! — Ergueu as mãos.

— *Sabi...* — Avançou lentamente pelas pernas dele. — Andou *si esfregandu num* cão sarnento, precisa *si limpá dus* pensamentos impuros. — Sorriu maldosa.

— Não faça nada que irá arrepender-se depois, mocinha. Estou avisando!
— ameaçou.

— O *qui*, por *exemplo*? — Fez um biquinho inocente.

— Largue o bule!

— *Si* eu *larga* ele cai *i* quebra, *i* o chá?

— O que tem o chá?

— Você *pricisa* dele!

— *Nooooonnn!*

— *Siimmm!*

— *Non* preciso *non!*

— *Pricisa!*

No auge do desespero, Andree retornou a língua mãe. Jane inclinou a cabeça mais irritada ainda, enquanto Tanya e Joanne se revezavam em jogar comida uma na outra ao som de imprecações bilíngues.

— Ih! Num *tô intendendu* nadinha! — Esvaziou o conteúdo do bule sobre a cabeça abaixo.

Cameron entrou na sala doido por um bom desjejum, cansado e sonolento. Ergueu as sobranceiras com a cena, abriu a boca lentamente.

— Guerra de comida! — Gargalhou indo ajudar Andree a erguer-se e levou com algumas salsichas na cabeça; agarrou uma e enfiou outra na boca. Logo em seguida alguém despejou a única tigela de mingau que se mantivera impoluta até o momento.

— UHU! — Voltou a gargalhar agarrando Joanne e jogando-a sobre o ombro segundos antes que pulasse em Tanya.

Andree segurou pela cintura uma vendedora de flores esperneante, arrastando-a na direção da biblioteca onde a liberou fechando a porta atrás de si.

— *Mim* deixa sair... — murmurou tentando limpar o rosto da geleia que escorria.

Ele se manteve encostado à porta.

Ela não gostou do olhar dele.

— Quero sair, francês idiota!

Andree arfante largou seu posto e partiu para o ataque sem se importar com as consequências. Puxou-a para perto, segurou-a pelos cabelos e invadiu sua boca.

Jane arregalou os olhos surpresa pela ferocidade do ataque tentou afastá-lo, mas viu-se mais presa ainda. Não cederia. Ele era um mulherengo que sempre teve o que quis, sempre teve... até agora.

Não mais.

Jean Claude emergiu do mar de desejo acumulado que o engolia aos poucos ao se dar conta que o alvo de seus anseios não correspondia. Era como segurar um cadáver nos braços; isso o machucou abrindo um rombo considerável em seu ego.

— Vá! — Soltou-a.

Jane limpou a boca, olhos lotados de lágrimas.

— VÁ! *ALLER, MERDE!*

Ela encolheu-se com o berro e saiu correndo passando por Sebastian que a acompanhou subir as escadas. Logo após Tanya passou por ele resmungando, tão suja quanto à vendedora. Por fim Cameron apareceu acompanhado de Joanne, ambos em estado deplorável.

— Eu saio para resolver alguns problemas e vocês resolvem dar uma festa?! — Riu.

— Guerra de comida! — Cameron sorriu com uma salsicha no canto da boca. — Perdeu a diversão, meu amigo!

— Guerra de comida?!

— Jane começou. — Cam riu.

— Tanya a desacatou mais uma vez — Joanne explicou.

— Pelo que eu soube tudo aconteceu porque nossa princesa se engraçou com francês e nossa pupila não aceitou muito bem o fato. — Piscou o olho para o amigo.

— Ciúme? — Mirou Joanne.

— Ela se apaixonou por Jean Claude. — Joanne sorriu. — Mas não a embaracem mais do que já está, por favor.

— Não! — ambos responderam.

— Precisamos nos limpar. — Joanne olhou o vestido. — Quem ficou com Alex?

— Eu estava com ele até descer para que você subisse. — Cameron achou uma salsicha no bolso do colete. — Creio que Jane inventou um novo

serviço: comida rápida para viagem.^[37] — Observou a salsicha depois a enfiou na boca.

— Ficarei com Sacha até vocês ficarem mais apresentáveis. — Sebastian sorriu e subiu.



Sebastian bateu à porta de Andree que acabara de vestir-se.

— Melhor mandar chamar o médico, Sacha piorou — falou aflito.

Minutos depois Jane o examinou e balançou a cabeça impotente. O médico chegou só para corroborar o prognóstico sombrio.

Tanya saiu e ao retornar trouxe um sacerdote ortodoxo.

Joanne indignada expulsou os dois do quarto.

Alexander abriu os olhos e mirou os amigos reunidos.

Pediu água, falou com um por um em tom de despedida. Até mesmo com Jane. Depois, chamou Joanne para perto e foram deixados sozinhos.

Ela sentou-se na beira da cama, passou um pano molhado sobre a testa suarenta e teve a mão capturada.

— *Niavka...*

— Sim, querido?

Ele tomou fôlego.

— Por favor...

— Fale.

— Perdoe-me por matar Marcus.

Ela engoliu as lágrimas.

— Já o perdoei, Alex. Agora, tente não se esforçar muito.

— Eu amo você. — Beijou a mão que segurava.

— Eu amo você, russo insuportável. — Sorriu limpando as lágrimas. — Irina também.

— Gostaria de vê-la.

— Melhore e terá sua filha com você indeterminadamente.

— E você?

— Eu também. — Pousou suavemente a cabeça sobre seu peito. — Não nos abandone, Alex, por favor. Eu não aguentaria perdê-lo uma segunda vez. — Suspirou. — Alex? — Ergueu o rosto. — ALEX!

Tanya que assistia tudo da porta retirou-se cabisbaixa.



Três meses depois...

Os cuidados intensivos de Joanne, a presença da filha e a insistência dos amigos trouxeram Alexander das portas da morte. Assim que teve condições, Joanne e os rapazes o carregaram para Rainbow Hall onde os cuidados foram divididos com sua *mamuska* inglesa que o cercou de carinho e alguns pratos de Sofra.

Numa manhã ensolarada, sentado confortavelmente em uma espreguiçadeira com Joanne ao lado, observava distraído sua filha brincando mais adiante com a babá quando recebeu uma carta de Paris. Pediu a Joanne que abrisse.

— Está em cirílico, Sacha.

— Deixe-me traduzir. — Pegou o papel.

Querida Misha,

Sentimos muitíssimo não podermos estar aí com você em sua recuperação, mas Yury adoentou-se; nada de mais grave, mas o suficiente para permanecermos atentos. Sua amiga inglesa nos escreveu contando a respeito de seu acidente durante uma caçada, espero que esteja melhor, minha amiga...

Alex riu. Sua irmã não revelaria sua identidade, possivelmente por temer que o serviço postal ainda estivesse monitorado pelos homens do Czar. Explicou para Joanne e retornou a leitura.

Tivemos notícias inquietantes da Rússia. Nossa amiga Tanya retornou com más notícias: meu irmão Alexander foi morto por um rebelde em um baile em Londres. O Czar inquiriu-a longamente e não se sabe ao certo a razão, mas Tanya foi fuzilada como traidora da Pátria Mãe. Alexandre

então descontou o resto de seu ódio sobre minha família que, graças ao bom Deus, conseguiu fugir para algum lugar em uma das colônias inglesas, o que nos fez perder totalmente o contato já que não fazemos ideia para onde foram. Perdi meu irmão querido e minha família, estou arrasada, meu coração está partido.

Quando puder mande-me notícias suas e de sua família, querida. Espero revê-la em um futuro próximo. Todos mandam votos de felicidades e nosso carinho.

Sua eterna amiga e irmã de coração,

Mish'

Joanne jogou-se sobre Alex.

— Você está livre! — Beijou-o e afastou-se sem jeito. — Oh, eu sinto muito pela morte de Tanya — murmurou.

— Acho que ela não merecia esse fim, mas sim, *Niavka*, sou um homem livre e disponível para retornar à Irmandade.

Ela ergueu as sobrancelhas depois as baixou irritada com a declaração.

— É isso que quer? Retornar a libertinagem?

— Sou um homem livre agora, não sou?

Joanne o encarou. Acenou para que a babá entrasse com a filha e começou a pegar os livros que deixara na espreguiçadeira ao lado.

— Para onde vai? — Observou a mulher amada recolher suas coisas com uma fúria incontida e segurou o riso.

— Voltar a Londres — resmungou magoada. — Tia Flora tomará conta de você. Não necessita mais dos meus préstimos de babá.

Deixou um livro cair.

— Não preciso mesmo! — Segurou o riso novamente.

— Ótimo! Então siga com sua vida dissoluta espalhando suas malditas rosas negras por aí, enquanto eu seguirei com minha vida e nossa filha. - grunhiu.

— *Niavka...*

— Acho que já dissemos tudo um para o outro.

— *Niavka...*

— Se quiser ver Irina, terá passe livre.

— Joanne... — Levantou-se tentando correr atrás dela. — Jo, por favor, eu não consigo correr ainda.

Ela deteve-se e começou a bater o pé, impaciente.

—Quero voltar a Londres ainda hoje, Alexander. Se me der licença e já que estou dispensada do cargo de sua babá, irei embora.

— Está dispensada do cargo de babá, mas não dispensá-la-ei do cargo de futura grão-princesa de São Petersburgo. — Sorriu.

— O quê?! Não sei se entendi bem... Repita em um inglês decente, pelo amor de Deus!

Ele resmungou em russo.

Ela irritou-se.

— Menos russo, mais inglês, seu russo estúpido!

Alex ajoelhou-se com dificuldade e a encarou.

— Estou tentando pedi-la em casamento pela segunda vez, *der'mo!* — rosnou com uma careta de dor.

— Comigo?!

— Não, com tia Flora! — Tentou levantar-se e foi ajudado por ela.

— Não precisa ser tão malcriado! — Apontou o dedo para ele.

— Não precisa ser tão sensível! — Riu e inclinou a cabeça. — Entrou em seu período?

Ela arregalou os olhos, abriu a boca, fechou-a logo após, sem saber o que responder. Depois de um breve momento perguntou.

— Quer que eu responda se meu período veio ou se me caso com você?

— Os dois. — Gesticulou.

— Não e sim.

— Não quer se casar comigo?!

— Não, meu período não veio e sim, eu me caso com você, russo estúpido! Casaria com você se me pedisse por mais outras quarenta mil vezes!

Abraçou-o apertado arrancando um gemido mais alto.



Quatro meses depois, Capela de Our Lady of the Roses,

Rainbow Hall...

Joanne entrou nos braços amorosos do pai, em um vestido azul claro, tendo Irina como daminha de honra, três padrinhos de casamento babões e uma madrinha revoltada que recusou-se a fazer par com um dos referidos

padrinhos.

A cerimônia simples arrancou lágrimas generalizadas por todos conhecedores da história por trás de um casamento tão lindo e cheio de amor.

— Nunca vô *tê um dessi...* — Jane suspirou.

— O quê? — Cameron perguntou estudando o salão onde a festa se desenrolava.

Poucos convidados além da família e amigos íntimos, pouca caça, nada de rosas para o irlandês hoje.

— Casamento assim tão lindinho! *Pareci coisa di* princesa!

— Mas é, levando-se em consideração que Alexander é um Príncipe de verdade e agora sua amiga é uma princesa de verdade — Andree resmungou.

— *Num falu cum* você! — Trocou de lugar empurrando Sebastian para o lado.

— Escute aqui, mocinha... — Jean começou enquanto os dois amigos sorriam.

Ela deixou o grupo seguindo em direção às portas do jardim com Andree em seus calcanhares.

— Hummm... — Cameron riu. — Vai acabar em briga.

— Grande novidade! — Sebastian observou os dois gesticulando cada vez mais, ambos disputando qual levaria o prêmio de: a *carranca do ano*.

Alexander passou falando com os seletos convidados, logo a seguir agarrou Andree (a um ponto de esganar Jane) pelo braço e arrastou-o até os amigos.

— O que está acontecendo? — perguntou para o francês bicudo.

— Jane resolveu tirar-me do sério novamente! — rosnou procurando pela

garota.

— Andree... — Bastian pousou a mão em seu ombro.

— O quê? — Empurrou o irlandês para o lado quando se viu bloqueado pelo mesmo.

— Andree... — Cameron riu bloqueando maldosamente a visão do francês.

— O quê?!

— Jean Claude! — Alex o sacudiu.

— O quê?! — rosnou tentando acertar Cameron.

— Está cego, meu amigo — Alex começou.

— Claro! Tenho um burro irlandês empacado na minha frente! Como quer que eu veja?!

— Não! — Sebastian riu.

— Não? — Ele titubeou sem entender.

— Não é isso. — Bastian riu um pouco mais.

— Então o que é, porra?! — quase gritou novamente.

— Apaixonou-se, Jean Claude.

Andree abriu a boca, franziu o nariz sem saber muito bem se entendera o que fora dito e quando deu ciência do significado da sentença, mirou os amigos, um por um.

— *NON!* — Sacudiu veementemente a cabeça.

— *Non* o quê? — Joanne aproximou-se e foi beijada pelo marido.

— Andree e Jane — Sebastian puxou.

— Ah! Ele já descobriu que apaixonou-se por ela? — Joanne sorriu contente.

— *Non!* — Andree gemeu alto.

— *OUI!* — responderam em unísono.

— Quer ver uma coisa? — Joanne olhou ao redor. — Leonard? Poderia vir aqui, por favor?

O irmão aproximou-se.

— Sim, Joanhinha? Rapazes?

— Andree e Jane — ela disse.

— Ele já descobriu que quebrou as rodas da carroça por ela? — Sorriu curioso.

— *NON!* Vocês enlouqueceram! — Recuou.

— Quem enlouqueceu foi você, meu caro amigo — Cam afirmou.

— Sim, primeiro o russo, agora o francês... — Bastian filosofou.

— Me tira dessa! — Cameron murmurou. — O irlandês definitivamente não faz parte dessa lista! — Riu. — Logo, o próximo será o inglês.

— Eu?! — Bastian mirou o amigo. — Você primeiro, *filhote de leprechaun!*

— *Bebedores de chá* fazem as honras...

— Depois dos *Comedores de batatas*...

— Ei, para onde vai, maluco? — Alex interrompeu a discussão tentando segurar Andree.

— Para qualquer lugar longe dessa insanidade generalizada! — Continuou recuando.

— E Jane? Vai deixá-la sozinha? — Joanne perguntou rindo.

— Cam a acompanhará — gritou de longe.

— Eu?!

— *Oui!* — Saiu correndo.

— O mundo gira, o tempo passa, mas ninguém escapa das garras do amor... — Alex murmurou.

— Isso foi profundo e lindo. — Joanne esticou-se e beijou-o.

— Alguém tem que manter a Irmandade — Cameron comentou.

— Sim... Nós dois. — Sebastian socou o braço do amigo.



Um mês depois, Baile do conde de Trevand...

O debut oficial de Jane foi um sucesso. A aristocracia encantou-se pela moça simples, de uma beleza impar e de encantadores modos, principalmente o contingente masculino.

Jane nunca dançou tanto, nunca sorriu tanto, nunca se divertiu tanto.

Andree nunca se aborreceu tanto, nunca rosou tanto, nunca se controlou tanto para não marcar duelos com alguns convidados mais afoitos, mesmo porque fazê-lo tomaria sua agenda até quase o fim da Temporada, se estivesse vivo até lá.

Sebastian e Cameron juntos perto das janelas nunca se divertiram tanto com a aflição alheia, porém nunca se preocuparam tanto desde que Sacha e Joanne partiram para Paris em Lua de Mel. Motivo? O motivo acabara sua décima segunda taça de champanhe, já com a décima terceira na mão e olhos pregados na pista de dança.

— Vou até a cozinha. — Cameron entregou sua taça ao criado.

— Para quê?

— Jean precisará de minha mistura contra ressaca do jeito que está entornando champanhe.

— Preocupo-me mais em evitar que duelos sejam agendados até o baile acabar. — Apontou para um lobo francês circulando o campo de caça vendo sua presa particular ser acossada por outros membros da matilha.

— Pelo jeito não passará de hoje. — Cameron retornou para perto do amigo. — Melhor deixar esses dois sozinhos.

— Sabe muito bem o que acontecerá se os dois ficarem sozinhos. — Bastian riu.

— Andree não a seduzirá. Jane saberá defender-se. — Cam sorriu.

— Hum-hum... — Sebastian tomou um gole de bebida. — E se ela não quiser defender-se?

O irlandês franziu o cenho.

— Vou com você até a cozinha. Quero comer algo mais substancial além de pequenos sanduíches.

Retornaram ao salão no oportuno momento de apartar Jean Claude do marquês de Lacroix.

— Não creio que precise exasperar-se assim, *monsieur!* — O marques retrucou. — Só perguntei se teria sua permissão para cortejar sua protegida.

— Acha que deixaria alguém como você cortejar Jane?! — Ergueu a mão e foi detido por Sebastian para ser carregado para longe.

Cameron balançou a cabeça condoído.

— Mil perdões, Lacroix. Jean Claude anda transtornado com a burguesia francesa e os prejuízos que causaram em uma de suas propriedades na França. Nada contra a sua honrada pessoa.

— A garota é desimpedida ou Marilac já...

Cameron segurou-se para ele próprio não socar o marques.

— A garota é uma pessoa muito especial para todos nós, inclusive para os Neddlethorn. A respeitamos pelo que é: uma joia de rara beleza em todos os sentidos. Protegemos nossos amigos e Jane é nossa amiga, principalmente a protegemos dos assédios de pessoas desclassificadas independente de que nível da sociedade elas estejam. — Encarou o abusado. — Entendeu? — Não esperou pela resposta. — Se me der licença...

— Claro, claro. Concordo com você, lorde O'Shea. Tem toda a razão de cuidar tão bem de tão bela joia.

Seguiu adiante e juntou-se aos dois amigos.

— Eu vou bater em você, Jean! — rosnou agarrando a primeira bebida que encontrou pela frente. — Mandarei uma conta pesada por meus préstimos como diplomata. Você me deve, *comedor de baquetes*, por ter que aturar Lacroix, sabendo o quão irritante ele é.

Tomou o conteúdo da taça em um só gole.

— Vocês me devem... — Andree sorriu. — Devem... é... — Ergueu os olhos e movimentou os dedos com ar pensativo. — Vinte e cinco mil libras. — Riu. — Aposto feita, aposta ganha. Ninguém sequer cogitou a verdadeira origem de Jane.

— Ela ganhou, esqueceu? O dinheiro é dela, *eejit!* — Cameron resmungou novamente.

— Eu sei, eu sei... — balbuciou arrastado.

— Além do mais, de posse do dinheiro Jane não terá razões para manter-se sob o mesmo teto que você — Sebastian espetou maldosamente.

Andree o encarou como se isso fosse uma hipótese absurda.

— Eu não havia pensado nisso.

— Para que preocupar-se? Você não gosta mesmo da garota. Logo, logo, ela sumirá de sua vida e você poderá retornar a sua rotina na Irmandade. Ainda somos três libertinos ou não somos mais? — Sebastian esticou a mão.

— Sim! — Cameron pousou sua mão sobre a dele.

Andree não se mexeu. As últimas frases do visconde seguiam abrindo seu coração como uma faca quente na manteiga.

— Jean! — Cam piscou para Bastian.

— *Oui...* — sussurrou pousando sua mão sobre a dos amigos. — Sim, somos uma Irmandade.

O baile seguiu, os convidados se foram, inclusive Sebastian e Cameron que desistiram de tentar levar Andree para o clube.

Por fim ele resolveu internar-se no escritório com uma garrafa de conhaque com as palavras de Sebastian ecoando em sua mente.

— Maldito inglês! — resmungou arrastado pela bebida. — O que houve comigo? O que mudou, *merde*! — Encheu o copo mais uma vez. — E daí se vai embora? O que me importa? — Bateu os ombros examinando a coloração da bebida à luz da lareira. — Sou o que sou e não deixarei de ser o que sou por causa de uma mulher. — Bufou. — Que se vá! *VIVE LA LIBERTE!*

Ergueu o copo num brinde trôpego.



No andar de cima Jane insone pelo excitamento do dia resolveu levantar-se. Talvez um pouco de leite quente a ajudasse a conciliar o sono. Seu estado de espírito flutuava entre o ânimo das descobertas de um mundo adverso ao seu e o desânimo pelo frio tratamento por parte de seu protetor. Os dois evitavam-se desde aquele beijo, ele fugia dela como se ela portasse a Peste; isso doía, queria muito ter dançado com ele mais vezes além da obrigatória dança de abertura onde Andree a tratou como uma total estranha. Seu coração magoado ponderou a possibilidade de procurá-lo para saber a razão de tal comportamento, mas quando o fez, ele havia sumido.

Levantou-se pegando um xale, uma vela e desceu. Ao chegar à base da escadaria, um barulho de vidro quebrando chamou sua atenção. Decidida a flagrar o ladrão seguiu até a origem do som e encontrou quem tanto queria no escritório.

— Andree! — Entrou mantendo-se nas sombras.

— Vá embora! — gemeu. — Você é somente fruto da minha imaginação doentia.

— Não... Sou eu, a Jane. — Acercou-se da lareira.

Andree mirou-a boquiaberto. A garota simplesmente não fazia ideia do que acontecia no exato momento?! Não passou por sua cabeça que a maldita camisola que vestia não escondia nada em contraste com as chamas da lareira?

— Oh, *mon Dieu!* — gemeu baixando a cabeça.

— Está sentindo alguma coisa? Quer que eu veja se tem algo errado com você?

Ele desviou os olhos dela para o seu próprio corpo e voltou a gemer. Sim, havia algo de errado com ele e que ficava cada vez mais errado conforme a

olhava.

— *Non! Non* se aproxime! — Ergueu a mão para detê-la.

— Por que me odeia tanto? O que eu fiz de errado? — Começou a chorar.
— Não aprendi tudo que me ensinou? Não me comportei como queria?

Limpou as lágrimas com a ponta do xale.

— Pare de chorar, mulher!

O volume dos soluços aumentou.

— Por Deus, Jane... — Ergueu-se pouco ligando se ela notaria ou não sua excitação, adiantou-se puxando-a para si abraçando-a ternamente. — Você aprendeu tudo com louvor e comportou-se como uma verdadeira dama, *ma chere*. Não fez nada de errado e eu não a odeio.

Limpou suas lágrimas.

— Então por que me trata de maneira estúpida? — Soluçou enterrando o rosto no colete dele.

Andree ergueu-lhe o queixo até seus olhos se encontrarem.

— Porque quero poupá-la de sofrer, *ma chere*. Você merece um homem honrado e normal.

— Mas você é honrado e normal! E bom e amigo e bonito e... — Não completou.

Ele a calou com um único e casto beijo.

Ela tremeu em seus braços.

Ele a afastou um pouco.

— Por que me beijou? — sussurrou tocando os próprios lábios.

— Porque eu precisava muito beijá-la novamente.

— Por quê?

— Porque é a nossa despedida, *ma petit* Jane.

— Quer que eu volte para as ruas?! Quer que eu seja feliz longe de você?
— O encarou.

Andree a estreitou com mais força.

Ela gemeu.

— Jane, você tem dinheiro suficiente agora para não precisar mais vender flores pelo resto de sua vida. Você tem nossa amizade e apoio. Abra uma loja de flores, case, tenha filhos, seja feliz. — Acarinhou seu rosto.

— Mas e você?

— Eu mereço o inferno para onde todos os dissolutos fatalmente vão.

— Não! Você é um bom homem apesar de ser francês e idiota.

Ele sorriu.

— E você é uma boa mulher apesar de ser teimosa como uma mula! — Beijou a ponta de seu nariz.

— Jean?

Ele arfou pelo uso do nome.

— Sim?

— Por que me beijou?

— Porque eu precisava, já disse...

— Quero a razão... a verdadeira.

— Não vale a pena saber.

— Diga.

— Não vale a pena, Jane.

— Fiz tudo que quis; você me deve isso! — resmungou.

Ele suspirou.

— Eu amo você — declarou em voz rouca e afastou-a totalmente seguindo para a lareira. — Satisfeita? Acho que me apaixonei na hora que peguei seu patético chapéu na pista de Rotten Road, aquele com um imenso girassol pendurado. Só que você merece uma pessoa melhor, então melhor que vá embora e esqueça o que acabou de ouvir. — Gesticulou derrotado. — Seja feliz, *ma belle*.

Rezou para que saísse, que deixasse o cômodo, a casa, sua vida, pelo bem dela e da sua sanidade, mas ao invés de vê-la sair correndo, ela veio em sua direção procurando pelo abrigo de seus braços.

— Mulher tola! — gemeu.

— Francês estúpido! — rebateu.

Ele distribuiu pequenos beijos por onde podia arrancando uma risadinha dela.

— Amo você, Jane Boring.

— Amo você, Jean Claude, mesmo sendo um mulherengo idiota e trocando o meu sobrenome por uma piadinha sem graça.

Foi beijada. Primeiro um mero contato como se ele temesse sua reação. Então, para mostrar que seus sentimentos eram recíprocos, embrenhou os dedos nos cabelos acima colando o seu corpo no dele. Automaticamente o beijo mudou de casto para devasso.

Andree invadiu sua boca com a fome do desejo acumulado provocando

nela sensações que nunca sentira antes em sua vida.

— Jane... — sussurrou em seu ouvido mordiscando o lóbulo de sua orelha. — Preciso tanto de você, *ma chere*... — gemeu pressionando seu corpo para que ela entendesse o peso de suas palavras.

— Tipo homem e mulher? — perguntou entre seus lábios.

— Tipo homem e mulher — respondeu com um sorriso.

— Ah... — Jogou a cabeça para trás liberando acesso ao pescoço.

— *Non* alimente um fogo que sabe *non* poderá manter, mulher. Isso é uma tortura para mim.

Deslizou os lábios da garganta até o limite dos seios quase desnudos quando os botões da camisola foram discretamente abertos.

— Quero mais... — gemeu.

— Decididamente você não sabe o que está pedindo. — Correu as mãos pela lateral do corpo macio tocando levemente os seios e engoliu o gemido dela em sua boca.

— Quero mais — voltou a pedir.

— Jane, por favor...

— Mais, Jean... — Puxou-o para perto, seus dedos trêmulos lutando contra os botões do colete dele.

— Ah, Jane... — Pegou-a no colo e riu com o gritinho surpreso. — *Non* aqui, *mon amour*.

Subiu cambaleante as escadas quase caindo devido aos efeitos do álcool consumido.

Jane se viu no próprio quarto quando foi pousada delicadamente no chão enquanto Jean Claude trancava a porta. Retornou, despiu-a como se retirando

as pétalas da própria rosa que costumava distribuir; deitou-a suavemente sobre os lençóis e despiu-se.

Andree foi extremamente cuidadoso, quase reverente. Conduziu-a até onde a queria e quando sentiu que estava pronta, a fez sua mulher levando ambos a um êxtase que ele nunca experimentara em anos de libertinagem desenfreada. Por fim dormiram abraçados, felizes e satisfeitos ao som da chuva nas janelas.

O dia mal amanhecera coberto por nuvens carregadas e friorentas quando Jean Claude acordou para encontrar Jane dormindo enroscada dele.

O pânico dominou-o por completo. Sacudiu a garota, esfregando seus olhos no intuito de acordar deste sonho desvairado.

— Jane!

— Bom dia, Jean... — Espreguiçou-se languidamente.

— O que eu estou fazendo aqui?! — perguntou mirando o próprio corpo nu depois o dela.

— Não se lembra? — Jane sorriu. — Você confessou que me amava e nós... foi maravilhoso, Jean! Estou tão feliz!

— *Non, non, non, non, non, non, non!* — Agitou os braços em desespero. — Erro, erro, erro! *Non* era para ter acontecido! Foi errado! *Oh, mon Dieu!* Tudo errado!

— O... quê? — ela gaguejou.

— Eu não queria, *merde!* Não queria fazer isso, não com você! — gemeu.

— Se... arrependeu? — balbuciou.

— *Non*, sim, *non*... eu *non* sei! — Esfregou os cabelos. — Preciso me vestir... — Catou a roupa e abriu a porta. — Preciso pensar, preciso de um tempo sozinho — declarou e sem olhar para trás, se foi.

Jane encolheu-se chorosa. Sua criada de quarto chegou, ajudou-a vestir-se e logo após desceu correndo carregando consigo todo o dinheiro que tinha em uma pequena bolsa escondida no vestido mais simples que tinha.

Andree vestiu-se pensativo. O choque inicial passara, ele precisava conversar seriamente com Jane. Seguiu direto para seu quarto esbarrando com a criada de quarto retirando o lençol manchado. Seus olhos pousaram na prova do crime cometido depois vagaram pelo cômodo à procura de sua vítima.

— Onde está Jane?

— Bom dia, milorde. A Senhorita desceu apressada. — A criada evitou o olhar surpreso adiante.

— Obrigado.

Desceu correndo e esbarrou com Cameron apreensivo.

— Brigou com Jane?! — perguntou retirando as luvas.

— Bom dia para você também.

— Brigou com Jane, Andree?

— Por quê?

— Porque ela passou por mim como se tivesse com o próprio demônio em seu encalço, chorando horrores e saiu nesse clima miserável sem qualquer abrigo antes mesmo que eu tivesse tempo para detê-la. Brigou com Jane?

Andree baixou a cabeça e balançou-a negativamente e Cam entendeu tudo.

— Não acredito... — ofegou. — Como pôde?! Como teve coragem, seu... *mac soith!*^[38] — Socou o amigo e dirigiu-se para a porta. — Espero achá-la, Andree e quando a fizer, você nunca mais porá os olhos nela, por minha honra!

Empurrou o mordomo e saiu batendo a porta.

— Prepare a carruagem, Marceau, e avise Sebastian que Jane desapareceu.

— Sim, Vossa Graça. — Virou-se e voltou. — Perdões, Vossa Graça, mas a menina saiu sem um agasalho nesse tempo horrível. Posso providenciar alguns empregados para procurá-la nos bairros mais afastados.

— Sim, Marceau, faça isso, por favor.

— Será feito, Vossa Graça. Não se preocupe, iremos achá-la. — Retirou-se.

Andree sentou-se na escada com o coração apertado e a alma aos pedaços por fazê-la sofrer. Tudo que queria agora era trazê-la de volta e tê-la sã e salva em seus braços.

CARLA DE SÁ

A IRMANDADE DA ROSA
LIVRO 2

O CONDE *Arrependido*

Capítulo 1

No princípio Jane vagou sem destino, tão cega pela dor, pelas lágrimas e pela chuva que escorria por seus cabelos, trazendo umidade aos seus ossos e dormência ao seu corpo, menos ao seu coração.

Aos poucos a paisagem mudou drasticamente, as elegantes mansões de Mayfair e arredores deram espaço para cortiços sujos e descascados, assim como sempre fora o lado pobre de uma Londres rica em contrastes onde o miserável sobrevivia paralelo à vida confortável da aristocracia e da classe média em ascensão. Sem dar-se conta voltara ao seu habitat natural, o mundo no qual nascera e crescera, diminuiu o ritmo dos passos apressados, virou uma rua, entrou em um beco parando automaticamente diante de um prédio decrepito onde algumas crianças maltrapilhas brincavam com um aro e mulheres estendiam roupas nos varais esticados entre as construções. Pelo menos parara de chover.

— Moça, moça! Mi dá um penny?

Ela baixou os olhos para o garoto abaixo.

— Num tá mi reconhecendo não? — Fungou limpando o rosto na manga do vestido.

Paul a observou com um ar entre o desconfiado e o avaliador.

— Sou eu, seu tolo! A Jane! — Espirrou.

As mulheres largaram a roupa que penduravam.

— Jane?!

Uma delas veio correndo.

— Sarah? — ela virou-se e apressou os passos na direção da amiga se jogando chorosa em seus braços.

— Ai, Jane! O que houve? Cê tá insopada, minina! Vem! Vamu toma uma coisa prá isquentá i tirá essa ropa molhada. — Empurrou-a carinhosamente para o segundo andar do prédio em frente onde o pequeno apartamento abrigava seu marido John, os filhos Mary e Marion, além de sua

irmã Caroline, seu marido Mark e filhos Joseph e Paul.

Jane olhou a pequena sala onde ela dormia com as crianças, a lareira acesa carecia de lenha, um sofá roto cujo pé fora substituído por dois tijolos recebera uma cobertura de crochê de flores coloridas graças aos fios de lã recolhidos pela vizinhança mais abastada, era onde ela costumava dormir. Seguiu atrás da amiga; os outros cômodos não mudaram: o também pequeno quarto era dividido por um lençol velho, porém imaculadamente limpo com duas camas para cada um dos casais e o terceiro e último cômodo, uma pequena cozinha ostentava um humilde fogão, onde uma chaleira meio amassada apitava alegremente avisando que a água para o chá sempre estaria pronta para quem quer que precise se aquecer.

— Mi conta o que aconteceu. — Foi até um armário feito de madeira de demolição e retirou um vestido de dentro. — Eu guardei suas coisa. — Ajudou Jane a se trocar, depois sentaram-se no sofá da sala com duas canecas de chá ralo.

— Eu saí pra vende minhas flor, fui atropelada por um nobre qui tava andando di cavalo feito um burro! — riu. — Um burro num cavalo... — Suspirou. — Ele mi levo prá sua casa, chamo um dotor qui dissi que eu machuquei meu pé i não podia fica andandu.

— Dispois o que aconteceu?

— Dispois ele mi deu cumida, comprô vestidos, mi ensinou a mi comportá como uma dessazinhas madama. Eu cunheci muita gente boa, sabi? Bunitos como um demônio, alguns isquisitos, outros não. Fiz amigos e amigas.

— E esse talzinho?

— Era um francês idiota.

— Francês?!

— Um francês, um ingrês, um russo i um irlandês. Tudu amigo, sabe? Tudo bunito, o russo parece o filho do demo di tão lindo. Fui no casamento

dele, sou amiga da isposa, ele é um príncipe.

— Nossa! — Sarah riu. — E os outro?

— O inglês é boa pessoa, bunitinho, mas sem sal. O irlandês é meu melhor amigo. Ele é diferente, fala qui nem nós.

— É bunito?

— Muito. — Sorriu.

— E vocês...

— Não! Cameron é só amigo memo.

Sarah a encarou.

— E o francês?

Jane baixou a cabeça, face tomada pelo rubor.

— Jane?

As lágrimas começaram a cair.

— Ah, Jane! — Sarah a abraçou e embalou. — Ele fez alguma coisa cum você? Qué que Mark e John faz algo?

— Não! Ele não fez nada que eu não permitisse. Eu me entreguei praque quiria muito. Eu amu ele... — Soluçou alto.

— E ele?

— Ele disse que mi amava, mais nu dia seguinte ficou confuso, disse que se arrependeu do que fizera e não sabia o que fazer... Por isso eu resolvi fugir. Eles fizeram uma aposta, sabe? Se conseguissem enganar a aristocracia sobre eu não ser uma dama de berço, eu ganharia muito dinheiro. Eu os enganei, Sarah... Enganei a todos eles!

— Tá falandu qui nem uma dama.

Ela misturou lágrimas com riso.

— Qué dize qui você tá rica? — Puxou um lenço roto do bolso de sua saia e limpou o rosto da amiga.

— Qué dize qui eu vô comprar uma casa para a gente morar. Casa nova com quarto pra todo mundo, uma cozinha grandona i tudo qui nós merece i precisa. Num vamo fica aqui não, Sarah, mesmo proquê o idiota francês pode aparece, não, ele não. Andree num mi qué, mas o irlandês dos inferno... ele sim, ele é capaz di mi procurá.

— Mas você ama u francês.

— É... — Suspirou apertando o lenço entre as mãos inquietas.

— E esse irlandês é só amigu memo.

— Cam é um doce pateta e é amigo. Rico, mas humilde, você ia gostar dele, Sarah.

— Cê vai compra uma casa?

— Prá nós todo morar. Num vou deixa vocês aqui, são a minha família, sempre foram. Adispois, eu quero comprar uma loja di flor, não aqui em Londres, em outro lugar qualquer da Inglaterra. Os homem pode trabalha prantando flor i nós vende tudo. Qui se acha da ideia?

— Eu amei! — Bateu palmas animadas.

— Vou falar com meu advogado. Agora eu tenho um sabe? Ele qui toma conta du meu dinheiro.

— Mas esse divogado num vai falá cum os outro onde você tá?

— Não. O velho é di confiança. Num tem pobrema não.

— Ah, Jane... Eu sinto muito pur tudu.

— Eu também.

— Mi conta mais sobre os vestidu e as festa e como é esse seu francês bonitão idiota.

Ela sorriu.



A noite caiu, os empregados retornaram desanimados por não conseguirem sequer uma pista que apontasse para onde a *Senhorita Fugitiva* que tanto os cativara pudesse ter ido.

Cameron seguiu para o White's tão desapontado quanto Andree apático, jogado no sofá ao lado de Sebastian que tentava retirar a taça cheia de conhaque das mãos do amigo.

— Se embebedar a essa altura não adiantará nada, Andree. — Bastian puxou entornando uma parte da bebida sobre os sapatos.

O francês rosnou irritado.

Cameron entrou. Mesmo com a proteção da capa encontrava-se molhado e enregelado até os ossos, seus pés doíam depois de ter percorrido uma boa parte de Londres, pelo menos àquelas recomendáveis devido ao horário. Largou a capa no chão antes mesmo que o criado de libré tivesse oportunidade de ajuda-lo a retirá-la e seguiu batendo os pés até a sala particular da Irmandade. Abriu as portas e entrou. Ignorou o francês em prol de poupar o cômodo de uma destruição total já que o que mais queria no momento, além de encontrar Jane, era socar a cara de Jean Claude até seus dedos sangrarem e seguiu direto para o aparador onde se serviu de uma dose tripla de whiskey que desapareceu em três goles.

— Nenhuma pista... — murmurou virado para a lareira e bebendo mais um pouco do copo que voltara a encher.

— Eu também não achei nada. — Andree deixou escapar num fio de voz.

O copo de whiskey foi parar dentro da lareira aumentando dramaticamente as chamas, o que fez com que Sebastian pulasse assustado.

— Nunca... — Cameron agarrou a gola da camisa de Andree e o ergueu encostando os narizes. — Nunca mais ouse falar comigo... Não me dirija à palavra, sequer me olhe! — Jogou-o de volta. — Eu lhe considerava um irmão, du Marilac, mas definitivamente você não soube respeitar o que nós tínhamos de mais valioso: nossa amizade e a inocência de uma garota que não fez nada além de se apaixonar pelo grandessíssimo filho da puta que você é!

— Eu amo Jane. — Rebateu em voz rouca.

— Alguém pode, afinal, me contar o motivo da garota de fugido? — Sebastian retirou a garrafa de conhaque de perto do amigo antes que ele pudesse alcançá-la.

— Eu explico: Seu amigo ali não manteve o pênis dentro das calças. — Cameron rosnou cada sílaba em puro sotaque irlandês cada vez mais carregado pela raiva sentida.

— Você, o quê?! — Bastian encarou Andree.

— Ele a fodeu como sempre fez com todas que conheceu. Fodeu e no mínimo a dispensou logo depois. — Girou o corpo dando as costas. — Ela não valeu nem mesmo uma rosa, não foi?!

— Você e Jane... — O inglês ergueu as sobrancelhas.

Andree gemeu e pousou a cabeça entre as mãos.

— Não seduzimos... — Sebastian começou.

— Ele a seduziu, fodeu, arrasou sua virgindade e a dispensou como se dispensa uma rameira devidamente bem paga pelo serviço. — Outro copo na lareira.

— Eu não a seduzi... ela me seduziu. — Comentou entre as mãos.

Cameron pulou sobre Jean Claude e um segundo depois, os dois rolavam pelo chão, com Sebastian refugiado no canto da sala.

— Ai, meu sacrossanto saco! — Ele revirou os olhos. — Cameron, largue Andree, pelo amor de Saint Patrick! Socá-lo agora não vai ajudar a trazer Jane de volta.

— Mas alivia meu ódio! — Rolou para cima do francês e acertou o olho abaixo.

— Quem vê essa cena, vai pensar que essa é uma clássica briga por demarcação de território. — Sebastian cantarolou.

Cameron deteve o golpe no meio do trajeto e encarou o visconde.

— Ela é como uma irmã para mim... Não se atreva a cogitar qualquer coisa diferente disso, a não ser que queira apanhar também. — Limpou o sangue da boca que pingava na camisa que já fora branca, depois levantou-se desequilibrado, pisando sobre o estômago de Andree ao passar por ele em direção à porta. — Amanhã recomencarei a procura-la, vai me ajudar? — Perguntou a Sebastian.

— Considero Jane uma irmãzinha tanto quanto Joanne. Claro que ajudarei, mas acho que temos que permanecer unidos, afinal, somos uma Irmandade ou não?

— NÃO! — Ambos responderam ao mesmo tempo.

Sebastian bufou e revirou os olhos mais uma vez.

— E pensar que Alex vai demorar uma eternidade para voltar... — Sussurrou para si próprio e correu para erguer Andree que conseguira agarrar-se à garrafa de conhaque e dispensara o copo.



Jane fora recebida carinhosamente no seio das duas famílias. Mark e John

quase enlouqueceram de raiva quando ouviram uma versão branda do que acontecera com ela, depois quase enlouqueceram quando souberam da proposta de um novo trabalho em um novo local. Jane então entrou em contato com Mr. Wickelow, o advogado que rapidamente se pôs a disposição para ajuda-la a encontrar uma propriedade apropriada fora do centro urbano ou fora de Londres. Alguns dias depois entrou em contato para avisá-la de que conseguira dois lugares promissores e esperava que ela mesma os avaliasse. Então, Sarah seguiu com sua amiga a título de dama de companhia.

Do outro lado da cidade onde o resto da semana passou mais rápido do que o necessário, depois de Londres ser quase toda escaneada nas áreas da aristocracia e bairros de classe média, Cameron por fim bradou em alto e bom tom que se necessário fosse procuraria por Jane até debaixo das anáguas de Sua Majestade, a Rainha Victoria, enquanto Andree ficava cada vez mais deprimido.

Sebastian, o ponderado, tomou as rédeas em suas mãos e resolveu coordenar os esforços de busca até chegar a inevitável conclusão de que só sobrara a zona de onde a própria Jane se originara: as áreas pobres da cidade. Resolveu então que o melhor a se fazer seria a turma zanzar em duplas armadas. Andree ouviu tudo na mesma apatia de sempre. Cameron do lado oposto da mesa mirou o agora ex-amigo com um olhar fulminante. No dia anterior, ele ameaçou o francês de leva-lo a duelo caso descobrisse que algo mais grave acontecera à Jane e por mais que fosse conhecido como *O Lorde Mediador* pelos mais chegados, Sebastian sofreu o pão que o diabo amassou para demovê-lo da ideia.

O fato era que Sebastian Cade Niel Bowell, o Visconde de Riverdall, se viu ilhado em meio a um mar de preocupações e dores de cabeça: Preocupado com a pobre Jane; preocupado em manter Andree vivo e Cameron longe dele; preocupado com o abatimento do Conde de Trevand cada vez mais visível; preocupado com a dissolução de amizades que perduravam por tantos anos; preocupado em pagar todos os prejuízos gerados pela nova guerra em pleno território inglês, na verdade, bem debaixo das saias de Sua Majestade, mais conhecida como Guerra Franco-Irlandesa e suas desastrosas consequências para ambos os lados; preocupado com sua vida normal (sim, ele já teve uma,

um dia); preocupado com sua reputação e com o aumento desesperador do contingente feminino carente e sequioso por atenção; preocupado com a administração de seus bens; preocupado com os bens alheios não administrados; preocupado com o fato de ter escrito para Alexander quase exigindo o retorno do casal antes de enlouquecer de vez e, por fim, preocupado que, de alguma forma, esses assuntos fossem parar nos ouvidos privilegiados da corte, mais precisamente num par de orelhinhas reais. Suspirou jogando-se no sofá de seu escritório; estava cansado. Não, exausto seria o termo correto. Sabia que Jane não deixaria rastros se não quisesse, mas ele era um estrategista nato, todo esse zunzunzum aflito de um lado ao outro não traria os resultados esperados. Parar para pensar, coletar dados e fatos, extrair conclusões lógicas, armar um plano de ação, isso sim geraria alguma coisa. Era o mesmo que se jogar em meio a um cardume de arenques e querer capturar um com as mãos nuas. Não bom, não bom.



A Grã Princesa de Sotchi, Joanne Needlethorn Georgiy Sotchi agradeceu a criada que trouxera a correspondência. Sentada aos pés de um carvalho na propriedade deles em Paris, parou o cafuné no marido cuja cabeça descansava em seu colo. Entre as cartas da Inglaterra, ela sorriu ao reconhecer a letra.

— Alex, carta de Sebastian.

— Abra, *kukla* [\[39\]](#), por favor. — As palavras arrastadas pelo sotaque continuavam a encantá-la. — Pode ler em voz *alto*? Tão bom ficar *deitada* no seu colo!

— Pode ler em voz *alta*? Tão bom ficar *deitado* no seu colo, seu russo tolo! — O beijou e desdobrou o papel.

Caros amigos,

Espero que esta missiva os encontre felizes e bem dispostos.

O motivo para tão rude interrupção é dirigido principalmente a Sacha, logo, este humilde servo lhe pede mil perdões, minha cara Joanne.

Sacha, a Irmandade necessita urgentemente de sua ajuda...

Alexander sentou-se desajeitado pela falta de uma parte do braço direito perdido na guerra e encarou a esposa com o cenho franzido, pedindo para que continuasse.

Aparentemente nosso querido Frances idiota seduziu sua pupila (apesar de afirmar categoricamente que se deu o oposto), o que gerou a fuga desenfreada da mesma para só Deus sabe onde, ocasionando o início da Batalha Franco-Irlandesa em plena Londres já que Cameron o atacou por... Ammm... Três vezes se contar minha distração de hoje no White's, além de tentar provocar, pela segunda vez, um duelo. A Irmandade da Rosa corre perigo de naufragar, moy brat,^[40] e esse que vos escreve necessita desesperadamente de ajuda; se assim não fosse, juro por minha honra, não incomodaria vocês.

Sei que Joanne será de grande ajuda quando Jane for localizada, espero que brevemente; eu não aguento mais ver esses dois se estapeando e esmurrando quando a oportunidade aparece, quero dizer, quase sempre.

Meu caro Sacha, querida Joanne, antes que eu enlouqueça ou Cameron e Jean Claude se matem, por favor, nos socorram.

Meus mais respeitosos votos de carinho e amor,

Seu irmão de coração,

Sebastian.

Joanne dobrou o papel e continuou boquiaberta até explodir em uma gargalhada gostosa.

— Metade de Paris a ouviu agora. — Aceitou a carta do amigo.

— Perdão... — Levou a mão à boca. — Tinha quase certeza de que algo parecido com isso acabaria acontecendo.

— O quê?

— Jane ama Jean Claude.

— E o parvo a ama também. — Sorriu divertido.

— Mas se ele a ama, o que deu errado?

— Garanto que foi um mero reflexo de auto preservação. Ele deve ter entrado em pânico no dia seguinte e fez merda como sempre.

— Jane sentiu-se rejeitada e voltou para a vida que tinha. Precisamos encontrá-la, Alex. Se realmente houve sedução, minha amiga pode estar esperando um filho de Andree.

— Sim, vamos ajudá-los.

— Darei ordem para arrumar as malas. — Ia saindo e foi puxada para perto.

— Me desculpe, *kukla*... nossa Lua de Mel...

— Continuaremos assim que tudo se resolver. — Esticou-se na ponta dos pés e o beijou.

— Escreverei avisando a Bastian de nosso retorno. — Apertou-lhe a ponta do nariz.

Joanne riu.

— Tenho saudades de minhas rosas pretas.

Ela parou de rir e franziu o cenho.

— Saudades como? — Pousou as mãos na cintura.

Alexander quase gargalhou.

— Saudades... Você sabe...

— Não se atreva... — Os olhos se estreitaram.

— Uma única noite...

— Sacha... — rosnou.

— Uma mulher carente de carinho...

— Alex... — Avançou dois passos.

— Uma única e exclusiva rosa...

— Alexander! — Grudou nele com o dedo em riste. — Não se atreva, russo estúpido!

Ele sorriu e depois gargalhou. Agarrou-a de surpresa, jogou-a no ombro sorrindo pelos gritinhos que ouvia.

— A única mulher carente de carinho para qual eu daria não só uma rosa por noite, mas todas as rosas do mundo por todas as noites de minha vida está me socando as costas nesse exato momento. — Gargalhou gostoso.

— Para onde vai me levar? — Ergueu a cabeça empurrando os cachos que agora dançavam em seu rosto.

— Para a cama.

— Não estou com sono!

— Não vai dormir... — Riu irônico.

Joanne sorriu e provocou.

— Então, o que faremos? Leremos?

— Tenho uma sugestão bem melhor.

— É? — Correu as unhas pela camisa até a cintura da calça e riu ao ouvir um gemido. — E qual seria essa sugestão bem melhor?

— Vamos fazer bebês!

Saiu correndo carregando seu saquinho de batatas esperneante.

Continua em

A Irmandade da Rosa – Livro 2

O Conde Arrependido

SOBRE A AUTORA

Carla de Sá é pseudônimo de Carla Ribeiro de Sá Pereira, nascida do Rio de Janeiro, bisneta de jornalistas, dublê de Bióloga, Guia de Turismo apaixonada e literário dependente.

Sofre de uma doença rara chamada de "Síndrome da Traça de Livraria".

Ler é seu vício, escrever seu oxigênio.

Escreve desde 2008, possui livros editados pela Editora PerSe, vários e-books pela Amazon, contos e um pouco mais de 33 projetos entre finalizados e em andamento.

Seu gênero literário é o Romance, com contos e livros em Romance Fantasia.

Adora a Mitologia Celta, ama gaita de fole, chuva, névoa, bodhráns e uma boa xícara de chá quente.

Participações:

Prêmio Kindle de Literatura 2016 – “Me Espera” - Participação.

Projeto Apparare - 2017 - Edição Crônicas e Alguns Contos - "O Som do Silêncio" - Editora PerSe. - Já lançado.

Projeto Antologia Imaginarium - Contos Fantásticos Luso-Brasileiros - "A Dama de Verde" – Já lançado – E-book Amazon.

Projeto Apparere - 2017 - Edição Coletâneas Entrelaçados - "A Dama de Verde" – Participação.

Exetinati - Contos e Lendas Indígenas. – Editora Avalon - 2018 – Antologia – “As lágrimas de Rudá” – Já lançado – E-book Amazon.

Editora Selída – Antologia “Amor em Folia” – “Para tudo se acabar na Quarta-feira” – 2018 – Retirado da Amazon por fechamento da editora. – Relançamento em nova antologia independente.

Editora Selída – Antologia “Love in May” – “O Pierrot & o Arlequim” – 2018 – Retirado da Amazon por fechamento da editora. – Relançamento em nova antologia independente.

Prêmio Kindle de Literatura 2018 – “Esse é o nosso Lar” - Participação.

Prêmio Kindle de Literatura 2018 – “O Chamado” - Participação.

Capas premiadas:

Antologia “E Agora?” – Projeto Apparere 2017.

Antologia “Universo Fantástico” – Projeto Apparere 2017.

Antologia “Amor por Patas” – Projeto Apparere 2018.

Livros já lançados:

Amazon:

“Me Espera” - E-book (relançamento 2018)

“Iolai – Livro 1 – A Origem” - E-book

”Depois da Tempestade” – Série “Depois” – Livro 1

“Depois do Arco-Íris” – Série “Depois” – Livro 2

“Esse é o nosso Lar” - E-book

“O Chamado” - E-book

“Sob a magia de New Orleans” Saga Sob a Magia – Livro 1 – E-book

Editora PerSe - Físicos:

“Um Fantasma em Minha Vida”

“Reencontros em Paris – A Romântica continuação de Um Fantasma em Minha Vida”

“Saga Ecos da Eternidade – Livro I – John – Parte 1”

“O Bardo e a Feiticeira”

Futuros lançamentos:

“Saga Ecos da Eternidade – Livro 1 – John – Parte 2”

Antologia “Entre o Cardo & o Trevo” – Contos celtas

“Depois da Escuridão” – Série “Depois” – Livro 3

“Na Batida de um Coração” – Relançamento 2019 – Físico.

Contatos, críticas e sugestões:

Facebook: <https://www.facebook.com/autora.carla.de.sa/?ref=bookmarks>

Site: <https://cspribeiro777.wixsite.com/carladesa-escritora>

Blog: <http://csp-ribeiro-escritora.blogspot.com.br/>

E-mail: carla.de.sa.autora@gmail.com

Instagram: [autoracarladesa](#)

Wattpad: [@CSPRibeiro](#)

Skoob: <https://www.skoob.com.br/autor/18314-csp-ribeiro>

Twitter: @CSPRibeiro

Goodreads: <https://www.goodreads.com/CSPRibeiro>

Não se esqueça de deixar a sua avaliação. A sua opinião é muito importante.

[1] Za zdorovje! – Saúde! Brinde em russo.

[2] Sláite! – Saúde! Brinde em gaélico irlandês.

[3] À votre santé! – Saúde! Brinde em francês.

[4] Cheers! – Saúde! Brinde em inglês.

[5] Banshee e Leprechaun – Integrantes sobrenaturais da mitologia irlandesa. A Banshee é uma fada negra que anuncia morte. Quem a vê gritar, dependendo do número de gritos, serão os dias que lhe restam de vida. Leprechaun é o famoso e injustiçado Duende Irlandês, cuja fama de ter um pote no fim do arco-íris e de azedar cervejas é comemorado em todo o país. Possui um museu só para ele em Dublin.

[6] Sofá estofado em forma de poltrona com uma extensão onde se podem estender as pernas.

[7] Sofra – sopa de aspecto duvidoso e sabor... Melhor não comentar. Daí o apelido, pois se sofre ao tomá-la. Quer saber mais? Descubra em “Depois da Tempestade” – da autora.

[8] White's – Um dos mais exclusivos e únicos clubes para cavalheiros do Reino Unido, fundado em 1693 e ainda funcionando; ponto de encontro de nobres. Localiza-se em 37 St James's Street – Londres e mulheres não são permitidas.

[9] *Sinônimo: seguidor*

[10] Oudre – saco de pele ou couro usado para levar água, como um cantil.

[11] Boring – Andree fez um trocadilho com Borin (pronúncia de Boreen) e a palavra boring que significa chata ou chato.

[12] Merda em russo.

[13] Bonequinha em russo.

[14] Samovar é um utensílio culinário de origem russa utilizado para aquecer água e servir chá, sendo muito apreciado pelos czares. Uma espécie de bule com um fogareiro para que a água se mantenha quente.

[15] moy brat – meu irmão.

[16] Mal'chik – menino, rapaz.

[17] – Você fala russo?

[18] – Concorda? Não é?

[19] A ghrá - amor

[20] Cac! – Merda! Em gaélico irlandês.

[21] Dobro pozhalovat' domoy – Seja bem-vindo em russo.

[22] Ne za chto! – Não há de que.

[23] Tradução livre para o português: No Vale raso. Música folclórica por Mikhail Glinka (1804-1857)

[24] “Da, lyubov' moya?” – Sim, meu amor?

[25] Cac, deatháir! – Merda, irmão!

[26] Shlyukha! – Cadela!

[27] Souchong – Alta qualidade de chá em que as folhas eram lentamente defumadas sobre toras de pinheiro, impregnando-as com um sabor rico e um aroma penetrante.

[28] Samovar é um utensílio culinário de origem russa utilizado para aquecer água e servir chá, sendo muito apreciado pelos czares.

[29] *bol'shoy brat – irmão mais velho.*

[30] Dhia ár sábháil! – Oh, meu Deus!

[31] Nikogda – Nunca!

[32] O, Bozhe! – Oh, Deus!

[33] Slava Bogu! – Graças a Deus!

[34] Boxyt – pequenas e tradicionais panquecas irlandesas de purê de batata, creme de leite, batatas cruas raladas, fritas e consumidas principalmente no café da manhã.

[35] Kasha – mingau de cereais cozidos na água ou no leite. Pode ser doce ou salgado.

[36] “S dobrym utrom” – Bom dia.

[37] Neste caso: Fast Food.

[38] mac soith – filho da puta.

[39] Kukla – Bonequinha em russo.

[40] moy brat – meu irmão.